COLEÇÃO CRISTO REDENTOR

Esta preciosa coleção constitui um repositorio de pequenas obras, de exercicio espiritual, leitura facil, ao alcance de todas as inteligencias, indispensavel nas bibliotécas das familias católicas.

Volumes publicados:

Nº 1 e 2 — exgotados.

Nº 3 — **"APOSTROFES"** — Do Revmo. Padre Julio Maria, C. Ss. R. — Livro forte, em que o reputado missionario brasileiro apostrofava os costumes politicos e sociais do seu tempo. Trabalho que tambem se enquadra na hora atual. . . . . br. **4$000**

Nº 4 — **"A GRAÇA"** — Do mesmo autor de "Apostrofes". Todas as maravilhas do mundo fisico, todos os prodigios do mundo intelectual, todos os heroismos humanos, não são susceptiveis de comparação com a Graça, — eis o que o autor prova neste seu excelente livro . . . . . br. **4$000**

Nº 5 — **"AS VIRTUDES"** — Ainda do mesmo Padre Julio Maria, estudando a fisionomia cristã do Brasil e seus traços, o padre Julio Maria aponta, neste trabalho, qual a virtude mais necessaria aos homens de ciencia, de letras e de Estado; aos sectarios, operarios, industriais e capitalistas. Ler "As Virtudes" é purificar-se . . br. **3$000**

Nº 6 — **"ESPIRITO E VIDA"** — (As sete palavras de N. S. Jesus Cristo) — O Revmo. Padre J. Cabral, estuda nestas paginas as ultimas palavras do Mestre. E' uma leitura agradavel e interessante . . . . . br. **3$000**

Nº 7 — **"UM MARTIR de NOSSOS DIAS"** — Pelo Padre Antonio Dragon, S. J. — E' a verdadeira vida apostolica do Padre Pró, martir dos perseguidores da Igreja no Mexico. E' um trabalho edificante e emocionantissimo, com ilustrações . . . . br. **4$000**

Em todas as livrarias

EDITORA A B C
Caixa Postal, 1829

Getulio M. Costa
Rio de Janeiro

COLEÇÃO CRISTO REDENTOR

P. Julio Maria

PRINCIPIOS
da
Vida de Intimidade
com Maria Santissima

EDITORA A B C

OBRAS DO P. JULIO MARIA

1. **Maria e a Eucharistia** — obra nova, unica em seu genero, sobre a união ineffavel que existe entre Jesus na Eucharistia e Maria Santissima. Capa ricamente illustrada — 464 pags. . . . . 9$000

1. **O fim do mundo está proximo** — prophecias antigas e recentes, recolhidas e commentadas — Bello volume de 230 paginas, capa illustrada . . . . . 6$000

3. **A mulher bemdicta** ou refutação a todas as objecções dos protestantes e atheus contra o culto e os privilegios de Maria Santissima. — Bello volume de capa illustrada com 400 paginas . . . . . 8$000

4. **O perigo dos collegios protestantes** — Brochura de 80 paginas. Terceira edição . . . . . 1$500

5. **O Christo, o Papa e a Egreja** ou Segredos do Papado. — Bello volume de 456 paginas . . . . 5$000

6. **Os segredos do espiritismo,** desvendados — Bello volume de capa illustrada com 300 paginas . . 4$500

7. **Luz nas trevas,** ou respostas irrefutaveis ás objecções protestantes. 3.º ed., capa illustr., 324 pgs. 4$500

8. **Ataques protestantes** ás verdades catholicas — 2.ª edição — Bello volume com 336 paginas . . 4$500

9. **O Anjo das trevas,** respostas aos erros modernos. 2.ª ed. Bello vol. de capa illustrada com 350 pgs. 7$000

10. **Contemplação sobrenatural** — doutrina dos grandes Mestres. — 190 paginas . . . . . 2$500

11. **Lampejos,** para pessoas cultas, questões theologicas populares — 1.ª edição, 342 paginas . . 4$000

12. **O Anjo da Luz,** ou polemicas de doutrina e de sciencia — 3.ª edição, 300 pags., capa illustrada . 6$000

13. **Deus e o Homem** — Noções de alta theologia popularizada, sobre Deus, o homem e as relações entre ambos — 2.ª edição de 414 paginas . . . . . 4$500

14. **Contemplações Evangelicas,** sobre a Paixão de N. S. Jesus Christo - 1.º volume: "Os Prodromos da Paixão", encadernado, de 565 paginas . . . . . 10$000

15. **A subida do Calvario** - 2.º vol. das Contemplações Evangelicas - Volume encadernado de 600 pags. 12$000

16. **Sol Eucharistico e Trevas Protestantes** — Bello volume de 208 paginas, capa illustrada . . . 4$000
Exposição iuminosa com argumentos cerrados de todo o dogma eucharistico, não deixando margem a replicas. Leitura como esta, diz "O Lar Catholico", instrue, esclarece, afervora e edifica.

17. **O diabo, Luthero, e o protestantismo,** ou estudo historico-moral sobre as orignes do protestantismo. Bello volume, capa illustrada de 360 pgs. . . . 7$000
Livro verdadeiramente phantastico, verdadeiro romance historico moral.

18. **Um Anjo da Eucharistia,** ou a vida de uma jovem Religiosa brasileira: Irmã Maria Celeste, F. C. M. Verdadeiro romance de heroismo de uma alma que quer santificar-se, custe o que custar, e que chega a transformar-se completamente. — Bello volume de 250 paginas. Capa illustrada em trichromia . . . . . 6$000

Principios

da

Vida de Intimidade

com Maria Santissima

segundo

os Santos, os Doutores e os Theologos

pelo

P. JULIO MARIA

Missionario de Na. Sra. do SS. Sacramento

EDITORA ABC

Caixa Postal, 1829 Rio de Janeiro

A

São João Evangelista

o primeiro Doutor

e

o primeiro Santo

da

Vida de intimidade

com

a Santissima Virgem Maria

Ex illa hora accepit eam discipulus in sua

(Joan. XIX. 27)

DECLARAÇÃO DO AUTOR

De conformidade com o decreto do Sôberano Pontifice Urbano VIII, declaramos que si no correr desta obra algumas vezes demos o titulo de santo ou bemaventurado a certos personagens recommendaveis por suas virtudes, fizemol-o unicamente como prova de nossa veneração para com elles e nunca com o pensamento de prevenir o julgamento de nossa santa Madre Egreja.

Si, nos principios aqui tratados, houvesse algum ponto que não fosse inteiramente conforme ao espirito da Egreja e ao ensino dos Soberanos Pontifices, nós o retratamos antecipadamente, pois não reconhecemos outra verdade ou doutrinas que aquellas professadas pela Sé Apostolica, no seu juizo infallivel ao qual nos submettemos sem nenhuma reserva e para sempre, com nossa pessoa, nossas palavras e nossos escriptos.

E com estes sentimentos de filial submissão para com a Santa Egreja romana, queremos viver e morrer.

INTRODUCÇÃO

Muitos livros já foram escriptos sobre a Sma. Virgem.

A theologia mariana tomou em nossos dias um desenvolvimento tão fecundo quão variado.

Cincoenta annos atraz queixavam-se os autores, e não sem razão, da demasiada sentimentalidade e ausencia de doutrina nos escriptos acerca da Mãe de Jesus.

Hoje, porém, estas queixas não têm mais razão de ser. Actualmente não são somente as almas simplesmente piedosas, mas theologos profundos, philosophos celebres, escriptores de primeira ordem, que põem ao serviço da Virgem sua sciencia, seu genio e o fructo de seus estudos.

Graças a esses esforços conjunctos possuimos sobre a Virgem Immaculada um monumento doutrinal, uma verdade dogmatica, *onde as almas podem haurir thesouros de doutrina, de anhelos e de piedosas elevações sobre este augusto e inesgotavel assumpto.*

Os Congressos marianos deram um novo enlevo e novo alimento á doutrina e á piedade.

A Associação dos Sacerdotes de Maria, em

sua substancial Revista, estudando a grande maravilha divina, sob todos os aspectos, nos mostra os principios da doutrina mariana, applicaveis á nossa vida e á nossa santificação.

Sente-se um enthusiasmo geral por Maria! . . . Oh! quanto isto é consolador, significativo e quão cheio de promessas para o futuro! . . .

Contribuir um pouco, segundo as nossas diminutas forças, para incentivar mais e mais este movimento; entrar simplesmente neste concurso de emulação já que não nos é dado fazer mais, afim de fazer amar a divina Rainha dos Corações, sem duvida seria já uma excellente obra: — é o que queriamos fazer, mas ainda temos um outro fim mais preciso.

* * *

Esta pequenina obra não vem com a pretensão de substituir as obras existentes sobre a Sma. Virgem; ella não vem com a ambição de fazer melhor; vem simplesmente, modestamente, convencida de suas imperfeições, indicar um ponto determinado da Theologia mariana, *applicado á nossa vida.*

Ha theologias da vida, da grandeza, do poder, do culto, das virtudes e das dôres de Maria. Não tinhamos nós que fazer de novo nenhuma destas obras e, si o tivessemos querido, teriamos sido incapazes; não existe porém ainda uma theologia da vida de intimidade com a Sma. Virgem.

Ora, em nossos dias as almas se sentem poderosamente impellidas a se unirem a Maria, a viverem a vida de união com sua Mãe do céu.

Esta vida de intimidade dimana admiravelmente da doutrina do beato de Monfort.

E qual é a alma piedosa que não se inspira hoje nos escriptos do grande Apostolo de Maria?

E mesmo qual o autor que não vae haurir ahi as considerações e os principios tão profundos quão praticos sobre a Mãe de Deus?

Já publicámos diversas obras sobre a vida de intimidade com Maria, mas todas ellas sobretudo quanto ao aspecto pratico.

O que faltava ainda era um estudo seguido dos principios theologicos desta vida de intimidade.

A tarefa tinha suas difficuldades. Entretanto, desejoso de contribuir para a plena evolução desta vida fecunda em união com Maria, e esperando que uma mão mais habil eleve um monumento menos indigno da Immaculada, encetamos esta obra e, como complemento, ou melhor como base doutrinal de nossas obras sobre o mesmo assumpto, tentámos grupar, encadear e estudar "os Principios theologicos" *da vida de intimidade com Maria.*

* * *

Mas ao ver este titulo, não se espere encontrar aqui theses puramente theologicas ou philosophicas, expostas com todo o rigor de sua forma e de suas conclusões.

Determinámos theologicamente os pontos de doutrina e tirámos as conclusões applicaveis ao

nosso assumpto, mas era-nos impossivel impôr silencio ao nosso coração, em face das bellezas accumuladas por Deus no seio desta ineffavel creatura.

Dahi, ao lado dos principios ha desenvolvimentos, entrando muitas vezes no domino da pratica.

Entretanto, permittam que o digamos: o dogma *aqui occupa a maior parte, sendo nosso fim sobretudo mostrar os fundamentos, alicerces e sustentaculos da vida de intimidade com a Mãe de Jesus.*

Em termos claros e precisos collocamos no começo de cada capitulo o principio *a desenvolver. E' que este modo pareceu-nos mais favoravel para penetrar bem a doutrina, dar uma idéa geral dos desenvolvimentos e facilitar o encontro de um ponto determinado, quando se quizer revel-o, depois de uma primeira leitura.*

* * *

Para que se possa bem saborear e comprehender, esta obra exige uma leitura calma e recolhida.

Toca ás questões mais profundas e mais delicadas da nossa santa religião.

Desejamos que ella possa suggerir aos leitores algumas percepções novas tornando-se assim para todos um raio de luz que, lançando-se docemente ao redor da fronte da Immaculada, faça-a brilhar

com todo o esplendor de sua belleza, de sua bondade e de sua misericordia!

Isto seria ganhar-lhe muitas almas, pois ver e conhecer a Maria é amal-a; vel-a e conhecel-a melhor é amal-a muito mais; vel-a e conhecel-a como ella é em verdade... oh! meu Deus, isto seria morrer de amor!

Nossos olhos mortaes seriam fracos demais e sobretudo muito terrestres, para apprehender tanta gloria e tanto amor... Só no céu, quando Deus não tiver mais que poupar nossas fraquezas, é que elle poderá manifestar-nos sua Bem-Amada, sua Privilegiada, seu Thesouro, e Sua e Nossa Mãe.

Mas emquanto esperamos esta hora bemdita, elucidar *um pouco esta grande maravilha, levantar um cantinho deste véo... deste véo repito, que encobre o coração da Immaculada, afim de mostrar a todos as riquezas do seu amor e o seu desejo de nos ver junto a Ella, em sua intimidade, tal é o unico fim destas paginas.*

* * *

Oh! clemente e piedosa e doce Virgem Maria!

E' a vossos pés e sob o vosso olhar maternal, que esta obra foi composta, e é entre vossos braços que a depositamos.

Compete-vos, pois, fazel-a produzir os fructos de graça, que tivemos em vista.

Sob vosso olhar e enriquecendo *pela bençam que não lhe recusareis, que ella vá levar ás almas de vossos filhos queridos a luz e a força, e que*

lhes avive ou lhes recorde o idéal de viver perto de vós, em vós, comvosco, por vós e para vós, afim de assemelharem-se um pouco, por vós, ao doce Salvador de nossas almas, e perpetuar um dia na gloria esta vida de intimidade esboçada aqui nas sombras do exilio.

P. JULIO MARIA. S. D. N.

PRIMEIRA PARTE

O FIM DA VIDA DE INTIMIDADE COM MARIA SANTISSIMA

Sob este titulo trataremos, não somente do *fim* da devoção para com a divina Mãe de Jesus, mas do fim mesmo de toda a religião e de todas as creaturas.

No Apocalypse Deus chamou-se o *principium et finis*, (1) o principio e o fim de tudo. De tudo: isto é, da devoção, assim como o é de todas as obras humanas.

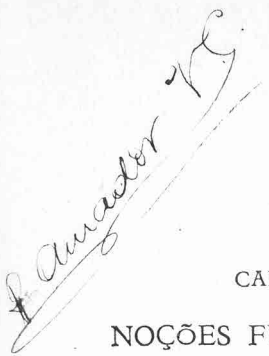
Elle é então o fim de nosso amor para Maria, como tambem é o principio.

O principio de toda obra sobrenatural é, de facto, a graça. Ora, só elle é o autor e a fonte da graça.

Nelle nós a devemos procurar e após tel-a obtido, pela *via* e pelos meios, que indicaremos mais adiante, é ainda a elle que ella deve voltar, carregada de meritos.

E' o que veremos, estudando successivamente Jesus Christo em si mesmo, em nós e no proximo.

(1) Apoc. I. 8.



CAPITULO I

NOÇÕES FUNDAMENTAES

1 — Antes de tratarmos as questões puramente doutrinaes, nós exporemos aqui algumas noções geraes, de uma importancia capital, das quaes nos devemos compenetrar, para melhor comprehender a extensão e o fim destas paginas, onde vão collocar-se sob nosso olhar as questões mais delicadas e mais elevadas sobre nossos mysterios e sobre nosso dogma.

Rogamos ao leitor não passar adiante, sem se compenetrar destas noções que resumiremos nos cinco principios seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Nossos dogmas são a fonte da piedade, pelo conhecimento que conferem de seu objecto e pelos sentimentos que inspiram.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Os mysterios, comquanto que incomprehensiveis, nos põem em contacto com o

objecto que elles encerram, e que é uma iniciação á vida sobrenatural.

TERCEIRO PRINCIPIO:

A primeira resolução de toda alma que quer honrar a Maria, deve ser, não somente amal-a, mas antes de tudo estudal-a.

QUARTO PRINCIPIO:

A vida de intimidade não é um caminho particular pois ella foi indicada por N. Senhor para todos os homens, mas póde tornar-se uma devoção particular, concentrando ahi suas forças e seus esforços.

QUINTO PRINCIPIO:

A vida de intimidade com Maria abrange todo o dogma da economia da graça, reunindo admiravelmente o fim, o caminho e os meios de salvação, indicados por Nosso Senhor.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Nossos dogmas são a fonte da piedade, pelo conhecimento que elles ministram de seu objecto e pelos sentimentos que inspiram".

Pensa-se exaggeradamente que a parte dogmatica da religião é fria, sem alma e puramente especulativa.

Ha nisto um erro tão sem fundamento quão funesto para a piedade.

Esta falsa idéa da "Dogmatica" provém da distração, do espirito de dissipação com que se faz a leitura de livros deste genero.

Nos dogmas ha bellezas, ha sentimentos que se assemelham a estas côres delicadas que um dia nublado desfigura. Não se deve lel-os sem meditar e sem orar, porque, para penetrar as cousas divinas, é preciso ter um senso divino, e é o Espirito Santo quem nól-o dá.

Sem recolhimento e sem oração não se póde comprehender as bellezas, nem sentir o calor das verdades dogmaticas.

O dogma nos ensina a conhecer a Deus. Ora, que ha que possa ser comparavel a Deus? . . .

Deus, perfeição infinita, belleza suprema, fonte e alimento de toda vida!

E conhecer a Deus é ver como este Ser de Magestade nos ama, a nós tão pequenos; é saber que Elle nos convida a gozar de sua beatitude; e que de certo modo fazendo-nos participantes de sua propria natureza, nos dá direito a que o chamemos: "Meu Pae!"

Bem comprehendidas, estas grandes verdades trazem verdadeiros jactos de luz e de calor, nos quaes a nossa alma vae haurir os sentimentos da mais terna e mais elevada piedade.

Aqui a imaginação encontra seus canticos; a esperança, os seus anhelos; a generosidade, os impulsos de grandes dedicações e o amor exulta invejando santamente crescer e embellezar-se, para se

approximar do objecto que ama e ao qual quer agradar.

Como vêdes, Deus não é somente a fonte da piedade, porque Elle *nol-a dá*, mas o é tambem porque as verdades dogmaticas, através das quaes Elle se nos manifesta, são o verdadeiro alimento desta piedade. Meditar estas verdades é nutrir-se de Deus!

Quando o verão nos apresenta os campos repletos de trigo sazonado, nós dizemos: eis ahi a vida do homem; de egual modo, contemplando as verdades da religião, póde dizer-se: eis aqui a vida da alma.

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Os mysterios, embora incomprehensiveis, nos põem em contacto com o objecto que elles encerram, e este objecto é uma iniciação á vida sobrenatural".

Em materia de religião, as verdades mais abstractas, os mysterios mais profundos têm o seu lado pratico. Alguns poderiam imaginar que occupar-se de cousas incomprehensiveis, como são os mysterios, é agitar-se no vacuo, sem nada apprehender.

Esta é uma objecção feita por certos sabios modernos, mas que está em plena contradicção com os seus proprios actos.

Si lhes acontece lançar um olhar distrahido sobre os nossos dogmas, immediatamente gritam: isto é muito subtil, demais mysterioso!

Mas, então, ó sabios inconsequentes, si a subtilidade e a profundeza são defeitos, porque então

fazeis vós vossas investigações ao microscopio, para chegar até ás mais secretas profundezas das cousas?...

Quantas investigações engenhosas, que de raciocinios subtis, para estabelecerdes vossas descobertas!...

E tendes razão.

Mas, como é que nós não temos razão, quando empregamos vossos methodos, para um objecto de uma importancia muito maior?...

Humildemente confessae que é somente a vossa ignorancia a respeito dos nossos mysterios que vos faz desdenhal-os.

Quererieis comprehender no ser Infinito o que nem sequer sois capazes de comprehender em um atomo.

Logo, distingui bem: os mysterios não são subtilezas; são simplesmente *verdades*, acima de nossa razão; mas verdades reaes, vivas, incomprehensiveis quanto ao *fundo*, mas não quanto ás *noções* que dellas Deus mesmo nos dá.

Os mysterios occultam realidades e realidades comprehensiveis.

Deus nos revela o mysterio, não para que nós o penetremos, o que nos é impossivel, mas para nos pôr em contacto com o objecto que elle encerra.

E qual é este objecto?

E' a *iniciação á vida sobrenatural*.

Quantas luzes, por exemplo, não brotariam do mysterio da Encarnação, da Redempção, da SS. Trindade, da graça, etc... quantos jactos luminosos, que esclareceriam tudo, que iluminariam

tudo, fazendo-nos entrever a divindade e as sublimes relações existentes entre ella e nós.

Estes mysterios esclarecem tudo; entretanto elles mesmos permanecem impenetraveis aos nossos olhos.

E' o que nos mostra a necessidade de estudar o dogma, de contemplar os mysterios, afim de que a luz e o calor que delles dimanam nos aclarem e aqueçam.

TERCEIRO PRINCIPIO:

"A primeira resolução de toda alma que deseja honrar a Maria Sma. deve ser não somente amal-a, mas antes de tudo estudal-a".

Uma lacuna muito commum da piedade em geral, e em particular para com Maria Santissima, diz muito bem um profundo theologo e illustre escriptor, (1) é não ser bastante esclarecida sobre o ineffavel objecto que ella venera, é contentar-se com affeições que com o tempo podem exgotar-se, ou pelo menos enfraquecer-se.

Tendo no espirito uma debil força, apenas esfriadas as primeiras impressões do fervor, o coração e a vida começam a sentir esta pobreza doutrinal.

Eis porque a primeira resolução de toda alma que quer honrar a Maria, deve ser estudal-a, e estudal-a com toda a sua alma.

Si é necessario procurar a verdade por todos

(1) Sauvé. SS. Culto do Coração de Maria C. V.

os meios, é tambem a verdade que diz ser á Maria que se devem applicar estas palavras; como occuparse de Maria, de seu amor, sem fazel-o de todo o coração? . . .

Deste modo nascerá necessariamente o pensamento vivo e habitual de nossa Mãe, e este pensamento frequente não será abstracto e frio, mas um pensamento que produzirá o amor.

Em Deus o Verbo respira o amor — Verbum spirans amorem.

Em nós o pensamento de Maria deve respirar o amor.

Sem este estudo a devoção para com a Sma. Virgem é necessariamente incompleta e superficial.

"Nós, diz ainda o P. Sauvé (1) fazemos de Maria uma idéa fraca, palida, incompleta. Maria Santissima está em um canto da vida, em um altar lateral da alma, quando deveria occupar ahi o altar principal, unida a Jesus como a Mãe é unida ao Filho, no mysterio da Encarnação ou de Belém, como a nova Eva ao novo Adão, sobre o Calvario e reinando com elle em toda a parte".

Tal deve ser pois a primeira pratica do nosso culto para com Maria: estudal-a, para que deixemos de vez esta concepção indigna de suas grandezas e de seu amor.

QUARTO PRINCIPIO:

"A vida de intimidade não é um caminho particular, pois foi indicada por Nosso Senhor a

(1) Obra citada, idem cap.

todos os homens, mas póde tornar-se uma devoção particular, si elles concentrarem ahi suas forças e seus esforços".

Para provar esta asserção, basta comprehender bem o ensino de Nosso Senhor, ao nos lembrar continuadamente a necessidade de estarmos unidos a Elle, para vermos em seguida o que é uma devoção particular.

Estas duas questões receberão o seu pleno desenvolvimento nos dominios deste estudo. Resumamol-as aqui succintamente, para que a sua idéa esteja continuamente presente desde esse instante, e esclareça as paginas que seguem.

Para provar que a vida de intimidade foi ensinada por Jesus Christo, basta provar que Elle é o tronco, e nós somos os ramos. (2)

Do mesmo modo que os ramos não podem produzir fructos, si não estão unidos ao tronco, tambem nós nada podemos, si não estamos unidos a Elle. (3)

E orando ao seu Pae por nós, Elle assim diz: "Meu Pae: . . que o amor com que me amaste esteja nelles". (4)

Já no Antigo Testamento Elle se dizia o esposo de nossas almas: "Eu te desposarei e nossas nupcias serão eternas". (5)

A vida de intimidade não é pois uma vocação especial, mas sim o proprio fundamento e o fim do christianismo. (6)

(2) S. João XV. 5.
(3) S. João XV. 5.
(4) S. João XVII. 26.
(5) R. P. Coulé S. J.

O convite de N. Senhor não admitte excepções: "Vinde a mim todos . . . (7) e áquelles que se julgam oppressos de trabalhos, affazeres, das penas da vida, elle acrescenta: "Vinde a mim todos vós que estaes atarefados e afadigados, e encontrareis repouso". (7)

Sem duvida, Deus não nos pede um mysticismo de eremita, mas sim uma união intima e constante com Elle, como condição essencial á vida sobrenatural.

Referindo-se á vida de intimidade, isto é verdade, como o é tambem, referindo-se á união com a Sma. Virgem.

E a razão é simples: é que Deus tendo desejado que todas as graças passassem pelas mãos immaculadas de sua Mãe, nós devemos necessariamente, para receber estas graças, ser unidos A'quelle que nol-as communica.

Entretanto, é por ella que nós devemos ser unidos ao proprio Jesus.

Jesus Christo teria podido traçar-nos outro caminho, mas não o fez.

Logo, o caminho unico para chegar até Elle é Maria.

E tanto isto é verdade, que o Beato de Monfort escreveu: "aquelle que diz ter Deus por pae,

(6) S. Math. XI. 18.
(7) S. Math. XI. 18.

não querendo ter Maria por mãe, é um mentiroso e um enganador". (1)

Sendo Jesus nosso modelo, é necessario que se possa dizer de nós, como se póde dizer delle: *"Maria de qua natus est Jesus"*.

E' necessario que nasçamos da Virgem, que sejamos educados por ella, e que por ella emfim subamos ao céu, como por ella o Filho de Deus baixou até nós.

Considerada sob outros ponto de vista, esta pratica, embora destinada a todos, póde ser o objecto de uma devoção *particular*.

Chama-se devoção particular a concentração de nossos esforços, reflexões e praticas, sobre um ponto determinado da religião, afim de melhor penetral-o e, por meio deste conhecimento mais profundo, dar-lhe todo o nosso coração.

Aqui a alma enamorada de Maria, desejosa de amal-a cada vez mais, e com todas as suas forças, faz suas investigações sobre o mysterio da vida de união com esta terna Mãe, concentra-se esforçadamente sobre este ponto e chega por assim dizer a condensar todas as suas affeições sobre esta pratica.

Sem esquecer os outros mysterios, sem rejeitar as outras devoções, ella procura applicar a esta toda a sua força e todo o seu esplendor. E isto é para ella de uma immensa vantagem, pois *especializa-se* nesta devoção e superioriza-se nella, do mesmo modo que um sabio, que se dedica a

(1) Vraie Devotion envers la Très S. V.

um ramo da sciencia, em breve se torna especialista neste mesmo ramo.

Neste sentido a vida de intimidade com a Mãe de Jesus é verdadeiramente uma devoção particular e talvez a que mais agrada ao maternal coração de Maria.

QUINTO PRINCIPIO:

"A vida de intimidade com Maria abrange todo o dogma da economia da graça, reunindo admiravelmente o fim, o caminho e os meios de salvação indicados por Nosso Senhor".

Geralmente o dogma da graça não é bastante conhecido pelos christãos.

Sómente os sacerdotes, em consequencia de seus estudos theologicos, conhecem todas as bellezas, todas as riquezas occultas nesta parte do dogma.

Os simples christãos julgam que estas questões são demasiadamente abstractas, puramente especulativas, fóra da pratica.

E' um erro. A graça é a parte viva do christianismo, é a base, é o motor de tudo, é de certo modo o proprio Jesus Christo.

O dogma da graça, sendo de uma maneira toda especial o fundamento e o fim da vida de intimidade com a Santissima Virgem, encontrará aqui um desenvolvimento sufficiente — o que raramente se encontra em obras populares — para mostrar a todos as riquezas e bellezas desta divina

economia, fazendo-o em uma linguagem bastante simples, para que seja por todos comprehendido.

O *fim da vida* de intimidade com Maria outro não é sinão Jesus Christo.

Elle é a cabeça; a Virgem é o pescoço; nós somos os membros unidos ao pescoço e por elle á cabeça.

Tirae a cabeça, e o pescoço não tem mais razão de existir.

Do mesmo modo, a união á Santissima Virgem de nada serviria, si ella não nos unisse ao Redemptor, nossa cabeça.

O *caminho* a seguir é aquelle que Jesus Christo nos mostrou. Póde dizer-se que é Elle mesmo, pois tudo quanto se encontra em Maria é delle. Digamos mais: Não está elle mesmo em Maria e não nasceu della?

Unir-nos á Maria é pois unir-nos a elle. Passar pelo caminho de Maria é ir directamente e sem desvios ao encontro de Jesus.

E qual é o *meio* desta pratica?

Este meio é a Encarnação. E' Maria, de quem nasceu Jesus, que está encarregada de o produzir espiritualmente em nossas almas.

* * *

Assim, desde o inicio apparece claramente o principio, a divisão, o conjuncto e a perfeita concordancia das três partes em que se divide esta obra.

Está traçado o nosso plano. Não é uma série

de theses que estabeleceremos acerca da devoção á Santissima Virgem; muito menos ainda é um estudo de seu poder ou de suas grandezas, mas simplesmente uma indicação do *fim*, do *caminho* e do *meio* de nossa vida de intimidade com ella.

Este assumpto, embora bem fixo aqui, é extremamente vasto, e não menos profundo. Abrange de certo modo toda a economia da graça em *Jesus Christo*, em *Maria* e em *nós*.

E com effeito a ordem que seguiremos é a seguinte:

Jesus Christo: Fonte da graça.
A *Virgem Maria*: Distribuidora da graça.
Nós: necessitados e sujeitos da graça.
Jesus Christo: o fim e a vida.
Maria: o caminho e o modelo.
Nós: os receptores e os imitadores.

Na PRIMEIRA PARTE estudaremos pois Jesus Christo, como autor da graça. Estudal-o-emos em si mesmo e considerado nos effeitos de sua graça.

Na SEGUNDA PARTE consideraremos Maria no plano divino, suas plenitudes de graça e as incomparaveis riquezas de dons celestiaes com que foi embellezada.

Na TERCEIRA PARTE veremos o papel de Maria junto a Jesus, para nos communicar a graça — para nos santificar — bem como o seu papel junto a nós, para nos elevar até seu divino Filho e nos tornar participantes da natureza divina.

Em outros termos poderiamos resumir tudo, dizendo que:

Na *primeira* parte tratar-se-ha da graça em Jesus.

Na *segunda*, da graça em Maria.

Na *terceira*, da graça de Jesus em nós, por Maria.

A conclusão geral deve ser:

1.° Ter os olhos fixos continuadamente sobre o *fim*.

2.° Seguir exactamente o caminho que conduz a este *fim*.

3.° Empregar os meios, que nos fazem progredir neste caminho até o *fim*.

CAPITULO II

NATUREZA DA VIDA DE INTIMIDADE

Estas palavras: *vida de intimidade, vida de união, vida familiar, vida intima* com a Santissima Virgem, as quaes se encontrarão sempre uma impressão agradavel, espargindo em cada pagina deste livrinho, causam-nos em nossa alma algo de aprazivel e reconfortante.

E' que para nós, pobres creaturas, que trazemos no espirito, no coração, na alma, aspirações para o infinito, é tão doce repousar neste pensamento da posse de Deus, da

vida de intimidade com o doce Salvador de nossas almas.

Examinemos esta aspiração em seu *principio* e em sua *realização*.

Em seu principio, isto é, em sua origem e em seu desenvolvimento. Em sua realização, não somente na gloria onde ella deverá terminar, mas mesmo no seu aperfeiçoamento aqui na terra, onde ella já nos faz participar um pouco da beatitude celeste.

Reduzamos tudo aos dois principios seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

A vida de intimidade, sendo uma aspiração de nossa alma, é já uma antecipação da vida do céu.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Sendo a gloria o aperfeiçoamento da graça, quanto mais estreita tiver sido nossa intimidade sobre a terra, tanto mais, com as devidas proporções, ella será intensa no céu.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

A vida de intimidade, sendo uma aspiração de nossa alma, é já uma antecipação da vida do céu.

Em geral, a vida de intimidade é uma das aspirações mais urgentes de nossa natureza.

Ensina a Psychologia que o homem traz em sim quatro inclinações sociaes.

Estas inclinações são as seguintes:

A sociabilidade, ou o amor aos outros homens em geral.

As affeições familiares, que não são mais que o amor aos nossos paes.

As affeições patrioticas, ou o amor aos nossos concidadãos.

E finalmente *as affeições electivas,* particulares, como a amizade, o amor. (1)

Não temos que analysar cada inclinação em particular; todas ellas são uma aspiração á *intimidade.*

Nós amamos os homens, amamos os nossos concidadãos, amamos os nossos paes, mas todos estes amores ainda são muito vagos; a alma, porém, aspira a uma vida mais intima, que se esforça por realizar, seja pela amizade, seja pelo amor propriamente dito.

O amor quer intimidade. Elle a quer, aqui na terra ou lá no céu.

O amor terreno só póde ser parcial, imperfeito; comtudo, elle póde attingir o cume, a plena realização de suas aspirações.

O amor do céu não encontrando aqui na terra nada que o satisfaça, dá-se a Deus, entrega-se ao Bem supremo, desejando uma intimidade perfeita, intimidade idéal, sem nuvens, para realizal-a pouco a pouco, pela lembrança, pelo coração e pelo espirito.

(1) Compayé: Psychologia applicada á educação, I Parte, cap. XV.

Si a vida de intimidade é uma necessidade para toda alma racional, a vida de união a Deus é uma aspiração de toda alma sinceramente christã.

E' esta necessidade que collocava nos labios do immortal genio de Hyponna, Sto. Agostinho, estas palavras tão amorosas e tão cheias de saudade divina: "Vós nos fizestes para vós, meu Deus, e nosso coração está inquieto, emquanto não descançar em Vós".

Já aqui na terra Deus se dá a nós. Elle se dá, mas não se deixa ver ainda.

Esta doação do tempo é envolvida em trevas e combatida por mil imperfeições.

Ora, o que nos é necessario é um conhecimento que sacie o nosso espirito, repouse o nosso coração e dê á nossa alma o seu verdadeiro alimento — o proprio Deus.

"Nós havemos de vel-O, não mais através de um espelho, como aqui na terra, mas face á face, tal qual Elle é". (1)

Desejamos pois o céu, porque elle é a posse de Deus, é a intimidade com Deus, intimidade perfeita, sem sombras.

Aspiramos por elle, porque somos feitos á imagem de Deus. E, trazendo em nós esta imagem divina, desfigurada pelo peccado, nós aspiramos contemplar-lhe o archetypo, em toda a sua belleza, em toda a sua pureza e em toda a sua gloria.

(1) S. João III. 2.

Deste modo a vida de intimidade se torna uma das aspirações mais irresistiveis e mais attrahentes de nosso ser. E' uma necessidade de nosso coração, feito para amar e, que não encontrando na terra nenhum amor capaz de sacial-o, eleva mais alto o seu idéal, procurando-o na beatitude eterna.

Esta aspiração é reconhecida, não somente pelas almas piedosas, mas tambem por todos os psychologos, que a unem ás inclinações *idéaes*.

Com effeito, estas inclinações idéaes ou superiores referem-se a quatro objectos: á idéa do *verdadeiro*, á idéa do *bello*, á idéa do *bem* e a idéa de *Deus*.

Esta idéa de Deus, que geralmente chamamos o sentimento religioso, resume as três primeiras aspirações, abrange-as todas e lhes communica todo o seu valor.

Nada mais *verdadeiro*, mais *bello* e mais *nobre* do que Deus.

Eis porque o sentimento religioso exerce sobre o homem uma influencia muito mais extensa e mais forte que qualquer uma das três primeiras aspirações.

E é este sentimento, elevado a um gráu intenso, que faz os santos, os verdadeiros heróes, pois todos elles souberam vencer o mundo e vencer a si proprios.

Ora, o sentimento religioso é essencialmente uma aspiração á vida de intimidade com Deus.

O santo sente que por si mesmo nada póde; por conseguinte, apoia-se sobre Deus, afim de alcançar tudo e tudo poder por Aquelle que o fortifica: *"Omnia possum in eo qui me confortat"*, dizia o grande Apostolo.

Só no céu esta aspiração será plenamente satisfeita, porque lá sómente é que poderemos possuil-o, sem receio de nunca mais perdel-o.

Lá viveremos com Elle, viveremos delle, seremos verdadeiramente de sua familia: — será isto á verdadeira vida de intimidade que se chamará então: *"visão beatifica"!*

Mas até que a morte venha desligar os laços que nos prendem á terra, até que nos desembaracemos de tudo o que em nós existe de corruptivel, já aqui na terra podemos fazer um esboço e de certo modo ir collocando os fundamentos de nossa intimidade no céu.

E é isto o que estudaremos no segundo principio já enunciado.

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Sendo a gloria o aperfeiçoamento da graça, quanto mais estreita tiver sido a nossa intimidade sobre a terra, tanto mais, com as devidas proporções, ella será intensa no céu".

No céu todas as almas possuirão a Deus, todas vel-O-ão, todas banhar-se-ão neste Oceano de amor e de eterna felicidade, mas não todas ellas em egual medida, nem em eguaes profundidades. — "Ha muitas moradas na casa de Meu Pae", disse Nosso Senhor.

Na verdade comprehende-se que a visão de

Deus, a gloria e a felicidade de uma seraphica Thereza de Jesus, de um apostolo como S. Francisco Xavier, de um amante da cruz como S. Pedro de Alcantara, de um pobre voluntario como S. Francisco de Assis, de um apaixonado pela Santissima Virgem como os Santos Bernardos, Ligorios, Eudes, Beatos de Monfort, etc... comprehende-se, digo, que a gloria destes illustres Santos que tanto amaram a Deus e tanto trabalharam para sua gloria, seja superior á de um peccador convertido na ultima hora.

No céu, entre as moradas de um e de outro, deve haver uma distancia incalculavel.

Aquelle cujo coração já era na terra qual chamma ardente e brilhante, cuja ambição era amar e fazer amar a Deus, receberá uma corôa mais bella, occupará um throno mais scintillante, gosará de uma visão divina mais intensa e mais clara, do que aquelle que viveu em uma especie de apathia, não dando a Deus sinão os estrictos deveres, quasi sem fazer obras de supererogação.

E' assim que, desde agora, nós podemos e devemos pôr os fundamentos de nossa vida de intimidade no céu.

Podemos até, com o soccorro da graça, fazela attingir uma intensidade tal que seja verdadeiramente uma antecipação da vida celestial.

"Promettendo um céu para a eternidade, diz muito bem S. João Chrysostomo, Deus já nos deseja um céu sobre a terra".

E qual é este céu?

E' a vida de intimidade, como ella existia

antes do peccado entre Deus e nossos primeiros paes. "O prazer (a vontade) de Deus, diz uma santa alma (1) é fazer comnosco o que Elle queria fazer antigamente antes do peccado".

"A intimidade da terra conduz verdadeiramente á intimidade do céu". (2)

E, além disso, "a felicidade do céu não é outra cousa que uma grande familiaridade com Deus, elevada a um grau que ultrapassa toda a comprehensão humana", (3) e, em outras palavras, como diz Santo Thomaz, "toda graça é um germen do que existirá na gloria" e consequentemente segundo observa S. Ligorio, "a caridade nos bemaventurados revestirá a forma que o amor tinha durante a vida terrena". (4)

Ao entrar no céu, o christão não muda o coração; conserva-o somente concluido e aperfeiçoado. Lá Jesus se nós dá, como elle o havia entrevisto e desejado aqui na terra.

"O que começardes aqui na terra, diz Bossuet, continual-o-eis na eternidade". (5)

E' o que o Espirito Santo nos faz comprehender por estas conhecidas palavras: "Cada um será premiado conforme tiver trabalhado". (6)

---

(1) Mère M. de Salles Chappuis.
(2) F. Maucourant. Vida de intimidade com o bom Salvador.
(3) R. P. Coulé S. J.
(4) S. Ligorio: A verdadeira esposa.
(5) Bossuet: Sermões.
(6) Isaias. LIII. II.

* * *

Em resumo, qual é então a natureza da vida de intimidade?...

E' uma antecipação da vida celeste, uma participação da vida dos anjos, dos santos, que já alcançaram o céu —é um começo do que faremos eternamente na gloria.

Donde se segue que esta vida de intimidade é necessaria a todo christão, desejoso de se salvar, já que esta mesma vida é a medida da gloria e da felicidade que elle gosará um dia no céu.

Seria necessaria outra consideração, para nos fazer amal-a, para nos impellir a pratica-la e mesmo para tornal-a como que o centro e o fim de nossa vida?

Antes de proseguirmos nesta consoladora e profunda doutrina, recolhamo-nos por alguns instantes, para recitar com amor esta pequena oração do grande São Bento, pedindo a Deus a graça desta vida de intimidade:

"Dignae-vos, ó Pae amantissimo, ó Deus bonissimo, dignae-vos dar-me uma intelligencia que comprehenda vossos pensamentos, um coração que penetre em vossos sentimentos, uma energia que vos procure e acções que augmentem a vossa gloria.

Meu Deus, dae-me olhos fitos sobre vós sem cessar, uma lingua que vos pregue, uma vida que seja inteiramente dedicada a vosso bel prazer. Dae-me, emfim, ó meu Salvador, a felicidade de vos

contemplar um dia, face á face, com os vossos santos". (7)

CAPITULO III

A VIDA DE INTIMIDADE E A GRAÇA

Já conhecemos a natureza da vida de intimidade, ou antes já contemplámos uma de suas faces. Devemos ainda examinar a outra, mais importante ainda, e cujos principios servem de base a tudo o que veremos na continuação desta obra.

Este capitulo exige uma séria attenção e muita applicação, porque encerra admiravelmente toda a doutrina da graça.

A' primeira vista o assumpto póde parecer abstracto para pessoas não familiarizadas com as questões theologicas.

Mas, reflectindo um instante, retomando a leitura e sobretudo rezando, o dia tornar-se-á luminoso, sorridente, povoado de inexgotaveis, profundas e elevadas consolações e vistas, tão divinamente bellas e consoladoras, que nos permittirão entrever algo das inenarraveis riquezas e misericordias sem limites de nosso Redemptor.

Consideremos pois com attenção estes principios fundamentaes e não passemos além, sem os ter comprehendido claramente.

(7) Oratio Sancti Benedicti.

Resumamos novamente o assumpto nos dois seguintes principios:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

A vida de intimidade não tem somente intima connexão com a graça, mas póde dizer-se que ella é a propria graça.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Nós somos gerados por Deus-Pae no mesmo acto pelo qual elle gera o seu Filho e, como consequencia, somos tambem destinados a entrar na sua propria vida, pela intimidade com Elle.

Ao primeiro olhar, nada mais simples que estes dois principios e, no seu intimo nada mais extenso e mais fecundo.

Experimentemos comprehendel-os, analysando-os e applicando-os á nossa vida.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"A vida de intimidade não somente tem intima connexão com a graça, mas póde dizer-se que ella é a propria graça".

Que é a vida de intimidade?...

E' uma participação á vida do céu, que essencialmente consiste em possuir a Deus.

Ora, participar da natureza de Deus, participar de uma vida cuja essencia é a posse de Deus, analogamente não é uma só e mesma cousa?...

Não podemos possuir a Deus, sinão á medida que a Elle nos assemelhamos, e é sobre esta semelhança que está baseada e medida a beatitude celeste.

Ora, o que nos torna semelhantes a Deus e o que faz de nós outros *deuses*, para nos servirmos da expressão de São Paulo, é a graça.

Semelhança e gloria são pois os dois termos de nossa beatitude no céu, como graça e vida de intimidade são os dois termos da nossa *divinização* sobre a terra.

A graça produz a vida de intimidade. Esta produz a semelhança; e a semelhança é coroada no céu pela visão beatifica. Esforcemo-nos por comprehender esta profunda e consoladora doutrina, ponderando as palavras tão breves e concisas do Apostolo, quando disse: *"Nós somos participantes da natureza divina"*.

A substancia de um sêr é aquillo que o constitue tal qual é.

A substancia infinita de Deus, sendo a causa que O faz ser Deus, é evidentemente *incommunicavel*. Nós não podemos ser Deus em cousa alguma.

A natureza de um ser é o principio interior de seus actos, ou então, é aquillo que o faz viver deste ou daquelle modo.

Não podemos participar da *substancia* de Deus, porém podemos participar de sua *natureza*, isto é, podemos agir como Elle, e é por esta causa que o Apostolo disse: *Divinae consortes naturae*.

Mas, para *agirmos* como Deus, nós que somos simples e imperfeitas creaturas, é necessario sermos munidos de *faculdades divinas*.

E como esta participação se faz por transformação, conclue-se que a transformação que temos a effectuar é uma especie de *divinização*. (1)

Esta divinização nos estabelece na ordem sobrenatural, isto é, não somente acima de *nossa* natureza, mas acima de toda natureza creada; e é esta transformação que se chama graça.

Praticamente, a graça é a transformação que nos diviniza.

Uma observação importante: a graça designa um estado, nosso estado de seres divinizados.

Destes principios theologicos ha aqui muitas conclusões a deduzir. Assignalemos, pelo menos, aquellas que se referem mais directamente ao nosso objectivo e nos conduzem á vida de intimidade.

A vida de intimidade é verdadeiramente o esplendido e ineffavel florão, desabrochado sobre nossa natureza divinizada pela graça.

A graça santificante é um principio de vida: principio sobrenatural que nos torna radicalmente capazes de actos da gloria.

Contemplar Deus face á face é mergulhar em sua beatitude; importa, porém, notar que a graça e a gloria formam *uma só* e *mesma ordem*.

(1) Cfr. Lepicier: "Traductus de B. V. M. — Pars. III. De relationibus B. V. M. cum homine" — Lhomeau — "Vida espiritual na escola do B. De Monfort" — "As fontes da piedade" — Hugon. "Estudos theologicos" — Petitalot. "A Virgem Maria".

Só pelo seu estado é que ellas differem entre si: — uma é o estado de *germen*, outra é o de *desabrochamento*.

Pela graça nós possuimos, desde já e radicalmente, tudo o que é necessario para contemplar Deus e para delle gozar. (1)

Ver a Deus e gozar de Deus é entrar em sua ordem divina, é partilhar de seu destino, é ultrapassar os limites de nossa natureza, para viver na intimidade com Elle.

Eis como a vida de intimidade deriva da graça e é até um dos aspectos da graça.

Eis tambem porque se póde theologicamente definil-a: uma participação da vida do céu que consiste em possuir a Deus.

Deste modo a vida presente é verdadeiramente o começo da vida que teremos eternamente no céu.

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Nós somos gerados por Deus-Pae no acto mesmo pelo qual elle gera seu Filho e, como consequencia, somos tambem destinados a entrar na sua propria vida, pela intimidade com elle".

Este principio é a base esplendida de nossa vida de intimidade. Importa comprehendel-o em toda a sua extensão.

(1) A visão de Deus, sendo uma vista directa chama-se: "Visão intuitiva", sendo a felicidade plena, diz-se: "visão beatifica"; é aqui a mesma cousa, mas sob outro aspecto.

Communicar sua natureza é ser pae. Deus communica ao Verbo sua propria substancia por um *acto necessario,* fazendo-nos participantes de sua natureza divina, em virtude de um *acto livre* de sua bondade.

Não é de modo algum sua propria natureza que Elle nos dá, mas uma natureza deiforme, dotada de aptidões analogas ás suas. Em um certo sentido, nós somos gerados por Deus-Pae, no acto mesmo pelo qual elle gera seu Filho, como o vamos mostrar.

Com effeito, esta verdade que nos põe á face das mais profundas questões theologicas, necessita de uma explicação para ser comprehendida por todos. Experimentemos dal-a, clara e precisamente.

A creação é obra de Deus, isto é, de cada uma das três pessôas da Santissima Trindade. Mas Deus não se contentou em *crear.* Quiz elevar o creado ou, ao menos, elevar o ser mais perfeito de sua creação, que é o homem.

Esta elevação do homem não é uma nova creação. O homem realmente permanece o mesmo que era; mas conservando-se em sua natureza propria, adquire uma sobrenatureza, pois Deus o faz participante da sua natureza divina.

O homem é chamado a partilhar dos destinos de Deus — Graça imprevista, ponto culminante, e unico a que um ser creado póde ser elevado, o qual se chama: *divinização.*

Nesta obra divinizadora cada uma das três pessôas divinas desempenha um papel particular.

Toda acção exterior é produzida pela Sma.

Trindade, pois todas as três pessôas juntas não formam sinão *um ser unico,* com uma só e mesma substancia.

Não existindo á parte, as três pessôas separadamente não podem ter *exteriormente* uma acção que lhes seja rigorosamente pessoal.

Entretanto, como entre a acção interior e exterior existem affinidades, pontos de comparação, é permittido attribuir a cada uma d'Ellas tal ou tal acção junto a nós.

E' assim que a theologia attribue ao Pae o *poder;* ao Filho, *a sabedoria;* ao Espirito Santo, o *amor.*

O Pae é a fonte do ser, o principio de todas as cousas.

O Filho, imagem e expressão do Pae, procedendo d'Elle, por via da intelligencia, é a luz de todo homem que vem a este mundo.

O Espirito Santo, *laço, termo* e *gozo* do Pae e do Filho, procedendo d'Elles por via do amor é o santificador de toda alma que vive para Deus.

Comprehendidas estas noções, ser-nos-á facil comprehender a extensão destas palavras: Deus dá missão ao Filho e nós nos achamos comprehendidos nesta missão, como sendo o objecto da mesma.

* * *

Que significa a palavra *missão?* — ser enviado.

O Filho e o Espirito Santo são enviados, o primeiro pelo Pae, e o segundo pelo Pae e pelo

Filho. Mas como são elles enviados, si sendo Deus, elles se acham em todo logar, em virtude de sua immensidade? . . .

A difficuldade é somente apparente, e a solução é facil. Uma pessôa póde ser enviada a um logar de dois modos: ou porque ella não occupava anteriormente este logar, ou porque occupando-o já, ahi se apresenta com um novo *titulo*.

E em nossas sociedades não se vêm situações analogas? . . .

O homem que é elevado ao cargo de embaixador fica sendo o mesmo homem deante do mesmo soberano; *tornou-se* porém outra cousa e exerce novos poderes.

Assim é que o Verbo e o Espirito Santo, que já se encontram em nós pelo seu poder, por sua presença e sua essencia, apresentam-se ahi, comquanto que pessôas divinas, encarregadas de uma missão.

E, notemos bem, estas missões estão contidas nos actos intimos donde procedem as Pessoas divinas. (1)

O Pae dá missão ao seu Filho no acto mesmo em que elle o produz (gera-o) e nós, como consequencia, desde esse momento, isto é, desde toda a eternidade, estamos comprehendidos nesta missão, como o effeito está contido na sua causa.

(1) Isto não quer dizer que ellas sejam "necessariamente" como estes mesmos actos, porque nossa elevação á ordem sobrenatural é uma graça absolutamente gratuita. Mas ella é, com effeito, querida por Deus desde toda a eternidade. E' neste sentido que ella faz parte do proprio acto da geração do Verbo.

E nesta causa luminosa nós eramos vistos pela Trindade, eramos amados e santificados por Ella no Verbo e no Espirito Santo.

Somos, deste modo, o objecto *destas missões*.

Para que o Pae pudesse enviar o Filho, para que o Pae e o Filho pudessem enviar o Espirito Santo, era preciso que existisse alguem a quem enviar, era necessario um objecto sobre o qual elles pudessem exercer sua acção: o primeiro para o illuminar, e o segundo para o santificar.

E este objecto somos nós mesmos. E' esta a origem de nossa santificação.

Oh! como estamos a bem dizer mergulhados em Deus. Como participamos de sua vida no mysterio.

Ah! si o soubessemos e, sobretudo, si o vissemos!

Comtudo, tiremos a conclusão destas profundas e sublimes verdades.

* * *

A obra de uma missão é uma obra de intimidade e de amizade.

Para que Deus se revele Trindade, são precisos seres *aptos* a *conhecel-a*.

Para que uma pessôa lhes seja enviada, é necessario que estes seres sejam destinados a entrar em sua propria vida, na vida divina.

Mas, qual é o ser capaz de entrar na vida de Deus?

Embora feita á imagem de Deus, a nossa propria alma é incapez disto.

Esta alma, por grande que seja, por mais que se aperfeiçôe, ficará sempre um ser creado e, por conseguinte, ficará eternamente incapaz de contemplar Deus face á face. Este glorioso poder exige *faculdades divinas.*

CAPITULO IV

JESUS CHRISTO

I — Depois das considerações precedentes, que nos mostraram a natureza da vida de intimidade, bem como suas relações com a graça, devemos estudar, pormenorizadamente, o autor desta graça e o modo pelo qual ella nos é communicada.

Não é um resumo da vida do Salvador, nem são considerações acerca de sua pessôa que temos a fazer. Existe grande numero de livros sobre este assumpto, mas indicaremos o logar que Jesus Christo necessariamente deve occupar em nossas devoções, e em particular na vida de intimidade com a Sma. Virgem Maria.

O estudo da alma de Jesus Christo, que faremos no capitulo seguinte, nos fará conhecel-o plenamente como fonte e autor da graça, o que se relaciona directamente com o assumpto de que tratamos.

O autor de tudo, o Alpha e o Omega, o principio e o fim, aquelle cujo nome não se devia pronunciar sinão de joelhos e em adoração, é Jesus Christo, Filho de Deus e de Maria, verdadeiro Deus por seu Pae, verdadeiro homem por sua mãe, reunindo em uma unica pessôa divina a natureza divina e a natureza humana.

Jesus Christo, — nome divino que se devia escrever no frontespicio de todos os livros, como elle deve ser gravado no amago de todos os corações — eis o autor de tudo o que temos visto.

Não é por ter negligenciado este ponto e por ter demasiadamente separado de Jesus Christo nossas grandes e salutares devoções, particularmente as da Virgem Maria e de São José, seu esposo, que a literatura piedosa sobre estes augustos assumptos contém tantas obras sem fundamento, sem enthusiasmo, sem expansão, sem esta irradiação sobrenatural que se encontra em outros autores melhor inspirados?

Será soberanamente aproveitavel estudar acerca deste assumpto dois principios, assignalando os dois erros divulgados. O primeiro poderia ser chamado o *separatismo*, que consiste em separar demais Maria Santissima de Jesus; o segundo já nos é conhecido pelo nome de *sentimentalismo* que consiste em isolar a moral do dogma.

Este estudo indicará o caminho seguro

e nos dará uma idéa verdadeira, das inefaveis riquezas de nossos santos mysterios e de nossas grandes devoções.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Jesus Christo é o metro moral e intellectual, com o qual é necessario medir os homens.

SEGUNDO PRINCIPIO:

A verdadeira formação pratica das almas consiste em fortificar n'ellas a vida interior, por meio de uma fé esclarecida, que lhes dê a comprehensão e o gosto das cousas sobrenaturaes.

O estudo destes dois principios nos revelará muitas cousas e nos permittirá analysar e julgar com segurança as obras de piedade.

* * *

2 — PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Jesus Christo é o metro moral e intellectual, com o qual é necessario medir os homens".

Esta observação de um eminente critico (1) abrange verdades importantes que não se nota á primeira vista.

(1) Sainte Beuve, citado por Monsenhor Rutter.

Si é necessario comparar os homens a Jesus Christo, para ter a noção exacta do valor dos mesmos, é muito mais necessario comparar os Santos e mesmo a Rainha dos Santos a este adoravel modelo, para se ter a medida da grandeza e dignidade delles.

Estudar a Sma. Virgem, comparando-a somente aos homens, tomando por consequencia, por *metro*, a concepção humana, é ter uma idéa muito mesquinha, demais incompleta da Virgem Immaculada.

A uma tal apreciação falta necessariamente o idéal sobrenatural á elevação; póde dizer-se até que é falsa, pois a dignidade de que é revestida a Mãe de Deus não encontra na creação nenhuma analogia exacta, nenhuma base em que collocar seu throno, nenhum ponto de apoio.

A dignidade, sendo de uma ordem superior, é preciso necessariamente julgal-a, ou melhor medil-a com um metro da mesma ordem que ella.

Ora, este metro é um só — Jesus Christo.

Para conhecer a Mãe de Deus é preciso colocal-a perto do Salvador; é necessario fazer dimanar a gloria da mãe da gloria do Filho; importa fazer scintillar sobre sua virginal fronte a gloria da fronte de seu divino Filho.

Oh! então o horizonte se engrandece, se aformoseia, se sobrenaturalisa, se povôa de reflexos do infinito!

E' verdadeiramente uma Mãe de Deus que se entrevê.

Outro tanto poderiamos dizer a respeito de S. José.

A' excepção de algumas obras theologicas, como as de Carlos Sauvé (1) tem-se feito deste grande santo "um operario", deixando ás escondidas o seu papel de esposo de Maria e pae adoptivo de Jesus Christo, titulos donde emanam todas as suas grandezas. E' o que explica a nullidade e o vago sentimentalismo de um certo numero de livros: *"Mezes de S. José"*.

O que dizemos de Jesus Christo poderiamos inversamente dizer da Virgem Immaculada e formular as mesmas queixas.

Mui particularmente nos "Mezes do Sagrado Coração" tem-se esquecido demais a Virgem Maria. Fala-se do adoravel Coração de Jesus, sem nada dizer de sua Mãe.

E, entretanto, que relações mais reaes, mais intimas e mais profundas do que as existentes entre estes dois corações?!

Jesus Christo é Deus. Sua gloria nos deslumbra, nos dá uma especie de vertigem e, por isto, acontece que para muitas almas pouco instruidas elle não é comprehendido.

A doutrina que os devia inflamar e enthusiasmar deixa-os frios, insensiveis: são bellezas abstractas que elles não comprehendem.

Porque não se lhes tem mostrado o Coração de Jesus entre os braços de Maria? Só então é que este coração divino nos parece accessivel, reveste-se de algo *maternal* que todos comprehendem e apreciam. Elles não vêm mais em Jesus Christo somente o Deus-poderoso que se deve temer, mas o Deus de amor que se deve amar. Si a magestade do Filho os amedronta, o sorriso da Mãe os attráe.

(1) O culto de S. José: "Vic et amat Paris".

E' assim que o sonharam sempre as almas piedosas e amigas da verdade para os taes "Mezes do Sagrado Coração", "de Maria", "de S. José", "do Smo. Sacramento", "das almas do Purgatorio", pois em todas estas devoções Jesus Christo é o centro, o fóco, emquanto que ahi a Sma. Virgem é como que a applicação pratica, o sorriso, e mais ainda: o coração.

Como centro de tudo Jesus Christo deve illuminar tudo e como todas as cousas delle dependem, é necessario que tudo regresse a Elle: — Elle é verdadeiramente o *metro divino*, que mede a grandeza e a elevação das creaturas.

Elle não póde ser medido por ninguem, mas apparecendo-nos, se nos torna mais intimo, mais sensivel e mais conhecido.

E' como que um encontro divino: a Virgem se eleva e Jesus se abaixa.

E neste abaixamento o Filho e a Mãe se encontram. — O primeiro, para ser mais accessivel aos nossos olhos, a segunda para estar mais proxima á fonte da vida que ella deve derramar sobre as almas.

3 — SEGUNDO PRINCIPIO

"A verdadeira formação pratica das almas consiste em fortificar nellas a vida interior, com o

auxilio de uma fé esclarecida, que lhes dê a comprehensão e o gosto das cousas sobrenaturaes".

E' a seiva que faz uma arvore se carregar de flores e fructos.

O mesmo acontece com as almas. E' necessario que as flores das praticas piedosas e os fructos que significam as virtudes, sejam o producto da seiva da vida interior.

Ora, esta vida interior é o conhecimento, a convicção e o amor dos principios.

Os hodiernos theologos comprehenderam, melhor do que nucna, estas verdades e tradicções de outróra, bem como o methodo que tã oprofundas e sublimes paginas sobre as verdades da fé haviam inspirado aos Santos Padres e Santos dos primeiros seculos.

Renasceram novamente, em um admiravel accordo, o dogma e a moral — os principios e as applicações.

As obras do Beato Monfort, de S. Ligorio, de M. Olier, do P. Faber e mais recentemente de Mons. Gay, D. Gaeranger, P. Terrien, Lhomeau, Sauvé, Petitalot, Hugon, etc., têm contribuido e ainda contribuem poderosamente todos os dias para esta reforma tão logica quão fecunda, repondo a espiritualidade sob a bella e ardente luz do dogma, que lhe dá esplendor e vida.

Que contraste se nota entre os livros de tantos outros, nascidos no ambiente cartesiano, mais ou menos tentados ao quietismo e jansenismo, não apresentando sinão uma espiritualidade vaga, fria,

sem coração e sobretudo sem base, pois a base de toda pratica piedosa e de toda devoção é o dogma.

Sem dúvida, a prática é um ponto importante, mas, para que a prática seja solida, duravel, é necessario que repouse sobre convicções, mas sobre convicções que não se firmen sinão sobre o dogma.

Tiremos a conclusão do que acabámos de dizer.

Um estudo sobre a Santissima Virgem, para que produza fructos reaes, tenha uma base solida e dê uma verdadeira idéa da grandeza, do poder e da vida interior da Mãe de Deus, deve andar de mãos dadas com o estudo de Jesus Christo.

Não se conhece Jesus sem Maria, e não se póde ter uma idéa completa da Immaculada sem o conhecimento do Salvador.

E' necessario collocal-os um ao lado do outro, medir a Virgem por Jesus Christo.

Deste modo teremos a certeza de ficarmos na mais estricta orthodoxia e, sobretudo — o que ordinariamente acontece no methodo contrario — não se está exposto a rebaixar a Mãe de Deus com medo de exaggerar.

A segunda conclusão é que no culto mariano não é necessario limitar-se a um piedoso enthusiasmo e a simples attractivos, tão naturalmente suscitados pela belleza e bondade de Maria; mas necessario se torna convencer, pelo estudo dogmatico de sua devoção, que a Virgem Santa merece realmente este amor, que é soberanamente digna delle, e que nunca poderemos exaltal-a, honral-a, nem

amal-a, como Jesus o quer, e como elle mesmo a honrou e amou.

Uma devoção assim comprehendida, tendo Jesus Christo por *fim*, e Maria como caminho, será realmente um meio de salvação e mais ainda um signal serto de predestinação.

Oh! Jesus, ó Mestre, ó Irmão, ó Amigo! permitti então que inscrevamos vosso nome no frontispicio destas paginas, para que a sua luz irradie através de cada uma dellas e que, com o auxilio deste archote divino, nós possamos ver, conhecer e amar a Maria, vossa Mãe tão amorosa, porque é della que queremos falar, é a ella que queremos fazer conhecer, mas medida pelo "metro divino" que sois vós, ó Jesus!

Aos nossos olhares manifestae-vos, pois ó *Filho de Deus*, para que por vós nós conheçamos vossa Mãe e, por ella, o *Filho do Homem!*

CAPITULO V

A ALMA DE JESUS CHRISTO

Um dia Nosso Senhor se dignou mostrar á Santa Thereza seu corpo resuscitado.

Eis o que a Santa escreveu sobre esta visão:

"Si no céu não se tivesse outro contentamento, que o de ver a extrema belleza do corpo glorioso de nosso Divino Redemptor, não se poderia imaginal-a como é, porque a

sua Magestade não se nos mostra aqui na terra sinão em proporção ao que a nossa fraqueza é capaz de supportar".

Si, pois, tão grande é a belleza do corpo de Jesus Christo, qual não será a belleza de sua alma, unida á divindade, dotada de todas as graças e de todos os dons do céu!

E' o que resumidamente examinaremos aqui.

O Filho de Deus não tomou o corpo humano sem a alma, nem a alma sem o corpo, ou antes do corpo; mas no momento da Encarnação elle tomou, ao mesmo tempo, o corpo e a alma unidos, de modo a constituir a natureza humana em sua integridade.

A alma de N. Senhor foi, por natureza, mais perfeita que a alma de toda creatura humana. Ella possuia, pois, como nossa alma — mas em um gráu incomparavelmente mais perfeito — a intelligencia, a vontade e a sensibilidade. (1)

Ineffaveis dons de graça enriqueceram esta natureza, de modo a fazer da alma do Salvador a grande maravilha da terra e do céu.

Contemplemos um instante esta maravilha, que outra não é sinão a graça, da qual

(1) Cfr. sobre este assumpto o opusculo do Rvmo. P. Berthier: "N. Senhor Jesus Christo", que é uma bella these theologica sobre a pessôa adoravel e sobre a vida do Salvador. "Instituto da Sagrada Familia" Ceilhes (Herault).

ella é enriquecida, para depois comprehendermos melhor a transmissão desta graça por Maria e seu poder divino em nossas almas.

A graça, com effeito, é tudo na vida de Jesus Christo, como ella é tudo em nossa vida.

Nelle ella se encontra, como que em sua fonte. Dahi é que se derrama em Maria, e é a Virgem quem nol-a distribue "como ella quer, quando ella quer e na medida que ella quer". (2)

Dizemos em primeiro logar que ha duas especies de graças: as graças que Deus dá para a *santificação* de quem as recebe, e as que elle concede ás almas, para que possam *trabalhar* efficazmente para a salvação dos *outros*.

Em Nosso Senhor havia a plenitude de ambas estas graças. Resumamos estes diversos aspectos da graça na alma de Jesus Christo nos dois principios seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Ha em Jesus Christo uma triplice plenitude de graça, a saber: a graça de união ou hypostatica, a graça santificante e a graça capital.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Jesus Christo exerce uma influencia sobrenatural sobre todos os membros da Egreja, e todos elles recebem de sua plenitude.

(2) "Quia in ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter". (Ad Coloss. II. 9).

O estudo destes dois principios traçar-nos-á a physionomia completa da graça em Jesus Christo e o modo como ella nos é transmittida.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Ha em Jesus Christo uma triplice plenitude de graça, a saber: a graça de união, a graça santificante e a graça capital".

Em que consiste a graça de união, chamada tambem "união hypostatica?"

São Paulo nol-o vae dizer com todo o rigor theologico:

"Nelle, "Jesus Christo", habita corporalmente toda a plenitude da divindade". (3)

E commentando-o, dizemos com Santo Thomaz: (4) "Deus habita na alma justa sobrenaturalmente pelos effeitos de sua graça, mas não physicamente. A alma não adquire a mesma substancia que Deus, nem forma com elle uma só pessoa, como acontece com o Verbo e a natureza humana de Christo".

Esta graça consiste em estar unido á divindade do Filho de Deus, de modo a não fazer com elle sinão uma só pessoa. Esta graça é infinita, pois

(3) In Epist. S. Pauli.
(4) S. Bernardino de Senna.

o Verbo de Deus, que se uniu assim á natureza humana, é o Deus infinito.

A palavra *graça* significa: o que torna agradavel a Deus — *gratum faciens.*

E' isto que tornou o Homem-Deus soberanamente agradavel ao seu Pae—: "Este é meu Filho muito amado, disse o Pae Celeste, referindo-se a elle, em quem puz todas as minhas complacencias".

Esta graça é o privilegio unico de Jesus Christo e não é communicavel a pessoa alguma.

A segunda plenitude é a graça santificante ou habitual, que simplesmente recebe o nome de "estado de graça".

Como já dissemos, a graça é uma qualidade sobrenatural que *eleva* uma alma humana acima de sua natureza, illumina-a com uma luz divina, embellezando-a e torna-a capaz de fazer obras que ultrapassam a força de toda a natureza creada, e merecedora do céu com a visão de Deus face á face.

Notemos que a graça santificante é um dom creado e, como tal, não é infinito, pois o seu ser é limitado pela pessoa em que se encontra.

Esta pessoa é a alma do Salvador que, embora muito excellente, é uma creatura. Mas emquanto graça ella é infinita em Jesus, porque é tudo o que póde ser a graça, isto é: na ordem estabelecida por Deus ella é incommensuravel quanto á sua perfeição, illimitada quanto aos seus effeitos.

Por três razões a alma de Jesus Christo devia possuir esta graça:

A primeira razão por causa de sua *união ao Verbo.*

Uma alma humana, por perfeita que fosse, não estaria sufficientemente ornada, para se unir á divindade, si ella não tivesse sido revestida deste vestido nupcial da graça.

Em segundo logar, a nobreza maravilhosa da alma do Salvador, cujas operações attingiam a divindade de modo tão intimo, que reclamava esta graça.

Emfim era necessario que Nosso Senhor pudesse *derramar as graças* sobre os outros homens, afim de os santificar.

Jesus Christo recebeu pois a mesma graça que nós, mas com esta differença: nós a recebemos em parte, emquanto que elle a recebeu em sua plenitude: *plenum gratiae et veritatis,* diz São João.

Nada faltava a esta graça, nem mesmo esta perfeição final que é a gloria, pois desde o primeiro instante de sua existencia a alma de Jesus Christo viu Deus face á face, estando ao mesmo tempo no *termo* e no *caminho,* possuindo simultaneamente a plenitude da graça e da gloria.

Vem agora a terceira plenitude: a da graça capital. Santo Thomaz em palavras precisas e claras nos dá toda a extensão e a importancia desta graça. "Na cabeça, diz elle, é preciso observar a situação, a perfeição e o poder de sua acção. (1)

Ora, Jesus Christo é verdadeiramente a cabeça ou o chefe de toda a Egreja: da Egreja do céu, da terra e do purgatorio.

---

(1) S. Thomas. Pors III; qu. VIII, art. I.

A situação da cabeça é dominar todo o corpo. Tal é o Redemptor.

Em virtude de sua união pessoal com o Verbo, sua graça tudo domina.

A sua *perfeição* é maior que a dos outros membros, porque reune todos os sentidos internos e externos, abrange as funcções vitaes que dependem do cerebro.

Assim em Jesus Christo. Nelle se encontra a plenitude da graça santificante, de todos os dons e de todas as virtudes, que nós não possuimos sinão em parte.

O poder da cabeça emfim, consiste em communicar aos outros membros por ella governados a força, a sensibilidade e o movimento.

E' para significar este poder effectivo e este papel dominante que Deus collocou a cabeça na parte mais alta e lhe deu esta plenitude de vida de que acabámos de falar.

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Jesus Christo exerce uma influencia sobre todos os membros da Egreja e todos recebem de sua plenitude".

E' isto a consequencia de seu poder, como cabeça da Egreja: *De plenitudine ejus nos omnes accepimus,* disse o grande Apostolo.

Todos nós recebemos de sua plenitude.

Todos: os fieis, pela graça; os infieis podendo tornar-se um dia os filhos de sua Egreja, os anjos que receberam delle, segundo a opinião de todos os theologos, os dons accidentaes que lhes foram alcançados pelo mysterio da Encarnação.

Ha até um grande numero de theologos que pensa que os anjos, como Adão no estado de innocencia, devem a Jesus Christo todas as graças que elles receberam e a beatitude de que gozam.

De qualquer modo que fôsse, é certo que a humanidade decahida, desde Adão até Nosso Senhor, não podia ser salva sinão em vista dos meritos deste divino Redemptor e que todos os justos que viveram depois de sua vinda e todos os que se santificarão até ao fim dos seculos dever-lhe-ão sua santidade e beatitude.

Esta plenitude de graça foi dada á alma de Jesus no momento mesmo de sua Encarnação: plenitude absoluta, incapaz de qualquer augmento.

A graça de Nosso Senhor tinha por companhia todas as virtudes que aperfeiçoam as faculdades da alma, de modo que estas faculdades provinham da alma, como as virtudes provêm da graça. Donde se segue, conforme o ensino de Santo Thomaz, que as virtudes de Nosso Senhor foram extremamente excellentes, pois que sua graça era excellentissima.

Juntamente com as virtudes, os dons do Espirito Santo ornaram a alma santa de Jesus, e isso de modo incomparavel, segundo a prophecia de Isaias: "O Espirito do Senhor repousará sobre elle: o espirito de conselho e de força, o espirito de

sciencia e piedade, e o espirito de temor de Deus o encherá".

Não tinha o temor de se ver separado de Deus pelo peccado, mas o respeito, a religião para com Deus.

Por ultimo falaremos das graças que Deus concede ás almas para auxilial-as a manifestar a fé e a doutrina da salvação.

Dizemos somente que "Nosso Senhor teve o dom dos milagres, das prophecias, o conhecimento perfeito dos principios, das consequencias a tirar; a sciencia, o dom das linguas e o de explicar com perfeita clareza os mais profundos mysterios". (1)

E' na irradiação dessas graças, virtudes e dons que se apresenta aos nossos olhos o adoravel Filho da Virgem.

Elle é nosso Deus pela união hypostatica; nosso exemplar e fonte de nossa salvação; pela plenitude da graça santificante; nosso chefe e mestre pela graça capital.

A contemplação das bellezas da graça na alma de Jesus Christo nos conduz, por uma transição logica, a considerar como este doce Salvador *vive, cresce e age* em nós, por sua graça: *Gratia autem Dei, vita aeterna in Christo.*

E o que estudaremos nos capitulos que seguem.

* * *

(1) Santo Thomaz.

CAPITULO VI

JESUS CHRISTO VIVENDO EM NÓS

Recolhamo-nos profundamente, pois a verdade que vamos analysar aqui é daquellas que nos deviam lançar em extase, como de certo modo ella é causa de extase para os Santos que estão na gloria.

Mihi vivere Christus est. — Meu viver é o Christo, disse o Apostolo.

E o proprio Nosso Senhor proferiu estas notaveis palavras: *"Manete in me et ego in vobis".* — Permanecei em mim e fazei-me viver em vós.

Mas qual é para o justo esta vida de Jesus Christo em nós?

Como analysal-a e determinal-a theologicamente, em toda a sua ousadia, belleza e força, permanecendo nos limites seguros da verdade?

Experimentemos perscrutar esta doce verdade, para que esta noção ordinariamente um pouco confusa, da vida de Jesus em nós, se deixe comprehender tanto quanto fôr possivel á estreiteza actual de nossa intelligencia.

Resumamos tudo nos principios seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Jesus Christo vive em nós por sua graça, que opera em nosso ser uma verdadeira divinização.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Jesus Christo mereceu para si a plenitude da graça, e para nós o direito de participar della.

TERCEIRO PRINCIPIO:

Elle é por isso mesmo a causa meritoria, exemplar e final de nosso estado de graça. (1)

O desenvolvimento destes três principios mostrar-nos-á em todo o seu esplendor e em toda a sua força esta vida admiravel e divina, da graça em nossas almas.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Jesus Christo vive em nós, por uma graça que opéra em nosso sêr uma verdadeira divinização.

Provámos e dissemos precedentemente em que sentido a graça é uma participação da natureza divina: *"Divinæ consortes naturæ"*. Participação que necessariamente deve fazer-se pela transformação, (2) pois nossa natureza humana, por si mesma não póde participar em nada, de uma natureza

(1) Cfr. A. Lhoumeau: Op. cit. capit. II — Maucourant: Op. cit. IX med. — Autor de: Fontes de piedade: III estudo.

(2) Cfr. capit. III.

superior á sua como o é a natureza divina. E' preciso que a graça transforme nossa natureza, eleve-a á altura da natureza divina, afim de operar esta união.

A graça transformando assim nossa natureza e unindo-a a Deus, diviniza-a verdadeiramente — é uma divinização em todo o rigor do termo — *Dii estis*: pela graça, nós nos tornamos deuses.

A graça não é somente uma tinta divina derramada sobre nossa alma, mas é um principio de vida. A graça não se communica como a fortuna, por uma cessão de bens, mas como a vida, por uma extensão de si mesma. E' Deus em nós e nós n'Elle: *Manete in me et ego in vobis"*.

O simples estado de graça nos eleva a alturas inescrutaveis; nos faz ultrapassar os limites de nossa natureza, e os de nossas mais avançadas esperanças.

Se se perguntasse a um philosopho da antiguidade o que pensava de um ser collocado a uma distancia incommesuravel, acima de todos os seres existentes e possiveis, elle teria respondido: E' Deus... e não póde ser outro sinão Deus... E no entanto este ser é o sêr transformado pela graça: — é esta criança que balbucia o nome de Jesus, é esta pobre mulher que ora em uma Egreja, é este operario das mãos callejadas que se prostra e bate no peito... Somos todos nós que vivemos em estado de graça!...

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

Jesus mereceu para si a plenitude da graça, e para nós o direito de participar d'ella".

Deve-se comprehender bem a constituição da vida sobrenatural, que é a graça. Esta vida comprehende dois elementos: a *graça santificante* de que acabámos de falar, verdadeira participação da natureza de Deus, que transforma nossa alma; e a *graça actual,* acção real de Deus em nós, pondo em movimento nossas faculdades transformadas.

Ora, produzir esta transformação e imprimir este movimento é uma obra reservada a Deus, pois ella exige a omnipotencia.

Eis a nossa vida; fixemos agora o olhar sobre a pessôa do Salvador.

Em Jesus existe a *divindade e a humanidade.*

A divindade conserva seus attributos divinos e cumpre todos os seus actos proprios: ella não póde fazer cousa alguma, que não seja divino. E' incapaz, por conseguinte, de experimentar nossas sensações e nossos sentimentos, incapaz de soffrer, de se humilhar, de adorar, de merecer, de expiar.

A humanidade composta, como a nossa, de um corpo e de uma alma, dá a Jesus Christo estes recursos que lhe faltam.

E esta humanidade, não constituindo uma personalidade, entra na personalidade do Filho de Deus.

Jesus Christo, por sua humanidade, póde *merecer;* e estes meritos recebem da *personalidade divina* um valor verdadeiramente infinito.

Estes meritos não são divinos por sua propria natureza, mas têm de divino a *dignidade,* o brilho e a extensão.

Comprehendida, esta verdade, penetraremos plenamente na graça de these dos meritos de Jesus Christo e de nossa participação a estes meritos, que estabeleceremos aqui.

Jesus Christo, como Homem-Deus, mereceu pois para si a plenitude da graça, pois tudo nelle é divino, infinito, porém o mysterio da graça não se limita somente a Elle. Deus predestinou-o a ser "o primogenito entre um grande numero de irmãos".

Sua plenitude deve derramar-se até sobre nós. Sua vida, ou melhor Elle proprio, deve ser nossa vida sobrenatural, que justamente chamamos *christã,* isto é: *Vida de Christo.*

E' o que dimana claramente da comparação feita por Nosso Senhor. *Ego sum vitis et vos palmites:* — Eu sou a vinha ou o tronco e vós sois os ramos.

O tronco tem uma parte visivel fôra do solo; porém é pelo que elle possue de mais occulto, é por suas raizes, que elle mergulha na terra, para dahi sugar a seiva de que vive.

Assim Jesus Christo, por sua natureza humana manifesta-se a nossos sentidos; porém pelo que é nelle mais profundo, mais intimo, isto é, por sua personalidade, elle mergulha em Deus; e nesta união hypostatica, sua Humanidade haure

esta seiva divina que é a graça santificante cuja plenitude elle possue. (1)

Mas o tronco não está só; existem tambem os ramos — *Et vos palmites*. Os ramos não tiram a seiva da terra, directamente, por si mesmo. E' o tronco que lh'a communica. Elle é, pois, o intermediario, o meio entre elles e o solo.

Assim toda graça nos vem de Deus, por Jesus Christo que no-la mereceu por sua paixão e morte. *Et de plenitudine ejus nos omnes accepimus*. E' de sua plenitude que nós recebemos tudo. (2)

Dando-nos a sua graça, elle não se empobreceu; pelo contrario: sua vida foi de certo modo augmentada por todos os nossos actos meritorios, pois não os fazemos sinão com elle.

Nós somos os membros de um grande corpo de que elle é a cabeça... temos, pois, o direito de participar de sua vida, de suas forças e de suas bellezas.

* * *

(1) A exemplo de Santo Thomaz, fazemos aqui uma advertencia afim de evitar erros na materia de que nos occupamos. A alma de Jesus Christo não é santificada só pela união hypostatica, pois a graça "de união pessoal e a graça habitual" são distinctas nelle. Dizemos sómente que esta é a consequencia daquella "Gratia habitualis Christi intelligitur ut consequens hanc unionem, sicut splendor solem". (S. Thom. III. qu. VII, a 13.

(2) S. João I, 16.

TERCEIRO PRINCIPIO:

"Jesus Christo é por isso mesmo a causa meritoria, exemplar e final de nosso estado de graça".

Algumas palavras de explicação far-vos-ão comprehender toda a profundeza desta asserção.

O que dissemos precedentemente já mostra sufficientemente que é Jesus Christo em sua humanidade quem nos *mereceu* a vida sobrenatural. Toda graça é feita de seu sangue e de seu amor!

E' ainda esta humanidade que serve de modelo a Deus em sua acção transformadora. A imagem de Jesus não se afasta do olhar de Deus. Ao ver a photographia perfeita e fiel de alguma pessôa, diz-se: "E' elle!" Assim póde dizer-se de uma alma em estado de graça: "E' o Christo" "A deificação (da creatura) diz São Dyonisio Areopagita, até onde fôr possivel, consiste na semelhança e na união com Deus. (1)

Jesus Christo está em nós, mais ou menos, como um homem photographado está em sua photographia. Elle está em nós pela semelhança sobrenatural que a graça nos dá, com sua divindade e qualidade de Filho de Deus; está ainda pela semelhança moral que produz a imitação de suas virtudes, acções e estados de sua vida humana.

Santo Thomaz com sua lucidez costumada explicou esta dupla vida do Salvador em nós, commentando esta palavra de São Paulo: *Christum*

(1) "Deificatio est ad Deum, quantum fieri potest, assimilatio et unio." (Hierarch. Eccl. I. 3).

induistis (2) "Revestir o Christo, diz o grande doutor, é imital-o, porque do mesmo modo que um vestimento envolve um homem mostrando-o com sua côr propria assim naquelle que revestiu o Christo, não se vêm mais que acções do Christo".

Eis a semelhança *moral* pelas obras.

Agora vejamos aqui a semelhança *physica* pela graça: "Do mesmo modo que a lenha abrasada torna-se como o fogo e participa de sua virtude, pela mesma razão, aquelle que participa das virtudes do Christo reveste o Christo... Taes são aquelles que, pela virtude do Christo, recebem uma forma interior... Reveste-se exteriormente o Christo pelas bôas acções, e interiormente por um espirito novo; e os dois compõem a santidade, que nos conforma ao Christo".

Jesus Christo é pois realmente a causa *exemplar* de nosso estado de graça: isto é, elle é um modelo que produz por si mesmo a sua semelhança, do mesmo modo que um sinete applicado sobre a cêra produz nella a sua propria imagem. A cêra é nossa alma. O sinete, que imprime em nós a imagem do Salvador, é o Espirito Santo, ou o proprio Christo por sua graça.

Em terceiro logar, Jesus Christo é a causa *final* de nossa vida sobrenatural.

A glorificação da Humanidade santa é o *fim supremo* da grande obra sobrenatural. E' para este fim que a Providencia faz convergirem todos os acontecimentos deste mundo como todos os movimentos de nossas vidas.

(2) Ad. Galat. et ad Rom.

"Tudo é feito para elle... vós pertenceis ao Christo, dizia S. Paulo". (1)

Por estas palavras o grande Apostolo nos indica que somos feitos para Jesus Christo; que, segundo o pensamento de Deus e o plano de sua divina Providencia, nós estamos comprehendidos no Christo e ligados a Elle. (2)

Jesus é o *caminho,* a *verdade* e a *vida.*

E' o caminho como *Homem.*

E' o termo como *Deus.* (1)

Eis porque elle insiste que permaneçamos n'Elle, porque n'Elle, encontramos nosso fim e acharemos nosso repouso, pela união com Deus.

Oh! Jesus, agora começo a comprehender esta palavra tão sublime, tão consoladora e... ai de mim, tão pouco comprehendida: *"Vós em mim, e eu em vós!"* bem como o admiravel convite que nos dirigis: *"Permanecei em mim, fazei-me viver em vós!"*

— *Manete in me te ego in vois".*

Oh! sêde tudo para mim, afim de que eu seja tudo para vós, para que eu viva em vós... desappareça em vós.

O amare, o ire, o sibi perire! o ad Deum pervenire!

(1) "Propter quem omnia" (Heb. II) "Vos autem Christi" (I. Cor. III. 23).

(2) "Intentionaliter et in ordine ad eum", dizem os theologos. E' neste sentido que se diz de alguem: Elle está todo inteiro em seus estudos.

(1) Thom. in Joan. Cap. XIV.

Amar-vos! Seguir-vos, perder-se e encontrar-vos, ó meu Deus, meu bem supremo! (2)

CAPITULO VII

JESUS CHRISTO CRESCENDO EM NÓS

O assumpto a tratar aqui talvez se afaste um pouco de nosso plano. Interrompe um instante as considerações puramente doutrinaes; mas é de uma importancia tal e dimana tão logicamente, devia dizer, tão imperiosamente dos principios precedentes, que omittil-o seria uma lacuna a preencher.

Jesus vivendo em nós attrahe necessariamente *Jesus crescendo em nós.*

Aliás, este crescimento nos reconduz directamente á vida de intimidade... nos faz penetrar nella e nos mostra os fructos ineffaveis que ella produz em nós.

Estas questões delicadas e profundas abrangem de certo modo a quinta-essencia da theologia dogmatica e moral, exigem reflexões calmas, oração ardente e de nossa parte uma linguagem medida, sempre apoiada sobre a autoridade dos Doutores e dos theologos, para não cahir em erros condemnados pela Egreja.

Sem pretender resolver os pontos controvertidos, esforcemo-nos por comprehender estas bellas verdades e tiremos dellas as conclusões fecundas que encerram.

(2) Santo Agostinho.

Os três principios seguintes resumirão toda a materia:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Jesus Christo vivendo em nós, conforme a lei que rege os sêres viventes, deve crescer em nós.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Jesus Christo deve crescer em nós por aquillo mesmo que o faz viver em nós.

TERCEIRO PRINCIPIO:

Em consequencia desta união, Jesus Christo se enriquece de todo bem sobrenatural que fazemos.

Experimentemos penetrar estas consoladoras verdades que nos mostram claramente as bellezas e os poderes do estado de graça, bem como a dignidade de nosso sêr transformado por ella.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Jesus Christo vivendo em nós, conforme a lei que rege os sêres viventes, deve cresecr em nós.

A vida e o crescimento de Jesus Christo em nós são verdades formalmente ensinadas pelos apostolos. Com effeito, em suas Epistolas elles falam diversas vezes do corpo mystico do Salvador, que cresce, a exemplo do corpo humano, ou que, semelhante a um edificio em construcção, augmenta e conclue-se. (1)

Estes textos referem-se primeiramente á Egreja inteira, que é o corpo mystico do Christo (2); mas tambem podem estender-se a cada membro, em particular, pois foi dito a cada um de nós: "Cresçamos no Christo, por todas as maneiras, por toda sorte de bôas obras, santificando-nos em todas as cousas". Este ensino é formal nas Epistolas de S. Paulo: "Nós somos um mesmo corpo com o Christo" diz elle. — "Elle é a cabeça e vós sois o corpo"; continúa o mesmo apostolo — "Vós sois os membros do Christo". E o proprio Nosso Senhor já havia dito: "Eu vim para que elles tenham a vida: uma vida abundante; e esta vida sou eu".

Os Santos e os Doutores têm paginas sublimes que tratam desta vida e deste crescimento de Jesus em nós. A esse respeito ouçamos alguns pelo menos. "A Humanidade do Christo é a Egreja inteira diz S. Athanasio, e para cada fiel a graça é a semente de Deus". Alegrae-vos, exclama Santo Agostinho, nós nos tornamos o Christo; elle é a cabeça e nós os membros. Elle e nós, reunidos, somos um só homem, um homem completo, e este homem é o proprio Deus".

(1) Ad. Ephes. II. IV. — I. Petr. II. 5.
(2) Lhoumeau: Op. cit. Art. IV.

Estas expressões que á primeira vista poderiam parecer piedosos arroubos ou o fructo de uma ousadia enthusiasta, são completamente conformes á mais judiciosa theologia, como demonstrámos nos capitulos precedentes. Eis uma passagem importante das revelações de Santa Mathilde:

Nosso Senhor lhe disse um dia:

"Dou-te os meus olhos para que vejas todas as cousas por elles; meus ouvidos para que por elles entendas todas as cousas que ouvires; dou-te ainda minha bocca, para que por ella termines o que tiver de dizer, de pedir, de cantar. Dou-te emfim, meu coração para que penses por elle e para que me ames a mim proprio em todas as cousas por mim mesmo. (1)

Noutra occasião elle disse a Santa Margarida Maria:

"Eu te revisto da tunica da innocencia; de hoje em deante tu viverás da vida do Homem-Deus; eu sou tua vida, tu não viverás mais sinão em mim e por mim". (2) Segundo estes textos. é, pois, uma verdade bem estabelecida e clara a vida e o crescimento de Jesus Christo em nós.

Quaes são as condicções desta vida?

E' uma vida occulta que só apparecerá no céu e, aqui na terra, não podemos saber com "certeza de fé" si ella existe em nós. Mas, si não nos é dado verificar sua presença e seu crescimento, temos entretanto a certeza de que ella cresce, que póde diminuir e até perder-se.

(1) Revel. de S. Mathilde.
(2) Santa Margarida Maria: "O Sagrado Coração".

Approuve a Deus conservar-nos na obscuridade da fé, quanto ao facto; porém tudo nos dá disso a mais plena certeza quanto á verdade, seus fundamentos e desenvolvimento.

Assim era necessario, para nos conservar na humildade, para de certo modo nos obrigar a um total abandono em sua divina Providencia.

Jesus Christo vive em nós! — é o grande principio estabelecido por elle mesmo.

Ora, tudo o que vive se desenvolve e cresce. E' pois necessario que Jesus, vivendo em nós, cresça tambem em nós: — é esta sua lei, como o é, de todo ser vivente.

E' a conclusão deduzida pelo proprio São Paulo, quando assim se expressa: "E'-nos necessario crescer, até que tenhamos alcançado a estatura do homem perfeito, a medida de accordo com a plenitude do Christo: — crescer nelle em caridade, Elle que é nosso Chefe, de modo que seu corpo se solidifique o augmente". (1)

Como já o dissemos, o corpo é a Egreja em geral, e cada um de seus membros ou cada um de nós em particular.

Diz ainda o Apostolo: "Meus filhinhos, amae o bem, até que o Christo seja formado em vós (2)

Si o Christo deve formar-se em nós, elle deve crescer em nós, pois toda formação se faz pelo crescimento. E' o que fazia dizer Santo Agostinho: "Toda nossa vida consiste em sermos perpetuamente aperfeiçoados por Deus".

(1) Ephes. IV — 13. 16.
(2) Galat. IV — 19.

" Christo, diz S. Gregorio, não forma sinão uma pessôa com as almas justas" e eis porque "o Christo nasce, cresce e fortifica-se comnosco". (3)

"Na alma santa e justa, diz ainda Origines, Jesus cresce de dia em dia; esta alma reflecte sua graça, sua sabedoria e sua virtude".

E como se faz este divino crescimento? E' o que veremos em seguida.

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Jesus Christo deve crescer em nós por aquillo mesmo que o faz viver em nós. E' ainda a lei geral formulada pela philosophia: "Um ser cresce por meio daquillo que o faz viver".

E' preciso, pois, saber como Jesus Christo vive em nós, para sabermos como elle cresce em nós.

E como é que Jesus vive em nós?

E' bom que nos recordemos disto a cada passo?

Jesus vive em nós, porque habita em nós pela fé e pela caridade. A' medida que estas virtudes augmentam, nossa união com elle torna-se mais intima, mais perfeita.

Elle vive ainda em nós, porque opéra em nós e nos communica a sua graça. Ora, a medida que essa vida se purifica, que desapparece em nós o que

(3) São Paulino.

constrange a graça e a acção do Christo, esta acção se torna mais ampla, mais profunda: é o Christo crescendo em nós.

Esta operação divina nos conforma ao Christo. A medida, pois, que se aperfeiçôa está forma de Christo ou esta semelhança com elle pela graça e pelas virtudes, Jesus cresce em nós... e crescerá, até que tenhamos o gráu de santidade que realiza o plano divino para cada um de nós.

Eis, em resumo, esta ineffavel intervenção da graça, ou a habitação de Jesus Christo em nós.

E este doce salvador residindo em nós, vivendo em nós, nós, pobres e mesquinhas creaturas, podemos augmental-o a cada instante.

Elle cresce em nós, e nós crescemos n'Elle e com Elle.

Elle nasce em nós por uma infusão da graça santificante, e cresce em nós por novas infusões. E' como que do *exterior* que a alma recebe estes novos graus do ser divino, e é Deus quem os produz nella.

Este crescimento, fazendo-se pela acção de Deus, esta acção achar-se-á levada a exercer-se seja pelo merito, seja pelos sacramentos, seja pela oração.

O merito cria um *direito*, em virtude da vontade de Deus e de suas promessas, fundadas sobre os meritos de Jesus. Os sacramentos asseguram um favor, e a oração em certas condições póde *supprir* tudo.

Deus eleva nossa *dignidade*, dando-nos o poder dos meritos pelo crescimento de Jesus Christo em nós.

Dispondo sob as formas sacramentaes de graças proprias a produzirem em nós estes mesmos effeitos, elle affirma altamente a sua *liberalidade*.

Quanto á oração, que parece escapar a leis precisas, elle deixa largos espaços á sua misericordia.

Concluamos. O que faz Jesus Christo crescer em nós é a graça santificante — graça que elle proprio nos dá, que elle augmenta, á medida que recorremos aos meios de augmento: — á virtude, aos sacramentos e á oração.

Para completar, falta-nos somente ver o effeito divino deste crescimento de Jesus Christo em nós e nosso crescimento nelle.

* * *

TERCEIRO PRINCIPIO:

Em consequencia desta união, Jesus Christo se enriquece (1) *de todo o bem sobrenatural que nós fazemos.*

Meu Deus, é possivel? Posso eu realmente ajuntar alguma cousa, eu pobre creatura, ao que já possuis?

Sim, eu o posso.

Jesus Christo glorificado não póde mais sof-

(1) Esta expressão designa sómente o que a Theologia chama gloria "ad extra"; em si, Deus não pode receber accrescimo algum.

frer e se immolar; não póde mais *merecer;* compete-nos dar-lhe um desenvolvimento extenso em seu corpo mystico. Fazendo-o crescer em nós, nós o fazemos, de certo modo, crescer nelle mesmo.

Não é Deus quem cresce em sua infinidade, o Homem-Deus em sua vida pessoal; é o Homem-Deus, é Jesus em seu corpo mystico.

Este corpo mystico é mais que um corpo moral, como seria uma reunião de homens obedecendo a um chefe, para attingir um mesmo fim; é um corpo mais real que comprehende todas as almas nas quaes Jesus vive e pelas quaes ele age.

A união póde chamar-se aqui unidade, porque ha *comunidade de vida* entre os membros e a cabeça. Jesus, grande e feliz em seu corpo mystico, torna-se sem cessar maior e mais feliz por nosso intermedio.

Seus accrescimos não se deterão sinão depois da entrada do ultimo dos eleitos na patria celeste.

Si um raminho do galho de uma grande arvore pudesse pensar e falar, poderia dizer-lhe: operando o meu crescimento proprio eu te augmento; em cada primavera tu te estendes commigo.

Toda folhazinha que brota te faz maior; toda florinha que desabrocha te torna mais bella. Porque eu vivo, tu vives mais.

E' verdade, é tua vida, é tua seiva que me torna activa e fecunda, dando-me o poder de respirar o ar e de assimilar as suas riquezas fluctuantes.

Por ti eu cresço, e tu cresces por mim; crescemos juntamente, porque não fazemos sinão uma arvore.

Tuas raizes trabalham para mim, nas profundezas da terra, e si teu robusto tronco estremece sob os golpes do machado, eu tremo todo.

Esta comparação é bem a imagem de nossa alma vivificada por Jesus Christo. Nós vivemos nelle e o augmentamos por nossa vitalidade. Exultamos com tudo o que o attinge . . . e elle, nas profundezas infinitas de seu ser, pensa em nós.

O' Jesus. O' Salvador! O' Irmão! O' Amor! vinde, vivei e crescei em mim!

Pertencer-me-ão, pois eu as completei livremente; pertencer-vos-ão, pois todo o sobrenatural que ellas encerram pertence á vossa graça.

Então, tomai-as, Jesus, pois são vossas; recebei-as, pois são minhas tambem, e uni-as ao vosso grande corpo mystico.

O' Jesus! eu permaneço mudo e surprezo, pensando que tenho algo de vós, e que por mim vós vos tornaes accidentalmente alguma cousa mais.

CAPITULO VIII

JESUS CHRISTO AGINDO EM NÓS

Não nos podemos deter no estudo dos fundamentos da vida divina em nós, pois os principios estão postos e cada um póde deduzir delles as conclusões.

Entretanto, o assumpto nos parece tão prático e tão divinamente fecundo que será

util proseguir até o fim, indicando as applicações destas grandes verdades á nossa vida de intimidade.

A' primeira vista poder-se-ia incriminar esta doutrina de ser unicamente affectiva, theorica. Engano: ella é verdadeira e theologicamente uma causa motora.

Ora, todo motor, dizem os philosophos, é um pricipio de movimento, pois em potencia contem tudo o que póde provocar as grandes acções, bem como os grandes sentimentos.

Resumamos esta acção divina de Jesus Christo em nós nos dois principios seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Jesus Christo vivendo e crescendo em nós quer tambem agir em nós, pela prática das virtudes".

SEGUNDO PRINCIPIO:

"O que dá valor ás nossas acções é a vida divina. Quanto mais poderosa fôr em nós esta vida divina, tanto mais nossas acções serão fecundas, meritorias e agradaveis a Deus".

Desenvolvendo estes principios, teremos que passar ao lado de certas doutrinas erroneas e evitar certos desvios que provocariam justas criticas contra autores bastante respeitaveis e piedosos, desvios que desacreditariam um pouco estas formulas da *"vida, crescimento e acção"* de Jesus Christo em nós.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Jesus Christo crescendo em nós quer tambem agir em nós, pela pratica das virtudes".

A vida de Jesus em nós não é um caminho particular, mas um facto universal, um facto que se produz para cada alma, em cada um de seus actos sobrenaturaes.

Jesus vive em nós; não está em nós como em um tumulo, não quer ficar inerte, inactivo. Está em nós como um soberano em seu reino, para ahi governar nossa vida.

E' o operario divino de nossa santificação.

E' Elle que com suas proprias mãos divinas nos amassa, nos forma interiormente á sua imagem e semelhança, para que cada um de nós se torne um outro filho de Deus por adoção, um novo Christo todo resplandecente de santidade". (1)

Na vinha é o tronco que vivifica os ramos pela infusão da seiva, que faz brotarem as folhas, germinar e sazonar a uva. Tambem Nosso Senhor, "verdadeira vinha", inspira ás nossas almas, "seus ramos", tudo o que concorre para a obra de nossa santificação.

A graça nos previne sempre. "E' ella quem nos excita a querer e nos sustenta na acção". (2)

(1) São Fulgencio.
(2) Philip. II. 13.

Ella nos empresta sua actividade para fecundar a nossa.

Não ha um momento em que Deus nos experimente, não nos excite, dando-nos motivos para sermos melhores. Elle, cuja, "vontade é a nossa santificação", pede somente que a nossa vontade se una á delle; que nossa vida, humilde e pequenino riacho, se misture á corrente do formoso rio de sua vida, para lhe restituir o premio do beneficio, o producto de sua semente. (3)

E o premio de seus beneficios, a ceiva que elle quer recolher em nossas almas, o producto da semente da graça, é a *virtude*.

O conhecimento das maravilhas da acção de Jesus Christo em nós ainda produz maravilhosos effeitos: inculca todos os desejos e inspira todas as delicadezas.

Com effeito, que regra de discernimento para nossas determinações, que motor para nossa coragem e que escola de delicadeza infinitas é este simples pensamento: *Jesus quer agir em mim!*

Si rezamos com negligencia, si recuamos deante de um sacrificio, si somos menos doceis, menos humildes, menos pacientes, diminuimos a acção de Jesus, fazemol-O viver menos.

E quem o quereria privar de um raio de sua gloria?

Quem consentiria recusar-lhe um pouco mais de felicidade?

Em consequencia, que exercicio estimulante

(3) F. Maucourant: Op. cit.

para a vida interior! Que disposição para a oração intima e confiante nos fornece pois o pensamento que nós augmentamos Jesus, que o deixamos agir livremente em nós!

Oh! como agora me parece justa e bella a abnegação e a mortificação tão ensinadas pelo Evangelho: — Despojar-se de si mesmo é dar logar a Jesus, é conceder toda liberdade á sua acção em nós.

Quão fecunda é a morte da natureza que da sepultura de nossos vicios faz surgir a expansão da vida divina!

Prestando-lhe cooperação attenta, delicada e vigilante, nós nella entramos e nos divinizamos.

No deslumbramento desta verdade transforma-se a noção do *Bem*. O *Bem*, idéa abstracta, encarnou-se e se chama *Jesus!*

Na verdade, esta poderosa e profunda doutrina é verdadeiramente um motor sem egual para nos fazer praticar a virtude.

Colloca Jesus no coração e na alma, para que dali elle reine sobre todas as nossas acções e governe toda a nossa vida .

E' esta idéa-mestra da vida espiritual que S. Francisco de Salles commenta em uma de suas cartas á Santa Chantal, quando lhe escrevia:

"Quem tem Jesus em seu coração tel-o-á brevemente em todas as suas acções. Quereria escrever sobre vosso coração: "Viva Jesus!", certo de que a vossa vida, provindo de vosso coração, como a amendoeira de seu caroço, produzirá suas acções; do mesmo modo que este Jesus vive em vosso co-

ração, viverá tambem em tudo o que fizerdes: estará em vossos olhos, em vossa bocca, em vossas mãos". (1)

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

O que dá valor a nossas acções é a vida divina. Quanto mais poderosa fôr em nós esta vida divina, tanto mais nossas acções serão fecundas, meritorias e agradaveis a Deus.

"O escarlate ou a purpura, diz graciosamente São Francisco de Salles, é um panno grandemente precioso e real; não porém por causa da lã, mas devido á tintura.

As obras dos bons christãos merecem o céu, não porque provêm de nós e são a lã de nossos corações, mas porque são tingidas do sangue do Filho de Deus". (2)

Pensamentos, desejos, acções, tudo toma em nós como que proporções infinitas, porque tudo está impregnado da virtude do Altissimo e transformado por uma seiva divina.

"Nas pessôas intimamente unidas ao Salvador, Elle se expande por todas as portas de sua alma e de seu corpo.

Estas pessoas têm Jesus Christo no cerebro, no coração, no peito, nos olhos, nas mãos, na lingua, nos ouvidos, nos pés.

(1) Cartas de S. Francisco de Salles.
(2) S. Francisco de Salles.

E o que faz o Salvador nestas diversas partes?

Corrige tudo, tudo vivifica: ama no coração, comprehende no cerebro, anima no peito, vê nos olhos, fala na lingua, e assim em todas as outras, se faz tudo em tudo". (3)

Esta doutrina desenvolvida e divulgada pelo V. Olier, como o veremos mais adiante, era familiar aos Santos e aos Padres dos primeiros seculos, encontrando-se divulgada em seus escriptos, tão expressiva quão attrahente e com toda a força e precisão de uma verdade theologica, conhecida e recebida por todos.

"Meus olhos são os olhos do Christo", diz Santo Anselmo.

"Meu coração é o coração do Christo", accentúa S. João Chrysostomo.

"Não sou sinão um instrumento ao serviço do Christo", continúa Santo Agostinho.

"Nossa bocca é a bocca de Christo", ajunta S. Macario. "O Christo occupa em nós o logar da alma".

E S. Jeronymo diz: " Christo é a respiração de nossa bocca".

A estas accrescentae uma outra multidão de expressões semelhantes dos Padres e dos Santos, a revelação feita por N. Senhor á Santa Mathilde e á Santa Mathilde e á Santa Margarida Maria, e tereis uma idéa do que Jesus Christo quer operar em nós.

(3) V. M. de Salles Chappuis.

E que devemos nós fazer para que Jesus *viva, cresça* e *aja* em nós?

Nosso primeiro dever é assegurar a liberdade á acção de Jesus, desapegando-nos de toda influencia contraria.

O segundo é apresentar a esta acção uma alma recolhida e attenta.

E o terceiro é entrar plenamente nesta acção, sendo fiel á graça e seguindo o movimento de Jesus.

Nossa alma é como que uma tela onde Jesus, o pintor divino, quer vir, cada dia e a cada instante, desenhar seus divinos traços.

Deixemol-o escolher os adornos, variar os pormenores, e ahi elle pintará reflexos bastante accentuados para mostrar ao mundo que o que elle soube fazer é bastante sombreado, "para que o orgulho não nos intumeça e não os faça cahir nas ciladas do demonio". (1)

Nada torna tão facil a cooperação á graça como substituir-nos por Jesus Christo, trabalhando para nos despojar de nós mesmos e revestirmos o Salvador. (2)

Quando o sacerdote leva a hostia ao altar, esta hostia é pão; quando sobre a mesma diz as palavras da consagração, ella conserva ainda, é verdade, as mesmas apparencias, porém já não é mais pão, é Jesus Christo.

---

(1) Tim. III. 6.
(2) Rom. XII. 14.

Assim, de certo modo sob a influencia da graça, não poderá haver em nós nada mais de humano, sinão as apparencias exteriores, porém na realidade o interior, o amago será Jesus. (3)

Oh! que vida divina, ó vida profundamente occulta que passaes entre nós, como uma pessoa estranha, encoberta e muitas vezes desprezada, pelo menos manifestae-vos sempre mais brilhante e mais expressiva em nossas almas, crescei em nós, para que por vós Jesus possa agir livremente em nós.

O' meu Salvador, Deus de bondade e de poder, quanto mais me espantam os prodigios que fazeis em meu favor, mais eu os julgo verdadeiros, porque a grandeza é vosso distinctivo; mas eu os julgo sabios, porque em vossa obra tudo se harmoniza. Si quizerdes produzir e fazer agirem em nós elementos divinos, não precisaes sinão de mãos divinas para formardes e de um sopro divino que os anime. (4)

Os bons pensamentos que descem sobre minha intelligencia são um reflexo que partiu de vossa fronte; que digo? sois vós mesmo, ó Jesus, que os pensaes commigo!

E quando eu faço subir até Deus a modulação de minhas acções de graça, de meus louvores, o *clamor* de minha oração, o brado que o Pae ouve é a vossa voz, é a voz de vosso Espirito que canta ou geme, unida á minha!

---

(3) Cardial Susa.
(4) Fontes de piedade.

CAPITULO IX

JESUS NO PROXIMO

Será que já estamos no fim de nosso estudo da vida de Jesus em nós? Já, certamente, si estivessemos sós no mundo, mas como vivemos com outros homens, nos quaes o Salvador vive igualmente, como vive em nós, devemos necessariamente estudar o contacto desta vida em nós com esta mesma vida nos outros — devemos estudar este encontro de Jesus!

E' por isso que o doce Salvador dizia que o primeiro mandamento consistia em amar a Deus de todo o seu coração, mas que o segundo era semelhante a este: amar ao proximo como a si mesmo.

Com effeito, não somos nós feitos para estar concentrados em nós mesmos; é necessario que nossa vida irradie, espalhe-se sobre nossos irmãos, que ella se una á vida delles, para formar com elles o grande corpo mystico do Redemptor.

Ora, a consideração da vida de Jesus em nós é um estimulo ineffavel para a virtude e para o amor; a consideração desta vida nos outros é um motivo sem igual de caridade para com elles, como tambem de benignidade, de doçura e de perdão.

Para ser completo, depois de ter visto o corpo inteiro de Jesus, não basta considerar

somente nosso logar e nosso papel neste immenso organismo, é necessario tambem conhecer nossas relações com os demais membros, nossa influencia sobre elles e a acção delles sobre nós, para manter a ordem estabelecida pelo Creador, e nunca nos afastarmos da funcção que nos foi confiada.

Os dois capitulos consagrados a este assumpto exigem toda a nossa attenção, tanto por causa da sublimidade desta doutrina, como devido aos fructos immensos que delles podemos tirar.

Sobre os dois seguintes principios fundamentamos a doutrina deste capitulo:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Jesus Christo vivendo no proximo, quer ser honrado nelle, e é o acto de saber distinguil-o que é a base da verdadeira caridade.

SEGUNDO PRINCIPIO:

O que se faz ao proximo é feito realmente ao proprio Jesus Christo.

Estes dois principios, intimamente ligados, dar-nos-ão a chave da verdadeira caridade christã.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Jesus Christo, vivendo no proximo, quer ser honrado nelle, e é o acto de saber distinguil-o que é a base da verdadeira caridade.

Confessemol-o sem subterfugios: o amor do proximo é tão difficil que por vezes desespera.

Sentimos difficuldade em amar nossos irmãos. Suas injustiças nos revoltam, seus defeitos delles nos afastam.

Naquelles que nós prezamos pomos sempre á parte as faltas que nos desagradam. Exigimos que reconheçam o que nos devem e nos offendemos pelos seus menores esquecimentos.

Segundo as occasiões mostramo-nos bruscos, desdenhosos ou aborrecidos. Somos levados a maldizer aos outros, ora por uma secreta inveja, ora por uma imperdoavel leviandade.

Fazemos exprobrações que desanimam, em vez de reprehendermos com uma bondade que captiva. Junto ás pessoas com que convivemos, sobretudo em familia, nós mostramos um ar aborrecido ou indifferente que afflige e muitas vezes tomamos habitos de irritação e de queixa que dilaceram os corações.

O quadro é sombrio, talvez... porém será exaggerado? Quem não tem a exprobrar a si mesmo alguns destes defeitos para com o proximo?...

Depois, phenomeno curioso: nós averiguamos o mal, sentimol-o e no dia seguinte nelle recahimos.

Que falta, pois? Haverá em nossa vida espiritual uma lacuna, mas onde está esta lacuna? Visivel é o facto, porém qual é a causa?...

Vel-a-emos brevemente na integra e sob todas as suas faces, no desenvolvimento do segundo principio.

Digamos somente: aqui existe um desvio de nossa caridade para com o proximo.

Nós sabemos que Jesus vive nelle, como Elle vive em nós.

Igualmente sabemos que Jesus Christo quer ser honrado em toda as suas manifestações, e quanto mais viva fôr esta manifestação, tanto mais ella terá relações estreitas e intimas com sua adoravel pessoa, muito tambem e mais profunda deve ser a honra que nós lhe tributamos.

Ora, Jesus Christo vive em nós... Elle proprio, Elle, como Deus, como Pae, como Amigo, como Bemfeitor... e vive tambem naquelles que nos cercam, naquelles com que nos relacionamos, naquelles com os quaes tratamos.

E' necessario pois que a todo o preço nós o saibamos distinguir nesta multidão; é necessario saber descobril-o, Elle, o doce, o amavel Jesus, muitas vezes sob involucros grosseiros e repugnantes com os quaes se cobre nas pessoas de suas creaturas.

E' o que nós nem sempre sabemos fazer; e é devido ao esquecimento desta grande verdade fundamental, que provêm nossas friezas e nossas durezas para com o nosso proximo.

Saber ver a pessoa de Jesus Christo no proximo — eis a base de toda caridade christã.

Não é mais o homem que amamos, é Deus no homem, Deus sob qualquer aspecto que se apresente e sempre igualmente amante e amavel.

Não é mais necessario amar o proximo em Deus, mas amar Deus no proximo, o que não é a mesma coisa.

O primeiro amor dirigindo-se, em primeiro logar, ao proximo e em seguida a Deus, não é estavel, porque o seu objecto immediato muda. O segundo permanece immutavel, porque o seu objecto é eterno, e é a elle que se ama no proximo, que nol-o representa pessoalmente.

SEGUNDO PRINCIPIO:

O que se faz ao proximo é realmente feito a Jesus Christo.

Para muitos ha aqui um mal entendido: interpreta-se mal esta palavra do Salvador:

"O que fizerdes ao menor dos meus, é a mim mesmo que o tereis feito".

Jesus Christo não diz: "Eu o considerarei como si fosse feito a mim", mas diz claramente que "é feito a elle".

Feito a elle mesmo! Será possivel?...

Soccorro, consolo, ajudo um pobre, um miseravel; — é uma obra de misericordia; ninguem o contesta, mas é possivel que seja realmente Jesus que eu soccorri, consolei, alliviei?...

Sim, é Elle-mesmo vivendo no proximo, como vive em mim.

Dizer que elle se occulta atraz do proximo, como detraz de um véu, não é dizer bastante; o proximo é Elle... Elle, Jesus, pois o proximo participa de sua natureza.

Que ineffavel mysterio! (1)

Mas não nos contentemos com esta consoladora verdade e comprehendamos toda a sua extensão e profundeza: *O que fizerdes ao menor dentre os meus é a mim que o fazeis.*

Conhece-se a grande e magistral applicação deste principio ao juizo final. Jesus não recompensa sinão o que é feito *para elle*, e não pune sinão o que *lhe offendeu.*

Falando do pão, do perdão, da palavra consoladora: *"E' a mim*, diz elle, *que vós os tendes dado"* ou *"é a mim* que os tendes recusado!"

Geralmente estas palavras são falsamente explicadas em muitos livros espirituaes.

São tomadas no sentido de uma recommendação moral, attribuindo-lhes o sentido: "fazei como si fosse a mim que o fizesseis".

Ora, ellas têm toda outra extensão. São a deducção de um principio certo: o da vida de Jesus em cada um de nós, como explicámos nos capitulos precedentes.

Jesus está no proximo de um modo real como o pae se acha no filho, pela raça, pela identidade do sangue, por multiplas apparencias que o fazem nelle viver.

Transportae-vos á scena tão tocante de Rachel recebendo o joven Tobias. Eis como a Biblia a reproduz:

---

(1) Cfr. Schram: Institutiones Theologicae mysticae § CXXVI. — Caritas proximi cum caritate Dei conjungitur.

"Depois de ter olhado attentamente para o joven, Rachel diz á Anna, sua esposa: Como elle se parece com meu primo.

E dirigindo-se ao estrangeiro lhes pergunta: Donde sois?...

E elles lhe respondem: Somos da tribu de Nephtali, em captiveiro em Ninive.

Conheceis Tobias, meu irmão?

Sim, conhecemos.

E como o velho se expandisse em elogios, o recem-chegado accrescenta, designando seu companheiro:

Este Tobias de que falas é pae deste!

Immeditamente Rachel lança-se ao pescoço, beijando-o e banhando-o de copiosas lagrimas.

Sê bemdicto, ó meu filho, porque tu és filho de um bom e excellente homem.

Então Anna e Sara sua filha começaram a chorar de commoção".

Em face disso S. Francisco de Salles faz o seguinte commentario:

"Não vêdes que Rachel, sem conhecer o joven Tobias, o abraça, o acaricia e beija chorando de amor. Donde provém este amor, sinão do proprio amor que Rachel tinha ao velho Tobias, com quem tanto parecia este joven?

Pois bem, quando vemos o proximo creado á imagem semelhança de Deus, não deveriamos dizer uns aos outros: Vêde como esta creatura parece com o Creador, bemdizendo-o mil e mil vezes?...

E porque? — por amor della?...

Não, certamente, pois não sabemos si ella em si mesma é digna de amor ou de odio.

E porque então?...

Por amor de Deus que a fez á sua imagem e semelhança; por amor de Deus de quem ella é e a quem ella pertence, porque o divino amor não somente ordena diversas vezes amar ao proximo, mas elle mesmo o *produz* e *alimenta* "espalha no coração humano, como sua semelhança a sua imagem; porque o amor sagrado do homem para com o homem é a verdadeira imagem do amor celeste do homem para com Deus".

Quão profunda e suave doutrina contêm estas palavras do amavel santo!

Estes dois amores: o de Deus e o do proximo compenetram-se para formar um unico amor, modelado sobre o amor do Salvador para com os homens: *"Amae-vos, como eu vos amei!"*

Aqui nós o sentimos tão expressivamente, tão imperiosamente, que querendo amar a Deus e provar-lhe o nosso amor, instinctivamente procuraremos ao redor de nós seres sobre os quaes se derrame o amor de nosso coração.

Agora comprehendeis o discreto inicio deste transcendente facto: a vida de Jesus em nós que o Salvador nos revela por estas palavras: *"O que fizerdes ao menor dentre os meus, é a mim que o tereis feito"*.

Póde dizer-se que é uma palavra reveladora, sob a qual palpita um mysterio, que é o principio determinante da caridade mais real, mais facil e mais delicada.

Oh! Jesus adorado, vós me pedis referir ao proximo os sentimentos que faz *nascer* em mim vosso encanto divino; vós quereis actos, sem duvida, mas tambem pedis sentimentos, e entre os sentimentos vós escolheis os que unem os homens, que os encorajam, que os fazem melhores.

Cobrindo-a com o brilho de vosso nome, vós não vindes apagar a pessoa humana; vindes embellezal-a e protegel-a. Vós a illuminaes com a vossa doce imagem, para attenuar as sombras de seus defeitos; vós a elevareis pela realidade de vossa acção nella; e tudo isso para provocar com seu favor uma compaixão sem desdem, uma dedicação sem desfallecimento, um amor para com ella que chegue até vós.

CAPITULO X

O APICE DO AMOR

Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espirito: — este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: amarás ao teu proximo como a ti mesmo. (Math. XXII, 37-39).

Toda a perfeição está contida nestas palavras. E' o centro e o cimo de tudo.

Convém notar, porém, que estes dois mandamentos não formam sinão um unico,

sendo distinctos quanto ao modo de amar, mas confundindo-se quanto á qualidade do amor.

Deus deve ser amado por si mesmo; o proximo deve ser amado por amor de Deus. Em outros termos: é a *Deus* que devemos amar em Deus, mas não é o homem que devemos amar no homem: a Deus ainda.

Grupemos esta bella e profunda doutrina ao redor dos dois principios seguintes, afim de melhor nos penetrarmos de seus fundamentos e fazermos a applicação dos mesmos á nossa vida quotidiana.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Deus quer ser amado no proximo, seja elle quem fôr, justo, peccador, ou infiel; e é por este preço que a caridade é verdadeira e duravel.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Cada um de nós deve trabalhar, segundo sua posição e capacidade, na salvação de seus irmãos e ser apostolo.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Deus quer ser amado no proximo, seja elle quem fôr, justo, peccador, ou infiel; e é por este preço que a caridade é verdadeira e duravel.

Já o dissemos, porém é bom que ainda recordemos outra vez: este amor idéal está acima de nossas forças naturaes.

Muitos calculos interessados, muitas circumstancias dominam seus sentimentos; e, de outro lado, muitos defeitos moraes desfiguram seu objecto.

E' absolutamente necessario que uma belleza extranha o illumine.

O homem não póde dar ao homem este amor idéal, sinão revestindo-o do idéal divino: E' preciso ver Deus no proximo — E' necessario vel-o *sobre o peito do Salvador.*

Deste modo amamos de antemão a todo o proximo, com um amor geral, e quando no correr da vida suas qualidades, seus sentimentos e seus meritos se particularizam a nossos olhos, nós os olhamos como obra de Deus, como reflexo de suas perfeições, como o dom que Elle colloca deante de nós, para nos soccorrer ou para nos encantar.

Assim Deus nos apparece de todos os lados, fazendo-se amar naquelles que nós amamos. Deus se faz sentir no nosso intimo, como o principio novo de nossas affeições tão vivas quão santamente superelevadas.

Deus fez o proximo á sua imagem e semelhança. Vel-o é ver um pouco a Deus. Elle lhe communicou sua natureza; logo, amal-o é amar qualquer cousa de Deus. (1)

(1) Cfr. Schram: Op. cit. CXXVIII. — "Caritas proximi ad proficiendum requiritur".

Com effeito, como não contemplar com benevolencia esta imagem e como não amar ao que é de Deus?...

Dahi nasceram a dedicação, o zelo, todas as delicadezas da affeição, todas as industrias da amabilidade, as suavidades do perdão, a longanimidade da caridade, todas as attenções realçadas com um sorriso, e até esta doçura de palavra como este gesto acolhedor do semblante que são o caracteristico de um coração onde Deus reina e age.

Fazer prazer ao proximo, consagrar-se a isso e querel-o com toda a vontade — eis o sublime programma realizado por tantos santos, por tantas almas piedosas desconhecidas.

Nosso desejo de agradar se forma trabalhando para agradar a Deus.

E ahi, ao contacto com este amor increado, elle se suaviza e purifica. Destas serenas alturas elle convergirá para o proximo e lhe trará necessariamente uma inclinação cheia de delicadeza, de elevação, de constancia, adquiridas nas relações com as amabilidades divinas. (2)

E aqui na terra sobre quem poderá irradiar nossa caridade? Qual é o seu campo de acção?

Póde-se irradiar sobre três categorias: os justos, os peccadores e os infieis.

Em primeiro logar apresentam-se as almas em *estado de graça.* Jesus vive nellas, age por ellas.

Lembrae-vos do que precedentemente dissemos a respeito desta união, e comprehendereis

(2) Cfr. Pratica progressiva da confissão.

quanta estima, ternura, affeição e devotamento lhe deveis; e si é necessario paciencia e auxilio, tenhamos, pois o Salvador não supprime nellas — mais do que em nós — todas as miserias humanas.

Tende espirito de fé, procurando ver estes reflexos divinos que brilham através de seus defeitos, como diz S. Francisco de Salles: "Comtemplae-os todos sobre o peito do Salvador, e não lhes encontrareis nada de ruim, de enfadonho".

Quantas murmurações, quanta dureza, quantas divisões ainda existem *entre as almas cuja alma é Jesus.*

Em segundo logar, tendes os peccadores... e ai delles!... são tão numerosos!

E entre os pobres peccadores quantas almas rectas, quantos corações dignos de amar a Jesus e que no entanto não o amam mais!... São filhos da familia, são ovelhas desgarradas sobre as quaes se deve chorar.

Jesus ama tanto os peccadores!

Não lhes sejamos, pois duros. Mostremos-lhes em todas as nossas relações a imagem deste Deus de bondade que vive em nós; cerquemol-os desta ternura indulgente e estimulante que reanima; oremos sempre e algumas vezes saibamos falar.

Finalmente, os *infieis*. Estes não têm a vida de Jesus, mas possuem a *aptidão* para recebel-a.

Do alto do Calvario o Salvador os abraçou a todos, desejando possuil-os. Elle os resgatou ao preço de seu sangue.

Quando seus braços se estenderam sobre a cruz, Elle os conservou abertos para todos elles;

e do céu como do Calvario Elle nos grita sem cessar: dae-m'os, completae minha vida!

Comprehendemos bem esta recommendação? esta especie de solidariedade nella incluida? e a responsabilidade que ella impõe a cada um de nós?

Sem duvida o Salvador póde attender, sem nossa acção directa, tal ou tal alma bem disposta; mas em geral compete a nós o ministerio ordinario da conversão do mundo.

Quem não póde agir, póde orar, soffrer, merecer, prestando ao Salvador este auxilio do qual Elle quiz ter necessidade.

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

Cada um de nós deve trabalhar, segundo sua posição e capacidade, na salvação de seus irmãos e ser apostolo.

Todos nós devemos ser apostolos!

"Ide, ensinae, baptisae, salvae!", nos diz Jesus, confiando deste modo aos homens os destinos dos homens.

Si o apostolo recuar deante das fadigas, um povo ficará nas trevas.

Familias e nações podem ser as victimas da fraqueza de alguns.

Isto se applica sobretudo, mas não exclusivamente, aos homens que Deus favorece e eleva a uma vocação superior; aos que elle escolheu para delles

fazer outros *"Alter ego"*, pelo sublime poder do sacerdocio, ou pelo sacrificio da vida religiosa.

Mas até as pessoas do mundo, seja qual fôr a classe, situação e sexo a que pertençam, devem ser apostolos, devem fazer e espalhar o bem; são de certo modo encarregadas da salvação dos outros! *Mandavit illis unicuique de proximo suo.* (1)

Esta solidariedade que causa tantos males, mas que dá logar tambem a tantas virtudes admiraveis, resulta da natureza mesma das cousas.

No momento em que vivemos juntos, agimos forçosamente uns sobre os outros, já que somos dotados de fazer o bem ou o mal, contribuindo para a edificação ou ruina da obra commum.

Sob estes luminosos aspectos, estejamos resolvidos, demos mais importancia á nossa responsabilidade. Deus conta comnosco, tem necessidade de nossa virtude.

A caridade não é somente a paciencia e a affabilidade; é tambem o zelo.

Neste dominio temos uma influencia a exercer, um papel a desempenhar.

Desempenhando-o, salvaremos talvez um grande numero de almas e não o fazendo, talvez muitas almas serão victimas de nossa neglicencia.

Oh! que delicioso pensamento o de uma sociedade onde todos os componentes estivessem animados de taes sentimentos!

Mas, illusão! esta cidade é um sonho que jamais o sol illuminará sobre a terra. E' mesmo uma

(1) Eccli. XVII. 12.

cidade ideal, cujos membros dispersos aqui e acolá, no seio do universal egoismo, são heróes que chamamos *"santos"*.

A santidade é, com effeito, o resultado da pratica desta doutrina sublime.

Somos creados para a santidade... e só este cimo da vida christã póde satisfazer um pouco ás aspirações de nossa alma, fazendo-nos entrever um pouquinho da felicidade eterna, que no céu será a partilha daquelles que amaram a Deus, *em si mesmo e no proximo.*

Insistimos bastante sobre estes pontos fundamentaes, tanto para dar a noção verdadeira da devoção á SS. Virgem, quanto para mostrar que esta mesma devoção repousa sobre as bases mais solidas e que, longe de ser unicamente *affectiva*, é eminentemente theologica, racional e *pratica*.

A' primeira vista póde parecer que nós nos tenhamos afastado de nosso caminho. A continuação, porém, mostrará brevemente o contrario; parece-nos ter indicado e definido clara e theologicamente o *fim* a proseguir e o *termo* a alcançar.

Mas, para *alcançar* este termo, para proseguir este fim, ha um *caminho* a seguir e *meios* a empregar.

Mostramos o fim. Na segunda parte indicaremos o *caminho*, reservando para a terceira parte os *meios* necessarios e uteis.

O' Maria, Virgem Immaculada, doce e encantadora mãe, até aqui falei pouco a vosso respeito e entretanto não falei sinão de vós. Vosso nome bemdito entrou poucas vezes na doutrina dos ca-

pitulos precedentes e todavia eu não o perdi de vista um só instante... e foi com o coração e o olhar fixos sobre vós, que ousei levantar o véu e considerar um instante o termo para onde nos conduzireis...

O' terna Mãe, tomae-nos pela mão e conduzi-nos a este fim:... ao vosso Jesus!

SEGUNDA PARTE

O CAMINHO DA VIDA DE INTIMIDADE COM MARIA

Esta segunda parte se refere inteiramente á Santissima Virgem.

Com effeito ella é o caminho que Jesus seguiu, para vir até nós; é pois ella ainda que deve ser o *caminho* que nós temos a seguir para ir até ao Salvador.

Este caminho é digno de Jesus Christo: todo semeado de bellezas sobrenaturaes, unicas capazes de nos encantar, como encantou o proprio Deus.

O estudo destas bellezas merece toda nossa attenção e todo nosso amor.

Experimentemos um pouco levantar o véu que encobre este abysmo de graças que é a "Maternidade divina".

Contemplemos esta Virgem em todo o esplendor de sua graça inicial e finalmente em toda a gloria de suas plenitudes...

E' sobretudo nesta parte que a SS. Virgem deve apparecer-nos com todos os seus attractivos,

com todos os seus encantos de "Raptrix cordium" para, deste modo, nos inicair nas maravilhas que contemplaremos depois no seu papel de "Distribuidora das graças e da vida de intimidade".

CAPITULO XI

MARIA NO PLANO DIVINO

Conhecemos o fim que temos a alcançar, fim todo divino que ultrapassa tudo o que possamos imaginar de mais sublime e mais nobre.

Dii estis: Vós sois deuses... deuses em formação, pois a graça que nossa alma recebe a cada instante nos transforma, nos eleva, e nos faz operar acções divinas.

Mas esta graça, esta participação da natureza divina se faz por Maria.

Em outros termos: Do mesmo modo que Maria nos creou com Jesus, tambem ella quer crear Jesus em nós.

Explicaremos mais adeante o papel de Maria na dispensação da graça, porém antes é necessario determo-nos um instante para contemplar o logar que ella occupa no plano divino em geral.

Grupemos as verdades que a isto se referem nos dois principios seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Tendo um mesmo decreto eterno decidido ao mesmo tempo a Encarnação e a Maternidade divina, o Christo e a Virgem são inseparaveis na obra da salvação. (1)

SEGUNDO PRINCIPIO:

Antes de distribuir ao genero humano os fructos de redempção, Deus os derramou todos em Maria. (2)

Estas duas verdades bem comprehendidas nos indicarão o logar, a parte, e o papel de Maria Santissima.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Tendo um mesmo decreto eterno decidido ao mesmo tempo a Encarnação e a Martenidade divina, o Christo e a Virgem são inspareveis na obra da salvação.

Convem notar com effeito que a intercessão da Santissima Virgem não é somente *actual*, sem antecedentes.

Sua parte na distribuição da graça é a consequencia do papel que ella teve em sua acquisição.

(1) Hugon: "Etudes theologiques".
(2) Saint Bernard: "De aquæductu".

Não ha sinão um Mediador entre Deus e os homens, o Christo Jesus.

Sómente elle era capaz de uma reparação que igualasse á offensa, só elle podia, em rigor de justiça satisfazer e merecer pela humanidade decahida. Mas esta acção principal não exclue de modo algum a acção universal de Maria Santissima.

O Salvador podia excluir todo e qualquer auxiliar. Não o quiz, porém; associou-se á Virgem Santissima, sua Mãe, para completar a obra redemptora.

Della elle quiz receber a vida physica e por ella quer ser gerado nas almas, para que a Virgem Santissima fosse ao mesmo tempo a Mãe de seu corpo natural e de seu corpo mystico.

E' pois Maria Santissima quem está encarregada de nos gerar como irmãos de Jesus.

E' de sua plenitude, depois da plenitude do Senhor, que devemos ser enriquecidos. Daqui a proposição classica que "todas as graças nos vêm por Maria".

Falando do papel da mediação da Virgem Santa, em bom numero de autores encontram-se bastantes inexactidões e mais ainda obscuridades; dahi uma noção inexacta acerca da graça no espirito das almas piedosas, assim tambem como de sua acção e do papel da Virgem Santa na distribuição da mesma graça.

E' por isso que quizemos tratar até o amago esta questão, apresentando-a sob todas as formas, para fazel-a brilhar com todo seu esplendor, porque

é ella sobretudo que nos mostra a grandeza da Immaculada e a necessidade de recorrer a ella.

Na SS. Virgem ha com effeito uma dupla grandeza: a de *Mãe de Deus;* esta é o cume, é a que a approxima de Deus. Mas ha uma outra, derivada desta primeira, que a approxima de nós: é a plenitude de sua graça e por conseguinte seu papel de mediação. *Plena sibi, superplena nobis,* dizem os theologos.

Convém notar bem: aqui é que se encontra precisamente o ponto obscuro em certas obras de piedade: Maria não é Medianeira, sinão porque é *cheia de graça.*

Com effeito, póde-se conceber — e é o que fazem certas almas — uma medianeira ou thesoureira independente do que ella trata ou distribue.

Assim uma pessoa serve de intermediaria entre dois inimigos, para os reconciliar; ella mesma fica completamente fóra do facto, intervem, reconcilia, sem dar cousa alguma de si mesma, a não ser palavras de paz, explicações amaveis.

Um thesoureiro, encarregado de dar esmola, tratar de negocios ou de pagar contas, tira do cofre de seu patrão, sem dispender do que é seu. Elle tambem permanece fóra do negocio que faz.

E quantas vezes já não se representou a Santissima Virgem sob este aspecto? Não a consideram muitas vezes como uma simples intermediaria — como thesoureira das misericordias divinas, — collocando-a fóra do facto... e não permittindo a

sua intervenção nesta obra de reconciliação e de perdão sinão como uma simples "empregada"?

Ora, nada de mais falso e desastroso á verdadeira devoção para com a digna Mãe de Deus e dos homens.

Pensando bem, ver-se-ia que esta maneira de encarar o papel da SS. Virgem é soberanamente injurioso ao Salvador, rebaixa a Santissima Virgem em vez de engrandecel-a, e está em pleno desaccordo com a sã theologia e a doutrina da Egreja.

Deus em suas obras nada faz de incompleto, nem por intervallos.

Sua sabedoria as concebe e realiza em uma unidade magnifica de plano, onde todas as partes se harmonizam desde o principio até ao fim: *Attingens a fine usque ad finem.*

Já que, entretanto, elle quiz servir-se de Maria na obra da Redempção, é necessario que elle continue associando-a a si em todas as applicações desta obra, das quaes a maior e a mais importante, é a communicação da graça.

Esta estreita e falsa concepção, que admitte o Filho de Deus, nascido da Santissima Virgem, e rejeita em seguida a mesma Virgem que lhe deu á luz, é heretica, mas a Egreja Catholica, guarda da verdade, proclama bem alto e repete em todos os tons que em toda a serie dos mysterios do Christo em parte alguma o Homem-novo, o Adão Celeste, está sem a mulher, nem a mulher sem o Homem. (1)

(1) Cor. XI. II.

E' para fazel-o sobresahir claramente que a Egreja chama a SS. Virgem: Mãe dos homens, Co-redemptora, Medianeira, Thesoureira e distribuidora das graças.

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

Antes de distribuir ao genero humano os fructos da redempção, Deus os derramou todos em Maria.

Já que a Santissima Virgem deve ser unida ao Salvador, na hora da salvação do mundo, qual é exactamente o seu papel nesta obra?

Ella é, como o proclamam todos os Santos, a thesoureira e a distribuidora de todas as graças, isto é, que antes de distribuir ao genero humano os fructos da redempção, Deus os derrama todos sobre Maria.

Redempturus humanum genus, diz muito bem S. Bernardo, *proetium universum contulit in Mariam... Totius boni plenitudinem posuit in Maria.*

Todos os dons sobrenaturaes distribuidos com profusão ao commum das creaturas, diz Mons. Gay, (1) antecipadamente Deus já os tinha accumulado nella conforme lhe convinham...

Além disso, elle derrama incontinenti sobre

(1) Mgr. Gay: "Conf. aux mères chrétiennes".

esta creatura, tão perfeita, o oceano todo inteiro dos seus dons sobrenaturaes.

Excepto a graça da união hypostatica, reservada á Humanidade santa e da qual Maria não recebe sinão reflexos, ella possue todas as outras graças, Deus lhe concede tudo...

Virtudes theologaes, moraes, intellectuaes, dons do Espirito Santo, fructos que elle produz na alma dos justos, felicidade que elle creou para elles, formas multiplas, matizes variados, energias diversas de união com Jesus, poderes e operações differentes que disso resultam, graças que constituem os estados, graças fundando ou acompanhando as missões, nada lhe falta, pois ella possue tudo em abundancia.

Maria SS. possue tudo isso em uma medida que só ella é capaz e que foi desde o principio a plenitude desta capacidade.

Finalmente basta-nos dizer que Jesus pertence á Maria.

Ora, Jesus é a plenitude da graça personificada.

Innumeraveis são os testemunhos dos Santos Padres e Doutores sobre este ponto importante.

O Beato de Monfort cita a este respeito um certo numero e resume as principaes idéas conforme o que segue: "Deus Pae, fez um conjuncto de todas as aguas ao qual chamou mar e fez uma aggregação de suas graças a que deu o nome de Maria.

"Este grande Deus possue um thesouro ou um armazem immensamente rico, onde Elle accumula

tudo que ha de bello, de resplandecente, raro e precioso, até seu proprio Filho; e este thesouro immenso não é outro sinão Maria, que os santos chamam thesouro do Senhor, de cuja plenitude os homens são enriquecidos.

"Deus Filho communicou á sua Mãe tudo o que elle adquiriu por sua vida e morte, seus meritos infinitos e suas virtudes admiraveis e fel-a thesoureira de tudo que seu Pae lhe deu como herança.

E' por ella que elle applica seus meritos aos seus membros, que elle communica suas virtudes e distribue suas graças; é seu canal mysterioso, é seu acqueducto, por onde elle faz passar abundante e docemente as suas misericordias.

"Deus Espirito Santo communicou á Maria, sua fiel Esposa, seus dons ineffaveis e escolheu-a para a dispensadora de tudo o que Elle possue".

Accrescentemos ainda a estes testemunhos as bellas palavras do Doutor Angelico: "Maria, diz elle, foi cheia de graça para as distribuir sobre todos os homens. E' muito para um santo ter uma graça tão abundante pela qual elle possa salvar um grande numero de almas, mas possuir a graça sufficiente para salvar todos os homens, seria o maior grau, e este grau se encontra no Christo e em Maria". (1)

No Christo como *fonte*.

Em Maria como *canal*, diz S. Bernardino de Senna: — *Plenitudo gratiae fuit in Christo sicut in Capite influente, in Maria vero, sicut in collo transfundente.* (2)

(1) Comment. de "Ave Maria".

Porque esta plenitude em Maria?

Por causa de sua dignidade de Mãe de Deus e de Mãe dos homens. Como mãe de Deus ella recebe para si mesma. Como mãe dos homens ella recebe para dar.

"O fim e a funcção da maternidade, diz o P. Lhoumeau, (3) são de dar primeiramente a vida, e em seguida o que é necessario para sustental-a e conserval-a.

Mas como ella é Mãe de *todos* os homens, é para *todos* igualmente que ella obtem e distribue a graça".

Em Maria, por consequencia de sua união intima com Jesus Christo, esta união é de certo modo uma graça capital, pois ella possue a excellencia a plenitude que convem á Mãe e medianeira universal de todos os homens.

Mais uma ultima observação, e esta é a conclusão deste capitulo.

A Santissima Virgem não é somente a thesoureira e a distribuidora das graças divinas porém todas as graças que ella distribue se encontram nella . . . ella as possue todas e é de sua superabundancia que nós recebemos. *Plena sibi, superplena nobis* . . .

Ella distribue aquillo de que está repleto.

Com effeito, a graça, como o diremos nos capitulos seguintes, não é uma substancia que possa

(2) Serm. p. 2. Conclus 61 art. 2 Cap. X.
(3) La Vie Spirituelle Ch. II.

existir em si mesma, é um *accidente* que necessariamente deve ter um supporte.

A graça não existe em si mesma, e não póde existir sinão em uma alma, deve pertencer a esta alma, do mesmo modo que a côr, por exemplo, pertence a um objecto que é della revestido.

Comprehendeis para onde estas considerações nos conduzem: Todas as graças dadas aos homens, antes de lhes serem dadas ornaram a alma de Maria, estiveram em Maria, fizeram parte de Maria... E é desta superabundancia que todos nós recebemos — *De cujus plenitudine nos omnes accepimus.*

O' Virgem! O' Mãe! mostrae-vos aos nossos olhos, em toda vossa gloria e em todo o poder de vossa graça, pois nós não nos conhecemos bastante. E' verdade que vós sois muito elevada e que nós rastejamos tão baixo. Mas vós sois nossa Mãe e não deve o filho amar sua mãe e, por conseguinte, conhecel-a?...

CAPITULO XII

A PLENITUDE DE MARIA

Antes de contemplar em todo o esplendor esta ineffavel accumulação de graças que se chama "a plenitude de Maria", não será inutil dar algumas explicações geraes sobre a graça e as diversas plenitudes que os theologos distinguem.

A graça, em geral, *é uma participação á natureza divina.* Esta é a definição do Apostolo São Pedro.

Esta graça é dupla: — 1 *Santificante,* ou principio de vida que nos torna capazes de fazer actos meritorios, 2 — *Actual,* ou acção de Deus, pondo em movimento nossas faculdades.

Indicamos precedentemente (1) o papel da graça actual.

Limitemo-nos aqui á graça santificante.

Que é a graça santificante?...

A theologia nos diz que é uma qualidade que dá á alma sua belleza, seu valor, seu *encanto* para agradar a Deus e ser delle amada.

Tão bella é uma alma em estado de graça e tão bella que é impossivel a Deus não se dar a Ella.

E' por isso que alguns santos comparam-na á veste nupcial, que torna a alma digna de se assentar ao banquete do Cordeiro, e sem a qual não é permittido entrar na sala do festim.

A graça nos merece, pois, a eterna possesão de Deus.

Algumas graças têm por objecto santificar-nos e nos unir a Deus; dá-se-lhes o nome de *"gratia gratum faciens", para distinguil-as* de outra que têm por fim procurar o bem do proximo: são as graças gratuitas *"gratia gratis data".*

A primeira embelleza nossa alma, nos torna amigos de Deus, nos faz agradaveis a elle; donde lhe vem o nome: graça que torna agradavel, *"gratum faciens".*

(1) Cfr. Cap. VI, J. Chr. vivendo em nós.

A segunda, pelo contrario, não nos torna necessariamente amigos de Deus; por si mesma não basta para nos santificar, porque o seu papel é exterior, social: taes são as graças ou os dons de prophecia, das linguas, das curas, dos milagres. Seu fim é o bem das almas e a utilidade da Egreja.

A graça *que torna agradavel* ainda se divide em *actual* e *habitual*.

A primeira é um soccorro transitorio, uma illuminação sobrenatural para a intelligencia, um impulso subito da vontade, que prepara e dispõe para a salvação.

A segunda está habitualmente inclinada sobre nossa alma para conservar-lhe o calor e a vida, dando-lhe um ser novo e permanente, que é um nascimento para a vida divina.

A graça actual é Deus que passa, nos une a Elle e nos santifica por este contacto.

A graça habitual é Deus que permanece e nos faz sentir o toque do Espirito Santo.

Comprehende-se que esta graça póde ser *plenaria* ou *parcial*.

E' parcial, para cada um de nós.

Ella só foi plenaria para cada um de nós.

Ella só foi plenaria para Jesus Christo e para sua divina Mãe, conforme explicaremos aqui.

Esta graça plenaria ou plenitude das graças *"gratia plena"* se divide em plenitude *absoluta*, plenitude de *sufficiencia*, plenitude de *superabundancia* e plenitude de *universalidade*.

A plenitude *absoluta* não existe e nem póde existir sinão em Jesus Christo, pois somente Elle

póde possuir a graça em toda a excellencia e toda intensidade possiveis.

Só elle toca, pela união hypostatica, á fonte infinita das graças, á divindade; e como é impossivel estar mais perto de Deus do que Elle, não se poderá conceber uma graça mais profunda e mais extensa do que a sua. E' a plenitude absoluta, sem limites, até ao ultimo grau, em uma palavra, é o infinito.

A plenitude de sufficiencia é a que torna os justos capazes de fazerem actos meritorios e alcançarem o termo de salvação: é a plenitude commum a todos os santos. (1)

A plenitude de superabundancia, já o podemos advinhar, é o privilevio especial de Maria. E' o que derrama sobre os homens, como um reservatorio muito cheio.

A plenitude de *universalidade*: — são ao mesmo tempo privilegios e dons que foram e serão concedido á Egreja, em toda a duração de sua existencia.

Não ha nenhuma graça que a Egreja, considerada em toda sua totalidade e na duração de sua existencia, não possa e não deva possuir.

Ora, esta plenitude convém tambem á Maria, conforme este principio theologico que "todo favor, toda graça de que gozou qualquer dos Santos foi mais nobre e perfeitamente concedido á Maria, Mãe de Deus".

A fonte, o rio e os regatos têm sua plenitude, mas cada qual de um modo differente; assim tam-

(1) Cfr. S. Thom.: Comm. in Joan. C. J. Lect. X.

bem Jesus Christo, a Santissima Virgem e os Santos.

Jesus é a plenitude da *fonte*, pois elle é o Oceano, sem limites e insondavel onde se póde haurir sempre as aguas da misericordia divina, sem que estas se exgotem jamais.

Os santos têm a plenitude dos *regatos*, correm mais ou menos largos, mais ou menos profundos, porém sempre limitados.

Maria possue a plenitude do rio, rio majestoso e transbordante, que faz chegar até nós as ondas do vasto oceano, que é Jesus Christo. (2)

As precedentes explicações far-nos-ão comprehender agora em toda sua extensão os principios relativos á plenitude de graça da Virgem Immaculada.

A Bulla "Ineffabilis" resumindo em duas palavras todas as graças da Mãe de Jesus, diz que é uma "plenitude de santidade e de innocencia".

Em Jesus Christo a plenitude de santidade é absoluta, pertence-lhe por direito, tão perfeita desde a origem que ella não conhecerá progresso. Mas Elle quer, por graça e de um modo particular, associar Maria a este mysterio de plenitude.

Com relação á Maria Sma. póde-se dizer que a plenitude é seu *caracteristico*.

A graça é uma divina capacidade de receber em si a Santissima Trindade.

A uma plenitude de graça está ligada para Maria uma plenitude á parte, de habitação de Deus nella.

(2) Hugon: "Etudes Theologiques",

A creatura que conterá Aquelle que os mundos não podem conter, é por conseguinte inteiramente habitada por Deus, como jamais o serão os templos mais santos, quer dizer, como jamais o serão os santos e os anjos. (3)

Quanto á plenitude de innocencia, assignalada ainda pela Bulla "Ineffabilis", quem nos dirá as incalculaveis consequencias que della dimanam? — *Praeter Deum nemo assequi cogitandi potest".*

A plenitude de innocencia é a immunidade absoluta do peccado e de tudo o que inclina ao peccado.

Donde se segue que em Maria jamais houve a menor falta, mesmo a mais ligeira; nada do fogo das concupiscencias, pois a graça apagou nella todo o fogo da cubiça "fames peccati", como diz a theologia.

A plenitude de santidade e de innocencia são os dois traços principaes da alma da Sma. Virgem. Todavia isto não é tudo.

Ao mesmo tempo a Bulla nos diz ainda que a Virgem Immaculada foi repleta acima de todos os anjos de "toda a abundancia de todos os dons depositados nos thesouros da divindade". *Omnium charismatum copia de thesauris divinitatis deprompta.*

E como a plenitude de Deus e da graça teria podido tardar a se resolver em luz e em amor? . . .

Primeiramente, plenitude de luz, de luz infusa, permittindo á alma de Maria corresponder

(3) Ch. Sauvé: "Culte du Coeur de Marie".

promptamente ao amor unico de um Deus que fez Maria para si.

A Mãe da Luz devia receber vistas perfeitas e profundas, para que ella pudesse amar como via.

Talvez não lhe dará Deus, a não ser em certos momentos excepcionaes a visão intuitiva, pois Maria, sobre a terra, está pura e simplesmente no tempo da provação, emquanto que Jesus durante sua vida mortal está ao mesmo tempo no céu e na *via*, mas Elle dá uma sciencia infusa que preludia e se assemelha á de Jesus.

A plenitude de luz, como de graça e de innocencia, é feita para se desenvolver logo em caridade e na plenitude do amor. (1)

Desde muito tempo Deus espera o mais perfeito e fiel amor!

Eil-o, — este amor... esta plenitude de amor. Deus é amado emfim, como Elle o merece, e não ha uma creatura que póde dizer com toda verdade: *Dilectus meus mihi et ego illi.*

CAPITULO XIII

A PLENITUDE INICIAL DE MARIA

Quando contemplamos um rio cujas margens se perdem no horizonte, somos forçados a localizar de certo modo nossa attenção e olhar, examinar ponto por ponto as

(1) Cfr. V. de la Colombière: (27.° Sermon pour l'Immac. Conception).

diversas bellezas que ahi se encontram e se succedem.

Assim é tambem, quando se contempla Maria; e assim é sobretudo, quando se fixa o olhar sobre a plenitude de graças accumuladas em sua alma três vezes santa.

Para melhor falarmos desta plenitude, e para penetrarmos mais profundamente tanto quanto é permittido ao olhar do homem contemplar neste abysmo de maravilhas, localizemos tambem nosso estudo e consideremos successivamente a graça da Santissima Virgem no principio de sua existencia: *E' a plenitude inicial.*

Na epoca em que ella se torna Mãe de Deus, é a *plenitude da Maternidade divina*, emfim, no termo de sua vida mortal, é a *plenitude final.*

Estudaremos em seguida, á parte, a plenitude de universalidade, que acabará por nos mostrar a Virgem santa sobre o throno de sua gloria, como sendo verdadeiramente "a grande maravilha", a "obra prima" do Altissimo.

Deixamos passar em silencio a Immaculada Conceição: é um dogma de fé. Por outra parte ninguem ignora as conveniencias rigorosas desta isenção.

O Templo, que o proprio Verbo devia habitar, poderia então ser profanado pelo peccado, um só instante que fosse?... Poderia o opprobrio original macular um só ins-

tante este sangue do qual o Filho de Deus devia nascer e alimentar-se?...

E como poderia a Sma. Virgem esmagar a cabeça da serpente, si a serpente em primeiro logar lhe tivesse feito sentir sua infame mordedura?...

Oh! não, era necessario que fosse pura, santa, sem macula, resplandecente em todo brilho de sua primeira innocencia aquella que era destinada a ser a Reparadora do genero humano, Mãe de Deus e Mãe dos Homens?...

Este privilegio tão magnifico não é porém sinão o lado negativo da plenitude inicial; o que faz toda a sua belleza é a abundancia de graças que estudaremos em seguida.

Resumamos tudo nos dois seguintes principios:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

A plenitude inicial de Maria é superior á graça consummada dos Anjos e dos maiores santos tomados separadamente.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Esta mesma plenitude é superior á graça consummada de todos os Anjos e todos os santos tomados juntamente.

Em Jesus Christo a plenitude primeira foi a plenitude final; nelle não pôde haver nem successão, nem crescimento.

As graças consummadas dos Anjos e dos homens formariam um abysmo immenso, si fossem reunidas juntamente, mas seria possivel sondar este abysmo e ahi ajuntar alguma cousa.

A plenitude inicial de Maria não é uma plenitude consummada, pois ella crescerá, mas já é a *preparação* e o *fundamento* da maternidade divina.

A explicação dos dois principios postos nos mostrará que as bases de uma dignidade de certo modo infinita vem ultrapassar a altura de todas as graças concedidas ás creaturas.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"A plenitude inicial de Maria é superior á graça consummada dos Anjos e dos maiores santos, tomados separadamente".

Este primeiro principio é hoje admittido por todos os theologos.

S. João Damasceno já o ensinava no seu tempo; Suarez, (1) Justino de Miéchon, (2) M. Olier, Santo Affonso de Ligorio, Contenson, etc., todos reproduzem a mesma doutrina:

Duas razões parecem particularmente claras e decisivas.

Desde o primeiro instante Maria é destinada a

(1) De mysteriis vitae Christi D.; 4. s. 1.
(2) 134 Conférence.

ser uma futura Mãe de Deus. E' pois necessario que ella receba a perfeição de uma futura Mãe de Deus, e tambem que sua primeira santificação seja o fundamento da maternidade divina.

Ora, uma dignidade que tem uma especie de infinidade exige egual medida nas graças recebidas. "E' a montanha que ultrapassa o pico das outras montanhas, diz S. Gregorio, pois Maria resplandece acima de todos os santos: *"Mons domus Domini in vertice montium"*.

E' este o sentido que a propria Egreja attribue a estas palavras que ella emprega em sua liturgia.

A segunda razão é que sendo Maria amada acima de todos os anjos mais consummados em santidade, Elle lhe quer mais bem e lhe concede mais graça. (3)

SEGUNDO PRINCIPIO:

Esta mesma plenitude é superior á graça consummada de todos os Anjos e Santos, tomados em conjuncto.

O segundo principio, que estabelece a superioridade da graça inicial de Maria sobre as graças consummadas de todos os anjos e de todos os homens juntos, é combatido por alguns theologos.

Entretanto, digamos logo, este principio se

(3) "Deum diligere magis aliquid nihil aliud est quam ei majus bonum velle; voluntas enim dei est causa bonitatis", (1 p. q. 20, a 4).

apoia sobre bases solidas e é defendido por grande numero de santos e de theologos que trataram da questão.

S. João Damasco (1) S. Gregorio Magno, Justino de Miechow, Cornelio a Lapide, P. Poirier, Vega (2) Contenson (3) S. Affonso de Ligorio (4) Suarez, S. Vicente Ferrer, Belliart, Bossuet, Monsabré, (5) Hugon (6) e quasi todos os autores de Mariologia moderna, são de egual opinião.

Sem estudar pormenorizadamente todas estas autoridades, citemos o raciocinio de Contenson que os resume todos com uma notavel clareza e grande justeza theologica.

"A graça inicial, diz elle, sendo a base e a preparação da Maternidade divina, deve ser *proporcionada* á esta dignidade, pois diz um axioma que toda disposição se mede pela qualidade ultima que ella começa e prepara.

"Aqui a qualidade ultima — isto é: a maternidade divina — é de uma dignidade tão incommensuravel, que excede como que infinitamente as perfeições e as dignidades de todas as creaturas reunidas; pois a primeira santificação, para que tenha uma relação, mesmo longinqua, com esta

(1) II Sermo de Concep. B. V. Mrs. 346.
(2) Theolog. Mariana, n.º 1160.
(3) Theol. Mentis et Cordis — Lib. X, Diss. 6, C. I. op. 2, primo.
(4) Glorias de Maria. II Parte: Sobre a natividade.
(5) Carême de 1887: Le Paradis de l'Incarnation.
(6) La Mère de grâce I, P. Ch. II.

dignidade, deve ultrapassar os dons e as graças de todas as creaturas juntas".

Sem duvida esta primeira santificação não tem ainda a perfeição da segunda, quando Maria se torna Mãe de Deus, mas é a graça inicial, sendo já uma preparação *conveniente*, embora *longinqua*, á esta ineffavel dignidade, preparando assim aVirgem para se tornar uma *digna Mãe* de Deus.

"Prima quidem (perfetio gratiae) quasi dispositiva per quam reddebatur idonea ad hoc quod esset Mater Christi; et haec fuit perfectio sanctificationis". (7)

Ora, ajuntae, accumulae, depois multiplicae com os mais variados estratagemas e calculos, todas as perfeições, toda a santidade de todas as creaturas, e dizei-me si achaes nisto um *digno* fundamento, ou somente um fundamento *conveniente* da maternidade divina.

E em face desta montanha, gigantesca sem duvida, de meritos e de virtudes dos santos, ponde a *dignidade* de Mãe de Deus, e dizei-me si haverá egualdade nisso?...

A comparação é impossivel!

Aqui é possivel o calculo... Lá elle não o é, pois — comquanto permaneçamos sempre no finito — pois se trata de uma dignidade que escapa aos nossos olhos mortaes: Maria se aproxima de Deus muito mais perto que todas estas santidades, e ella devia pois receber mais graças que todos os santos juntos.

(7) Contenson: Op. viy. III. P. q. 27, a 5, ad 2.

Eis mais outro principio theologico que nos conduz á mesma conclusão: "A graça corresponde ao amor", dizem os theologos, e elles accrescentam ainda que "para Deus, amar é produzir a graça!"

Estabeleçamos agora esta premissa de S. Lourenço Justiniano, igualmente admittida em theologia: "Deus ama Maria, mais que todos os santos juntos, pois Elle a contemplava e amava desde toda eternidade como sua futura Mãe".

Tiremos agora a conclusão exigida.

"Si Deus ama a Sma. Virgem mais que todos os santos juntos, Elle lhe confere ao mesmo tempo mais graças que a todos os santos".

"Deus sempre amou a Maria como Mãe, diz Bossuet, (8) e a considerou como tal desde o primeiro momento em que ella foi concebida".

Logo, desde esse momento, podemos accrescentar, Elle lhe conferiu mais graças que a todos os santos juntos.

Esta graça superior, como veremos brevemente, não exclue o progresso, pois por maior que seja, é sempre finita, e em consequencia, pode aperfeiçoar-se sempre.A accumulação do finito póde exceder os nossos calculos, mas nunca poderá alcançar o infinito que é incapaz de crescimento.

Seria prolixo tirar todas as consequencias da graça inicial de Maria; contentamo-nos aqui em dizer que "Maria cheia de graça" era pela mesma razão "cheia de virtude e de dons".

(8) Tom. XI. p. 38

Com effeito, estas riquezas divinas seguem a graça, sempre e em todo o logar, como o calor e a luz acompanham o sol.

A futura Mãe de Deus foi ornada, desde o despertar de sua existencia, de todas as riquezas infusas, que completam o estado de justiça.

E não somente ella foi ornada com estas riquezas, mas como diz a theologia: "as virtudes deviam ser elevadas ao mesmo grau que o seu principio, que é a graça", e a graça da Sma. Virgem sendo extraordinaria, acima de toda concepção, póde e deve dizer-se que ella possuiu todas as virtudes em um grau heroico.

E como ella gozava do uso de razão, desde o primeiro instante e continuará a gozar delle, segundo o ensino commum da theologia, segue-se que desde este momento começou o ineffavel accrescimo de virtudes que ultrapassaram os nossos calculos humanos e nos mostra a Immaculada "cheia de graças" em sua alma, em suas faculdades e até em sua carne immaculada.

CAPITULO XIV

A MATERNIDADE DIVINA

Acabámos de ver o ponto de partida da graça em Maria. Lancemos agora um olhar sobre seu crescimento continuo, como preparação immediata para a Martenidade divina.

Trata-se não do dogma da maternidade divina, mas simplesmente da preparação a este augusto mysterio.

Maria era cheia de graça, desde sua concepção. Em seu nascimento, o augmento em virtude dos meritos, de que falaremos mais adiante, já tomára proporções inconcebiveis para a intelligencia humana.

As graças se amontôam, se accumulam com uma fecundidade por nada impedida. No momento em que o anjo saudou-a, Maria já ficou possuindo a plenitude da maternidade comquanto fosse ainda joven: ella é digna Mãe de Deus.

Effectuou-se pois o milagre, o Verbo se fez carne. E no mesmo momento produziu-se na alma da SS. Virgem uma mudança maravilhosa, sua graça se transforma e passa á uma ordem tão superior que se póde chamal-a desde já uma graça consummada, não porque ella seja o termo ultimo do merito, mas porque fixa e confirma immutavelmente no bem sua vontade já impeccavel. (1) E' o pensamento de S. Thomaz.

A concepção do Filho de Deus, mais efficaz que todos os nossos sacramentos, conferiu á bemaventurada Mãe todas as riquezas do sobrenatural. (2)

Três razões principaes reclamam para a

(1) In conceptione autem Filii Dei "consummata" est ejus gratia, confirmans eam in bono (S. Thom. III. p. q. 27 a 5 ad 2).

(2) P. E. Hugon: Op. cit.

Santissima Virgem, desde esse momento, uma plenitude de superabundancia.

A Theologia marianna fixou estas três razões principios indiscutiveis, que nos assignalamos somente, deixando ao leitor o cuidado de tirar as conclusões fecundas e doutrinaes que dellas dimanam.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Deve haver uma proporção entre a ultima perfeição e a disposição que é encarregada de começal-a.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Quanto mais um ser se une a seu principio, tanto melhor elle recebe sua influencia.

TERCEIRO PRINCIPIO:

A excellencia dos sacramentos, bem como a sua efficacia, cresce á medida que elles nos unem mais a Deus, e o mais perfeito de todos elles é o que contém a virtude divina e a pessoa mesma de Jesus Christo.

QUARTO PRINCIPIO:

A graça corresponde ao amor e se mede por elle.

QUINTO PRINCIPIO:

O amor divino age com tanto maior efficacia quanto melhor é acolhido. Estes cinco

principios bem comprehendidos darão uma idéa, sinão completa, pelo menos profunda e ampla da immensa e incomprehensivel dignidade da Sma. Virgem, como Mãe de Deus.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Deve haver uma proporção entre a ultima perfeição e a disposição que é encarregada de começal-a".

Si a graça do primeiro instante foi tão plena e tão fecunda, que dizer da presente, que é a preparação immediata, final, completa, emquanto que a primeira era ainda longinqua e inacabada?

Para se fazer uma idéa desta graça, é necessario não esquecer que, segundo o principio ennunciado, deve-se medil-a com a propria maternidade, devendo estar ao seu nivel, ultrapassando todas as alturas humanas e angelicas, attingindo os confins da divindade.

Póde resumir-se tudo dizendo que o Verbo tornou sua Mãe digna delle.

Sim, Maria é digna de Deus, é o termo de nossa concepção humana, pois digna de Deus quer dizer que ella tem suas proporções divinas.

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Quanto mais um ser se une a seu principio, tanto melhor elle recebe sua influencia".

Ora, o principio da graça é Jesus Christo: causa principal, por sua divindade, causa instrumental por sua humanidade.

A Virgem Santissima foi entre todas as creaturas a mais aproximada do Christo segundo a humanidade, pois Este recebeu della sua natureza humana.

Logo, Maria devia obter, diz o Doutor Angelico, uma plenitude de graça acima de todas as outras creaturas. (1)

Ella foi tambem a mais proxima á natureza divina, pois a Mãe de Deus pertence á ordem hypostatica e se eleva até aos confins da divindade.

E, aliás, como em N. Senhor são inseparaveis as duas naturezas, quem toca o Christo visivel, toca o Christo-Deus: *Per Christum hominem ad Christum Deum.*

Para comprehender-mos toda a profundeza desta razão, é necessario apresentar aqui um outro principio theologico consoante aos sacramentos.

* * *

TERCEIRO PRINCIPIO:

"A excellencia dos sacramentos, assim como sua efficacia, cresce á medida que nos unem mais a Deus, e de todos o mais perfeito é o que contem a virtude divina e a mesma pessoa de Jesus Christo".

A concepção do Verbo, que traz a Maria a

(1) Thom. III. p. q. 27 a. 5.

virtude e a pessoa de Deus, deve realizar tudo o que a communhão produz e ainda mais. (2)

Na Eucharistia N. Senhor se dá todo inteiro, mas sob apparencias extranhas; na Encarnação Elle se dá todo inteiro a Maria, sob sua forma verdadeira e por um contacto immediato.

Pela Eucharistia elle nos faz viver delle, mas sem viver de nós; na Encarnação elle é formado da substancia de sua Mãe, vive de Maria, como o fructo vive da seiva da arvore.

Todos os effeitos da Eucharistia, todos os extases da communhão são excedidos aqui incomparavelmente...

E quem dirá os effeitos que todos os dias produz o Sacramento de nossos altares! Quanta generosidade, ardor, sacrificio, heroismo elle suscita a cada instante!

Pois bem, a Encarnação do Verbo era para Maria uma communhão continua e uma communhão onde de ambas as partes nada impedia as divinas communicações.

Maria alimentava Jesus, e Jesus alimentava Maria.

A cada onda de vida que a Sma. Virgem communica ao divino infante, este responde por novas ondas de graça e cada movimento que lhe vem de sua Mãe provoca as effusões de seus dons sobrenaturaes.

Não, nada nos póde dar uma idéa desta communhão ininterrupta, incessantemente mais intima,

(2) E. Hugon: Op. cit.

mais generosa e continuando em um augmento de amor e de santidade sem que mesmo o somno venha interromper o curso destas adoraveis communicações.

Repete-se muitas vezes que a Eucharistia é a Encarnação continuada. Mas comprehende-se a significação destes termos?

O que acabámos de dizer a esse respeito dará ao menos uma pallida idéa da impossibilidade de exprimir a inteira relidade.

* * *

QUARTO PRINCIPIO:

"A graça corresponde ao amor e se mede por elle".

Deus ama todos os homens e ama-os de tal modo que nossa fraca razão não o póde explicar.

Si para testemunhar sua ternura, este doce Salvador cada dia creasse uma nova terra e novos céus, nós ficariamos confundidos.

E entretanto que seria isso em comparação com a Eucharistia que é o memorial deste amor levado até ao excesso!

Para vir até nós na Eucharistia, — é este o ensino de todos os theologos — elle deve fazer milagres maiores e mais difficeis que a creação do céu e da terra. (1)

(1) In hac conversione plura sunt difficiliora quam in creatione (S Thom. III p. q. 75a. 8 ad 3).

E este mysterio de caridade continúa sem interrupção em todo o tempo e em todo o logar, milhares de vezes, por dia. Isto nos faz comprehender a bondade de Jesus para cada um de nós, porém não ainda sua ternura para com Maria.

Jesus Christo ama sua Mãe como Deus. Nelle ha três fontes de ternuras que são três abysmos: seu *coração,* sua *alma,* sua *divindade;* e estas três fontes transbordam sobre Maria.

O Salvador vê em sua Mãe uma Mãe de Deus; não póde contemplal-a sem perceber este laço substancial que o une a ella, este laço da ordem hypostatica em virtude do qual Maria toca os confins da divindade.

Ora, como já dissemos, para Deus: amar é dar, é elevar, é crescer, é voar para elle. Si elle ama sua Mãe como Deus, deve pois realizar nella o que é capaz de realizar um amor creador, infinito, deve conceder-lhe abysmos de graças, abysmos esses de que nosso espirito não poderá medir, nem a extensão, nem o amor.

Para penetrar mais profundamente ainda nesta ineffavel e consoladora verdade, vejamos um pouco qual foi o amor, com que em retribuição a Sma. Virgem amava Jesus.

Um principio theologico far-nos-á entrever em um relance de olhos este novo abysmo.

* * *

QUINTO PRINCIPIO:

"O amor divino age com tanto maior efficacia quanto melhor é acolhido".

E' natural, com effeito, e na mesma ordem que a graça é concedida mais abundantemente qaundo a alma que a recebe responde melhor, corresponde mais completamente a este amor attencioso e gratuito.

Indiquemos somente os pontos principaes.

O amor de Maria é um amor *maternal*.

Ora, sabe-se de que heroismo são capazes as mães e como depressa o coração dellas attinge o sublime.

E notae que Maria não tem as fraquezas das outras mães; ella possue as suas sublimidades, porém sem imperfeição e sem partilha.

Seu Filho pertence-lhe inteiramente, pois nenhuma outra creatura concorreu para este parto pois não possue outro sinão elle.

E' um facto singular, são ternuras de um genero á parte, cujos matizes e delicadezas é impossivel descobrir.

Em segundo logar é um amor de *Mãe Virgem*.

E' facto de experiencia e um principio de psychologia que "o coração se torna generoso e amante na medida que é mais puro".

Entre as outras mães a affeição é mais ou menos dividida; o coração não sendo mais virgem, não pertence inteiramente á criança.

O coração de Maria, mais virginal ainda, pela maternidade, não contém uma só parcella que não seja inteiramente repleta de amor por Jesus. "Ella ama, diz S. Bernardo, de todo o seu coração, de toda sua alma, com todas as suas forças, tornando-

se deste modo Mãe de amor d'Aquelle cujo Pae é o amor de Deus". (2)

Detenhamo-nos em frente desta accumulação de graça na Virgem Immaculada, pois nos é necessario terminar, e concluamos por estas bellas palavras de um profundo theologo: (3) "Maria amou o Christo com um coração de Mãe Virgem, com um coração de santa, com um coração que possue qualquer cousa de divino, pois a uma maternidade divina convém ternuras divinas.

Amor do Filho á Mãe, amor da Mãe ao Filho, ambos são insondaveis, e dos dois resulta este oceano de graças que é um dos abysmos da Encarnação".

CAPITULO XV

A PLENITUDE FINAL

A alma de Maria foi pois realmente enriquecida de todos os thesouros da graça divina.

Esta graça, tão immensa desde o principio, estava entretanto longe de haver attingido o limite de sua perfeição; ella póde

(2) Esta passagem sublime de S. Bernardo é quasi intraduzivel em nossa lingua. Citamol-a aqui inteiramente: Ut nullam in pectore Virginali particulam vacuam amore relinqueret, sed toto corde, tota anima, tota virtute diligeret et fieret mater caritatis cujus Pater est caritas Dei. (S. Bern. Serm. XXIX, in Cant. n.° 8).

(3) P. E. Hugon: Etudes theologiques: Op. cit.

crescer de dia em dia até a Annunciação: nenhum theologo negou-a nem póde negal-a.

A partir do momento em que Maria concebeu o Filho de Deus em seu seio, alguns theologos com Scot (1) pretendem que a graça da Virgem Mãe tenha sido consummada em sua medida e não foi mais susceptivel de uma plenitude nova.

Tem-se procurado apoiar esta opinião que Suarez qualifica de não provavel, sobre a autoridade de Santo Thomaz, mas parecenos que o texto do doutor Angelico que os adversarios citam, não prova o que elles querem fazel-o provar.

Elle diz, com effeito: "A graça da Virgem foi *consummada* na concepção de seu Filho". (2) mas o sentido desta palavra não é que esta graça deva marcar o termo do merito e excluir todo o progresso ulterior; elle chama graça *consummada* a segunda santificação que, sendo uma nova causa de impeccabilidade, confirma nova e immutavelmente a vontade no bem: *"confirmans eam in bonum"*.

Elle distingue três plenitudes ou graus de perfeição na santidade de Maria: a graça inicial — a maternidade divina — e a graça

(1) E' tambem esta a these de Pedro o Veneravel (Epist. VII lib. III) — de Alexandre de Halés (III P. ". 8. mem. 3, a 2, ad I) e de Almain (III dist. 3 q. III).

(2) III. P. " . 27, a 5 ad 2.

final que foi consummada no momento da glorificação

A segunda plenitude, ajunta o grande doutor, é superior á primeira, e a terceira plenitude é superior á segunda santificação. (3)

Seria possivel dizer-se em termos explicitos que ha um crescimento até o dia da glorificação celeste? . . .

Aliás, a impossibilidade de crescer em graça devia vir, ou do lado da graça ou do lado de Maria.

Não se póde dizer que a graça alcançou o termo ultimo, pois que, tendo capacidade que se alarga indefinidamente, sua medida como a do amor, é ser sem medida: modus *sine modo diligere*. (4)

Aliás, creatura alguma, nem mesmo Maria, é capaz de exgotar o que se dilata sem fim.

De certo modo não se póde dizer que o obstaculo vem de Maria, pois ella permanece sempre nas condições ordinarias de *via*.

E, além disso, não convém que riquezas tão extraordinarias sejam condemnadas a permanecer improductivas.

A graça foi, pois, augmentada até a morte da Sma. Virgem, sendo que para este augmento concorreram três causas: o *merito* o

(3) Quod autem secunda perfectio sit potior quam prima, et tertia quam secunda patet... (C. D. Thom. P. q. a 5, ad 2).

(4) S. Bern.: De diligendo. Deo. Cap. I.

uso dos Sacramentos, os mysterios sobrenaturaes nos quaes a Virgem bemdita tomou parte influente.

Nos três principios que seguem resumiremos estas três causas.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

A SS. Virgem poude merecer continuamente e mereceu até ao fim de sua vida.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Maria recebeu os Sacramentos que ella podia receber.

TERCEIRO PRINCIPIO:

A presença do Salvador era para Maria uma causa contínua de santidade.

Estas três fontes de graça, largamente abertas para a Mãe de Jesus, nos mostrarão a que plenitude ella chegou no momento em que devia deixar este mundo, para tomar posse de seu trono de rainha do céu.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Que a Mãe de Deus tenha podido merecer continuamente, não póde haver duvida alguma. O argumento é de Santo Thomaz: "Todo acto bom

se refere ao fim de uma virtude, toda virtude converge para o fim da caridade, pois esta é rainha que manda a todas as virtudes, como a vontade manda a todas as potencias.

Todos os actos bons se relacionam pois com o fim de caridade, recebem sua influencia, deste modo se tornam meritorios. As acções que escapam a este imperio universal estão necessariamente fóra do fim ultimo, desregradas, sem merecimentos". (1)

Ora, na Mãe de Deus nada ha de desordenado, todos os actos deliberados são bons, todos os actos bons são cercados de merito. Qual será pois a somma destes thesouros espirituaes no fim de sua gloriosa existencia? . . .

Mas, si jamais a menor falta veio cortar a trama de seus meritos, não terá havido pelo menos uma interrupção produzida pelos actos não deliberados?

S. Ambrosio, Suarez, Contenson e diversos outros theologos consideram como certo jamais ter havido nella acção irreflectida, ao menos durante o tempo de *vigilia*.

Esta actividade sempre em acção não absorvia a Mãe de Deus e nem prejudicava em nada o exercicio regular de suas faculdades, do mesmo modo que em Jesus Christo a visão beatifica e a sciencia infusa não impediam em nada o jogo normal da vida humana.

O proprio somno não interrompeu a continuidade dos seus meritos, dizem os Santos Padres

(1) S. Thomaz. II Dist. 40, q. I, a. 5.

e os theologos, S. Bernardino, Canisio, Suarez, de Rhodes, S. Alberto Magno, S. Boaventura, S. Bernardo, Contenson, P. Terrien, P. Hugon, etc.

"Emquanto o corpo dormia, diz S. Ambrosio, o espirito velava: *ut dum quiesceret corpus, vigilaret animus*". (2)

"A Bemaventurada Virgem, accrescenta S. Bernardo, emquanto dormia estava sempre em contemplação muito mais elevada do que qualquer outro santo durante o tempo de vigilia".

Logo, desde o momento bemdito em que começou sua existencia até o momento que poz fim á sua vida, a gloriosa Virgem não conheceu a menor interrupção nos actos de seu livre arbitrio, nem na série de seus meritos, pois todos os seus actos livres foram meritorios. (3)

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

O uso das Sacramentos.

Maria recebeu os Sacramentos que podia receber. (4) Entre os sacramentos ha três que ella era incapaz de receber: A *Ordem*, que faz os sacerdotes; a *Penitencia*, por falta de materia necessaria; e o *Matrimonio* não tinha sido ainda elevado á dignidade de sacramento, quando ella se uniu a José.

(2) Lib. II — De Virginibus.
(3) P. E. Hugon: Op. cit.
(4) Cfr. P. Terrien: Mère de Dieu, libre VII. C. III

Três outros sacramentos foram recebidos por ella: o *Baptismo*, não para apagar nella o peccado original, pois ella tinha sido preservada delle, mas para ter como todos os fieis o sêlo eterno do caracter, para adquirir deste modo uma semelhança particular com Jesus Christo e os Christãos e imprimir em si de novo o sinete da Paixão de que o Baptismo é o signal e a figura. (4) e dar a todos o exemplo de obdiencia e humildade.

Os theologos são quasi unanimes sobre este assumpto, mas parece-nos que alguns se enganam a respeito das razões do baptismo.

Varios dentre elles aliás notaveis ensinam que Maria recebeu o baptismo: para ter direito aos outros sacramentos e tornar-se membro da Egreja.

Estas duas razões são de pouco valor e conduzem facilmente ao erro, fazendo crer que sem peccado original não se poderia receber nenhum sacramento, nem ser membro da Egreja.

Não é o sacramento, como tal, que nos confere estes dois direitos, mas o afastamento, por meio delle, daquillo que é obstaculo á recepção dos sacramentos e á nossa incorporação na Egreja — o peccado original.

A Maternidade divina de Maria é um titulo sufficiente á toda herança de Christo, e não havia necessidade de um rito sensivel para incorporal-a na Egreja.

A *Eucharistia* que a Virgem Immaculada recebia muitas vezes, todos os dias, com o privilegio de conservar em seu coração a Sagrada Hostia,

(5) Cfr. S. Thom. m. IV. dist. 6 - q - I, a 1, sol. 3.

de uma communhão á outra, N. Senhor não tendo ainda tabernaculo, onde se conservasse seu corpo adoravel, e querendo, conforme sua promessa, permanecer continuamente comnosco, fez do coração de sua Mãe seu primeiro Tabernaculo e seu primeiro Ciborio.

A *Confirmação* recebida por Maria e pelos apostolos, no dia de Pentecostes, não quanto ao signal sensivel, que constitue este sacramento, mas quanto aos effeitos, que são o caracter indelevel, a graça e a abundancia do Espirito Santo.

Falta ainda a *Extrema-Uncção* que levanta controversias. De ambos os lados ha eminentes theologos. Santo Alberto Magno, Santo Antonio, S. Bernardino de Senna, de Rhodes, Suarez e muitos outros crêem que provavelmente a Extrema-Uncção foi dada a Maria, porque, diz Suarez, si *ella* o recebeu não foi tanto pelo fructo do sacramento, mas para dar o exemplo de humildade e edificação aos fieis.

Entretanto, um grande numero de theologos, sobretudo entre os recentes, refutam esta opinião, dizendo que Maria não podia ser o sujeito deste sacramento. O argumento delles é serio, solido e nos parece muito provavel.

A Extra-Uncção, com effeito, contém duas cousas, que não se pódem applicar á Maria: primeiramente é um *remedio* contra as consequencias e contra a pena temporal do peccado e deve reagir contra as fraquezas e as afflicções, bem como fortalecer nos ultimos assaltos do inferno. Em seguida o

sujeito desde sacramento é o fiel atacado de uma doença grave.

Ora, nada de tudo isto se póde applicar á Maria. Nenhuma afflicção, nenhuma tentação podia abatel-a. Ella não soffreu nenhuma doença, nenhuma enfermidade; mesmo depois de idosa o seu corpo não se tinha debilitado, e só o amor foi capaz de retirar a alma deste bello templo onde nada havia annunciado nem prégado ruinas.

E' verdade que os primeiro refutam este argumento dizendo que a forma deste sacramento não suppõe necessariamente enfermidades a expiar, mas póde significar tambem: "Que Deus perdôa vossos peccados, si os tiverdes".

Entretanto, considerando tudo, a opinião que adianta que Maria não póde receber a Extrema Uncção nos parece mais provavel e mais gloriosa para Maria.

* * *

TERCEIRO PRINCIPIO:

Os mysterios sobrenaturaes em que Maria tomou uma grande parte.

Estes mysterios são principalmente a Encarnação e a Redempção. Contenson, resumindo o ensino tradicional, assignala no numero de suas causas a Concepção do Verbo, a presença do Salvador no seio de Maria, em seus braços, sobre seu

coração; a morte de Jesus; a descida do Espirito Santo. (1)

Em grau de continuidade a presença do Salvador era causa de santidade para Maria? E' difficil para se determinar. Os theologos não concordam a respeito deste assumpto. Uns pensam que isto foi somente em certos momentos; outros — e a opinião destes é mais provavel —, dizem que isto se deu a cada instante. A presença do Verbo, com effeito, era para ella uma causa permanente de santidade.

Parece que este principio soberanamente efficaz devia realizar seus effeitos, com tanta infallibilidade, quanto menos obstaculos elle encontrasse da parte do sujeito. E' tambem a opinião do Bemaventurado Canisio.

Vem em seguida o mysterio da Redempção.

Que momento para Maria! Que participação e em troca quantas graças, que nova plenitude para Maria, como coredemptora do genero humano!

O martyrio é para os santos uma causa de graça, e o é para cada um delles em particular. Reuni agora os martyrios dolorosos de todos os santos: que immensidade de graças!

Pois bem: o martyrio de Maria — todos os theologos o confessam — é superior ás torturas de todos os martyres, como o seu amor é superior ao amor de todos elles juntos. Ponderae, calculae e apreciae a graça da coredemptora divina.

(1) Contenson: Lib. X. dissert. VI, capt. I. Speculat. II quinto.

Desde essa hora Jesus creava na Santissima Virgem um novo coração de Mãe.

Pronunciando a grande palavra: *Eis teu filho!*, elle derramou em seu coração um amor bastante amplo para envolver a humanidade inteira; bastante forte para soccorrer a todos os infortunios; bastante terno para adoçar as amarguras de todas as esperanças frustradas.

O testamento do Calvario instituiu Maria Mãe da humanidade, o mysterio de Pentecostes vae dar-lhe a suprema confirmação, a plenitude dos dons, das graças e a confirmação na santidade. Isto foi a sagração definitiva de sua maternidade mystica e a consummação de sua santidade.

Todas as profundezas de sua alma estão repletas: a graça augmentada sem cessar desde o primeiro instante pelos accrescimos dos meritos, pela efficacia dos sacramentos, pela virtude dos mysterios chegou até o seu ultimo gráu: aqui ella deve parar e transformar-se *em gloria*.

CAPITULO XVI

O CRESCIMENTO PELA VIRTUDE

A graça immensa e incalculavel da Virgem Immaculada devia transformar-se em gloria, diziamos nós ao terminar o capitulo precedente.

Assim devia ser, com effeito, no fim de sua existencia mortal. Mas, para collocar

em um quadro unico tudo o que se relacionava com as fontes productoras da graça em Maria, antecipámos esta hora da consummação final.

Temos pois que voltar e contemplar ainda a propria vida da Immaculada.

Desta vez sob um outro aspecto, porém sob uma luz não menos scintillante e divinamente bella do que esta que acabámos de estudar.

O uso dos sacramentos e a participação nos mysterios da Encarnação e da Redempção, produziram em Maria a graça *"ex opere operato"*, como dizem os theologos, mas houve ainda em Maria um outro crescimento de graças chamado *"ex opere operantis"*, pela correspondencia fiel ás graças recebidas pelos mais perfeitos, mais frequentes e os mais fervorosos actos de virtude.

Não entra em nosso plano tratar pormenorizadamente das virtudes de Maria; já o fizemos em nosso livro: "Porque eu amo a Maria", nem da imitação de suas virtudes, o que já fizemos em o livro: "Como amo a Maria".

Por isso basta collocar aqui os principios destas virtudes e consideral-as como meios de augmentar a graça santificante.

Em todo acto de virtude é necessario considerar tres cousas: a *perfeição substancial*, o *fervor*, o *numero*.

Comecemos por fixar sobre cada um

destes três pontos um pricipio theologico que, desde o principio, indique o caminho a seguir e ao mesmo tempo nos dá uma idéa do conjuncto destas três faces da virtude.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Quanto mais é excellente uma virtude em seu objecto, tanto mais é meritorio o acto de virtude.

SEGUNDO PRINCIPIO:

O augmento da santidade e dos meritos está em relação com o fervor dos actos, com a caridade que os anima com a intenção e o desejo de agradar a Deus.

TERCEIRO PRINCIPIO:

Desde o momento de sua concepção até a sua morte, Maria não conheceu a menor interrupção nos actos de seu livre arbitrio, nem na série de seus meritos, sendo livres os seus actos.

Estes três principios são admittidos por todos os theologos. Sómente o ultimo tem sido contradicto por alguns, mas como dissemos precedentemente, elle é ensinado por S. Ambrosio, (1) S. Agostinho, S. Bernardino de Senna (2) S. Thomas, Canisio, de

(1) Lib. II De Virginibus.
(2) Tom. III, Serm. IV. art. I. ch. II.

Rhodes, Alberto Magno, S. Boaventura, S. Bernardo, S. Francisco de Salles (3), Suarez, (4) Contenson (5), P. Terrien (6), P. Hugon (7) Petitalot (8) e por um grande numero de outros escriptores.

Aliás, estes ultimos deram provas taes de sua asserção, que aquelles que reinvidicavam uma interrupção dos actos meritorios, durante o somno não puderam responder de uma maneira satisfactoria, nem sequer formular um principio provavel.

A' luz destes principios examinemos agora as virtudes de Maria.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Quanto mais uma virtude é excellente em séu objecto, tanto mais o acto desta virtude é meritorio".

Ora, tal foi a perfeição dos actos com que a Virgem, Mãe de Deus, operou suas acções, que é impossivel imaginar actos mais perfeitos.

Santo Thomaz divide muito a proposito a vida da Santissima Virgem em três partes: da

(3) Tratado do amor de Deus. Livro III cap. VIII.
(4) De mysteriis vitae Christi, d. 18, sect. 2.
(5) Lib. X. dissert. VI. capt. I Speculat. II, 50.
(6) A Mãe de Deus. Tom. II. Livro III, capt. I.
(7) A Mãe da graça. Primeira parte. cap. V
(8) A Virgem Maria. Tom. II. cap. XVII.

concepção de Maria á de Jesus, da Encarnação á morte do Salvador, da Paixão de Jesus á Assumpção de sua Mãe.

Durante estes três periodos, quantas virtudes não praticou ella!

Em seu primeiro estado, antes de sua elevação á divina Maternidade, Maria passa onze annos no Sanctuario, unida a Deus pelas mais sublimes contemplações, abrazada em uma tão ardente caridade, que as virtudes que ella observa são disposições muitissimo convenientes para determinarem a escolha de Deus.

E quanta santidade não era necessaria, para que uma mulher se tornasse digna de dar á luz o proprio Filho de Deus, de operar no tempo o que Deus fez na eternidade, de fornecer sua substancia ao proprio Verbo, a quem Deus Pae communica a sua propria substancia?...

Ja não seria necessaria uma bôa medida, abundante, calcada e accumulada, uma medida excedendo toda medida —*Mensuram bonam, et confertam et cagitata met supereffluentem?* (1)

Vem a segunda parte, tão santa quão activa, mais directamente empregada no serviço do Filho de Deus.

Maria o recebe em seu seio, o dá á luz, amamenta-o, o instrue, segue-lhe os passos, ouve suas prégações, o vê morrer, resuscitar, subir ao céu.

A vida activa terá actos mais dignos que o de dar a vida a Deus, nutril-o, conserval-o, operar com elle a salvação do mundo?...

(1) S. Luc. VI, 38.

E que dizer dos actos interiores de Maria, no momento da saudação angelica, no momento em que ella encerrou em seu seio o Verbo Encarnado, que o levou ao Egypto, que gozou de sua companhia em Nazareth, que foi testemunha de seus prodigios, que ouviu sua doutrina, que esteve ao pé de sua cruz?

Só o consentimento dado a Gabriel por estas palavras: *Eis aqui a serva do Senhor!* — foi, dizem os Santos Padres, de um preço tão elevado que mereceu a Encarnação em suas varias circumstancias; qual será pois o valor de tantas acções, de tantos pensamentos, de tantas virtudes, durante tantos annos?

O terceiro periodo da vida da Santissima Virgem foi principalmente contemplativa. Mas que contemplação, que suave e divino extase!...

E ao mesmo tempo Maria não abandona as funcções de uma vida toda apostolica, seguindo João a Epheso, instruindo os apostolos, fortificando os fieis, propagando a Egreja do Christo.

Suas obras reunem pois todos os meritos, todas as perfeições, tanto da vida activa como da vida contemplativa.

E depois disto quem poderá avaliar os seus actos de virtude?

Si, como ennunciámos, o merito depende em seu objecto da excellencia da virtude, que objecto mais excellente que o proprio Jesus Christo, podem ter as virtudes?

O objecto das virtudes de Maria era real, immediata ou mediatamente a pessoa de Jesus, objecto

infinito. Não seria necessario que o merito destas virtudes fosse, de certo modo, sem limites, indefinido?...

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

"O augmento da santidade está em relação com o fervor dos actos, com a caridade que os anima, com a intenção e o desejo de agradar a Deus".

O que Deus considera é menos o que nós fazemos do que o amor com que o fazemos; a caridade é o mais eminente dos dons celestes, a plenitude da lei, a perfeição da virtude.

Donde se segue que si todos os actos da bemaventurada Virgem tivessem sido em si mesmos e substancialmente muito imperfeitos e indifferentes, teriam sido de um valor quasi infinito na caridade perfeita da qual elles procediam, no grande amor com o qual eram executados.

Não houve nenhuma acção exterior da Virgem, nenhum movimento interior que não tenha sido fervoroso: ella agia sempre com toda a força da graça, com todo o habito da caridade; ella cooperava inteiramente com soccorros divinos e pagava a Deus em toda a medida do possivel amor com amor. (2)

(2) P. Petitalot: La Vierge Mère. Tom. II, cap. VXIII.

* * *

TERCEIRO PRINCIPIO:

"Desde o momento de sua concepção até sua morte, Maria não conheceu a menor interrupção nos actos meritorios".

Nada de mais simples, com effeito. Já citamos o raciocinio de Santo Thomaz. (3) Resumamol-o aqui, para melhor graval-o no espirito e applical-o ao assumpto.

Todo acto deliberado é bom ou mau. Em Maria todos os actos foram bons; logo, todos foram coroados de merito.

E qual não foi a multidão destes actos dignissimos em si mesmos, tão cheios de fervor?

O numero ultrapassa as areias do mar, as gottas dagua do Oceano.

Nenhuma hora, nenhum segundo houve, durante o somno, como durante o tempo de vigilia, que não tenha augmentado os meritos de Maria.

Estas considerações não nos fazem ficar como que em delirio?...

Detenhamo-nos, piedoso filho de Maria, lancemo-nos um instante aos pés desta ineffavel creatura, tão elevada, tão grande e entretanto tão proxima de nós por aquillo mesmo que a eleva, pela sua maternidade divina.

Demoremo-nos nesta simples asserção theologica: Maria é mais amada que todas as creaturas;

(3) Cfr. cap. precedente.

logo, ella tem mais graça que todas as creaturas juntas, pois a graça se mede pelo amor.

Mas isto é dizer pouco ainda. No primeiro instante de sua vida, a graça de Maria já ultrapassava o cume de todas as santidades reunidas. (1)

Já vimos como ella augmentou e se transformou no momento da Encarnação; como ella foi augmentada indefinidamente pelo accrescimo dos meritos, pelos sacramentos e pela prática da virtude.

Já póde dizer-se que a plenitude inicial se tornou insondavel, e o crescimento mais prodigioso ainda. Como pois apreciar a plenitude final?...

O melhor é quedar-se em muda admiração, como fizeram os santos.

"A graça desta mulher é ineffavel, merece a estupefação de todos os seculos". (2)

"Tudo o que ha de grande é menor que a Santissima Virgem; somente o Creador ultrapassa esta creatura". (3)

CAPITULO XVII

AS VIRTUDES DE MARIA

As virtudes da Bemaventurada Virgem!

Como falar dignamente a respeito dellas?... Como fazer uma idéa dellas?...

Os santos e os theologos tratando deste assumpto sentem como que certo embaraço em suas

(1) Cfr. cap. XIII. 2.º principio.
(2) S. Epiphanio: De excellentia Virg. cap. III.
(3) São Pedro Damião — Sermão do Natal.

expressões, não sabendo exprimir o que lhes vae n'alma.

De facto, tal é o abysmo, que as nossas fracas concepções ahi se perdem, e sentimos difficuldade em formular um principio ou uma regra. E' que as virtudes da Virgem immaculada são o producto directo de sua graça. Estava *cheia* de graça; logo, foi tambem *cheia* de virtude, como no céu ella está *cheia* de gloria. São estas as três plenitudes que se succedem, se completam, se corôam mutuamente.

S. Pedro Damião nomeia Maria: *Conventus omnium virtutum.* (4) — Assembléa de todas as virtudes.

S. João Chrysostomo: *paradisus deliciarum,* paraiso de delicias espirituaes, pelo brilho de suas virtudes.

E, de facto, não é justo, diz S. Justino Martyr, que Deus tenha escolhido para seu Filho uma Mãe, cujas virtudes a elevassem acida de todas as mães das outras creaturas?

Era necessario que ella illuminasse o mundo pelo brilho extraordinario de seus exemplos: este pensamento é de S. Boaventura, apoiando-o S. Hildegardes, dizendo que a gloriosa Virgem foi a pedra preciosa da qual o Verbo divino tirou todas as virtudes, do mesmo modo que no começo do mundo formou todas as creaturas da massa confusa da terra. (5)

(4) São Pedro Damião — Cap. I.
(5) Cfr. nossa obra: Como amo a Maria. III parte. C. IX.

Experimentemos fazer uma idéa tão clara e precisa quão possivel das virtudes de nossa doce Rainha, considerando-a sob o ponto de vista theologico, sem comtudo entrar em pormenores a respeito das differentes virtudes por ella praticadas, o que aliás já fizemos n'outra parte.

Contentemo-nos em fixar aqui como que o esqueleto destas virtudes que cada um pela oração e reflexão revestirá de carne, de nervos, de pelle e de pormenores praticos.

Ponhamos primeiramente um principio incontestavel:

"Todas as virtudes theologaes moraes foram tão perfeitas em Maria, que é impossivel a um espirito creado conceber toda a perfeição dellas".

Este principio abre aos olhos da alma um horizonte insondavel, mas real.

Reflictamos. A perfeição das virtudes de Maria deve estar em relação com três prerogativas incomprehensiveis, a saber:

1.° — A dignidade de Mãe de Deus.
2.° — A graça santificante concedida a esta creatura privilegiada.
3.° — O amor de Deus para com ella.

Em primeiro logar, as virtudes de Maria devem estar á altura de sua dignidade.

Não foi por estas virtudes que Maria se dispoz convenientemente para a maternidade divina? . . .

Tornando-se Mãe, ella recebeu sem duvida uma semelhança nova e mais perfeita com o Deus

que ella gerou. Mas d'onde vem esta semelhança, sinão das virtudes?

Para conhecer e comprehender as virtudes da Immaculada, seria necessario comprehender sua dignidade de Mãe de Deus; ora, esta dignidade é tal que, no dizer dos santos e theologos, a propria Sma. Virgem não póde comprehendel-a completamente. Só Deus tem esse privilegio, porque somente Elle comprehende a si mesmo tal qual é; comprehender o que é uma Mãe de Deus seria comprehender o que é Deus, pois a dignidade da Mãe provém da dignidade do Filho.

A segunda medida da Virgem Immaculada é a graça santificante.

"De facto, dizem os theologos, as virtudes de Maria devem ser elevadas ao mesmo grau que seu principio, a graça",. Conforme este principio, é que deveis medir as virtudes de Maria.

Ao mesmo tempo que estas virtudes multiplicavam as graças, cresciam com a graça e na mesma proporção: ellas se elevavam, subiam, alcançavam tal altura, que nem o olhar do homem, nem o olhar do anjo poderiam attingir. E' necessario contentar-nos com a palavra do anjo: *"gratia plena"* — cheia de graça; logo, cheia de virtudes".

Querer medir esta "plenitude" seria mil vezes mais difficil e mais impossivel que medir a immensidade do firmamento marchetado de globos luminosos, dos quaes si um só se deslocasse, esmagaria nossa pequenina terra.

A terceira medida das virtudes da divina Mãe é o amor de Deus para com ella.

Deus ama o que é amavel: a virtude. Logo, si Elle amou Maria mais que todas as outras creaturas, e nella achou mais delicias, é que Elle via em seu coração todas as virtudes possiveis, com toda a perfeição possivel.

Um dos principios que é muitas vezes tomado como referente ao mesmo assumpto e que é muito exacto, é este: *a graça corresponde ao amor e por elle se mede*, donde podemos concluir que Maria ha pouco tornada "cheia de graça" o é tambem "cheia de amor de Deus para com ella"; em outras virtudes, ella é amada por Deus na medida da plenitude de graças que nella foram por Elle depositadas. . .

Sem duvida, Jesus Christo amou seus Apostolos, ama seus santos, ama a todos nós infinitamente, pois elle nos deu seus suores, suas lagrimas, todo seu coração, todo seu sangue, toda sua humanidade e toda sua divindade.

A Eucharistia é o memorial deste amor levado até o excesso. Si, para nos testemunhar sua ternura, creasse Deus cada dia nova terra e novos céus, ficariamos confundidos.

Pois bem! para vir até nós, na Eucharistia, elle deve fazer milagres maiores e mais difficeis que a creação da terra e do céu.

Deus ama Maria com um amor unico em seu genero, com um amor filial, isto é, com um amor que contém tudo o que ha de mais delicado na natureza e no sobrenatural, com amor de um Deus para com uma digna Mãe de Deus.

Depois disto medi o que devem ser as virtudes da Virgem Immaculada. Virtudes sem numero e

sem nome, virtudes que só são sobrepujadas pelas virtudes de Jesus Christo, virtudes que o céu não póde egualar, que a terra só admirou uma vez e não tornará mais a ver: "Era a *plenitude da virtude*".

O' Maria, ó doce e arrebatadora Mãe, em face de tanta belleza é necessario determo-nos, é preciso calar, e só uma muda admiração é um louvor que não tira o brilho de suas virtudes, assim como só a vossa imitação é capaz de vos comprehender e vos saborear, como o Altissimo quer que sejaes comprehendida.

CAPITULO XVIII

A PROPORÇÃO DO CRESCIMENTO DA GRAÇA

Já percorremos as principaes causas dos meritos da Virgem Maria. Falta somente uma ultima causa não menos importante e que reune como que em um só feixe, melhor, em uma especie de "Sol" todos os raios esparsos que até aqui analysámos.

Pelo que já vimos, o espirito humano deve comprehender sua impotencia ao apprehender esta "Maravilha do Altissimo" que se chama a Mãe de Deus.

Tantas bellezas moraes, tantas graças nos causam admiração; sente-se que o que se

póde dizer a esse respeito nada é do que se teria e deveria dizer ainda.

No assumpto que temos a tratar aqui, encontra-se o abysmo hiante, sem medida, ultrapassando todas as nossas concepções e todos os nossos calculos. Para termos um pequeno summario da proporção do crescimento da graça santificante em Maria, varios theologos, como Suarez, Justino de Miechow, de Rhodes, Véga, S. Ligorio, Combalot e quasi todos os modernos, têm recorrido aos algarismos, averiguando sua impotencia, para exprimir em palavras o que seu espirito concebe a respeito da graça de Maria.

Afim de proceder com clareza e precisão, ponhamos desde o inicio os principios theologicos sobre os quaes repousam estes calculos.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Todo acto bom produz uma graça egual ao proprio acto".

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Maria agiu sempre segundo sua força e conforme toda a virtude da graça e do habito que nella estavam; em Maria não se póde suppor nem negligencia, nem tibieza".

Destes dois principios, que podem, servir de premissas, póde tirar-se a conclusão immediatamente.

Si todo acto bom produz uma graça igual ao proprio acto, e si todos os actos de Maria foram feitos com todo o fervor e todo o amor que Deus lhe deu, sem que jamais alguma negligencia tenha interrompido seus actos, é necessario admittir que a santidade de Maria foi duplicada por cada um de seus actos.

Por um lado uma graça, que opera segundo toda sua energia, revoca uma graça igual e por conseguinte duplica-se a si mesma; por outro lado a graça de Maria foi sempre activa, e activa segundo toda a sua potencia; logo, se avaliarmos a graça de Maria, em um dado momento a cem gráos, o acto de amor que seguir ajuntará cem gráos novos; o segundo acto, produzido por um acto de duzentos valia duzentos outros; o terceiro produzido por quatrocentos gráos eleva a somma de santidade a oitocentos gráos; o quarto a mil e seis centos, o quinto a 3 mil e duzentos; etc.

Procedendo deste modo, no trigesimo dia chegareis a um total de 26 bilhões, 442 milhões, 742 mil e seicentos.

O que seria, si quizessemos calcular até o centesimo, até o millesimo, etc?... até o fim de sua vida... digamos, mesmo depois de um anno este augmento se tornaria inexplicavel e incomprehensivel. (1)

Vinde, pois, mathematicos, contae, supputae, collocae algarismos após algarismos, passae vossa vida a alinhar numeros, e depressa estará exgotada

(1) J. de Miechow: 137, Conf. sur les litanies.

vossa sciencia e não tereis ainda escripto um numero capaz de exprimir o gráu de graça da Mãe de Deus.

A esse respeito têm-se feito calculos extravagantes e sublimes. O P. d'Argentan (2) deu um exemplo disso. (3) Elle suppõe que o ponto de partida da santidade de Maria fosse a santidade consummada de um seraphim, o minimum, contrario até á verdade theologica que reconhece em Maria uma santidade inicial superior á dos anjos e dos homens, tomados collectivamente; mas partamos daqui, afim de estarmos fóra de todo exaggero; este minimum com o minimum de actos nos dará um total que eu diria assombroso, si não estivessemos acostumados a encontrar, falando de Maria, a cada passo, abysmos que desconcertam toda razão humana.

Logo, suppõe-se que Maria em seu primeiro instante estivesse á altura dos Seraphins em graça e em amor. (4) Ella produz logo seu primeiro acto de amor como é dever, diz Santo Thomaz, de toda creatura que attinge o uso da razão. Eis sua graça duplicada, e duas vezes igual á do mais sublime Seraphim. Depois os actos se multiplicaram e só Deus conhece o numero que attingiram.

Supponhamos que Maria tenha feito um acto por dia... um só. Si essa supposição fosse tomada a serio, seria injurioso para a Sma.Virgem, pois ella teria ficado vinte e quatro horas, sem pro-

(2) Grandeurs de Marie: 12 Conf. Art. IV.
(3) Cfr. nossa obra: Porque amo a Maria.
(4) Cfr. Petitalot: Op. cit. XVII.

gredir um só passo, quando a verdade é que ella progredia continuamente dia e noite.

Mas adoptemos ainda este minimum, é o bastante, para desconcertar toda intelligencia creada.

No segundo dia Maria tinha pois *duas vezes* outro tanto de graças e de amor que o mais ardente Seraphim. No terceiro dia, *quatro vezes* outro tanto; no quarto dia, *oito vezes;* no oitavo *cento e vinte e oito vezes.*

No fim de um mez, em trinta dias, ella ultrapassaria o Seraphim, sabeis quantas vezes? — 1.642.068.272 vezes!

Lêde e comprehendei. Um bilhão, seiscentos e quarenta e dois milhões, sessenta e oito mil, duzentos e setenta e duas vezes.

Depois começa o segundo mez de sua existencia. Dois, cinco, dez dias se passam, e a Santissima Virgem redobrando sempre o seu merito, se apresenta com o total de: 2.193.477. 908 vezes, a santidade do mais brilhante Seraphim.

Ponderae isto. Depois de quarenta dias, a Santissima Virgem ultrapassa tudo que o céu contem de mais santo depois de Deus, com 2 trilhões, 193 bilhões, 908 mil, 528 vezes.

E o crescimento continúa sempre... continua sem interrupção, sem enfraquecimento como continúa a série dos dias. O quadragesimo-quinto dia chega com um total de 70.188.693.072.57670 trilhões, 188 bilhões, 693 milhões, 72 mil, 576 graus...

No quinquagesimo, este total já é elevado a: 2.246.022.178.322.438 de graças.

Após cincoenta dias somente, não lhe concedendo sinão este minimum de um acto por dia, a Virgem Immaculada, teria pois ultrapassado o mais ardente Seraphim, mais de 2 quatrilhões, duzentos e quarenta e seis trilhões de vezes.

E si em vez de fazer um acto ella fizesse cincoenta por dia, na noite do primeiro dia de sua existencia ella teria alcançado este numero...

E si, o que se aproxima cada vez mais da verdade, si em vez de um acto de meia em meia hora Ella fizesse cincoenta actos por hora, a Immaculada se apresentaria com este total depois de uma hora de existencia.

Ora, notae ainda, o minimum de partida e o minimum de actos.

Que seria si se começasse o calculo por onde se devia começar para estar na verdade: a santidade consummada de todos os anjos e todos os santos?

E isto não somente durante 50 dias, mas durante mais de 70 annos!

O calculo é impossivel... nem pensemos nisso, só a eternidade nos poderá dar uma idéa.

Continuando mesmo o crescimento minimo indicado, que numero ou, melhor, que volume de numeros tereis depois de um anno, depois de dez annos?

Os gráus de amor e de graça da Mãe de Deus estariam muito acima dos grãos de areia da praia do mar.

Depois de dez annos, acima dos grãos de areia que seriam necessarios para encher o espaço desde o centro da terra até ao firmamento.

E o que são dez annos quando se pensa que esta progressão immensa não durou menos de 73 annos, pois, seguindo a maior parte dos autores, é esta a idade que alcançou a Mãe de Deus.

A' esta vista o nosso espirito não se sente como tomado de vertigem?

Não nos sentimos como que esmagados sob o peso do infinito poder de Deus? Após isto comprehende-se como Maria poude dizer: *"Fecit mihi magna qui potens est!"*

O Todo-Poderoso fez em mim grandes cousas. Sim, verdadeiramente são grandes cousas... Deus fez de sua Mãe, como o diz Santo Thomaz, uma "quasi divindade" — "a obra prima de sua Omnipotencia". (1)

E o que se póde oppôr a esta doutrina?...

Nada, responde Suarez, pois isto não é sinão um prodigioso crescimento que a muitos parecerá incrivel, pois não poderão comprehender, nem a sua extensão nem a sua excellencia. Mas, que se lembre que Maria é revestida de uma dignidade infinita; que o começo de sua santificação era mais perfeito que a consummação de todas as outras santidades reunidas; e diante destes progressos admiraveis e divinos, o espanto e a estupefacção, dos quaes se tem o trabalho de precaver, darão logar á admiração, ao reconhecimento, ao amor.

Concluamos, dizendo que esta immensidade não é o infinito, (2), visto que toda qualidade e todo crescimento mesmo sobrenaturaes são necessariamente limitados. Entretanto, em Maria, estas qualidades attingem o grau supremo que uma simples creatura possa attingir.

(1) Petitalot: op. cit. idem cap.
(2) E. Hugon. Op. cit.

Esta imensidade é, de facto, a consequencia final da maternidade divina, sendo proporcionada a esta maternidade e com esta maternidade é que deve ser medida.

Do mesmo modo que não se concebe para uma creatura uma dignidade maior que a de ser Mãe de Deus, do mesmo modo, *com effeito*, não poderia haver — comquanto que o contrario *seja de absoluta possibilidade* — uma graça mais elevada que a graça final, consequencia ultima e suprema da maternidade divina.

Sim, tudo isso merece a admiração dos seculos, e é mais doce ainda pensar que o conhecimento de uma santidade tão admiravel será uma parte de nossas delicias na mansão eterna.

CAPITULO XIX

A PLENITUDE DE UNIVERSALIDADE

Já sondámos, na medida de nossas forças, a sublimidade e a profundeza das graças e das virtudes de Maria: é a graça mais plena que uma creatura póde receber.

Fixemos agora o olhar sobre a extensão destas mesmas graças, para ver si deste lado encontramos algum limite.

O conjuncto dos privilegios e dos dons

que foram ou serão concedidos á Egreja em toda a duração de sua existencia, como são, por exemplo: a visão beatifica, a isenção de doenças, o conhecimento das cousas sobrenaturaes, a sciencia de ordem natural, a impeccabilidade, a extincção da concupiscencia, finalmente as graças gratuitas descriptas por S. Paulo.

Varias destas questões que se relacionam com estes assumptos são controversas, mas não entraremos nos pormenores dos debates, pois o assumpto é puramente especulativo. Contentar-nos-emos em citar as opiniões e seguir a mais provavel e gloriosa para a Virgem Santissima.

Conforme nosso costume, citemos desde o inicio os principios theologicos, como bases do que seguirá:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Todo favor, toda graça de que gozaram alguns santos foram mais nobre e perfeitamente concedidos á Mãe de Deus".

SEGUNDO PRINCIPIO:

"E' necessario reconhecer em Maria toda a perfeição que é devida ou que é conforme á sua dignidade".

Estes dois principios, admittidos por todos os theologos, necessitam de uma explicação precisa, afim de não se tirarem conclu-

sões que quasi sempre têm por objecto dissenções. Determinando claramente o sentido dellas, poderemos tirar as consequencias mais fecundas, sem cahir em exaggeros ou reservas excessivas.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Todo favor, toda graça, de que gozaram alguns santos, foram mais nobre e perfeitamente concedidos á Mãe de Deus".

Esta regra exceptúa necessariamente tudo o que é julgado incompativel com o estado de progresso, com as exigencias da *via*, com as perfeições de sua alma e de seu corpo, emfim com sua condição de mulher.

Não é necessario attender aos dons particulares concedidos a tal ou tal santo; não temos que examinar si a Virgem recebeu estes favores particularmente, quanto mais que a sciencia não tem a prever os casos singulares e contingentes. Basta que estes dons estejam contidos nas graças de uma ordem superior.

O principio assim entendido está ao abrigo de toda controversia e é um verdadeiro écho da tradição.

Santo Ambrosio, commentando o Cantico dos Canticos, faz N. Senhor falar assim á sua Mãe:

"Meu pae houve por bem decretar que as outras almas fossem resgatadas por meu sangue, mas contemplando-vos, eu percebo uma tal accummulação de perfeições, um tal abysmo de graças e dons celestiaes, que me substituís todas as almas, e eu enriquecido sómente comvosco sou quasi tentado a negligenciar as outras almas e voltar ao céu". (1)

Este texto estraordinario não é outra cousa sinão a suposição oratoria do principio que já ennunciámos.

Todos os privilegios dos santos estão de tal modo condensados em Maria, que basta contempla-a, para ver todas as perfeições, todas as riquezas das outras almas. (2)

Santo Thomás, em poucas palavras, resumiu este ensino dos santos Padres, ensino tão profundo quão luminoso: "Tudo o que é perfeição devia brilhar em Maria, *In Beata Virgine debuit apparere omne illud quod perfectionis fuit.* (3)

Santo Alberto Magno e após elle S. Antonino, ennunciaram uma regra semelhante, que elles consideram como "principio" em relação a este assumpto.

"Do mesmo modo, diz elle, que é necessario excluir a Mãe de Deus de tudo o que é peccado, tambem, desde que se trate do bem, deve concluir-se que todo privilegio, concedido a alguma creatura, se encontra em Maria". (4)

(1) S. Ambr.: In cant. VI.
(2) E. Hugon. In cant. VI.
(3) Thom. Dist. 30, q. 2 a - I, sol. I.
(4) S. Antonio: Sumen. P. IV. tit. 15. Cap. X.

Bastariam estas autoridades, para estar provada nossa these, mas assignalemos ainda as razões theologicas, tão decisivas quão fecundas em conclusões.

Citemos as três principaes:

1. Todos os santos são *servos* de Deus. Maria tem o titulo e os direitos de *Mãe*... Ora, que igualdade podemos estabelecer entre os servos, mesmo juntos, e a Mãe?

2. Os santos são *herdeiros adoptivos* de Jesus Christo. Maria é *herdeira de* direito de todos os bens de seu Filho, pertencendo-lhe (estes) elles por direito. Poderia alguem possuir privilegios de que fosse privada a legitima herdeira?

3. Todos nós somos *subditos. Maria é Rainha.* Seria inconveniente que a Rainha fosse privada da menor perfeição que enriquecce seus subditos.

Agora consideremos o segundo principio:

"E' necessario reconhecer em Maria toda a perfeição que é devida ou que é conforme á sua dignidade".

Novamente, como para o primeiro principio, é necessario fazer as restricções das perfeições incompativeis em a condição de Maria, seu sexo, seu estado de *via* e os progressos que fazia.

Feitas estas reservas, desde que se possa dizer: era conveniente que Maria fosse enriquecida com tal ou tal favor, deve concluir-se que este dom lhe foi feito.

Esta regra de conveniencia explica-se por si mesma. A Maternidade de Maria tocando os con-

fins da divindade, exige privilegios que estejam na mesma altura e desde então cousa alguma parece demasiadamente bella, em comparação com esta dignidade

E, além disso, Jesus Christo possue todas as delicadezas de um coração filial .

Para elle o amor é efficaz, o coração tem a seu serviço um poder infinito; o que é conveniente á sua Mãe elle o quer, e o que elle quer, elle, o realiza.

No capitulo seguinte tiraremos destes dois principios as conclusões que delles dimanam, consoantes aos differentes dons e privilegios concedidos á Maria. Até lá escutemos a respeito uma pagina inflammada de S. Thomaz de Vilanova, Arcebispo de Valencia.

Mas, diz elle, dirigindo-se á Maria, basta que sejaes Mãe de Deus. Qual a belleza, qual a virtude, qual perfeição, qual a graça, qual a gloria, que não conviria a uma Mãe de Deus? (1)

E em seguida, dirigindo-se aos piedosos fieis, continúa o eloquente Pontifice:

"Dae rédeas a vossos pensamentos, dilatae todas as potencias do vosso espirito, experimentae representar-vos a Virgem mais pura, mais prudente, mais bella, que se possa conceber, cheia de todas as graças, resplandecente de todas as glorias, amada

(1) "Sufficit tibi quod Mater Dei es. Quaenam, obsecro, pulchritudo, quaenam virtus, quae perfectio, quae gratia, quae gloria, Matri Dei non congruit ?S(erm. 2. de Nat. Virg.).

de todas as virtudes, favorecida com todo os dons, em quem Deus poz todas as suas complacencias.

"Esforçae-vos sem cessar por completar o quadro, augmentae as perfeições quanto puderdes, ajuntae com toda a medida de vossas forças: *Quantum potes, tantum auge, quantum vales, tantum adde,* Maria é ainda mais bella que esta belleza, maior que esta grandeza, mais excellente que esta perfeição.

"O Espirito Santo não descreveu tudo o que ella é, mas vos deixou o cuidado de representál-a em vossa alma, dando-vos a entender com isso, que a ella não faltou nenhuma graça, nenhuma excellencia, nenhuma gloria com a qual vossa intelligencia possa revestir uma simples creatura. Digamos melhor: ella ultrapassa toda concepção.

Detenhamo-nos, piedoso filho de Maria; a belleza sem igual, e as ineffaveis riquezas de nossa Mãe devem excitar nosso reconhecimento para com Deus e nosso amor para com sua Divina Mãe.

Antes de entrar nos pormenores dos differentes dons com os quaes o céu ornou seu corpo e sua alma, elevemos um instante nosso coração e nossos pensamentos até seu throno glorioso, e nesta intimidade recolhamos os fructos que devem produzir em nós a contemplação destas incomparaveis bellezas.

Esta prece nos fará saborear melhor o que já dissemos e comprehender melhor o que ainda temos a dizer.

CAPITULO XX

OS CONHECIMENTOS DE MARIA

O assumpto, que temos que tratar aqui, é uma applicação, ou melhor, é uma conclusão directa dos principios que puzemos precedentemente.

Os conhecimentos de Maria, bem como seus dons, tiveram a universalidade que acabamos de indicar, em virtude da regra geral, que lhes é necessario reconhecer toda perfeição que é devida á Maria ou que é conforme á sua dignidade.

Ora, é claro que diversos conhecimentos eram devidos ou eram conformes á sua dignidade.

Antes de entrar em pormenores, resumamos toda a theologia moral sobre este assumpto, em dois principios incontestaveis:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"A Mãe de Deus recebeu, por infusão divina, a plenitude das sciencias naturaes que lhe era util, para ter uma conducta sempre prudente, e para ter uma comprehensão perfeita das escripturas e dos mysterios da fé".

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Jamais houve na intelligencia de Maria um erro positivo, jamais um julgamento mal fundado, como jamais houve um desejo desregrado. Elle soube sempre tudo o que lhe era conveniente saber".

Vejamos primeiramente a extensão dos conhecimentos de Maria Santissima.

Distingue-se o conhecimento natural, quanto ao seu *objecto*, senão quanto ao seu modo; e o conhecimento *sobrenatural* pela luz da revelação e da fé.

Os conhecimento naturaes são de três especies: *Infusos por si mesmo*, quando é impossivel ao homem adquiril-os, comquanto elles não ultrapassem a ordem da natureza. Por exemplo, o que se passa nos planetas. *Infusos accidentalmente*, quando Deus os dá, embora se possa tambem adquiril-os; taes são as sciencias physicas e mathematicas, as linguas estranhas.

Os *conhecimentos experimentaes*, para os quaes a experiencia é indispensavel.

O conhecimento sobrenatural se divide egualmente em três especies:

Os conhecimentos *adquiridos pela fé* e augmentados pelo ensino dos doutores, dos santos, pela leitura das Sagradas Escripturas, bem como pela observação de certos effeitos sobrenaturaes.

Os conhecimentos adquiridos pelas *revelações especiaes* com que a Santissima Virgem foi favorecida por diversos modos.

Finalmente, os conhecimento que ella recebeu pela *visão intuitiva* da divindade com a qual era ella favorecida de tempos em tempos.

Repassemos, o mais brevemente possivel, estas serie de conhecimentos. Primeiramente os naturaes:

A theologia demonstra que estas três sciencias naturaes estão reunidas na humanidade do Salvador, de sorte que Jesus Christo, por sua sciencia puramente humana, sabia absolutamente tudo na ordem natural. Estas sciencias encontram-se igualmente na alma de Maria?...

A questão é controvertida. Importantes autores affirmam, apoiando-se sobre o principio que não se póde recusar á Maria nenhum ornamento da natureza ou da graça conveniente á divina Maternidade, que ella foi ornada com todas as sciencias possiveis aos anjos e aos homens, com todas as luzes dadas a Jesus Christo como homem, e por consequencia que ella recebeu por infusão uma sciencia natural universal a ponto de conhecer tudo o que concerne aos espiritos e aos corpos, e de possuir todas as luzes mathematicas, physicas, artisticas, e mesmo mechanicas.

Todavia póde-se perguntar si esta vasta encyclopedia de todas as sciencias e todas as artes, era util a Maria — conveniente ás suas funcções?

Era isso um elemento de santidade, ou uma commodidade para seu sublime officio. Uma sciencia universal da creação, durante sua vida mortal, teria servido para realçar seu merito e sua gloria?... E' o que não se sabe com certeza.

A sabedoria da SS. Virgem era tão perfeita, seu juizo tão seguro, sua razão tão recta que nunca, dizem os theologos, houve em sua intelligencia

um erro positivo, que merecesse o nome de falta; nunca houve um julgamento mal fundado, como nunca houve um desejo desregrado. Ella não soube tudo, mas soube sempre o que lhe era conveniente saber; ella podia apprender, sem jamais ter sido ignorante.

A luz, diz S. Bernardo, emblema de uma razão inconstante, de um julgamento movel e perturbado, estava sob os pés desta Virgem Prudentissima, cuja vista sempre clara e limpida jamais foi obscurecida pelas nuvens do erro.

Esta luz racional, isenta de toda imperfeição, lhe era dada principalmente para auxiliar as operações de sua intelligencia na ordem sobrenatural.

Quanto ás luzes sobrenaturaes de Maria, comprehende-se que ellas ultrapassam tudo o que jamais tenha sido outorgado ás outras creaturas. Desde sua conceição Immaculada, ella recebeu pela fé um conhecimento explicito do Mysterio da Trindade, como os Anjos e Adão; ella conheceu tambem, como elles ou melhor do que elles, o mysterio da Incarnação, quanto á sua substancia.

O ensino dos differentes Doutores veio ainda realçar e estender este conhecimento já immensamente sublime. O Espirito Santo foi o Mestre principal, e elle lhe communicou, por revelação e infusão, o primeiro conhecimento dos mysterios e dos dons de sciencia, de sabedoria e de intelligencia...

Quanto não apprendeu, pois, a humilde Virgem na Escola de um tal mestre! e com que vivas

luzes o Espirito Santo fez resplandecer o coração e o espirito de sua Bem-Amada!

Maria foi ainda instruida pelos anjos, sobretudo por Gabriel antes da concepção de seu Filho; segundo o parecer de S. Bernardo ella teve com elle varias entrevistas no templo. Com mais razão quando ella se tornou Mãe de Deus, os Anjos compraziam em entreter-se com ella.

O grande meio, porém, de que se serviu Deus, para cumular a alma de sua Mãe com as mais vivas luzes do céu, foram a visão beatifica, ao menos por intervallo e as revelações especiaes que Elle lhe fez por diversos modos.

Sem duvida, Maria não foi favorecida com a visão clara e intuitiva da divindade de um modo permanente, mas pode crer-se que ella gozava della de tempos em tempos e com pequenos intervallos. E' o que affirmam S. Antonio, Alberto Magno, S. Bernardino de Senna, Gerson, Salazar, Canisio, Vega, Suarez, de Rhodes, S. Brigida, Maria Agréda, etc...

De todas estas fidedignas autoridades, citemos somente o raciocinio de Suarez:

"Conforme um sentimento provavel, diz este sabio jesuita, S. Paulo e Moysés, revestidos de seus corpos mortaes, gosaram da visão beatifica; ora, o que é provavel para estes illustres amigos de Deus, não seria mais provavel, mais crivel, mais admissivel para a Santissima Virgem, Mãe de Deus á qual é impossivel recusar um privilegio de graça concedida a um outra creatura? Confesso, diz ainda o mesmo autor, que é mais provavel a meu ver que nem Paulo nem Moysés viram intuitivamente, emquanto estavam sobre a terra a divina essencia; mas sem lhes desconhecer este favor, acho-me autorizado, a crer que elle foi concedido mais de uma vez á Bemaventurada Virgem; por exemplo, no dia da Encarnação e do nascimento de Christo, por causa da dignidade incomparavel da maternidade divina, á qual estava elevada; ou então, no dia da Resurreição, em recompensa da incrivel dôr, que dilacerou sua alma, durante a paixão de seu Filho; ou emfim em outras occasiões opportunas, segundo a disposição da sabedoria divina".

A esta visão beatifica ajuntam-se as revelações propriamente ditas, isto é, fóra do Verbo, e que consistem em um conhecimento abstracto dado aos prophetas, aos santos, aos amigos de Deus.

A visão beatifica é tambem uma revelação feita no Verbo, que outra cousa não é sinão á visão intuitiva dos bemaventurados no céu. Acabamos de dizer o que pensam os santos deste dom de Deus, em Maria.

Quanto ás revelações pelo conhecimento abstractivo, Maria possuiu-as todas em um grau unico. A duvida é impossivel. Este beneficio das revelações, indicio e signal de amor divino, precioso penhor de familiaridade, foi, desde todo o tempo, a partilha das almas eminentemente santas, sobretudo das Virgens e dos contemplativos.

Quem ousaria crer que a Santissima Virgem não tenha sido favorecida destas revelações?...

Já indicámos, segundo os Santos Padres, seus

mysteriosos colloquios com os anjos, no templo de Jerusalem. No momento da concepção do Verbo incarnado, ella recebeu dos labios do Archanjo Gabriel esta magnifica revelação, referida por S. Lucas; no mesmo tempo, diz S. Anselmo, ella conheceu, por uma revelação certa, que ella era predestinada, e que seu throno estaria acima de todos os córos dos anjos. (1)

Depois da Encarnação, entre outras revelações que nos são desconhecidas, póde recordar-se que, segundo o sentimento geral dos autores, Maria Santissima recebeu a primeira apparição de Jesus resuscitado — que ella o viu diversas vezes em sua gloria — e que mesmo depois de sua Ascenção, Elle não deixou de visital-a muitas vezes e de instruil-a acerca dos mais profundos mysterios.

Eis em poucas palavras os principaes conhecimentos que ornaram esta intelligencia virgem, sem igual sobre a terra.

Quando entre nós apparece um homem cuja fronte é cingida de genio e de uma perspicacia maior que a commum, os espiritos se agrupam ao redor delle, elle se torna como que um centro de pensamentos e de acção e um guia nas arduas sendas do dever. Não se farta de ouvir esta voz, cujo tom parece ser o écho de um mundo maior e mais elevado.

E Maria... a incomparavel... a ineffavel Maria, que tem uma intelligencia tão sublime e — perdôem-me a expressão — que tem um genio

(1) Cap. II.

tão luminoso, como sua alma é santa, e seu coração amante, Maria cuja fronte é cingida de todos os conhecimentos e de todas as glorias, não seria um centro de attração, um guia, um luzeiro?...

Maria! deante de tanta belleza... deante das tuas faculdades tão divinamente illuminadas, eu me prostro... admiro... sinto meu coração aquecer-se... e eu começo a amar-vos como o unico objecto depois de Jesus Christo, digno de possuir minhas affeições e conquistar meu coração!...

CAPITULO XXI

AS GRAÇAS GRATUITAS DE MARIA

Toda graça de Deus é gratuita, no sentido que ella não é devida ao homem, pois ultrapassa sua natureza e suas forças, e no sentido que ella é um puro dom da liberalidade de Deus.

Todavia, ha uma categoria de favores divinos, chamada especialmente graças gratuitas, isto é aquellas que são dadas menos para a perfeição daquelle que as recebe que para a utilidade dos outros. O dom dos milagres, o dom da prophecia, o dom das linguas, etc. Eis graças gratuitas, que por si mesmas não santificam o homem que com ellas é honrado, mas lhe servem para propagar a fé, converter e salvar os povos.

Basta desta definição para mostrar que ella devia encontrar-se, primeiramente em Jesus Christo,

em sua plenitude, como já explicámos (1) e em seguida em Maria, mais do que em outros santos, pois a Virgem devia trabalhar para a salvação dos homens, mais que todos os outros santos.

Póde resumir-se toda esta doutrina no seguinte principio ennunciado por Santo Thomaz de Aquino:

"Maria possuiu em habito todas as graças gratuitas, e possuiu em uso as que eram convenientes á sua consideração e ás suas funcções". (2)

Os theologos não estão inteiramente de accordo sobre o sentido das diversas graças gratuitas. Sem entrarmos nos pormenores da discussão, e para mais clareza, classifiquemol-as em três generos: o *conhecimento*, a *palavra e a operação*.

As graças gratuitas que se referem á uma luz posta sobrenaturalmente na alma são as mais numerosas: a sabedoria, a sciencia, a prophecia, o discernimento, dos espiritos, em certo sentido, a interpretação dos discursos.

Maria Santissima teve certamente, em uma grande medida, os dons de sabedoria e de sciencia.

Que ella tenha sido *prophetiza*, não se póde duvidar. Este dom sobresae manifestamente do *Magnificat*. Que bella predicção contêm estas palavras: *Eis que desde agora todas as gerações me chamarão bemaventurada!*

Maria Immaculada recebeu ainda um outro soccorro especial do Espirito Santo: o soccorro dado aos escriptores sacros. O *Magnificat* faz parte da

(1) Cfr. 1.ª Parte, cap. V.
(2) III Part. 9, 27, art. 5.

sagrada escriptura, não somente emquanto narrado por S. Lucas, mas ainda como obra de Maria, dictada pelo Espirito Santo.

Não se sabe si Maria escreveu, mas si a Egreja possuisse escripto reconhecido como sendo de Maria, este escripto seria a palavra de Deus e entraria no canon das Santas Escripturas. (3)

A Mãe de Jesus teve tambem a graça da interpretação, isto é, uma comprehensão particular das Sagradas Escripturas. Este dom lhe foi dado para sua propria santificação — pois elle esclarece a intelligencia e instiga a vontade — e foi dado para a utilidade da Egreja.

O dom de discernimento consiste em uma luz interior, pela qual é dado ao homem distinguir com segurança as operações dos bons e dos maus espiritos, ou de sondar os segredos dos corações.

A. Maria não podia faltar esta graça. Ella mantinha um commercio habitual e familiar com os anjos. O Espirito Santo devia assistir, esclarecer e premunir sua esposa contra toda illusão diabolica.

Além disso ella devia instruir e dirigir os numerosos fieis que vinham de todas as partes pedir conselhos ás suas luzes e caridade.

As graças gratuitas de *palavra* são o dom da fé e o das linguas.

O dom da fé é a virtude theologal, isto é, a fé, pela qual todos nós cremos nas verdades reveladas.

Esta fé é indispensavel a todo christão; mas, segundo Santo Thomaz, é um talento particular de

(3) Cfr. Petitalot: opus. cit. c. XVII.

pesuadir sobre as verdades da fé. Este talento era extraordinario em Maria Santissima. Os que tinham a felicidade de ouvil-a, eram logo tocados, subjugados, convertidos.

Teve Maria o dom das linguas?

Suarez, e depois, um grande numero de theologos, dizem que sim.

Com effeito, este dom lhe era útil. Deus devia, pois conceder-lh'o.

E' mutissimo provavel que ella o tenha usado, com os Reis Magos, e depois, no Egypto, e sobretudo, (e aqui todos os theologos estão de accordo) após a Ascenção de Nosso Senhor.

Na verdade, era immensa a consideração de que a Virgem gosava entre os primeiros christãos. Os fieis convertidos pela voz dos Apostolos vinham a Maria, de todos os logares onde era pregado o Evangelho, para terem a consolação de contemplar o seu semblante, falar-lhe, ouvir sua voz.

Evidentemente, pelo dom das linguas, ella podia conversar com elles e dar-lhes sábios avisos.

Restam as graças gratuitas que se referem á operação sensivel e exterior: a graça de saúde e a dos milagres, que no fundo se reduzem a uma só: o *dom dos milagres.*

Maria Santissima fez milagres?

Ha controversias sobre este ponto.

Santo Thomaz néga-o, nestes termos: "o uso dos milagres não lhe convinha, emquanto vivia, pois naquelle tempo os milagres deviam confirmar a doutrina de Christo.

Eis a razão por que só ao Christo e a seus apostolos, convinha fazer milagres". (4)

A opinião contraria é sustentada pelo Bemaventurado Alberto Magno, S. Antonino, P Rupert, de Rhodes, e pela maior parte dos theologos e autores de Mariologia contemporanea.

Adoptemos a segunda opinião, explicada por Suarez; (5) ella é mais provavel e a mais conforme á dignidade e ao papel de Maria.

Póde dividir-se a vida da Santissima Virgem em tres partes:

A primeira, antes da concepção de Nosso Senhor.

Nenhuma autoridade, nenhuma conjectura autoriza a crer que a Virgem Santa tenha operado qualquer prodigio.

A segunda, desde a concepção de Jesus, até sua Ascenção, e é ainda pouco verosimil que Maria tenha feito milagres *por si mesma,* sobretudo *em publico.*

Dizemos: por si mesma, pois um grande numero de milagres operados por Jesus, foram o fructo dos pedidos de Maria, como nas bodas de Caná. Dizemos ainda: em publico, não ousando affirmar que ella não fez algum milagre em segredo, durante a infancia do Salvador, durante o exilio no Egypto, ou em outras circumstancias.

A terceira, depois da Ascenção do Salvador. E' quasi certo que a Bemaventurada Virgem usou deste dom dos milagres. Elle lhe era necessario para

(4) III P., q. 27, art. 5, ad 3.
(5) De mysteriis vitae Christi d. 20, Sect. 3.

satisfazer ás aspirações de sua bondade, sua inclinação em exercer a misericordia, para reerguer as esperanças abatidas, suavizar as amarguras, soccorrer tantos infelizes, enxugar as lagrimas dos que já a chamavam sua Mãe e que ella trazia em seu coração.

Emfim, si o milagre é a testemunha do heroismo, poderia elle faltar a uma vida toda tecida de acções heroicas?

Si S. João Damasceno refere que o corpo da Virgem, desde que sua alma sahiu do corpo, operou numerosos milagres, e que a sepultura, onde seu corpo sagrado tinha repousado algum tempo, tornou-se celebre pelos prodigios, que ahi se operaram, por que Maria Santissima, emquanto vivia, não teria feito semelhantes obras, tão proprias á propagação da fé christã? (6)

Si estes factos permaneceram olvidados, Deus quer agora que por uma compensação publica, grandes maravilhas se operem por Maria.

E', com effeito, extraordinario que os milagres historicos, como o triumpho da fé sobre o erro albigense, a victoria de Lepanto, de Viena, as celebres curas do nosso seculo, como as de Lourdes, Salette, Pontmain, Pellevoisin, Fatima, Baneux, Borin, são devidos á intercessão da Virgem, ou se effectuam em seus santuarios e em seu nome.

Jesus Christo deseja que sua Mãe o revele ainda ao mundo, do mesmo modo que Ella o ma-

(6) Petitalot. Op. cit.: id capt.

nifestou outróra pela Encarnação: Elle consente passar através da humanidade soffredora, mas quer que Maria annuncie esta visita pela voz dos milagres. (3)

(3) E. Hugon: Op. cit. ch. VI.

TERCEIRA PARTE

O MEIO
da
VIDA DE INTIMIDADE COM MARIA

Aproximamo-nos do termo de nosso estudo.

Já conhecemos o *fim*, contemplámos o *caminho;* agora é necessario pôr os *meios* de andar neste caminho.

Estes meios são duplos: ha meios de que Deus se serve para nos transmittir seus favores, e ha os meios de que nos devemos servir para merecer e attrahir estes mesmos favores.

O meio de que Deus se serve é ainda a Santissima *Virgem Maria*: por ella é que nos vêm todas as graças, por ella é que recebemos tudo... absolutamente tudo...

Mas, conforme a propria comparação do Salvador, todos nós somos membros de um corpo unico, de que Jesus Christo é a cabeça e a Santissima Virgem é o pescoço.

Não basta que o corpo esteja unido á cabeça;

é necessario que nós, os membros, estejamos unidos ao pescoço, e esta união voluntaria, amorosa, é a vida de intimidade.

A vida de intimidade — que assim se torna a coroação da obra esplendida da redempção, será tomada tambem para a coroação deste estudo sobre os principios theologicos que a regem, desenvolvem e a fazem rematar na vida de intimidade sem fim que se chama a *visão beatifica.*

CAPITULO XXII

A UNIÃO ENTRE JESUS E MARIA

Antes de proseguirmos, ou melhor, antes de penetrar mais profundamente no papel da Virgem Immaculada, entre Deus e nós, devemos estudar aqui um ponto de doutrina, em geral superficialmente comprehendido, negligenciado em muitas obras, mas que contem bellezas e exposições ignoradas por muitos.

Este ponto de doutrina é a união tanto physica como moral, mas sobretudo moral, entre o Salvador e sua divina Mãe, união que nos designios de Deus deve estender-se até nós.

Ponhamos desde já quatro principios theologicos que nos servirão de guia e resumo de toda a doutrina sobre o assumpto.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Maria Santissima tendo contribuido sozinha para a formação do corpo de Jesus Christo, sua união physica com seu divino Filho foi mais perfeita e mais intima que a

união existente entre as outras mães e o fructo de seu seio.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Jamais se uniu Jesus Christo ás suas creaturas por seu corpo, sinão com o desejo de se unir mais estreitamente em espirito.

TERCEIRO PRINCIPIO:

Tendo Deus julgado a proposito que a Virgem gerasse no tempo aquelle que elle gera continuadamente na eternidade, associou-a deste modo á sua geração eterna e a seu fraternal amor.

QUARTO PRINCIPIO:

Deus-Pae communicando á Maria sua paternidade e seu amor para com Jesus, fel-a tambem participante da sua paternidade e de seu amor para comnosco.

Apoiados sobre estes quatro principios incontestaveis e admittidos por todos os theologos, podemos penetrar nas profundezas da doutrina ou de visões que se desenrolam sob nossos olhos e que são tão gloriosos para a Mãe de Jesus quão consoladores para nós.

Não é somente um capitulo que seria necessario para expôr a ineffavel união entre Jesus e Maria, união que deve extender-se até nós e nos servir de modelo, mas até um

livro inteiro. Sem nos entregarmos aos sentimentos de admiração ou de enthusiasmo, fixemos brevemente aqui os marcos deste admiravel assumpto, deixando ás pessoas piedosas o cuidado de fecundar, animar e applicar os principios enunciados.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Tendo Maria contribuido só para a formação do corpo de Jesus Christo, sua união physica com seu divino Filho foi mais perfeita e mais intima que a união das outras mães com o fructo do seu seio.

Maria é Mãe de Deus. Depois da união do corpo e da alma, não ha união physica mais intima que a de uma mãe com seu filho. Em Maria, porém, ha mais que isso.

Si é de fé que ella é mãe de Jesus Christo, é igualmente de fé que ella é Virgem. E' dizer que Jesus deve seu nascimentot corporal só a Maria, como só a seu Pae deve elle seu nascimento eterno. Em outros termos: Jesus Christo, como Deus, não tem Mãe, e, como homem não teve pae-homem. Dizemos: não tem Pae-homem, pois o Pae-Eterno é seu verdadeiro pae na segunda geração, como elle o era na primeira.

Maria concebeu, não somente a humanidade de Jesus, mas a propria substancia do Verbo.

Assim falam os Doutores com S. Fulgencio: "Una quippe fecit in utero Matris Virginis conceptio divinatis et carnis, et unus est Christus, Dei Filius in utraque natura conceptus: — no seio da Virgem-Mãe operou-se uma só conceição da divindade e da carne; disto resulta um só Christo Filho de Deus, concebido nas duas naturezas. (1)

A carne vem só de Maria; a substancia divina vem do Pae: mas unindo a pessôa de seu Verbo a esta carne de Maria, o Pae dá ao seu Filho, em Maria e por Maria um novo modo de ser, uma verdadeira concepção que attinge a humanidade e a divindade.

Deste modo, o Verbo é verdadeiramente Filho de Maria, como é Filho de Deus. Ora, notae-o, é a prova do principio enunciado, a união physica entre Maria e Jesus participa da união ineffavel entre o Pae e Jesus. O Pae Eterno é o unico no seu papel de Paternidade para com seu Filho, como Maria é a unica, com o Pae, em sua funcção de Maternidade para com o Verbo. E como a união entre o Pae e o Filho ultrapassa toda concepção humana, assim tambem a propria união physica entre a Virgem e seu Filho ultrapassa a união das outras mães com seus filhos.

* * *

(1) Nada de mais admiravel sobre este assumpto do que a carta de S. Cyrillo de Alexandria aos monges do Egypto, refutando as impiedades de Nestorio. Ver tambem M. Olier; "Vie interieure de la Sainte Vierge" Eclaircissements sur l'Incarnation".

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Jamais Jesus Christo se une a suas creaturas por seu corpo, sinão com o desejo de se unir mais estreitamente em espirito".

Este principio continúa, ou melhor: applica admiravelmente o primeiro. A união dos corpos, que acabámos de estudar, nos annuncia a união dos corações e nos dá a medida de sua intimidade sem igual.

Nosso Salvador jamais se une a nós, por seu corpo, sinão para mais estreitamente unir-se a nós pelo espirito.

Mesa mystica, banquete adoravel, e vós santos e sagrados altares, exclama o genial Bossuet em um admiravel arrojo, eu vos invoco em testemunho da verdade que affirmo.

Mas sêde testemunhas disso, vós que participaes destes santos mysterios.

Quando vos aproximaes desta mesa divina, após terdes presenciado Jesus Christo vir a vós, com seu proprio corpo e sangue, depois que o tendes depositado sobre os vossos labios, dizei-me: pensastes vós, que elle quiz permanecer sómente em vossos corpos? . . .

Praza a Deus não o tenhaes acreditado, e que não tenhaes recebido sómente corporalmente aquelle que vem a vós, em busca de vossas almas. (1)

(1) Bossuet: Pour la nativité de la sainte Vierge. 2. P. T. III. P. 64.

Maria está pois unida a Jesus pelo espirito, tanto quanto ella o attinge pelos laços da natureza e do sangue.

Quem poderá avaliar os fructos desta união sem igual?

Em retribuição pela existencia humana e pelo alimento que Jesus recebia de sua mãe, com quantas graças, bellezas e dons não devia elle cumulal-a! — dons tanto do seu coração, como de seu poder!...

* * *

TERCEIRO PRINCIPIO:

"Tendo Deus julgado a proposito que a Virgem gerasse no tempo aquelle que Elle gera continuamente na eternidade, associou-a por este meio á sua geração eterna".

Este principio foi posto por Bossuet e admiravelmente desenvolvido por elle.

E' associar Maria á sua geração, diz elle, falando do Pae Eterno, é fazel-a mãe do mesmo Filho com Elle.

Portanto, já que elle a associou á sua geração eterna, era conveniente que ella derramasse ao mes mo tempo em seu seio algumas scentelhas deste amor infinito que elle tem para com seu Filho.

E isto é muitissimo digno de sua sabedoria. Como sua Providencia dispõe todas as cousas com uma justeza admiravel, era necessario que elle imprimisse no coração da Virgem Santa uma affeição

que ultrapassasse a natureza, e que fosse até ao ultimo grau com seu Filho; sentimentos dignos de uma Mãe de Deus e dignos de um Homem-Deus". (1)

"A maternidade da Virgem, diz ainda Bossuet, não tem igual sobre a terra, e o mesmo acontece com a affeição que ella tem para seu Filho; e como ella tem a honra de ser a Mãe de um Filho que não tem outro Pae sinão Deus, daqui a necessidade de procurar a regra de seu amor no seio do Pae Eterno. Do mesmo modo Deus Pae, vendo que a natureza humana attinge tão intimamente seu filho unico, estende seu amor paternal á humanidade do Salvador, e faz deste Homem-Deus o unico objecto de suas complacencias, assim a bemaventurada Virgem não separava mais a divindade da humanidade de seu Filho, mas de certo modo envolvia a ambos com o mesmo amor". (2)

Estes admiraveis principios nos introduzem em um mundo absolutamente reservado. E' impossivel conceber entre os anjos ou entre os santos, alguma cousa que se pareça ou que se possa parecer com este amor: amor de Pae para Filho, amor pelo qual Maria participa ao amor do Pae Eterno.

Não ha sinão uma Mãe de Deus admittida a esta communhão. E com que coração terno e generoso Maria haure no seio do Pae o amor para seu Filho!

E sobretudo que gloria para ella esta asso-

(1) Bossuet: Sur la Nat. de la Ste. Vierge. 3.° p. T. I pag. 182.

(2) Ibid.: p. 4., p. 187.

ciação á Paternidade do Padre Eterno e ao seu amor paternal!

* * *

QUARTO PRINCIPIO:

"O Pae Eterno que communicou a Maria sua paternidade e seu amor para com Jesus, fel-a participante tambem de sua paternidade e de amor para comnosco".

E' ainda o genio de Bossuet que formulou este principio:

Si se comprehendeu o que acabamos de dizer do amor de Maria para com Jesus, comprehender-se-há tambem á primeira vista a profundeza de doutrina contida nesta nova regra. Maria participou intimamente do amor de Deus para comnosco.

Ella vê em nós os membros de Jesus, uma continuação de seu Jesus, outros Jesus, e ella nos ama com Jesus, em Jesus e por Jesus.

Quão sublime e doce verdade!

"Si é verdade que Maria não regula seu amor sinão pelo amor do Pae Eterno, exclama Bossuet, ide, Christãos, ide a esta Mãe incomparavel!!

Crêde que ella não vos distinguirá de seu Filho; crêde que ella vos considerará como a carne de sua carne e como os ossos de seus ossos, como fala o Apostolo, (1) como pessôas sobre as quaes

(1) Ephes. V. 30.

e nas quaes seu sangue correu; e, para dizer mais, ella vos olhará como outros Jesus Christo sobre a terra; o amor que ella tem a seu Filho será a medida do que ella terá para comnosco, e portanto não receieis chamal-a vossa Mãe: ella possue em grau soberano toda a ternura que esta qualidade exige". (2)

Nestes fecundos e consoladores principios de theologia marianna, notemos sobretudo esta lei toda de bondade, de misericordia, de ternura ineffavel, que delles dimanam admiravelmente e que não se póde estudar bastante, nem bastante medicar.

Jesus quer irradiar de Maria por toda parte, elle quer que de toda parte se venha a elle por ella.

Jesus, autor da graça é um centro, Maria é a circumferencia que o circunda. E como é impossivel penetrar em um circulo e chegar ao centro, sem se passar por um ponto da circumferencia, do mesmo modo não se chega ao conhecimento e á posse da graça sinão se consente passar pelos braços de uma mãe que abraçam, e que se estendem com infinita ternura para os homens seus outros filhos. (3)

O' Maria, ó Mãe, ó Bem-amada, por quanto tempo ignorei eu esta lei admiravel! Por muito tempo eu vos separei de Jesus, e Jesus de vós, como

(2) Bossuet: Nat. de la S. Vierge, fin, p. 188.

(3) Lémann: La Vierge Marie, presentée a l'amour du XX. siècle. T. p. 44.

si não fosseis inseparavelmente unidos — sempre juntos!

Como se procurar um sem procurar o outro?

Como se amar um, sem amar a outro?

O que eu dou a um dou tambem ao outro!

Já que vossa união é tal que de certo modo vosso amor é unico, elle me mostra que tambem o meu amor deva *ser um* para comvosco.

CAPITULO XXIII

MARIA NOS GEROU COM JESUS

Vimos a união intima, physica e moral, entre Jesus e Maria, e mostrámos como Deus associou a Immaculada á sua geração eterna; como Elle lhe communicou sua paternidade *para com Jesus*, e sua paternidade para comnosco.

Estes principios são fundamentaes; tiremos agora as conclusões.

Vejamos primeiramente a questão sob o ponto de vista theologico, e sem mais preambulos vamos ao coração do mysterio da graça, tomando cuidado, como já o fizemos na primeira parte, sobre o *dogma* de nossa incorporação em Jesus Christo.

Nós vivemos no Christo e o Christo vive em nós! — *In me manet et ego in eo.* Estas palavras nos põem immediatamente em face da maternidade divina da Virgem Immaculada.

Maria nos gera em Jesus Christo, porque ella quiz tornar-se a Mãe d'Aquelle que é o principio de nossa vida sobrenatural: e ella gera Jesus Christo em nós, no sentido que por ella nos são applicados os fructos da Redempção. (4)

Penetremos e tentemos comprehender este duplo papel de nossa Mãe.

"Si Jesus Christo, diz o Beato de Montfort, a cabeça dos homens, nasceu della, os predestinados, que são os membros desta cabeça, devem tambem nascer della, por uma consequencia necessaria. Uma mesma mãe não dá á luz a cabeça sem os membros, nem os membros sem a cabeça; do contrario, o filho seria um mostro da natureza. Do mesmo modo, na ordem da graça, a cabeça e os membros nascem de uma mesma Mãe. (5)

Falando de Jesus Christo e de sua obra, ha 3 cousas que é necessario distinguir, e que a theologia declara inseparaveis sob pena de mutilar e destruir o plano de Deus.

São: seu *corpo* de carne e sua *alma*, unidos á divindade, na pessôa do Verbo, e a *Egreja* que é como seu esplendor, seu complemento, formando corpo com elle.

De modo que Jesus Christo não é sómente sua humanidade physica, unida ao Verbo, nem só á Egreja, mas o Christo e a Egreja, não formando sinão um mesmo corpo mystico.

---

(4) Lhomeau: La vie spirituelle à l'école du B. de Montfort. Cfr. M. Olier: Vie interieure de La S. Vierge: Chs. VIII, XVII, XXI, XXII. Sedlmayr: "Scholastica Marianna" part 3. q. IX. et q. XII — P. Terrien: Mère des hommes; livres V, VI, et VII.

(5) Verdadeira devoção á Santissima Virgem.

Afastae a natureza divina ou natureza humana, o mysterio da Encarnação não existe mais.

Supprimi a qualidade de Salvador e não ha mais Redempção.

Retirae emfim a Egreja que é seu corpo mystico, não tendes mais que um Christo incompleto: o Redemptor está separado dos resgatados, a cabeça separada dos membros.

Jesus Christo e a Egreja, ou si quizerdes, o Salvador e os salvos, formam pois necessariamente um mesmo *corpo mystico.*

Ora, Jesus nasceu de Maria *"Maria de qua natus est Jesus!"*

Maria é Mãe do corpo natural do Christo, é pois tambem Mãe de seu corpo mystico, pois estes dois não formam sinão um.

E' impossivel suppôr duas Mães: uma para o corpo natural, outra para o corpo mystico; duas mães para um só e mesmo Christo.

Não, na ordem da natureza, como na ordem da graça, Maria Santissima é a unica Mãe de Jesus.

Desde que Maria consentiu em tornar-se a Mãe do Verbo Encarnado, Salvador dos homens e cabeça da Egreja, operou-se nella uma dupla concepção: ella concebeu em suas castas entranhas o corpo natural de Jesus: é sua *maternidade segundo a carne.*

Poderiamos estabelecer um raciocinio analogo sobre este axioma de philosophia: *"Causa causae est causa causati".*

Attribue-se a uma causa o que ella opera e

faz operar por outrem. Este principio está fóra de contestação.

Ora, Jesus, nosso Salvador, de quem nos vem toda graça, se fez homem por Maria. Maria é pois a causa *mediata* e *moral* de nossa salvação, como o Salvador é a causa *immediata e efficiente;* pois que na economia actual do plano divino, sem ella não teriamos tido Redemptor.

Estes dois aspectos da maternidade de Maria foram explicitamente assignalados pelos santos Padres e Doutores da Egreja:

"Maria, diz S. Leão, concebeu no espirito antes de conceber em seu corpo".

S. Agostinho estabelece esta verdade com a precisão toda theologica: "Tanto de espirito, como de corpo, diz elle, Maria é ao mesmo tempo Mãe e Virgem. Pelo espirito é Mãe de todos nós, de todos os membros de nossa cabeça, porque ella cooperou por sua caridade para o nascimento dos fieis na Egreja. Pela carne é Mãe do Christo, nossa divina Cabeça". (1)

A maternidade de Maria, em relação aos homens, não foi até hoje o objecto de uma definição dogmatica, mas poderá vir a sua vez. Ella faz parte do ensino catholico.

Todos os Doutores, todos os Santos, todos os livros de piedade, todas as theologias e catecismos affirmam que Maria é nossa Mãe; todos os christãos chamam-na com o nome de Mãe e seria impossivel negar que ella o é sem dar es-

(1) Ver o nosso livro — "Porque amo a Maria", Cap. IV. 56; A maternidade espiritual.

candalo e sem contradizer o ensino mais explicito da Egreja.

Não nos deteremos em provar uma verdade admittida por todos, e quanto mais que ella pertence antes á theologia das grandezas da Santissima Virgem, que á da vida de intimidade, que queremos salientar nesta obra. (2)

Para o momento retenhamos sómente que Maria nos gerou realmente com Jesus Christo e que, como tal, ella é realmente nossa mãe e o caminho de nossa união com Jesus; pois que é por ella e nella que somos membros do corpo, de qual o Salvador é a Cabeça.

Não se poderia repetir bastante que não recebemos nós a vida sobrenatural sinão tornando-nos um com Jesus Christo; não vivemos da vida sobrenatural, sinão emquanto permanecemos nelle, como o ramo deve estar unido ao tronco e o membro ao corpo. Em uma palavra, nossa incorporação ao Homem-Deus póde fazer de nós homens divinizados. (3)

(2) S. Aug.: De Sant. Virginis C. 5. — Além dos Santos Padres e theologos póde consultar os interpretes do Evangelho segundo S. João, acerca das palavras do Salvador: Eis ahi teu Filho, eis ahi tua Mãe.

(3) Petitalot: "La Vierge Mère d'après la theologie — Ver tambem: Bossuet, "Ser. sur la S. Vierge" — Ventura: "La Mère de Dieu, Mère des hommes" — P. Terrien: "Mère des hommes — P. Jeanjacquot: "Simples explications" sur la cooperation de la S. Vièrge á l'oeuvre de la Redemption. Excellente obra, verdadeira these theologica — P. Bainvel: "Marie, Mère de grace; "memoria apresentada ao congresso marianno de Friburgo em 1902.

Terminando, citemos uma pagina de Santo Alberto Magno, na qual elle descreve, com grande exactidão theologica, o papel de Maria na rereneração da humanidade. (4) "Ella é, depois de Deus, como Deus e abaixo de Deus, diz elle, a causa *efficiente* de nossa regeneração, porque ella gerou nosso Redemptor, e por suas virtudes mereceu pelo merito "de congruo" esta incomparavel honra.

"Ella é a causa *material*, porque o Espirito Santo, por meio de seu consentimento, *"consensu mediante"*, tomou de sua carne e de seu sangue purissimo a carne com a qual elle formou o corpo immolado para a redempção do mundo.

Ella é a causa final, pois a grande obra de redempção, ordenada principalmente para a gloria de Deus, deve concorrer secundariamente para a honra desta Virgem.

"Emfim, ella é a causa *formal*, pois pela luz de sua vida tão conforme á vida de Deus, ella é o exemplar universal que nos mostra o *caminho* para sahirmos de nossas trevas e a direcção para chegarmos á visão da eterna luz".

CAPITULO XXIV

MARIA GERA JESUS EM NÓS

Maria, gerando-nos com Jesus Christo, prepara esta outra verdade, que é o segundo aspecto

(4) Alberto Magno: Super missus est. Quest. 145 e 146.

da maternidade espiritual da Virgem, isto é, ella produz Jesus Christo em nós.

O principio de nossa redempção foi produzido por ella e nella; é necessario pois que o fructo desta redempção nos seja tambem applicado por ella e nella. E' deste modo que nascemos della, para a vida da graça, ou em outros termos: que ella forma Jesus Christo em nós.

O Beato de Monfort exprime muito claramente esta verdade:

"E' certo, diz elle, que Jesus Christo é em particular, para cada pessôa que o possue, tão verdadeiramente o fructo da obra de Maria, como o é para todo o mundo em geral". (1)

Ponhamos desde já o principio da theologia marianna: "Do mesmo modo que Maria produz o autor da graça, assim ella produz nas almas a graça que as une a Jesus Christo".

E' por Maria e por seu consentimento e sua cooperação, que o Verbo se encarnou; é della tambem, isto é, de sua substancia, que elle tomou a carne, pois que ella forneceu o sangue purissimo do qual foi formado o corpo de seu divino Filho. Emfim é nella, em seu seio virginal, que se effectuou o mysterio.

Eis como Maria é verdadeiramente Mãe de Jesus Christo.

Analogo é seu papel em nossa geração espiritual. E' por Maria que nós recebemos a graça, pois é necessario o concurso de sua vontade e de sua oração. Podemos até dizer que esta graça, esta

(1) Traité de la vraie dévotion.

vida divina de certo modo é *della;* pois ainda que não seja verdadeiramente uma porção de sua substancia, é pelo menos alguma cousa, que lhe pertence e que vem della.

De facto, a fonte da graça é Jesus Christo do qual ella é Mãe; é por esta qualidade que ella tem uma especie de direito sobre todas as graças.

"Todos os dons, virtudes e graças do Espirito Santo, diz a este respeito S. Bernardino de Senna, são distribuidos pelas mãos de Maria, a quem ella quer, quando ella quer, de modo e na quantidade que ella quer". (2)

Sobre este assumpto, ouçamos o Beato de Monfort. Ninguem desenvolve este ponto melhor do que elle, pois tratou deste assumpto, não só como theologo profundo, mas tambem como um ardente apostolo do reino de Maria.

Elle põe primeiramente o principio, ao qual se póde dar o valor de uma proposição theologica.

"Quem quer ser membro de Jesus Christo deve ser formado em Maria, por meio da graça de Jesus Christo que reside nella em plenitude, para ter communicação com os verdadeiros membros de Jesus Christo e com seus verdadeiros filhos". (3)

Em outra parte o Beato desenvolve esta proposição com a força de argumentação e da suavidade que lhe é propria.

"Já que Maria, diz elle, formou a cabeça dos predestinados que é Jesus Christo, cabe tambem a

(2) Serm. 6 de Annunt. Art. I. C. II. op. t. IV.
(3) Secret de Marie p. 17.

ella formar os membros desta cabeça, que são os verdadeiros christãos, pois uma mãe não forma a Cabeça sem os membros, nem os membros sem a cabeça.

Quem pois quer ser membro de Jesus Christo, cheio de graça de Jesus Christo, cheio de graça e de verdade, deve ser formado em Maria por meio da graça de Jesus Christo que nella reside, em plenitude, para ter plenitude de communicação com os verdadeiros membros de Jesus Christo e com seus verdadeiros filhos.

"Como, na ordem natural, é necessario que o filho tenha um pae e uma mãe, de egual modo na ordem da graça é necessario que um verdadeiro filho da Egreja tenha um Deus por Pae e Maria por mãe, e si elle se gloria de ter Deus por pae, não tendo o carinho de um verdadeiro filho para com Maria, é um enganador que não tem sinão o demonio por pae.

O Espirito Santo tendo desposado Maria, e tendo produzido nella, por ella e della esta obra prima, Jesus Christo, o Verbo Encarnado, e como elle não a repudiou, continúa a produzir os predestinados todos os dias nella e por ella, de um modo victorioso mas verdadeiro.

Maria recebeu de Deus um dominio particular sobre as almas para alimental-as e fazel-as crescer em Deus.

S. Agostinho chega a dizer que neste mundo os predestinados estão todos encerrados no seio de Maria e que elles não nascem sinão quando esta boa mãe os gera para a vida eterna. Assim

como a criança tira toda sua nutrição de sua mãe que lh'a dá proporcionada á sua fraqueza, do mesmo modo os predestinados tiram todo seu alimento espiritual e toda sua força de Maria". (1)

Um pouco além elle condensa admiravelmente estes pensamentos em uma comparação popular. Elle diz que Maria é a fôrma onde foi feito o Homem-Deus e onde os Santos são perfeitamente formados á imagem de Christo. Uma fôrma é um vaso que imprime na propria forma na materia que ella contem. E' pois ao mesmo tempo instrumento exemplar. O que a fôrma é para a materia que ella contem, são os pensamentos, os desejos, a influencia directriz e providencial da Santissima Virgem para nossa alma.

São como que fôrmas que a conformam á semelhança de Maria, comquanto queiramos ahi entrar e adaptar-nos docilmente.

"Maria é chamada por Santo Agostinho — (2) — e de facto ella o é, — a fôrma viva de Deus: — *forma Dei*, isto é: sómente nella que

(1) Secret de Marie, p. 17.

(2) Esta palavra attribuida a S. Agostinho é muito provavelmente de Fulberto de Chartres. Encontram-se estas mesmas palavras com pequena variante no 208.º sermão do tomo XXXIX (p. 2129) da Patrologia de Migne, sermão que é attribuido tambem a Fulberto de Chartres.

Eis a celebre passagem por extenso: "Quid dicam, pauper ingenio, cum de te quidquid dixerim minus profecto est quam dignitas tua meretur? Si matrem vocem gentium, proecellis; "si formam Dei" appellem, digna existis; si nutricem coelestis panis vocitem, lactis dulcedine replis. Lacta ergo, mater, cibum nostrum, lacta cibum angelorum, lacta eum qui talem te fecit ut ipse fieret in te".

o Homem-Deus foi formado para o natural, sem que lhe faltasse nenhum traço da divindade; e é tambem nella que o homem póde ser formado em Deus, no natural, tanto quanto a natureza humana fôr capaz, pela graça de Jesus Christo.

Um esculptor póde fazer uma estatua ou um retrato de dois modos: servindo-se de sua industria, de sua força, de sua sciencia e da bondade de seus instrumentos, para fazer esta figura em uma materia dura e informe, ou póde pol-a em fôrma. A primeira maneira é custosa e difficil, sujeita a muitos accidentes e muitas vezes é bastante uma cinzelda, uma pancada de martello mal applicada para estragar toda a obra.

A segunda é rapida, facil e suave, quasi sem trabalho e sem despeza, contanto que a fôrma seja perfeita e represente naturalmente e desde que a materia da qual elle se serve seja bem manejavel não resistindo em nada á sua mão.

Maria é a grande fôrma de Deus, feita pelo Espirito Santo, para formar naturalmente um Deus-Homem, pela união hypostatica, e para formar um Homem-Deus pela graça. Nenhum traço de divindade falta a esta fôrma, e quem quer que seja que ahi é amoldado e se deixe manejar recebe todos os traços de Jesus Christo, verdadeiro Deus, de um modo suave e proporcionado á fraqueza humana, sem muito tormento ou trabalho; de um modo seguro, sem receio de illusão, pois o demonio não teve e jamais terá poder sobre Maria; e finalmente de um modo santo e immaculado, sem sombra da menor macula de peccado.

Oh! que differença entre as almas formadas em Jesus Christo, pelos caminhos ordinarios, almas estas que, como os esculptores, se fiam em seu saber e se apoiam em sua industria, e as almas bem livres, bem desempedidas, bem fundidas, que, sem nenhum apoio sobre si mesmas se lançam em Maria e ahi se deixam manejar pela operação do Espirito Santo! Como ha manchas, como ha defeitos, como ha trevas, como ha illusões, e quanta cousa de natural e de humano nas primeiras e como as segundas são puras, divinas e semelhantes a Jesus Christo!

Para comprehender bem esta comparação da forma, como diz o autor da "Vida Espiritual", não é necessario fazer grande esforço. A materia está contida na fôrma como em uma prensa, emquanto nós estamos contidos em Jesus somente pela influencia da vontade de Maria. Além disso, a fôrma age physicamente sobre a materia, imprimindo-lhe sua propria forma, ao passo que a influencia de Maria em nós é sómente de ordem moral!

Afastemos o que a comparação tem de material e teremos uma idéa exacta e profunda do papel de Maria na santificação de nossas almas e do modo que elle forma Jesus em nós.

O' Maria, amoldae-nos em vós, á imagem de Jesus, para que, só elle viva e aja em nós. Nós nos abandonamos a vós como uma cêra molle nas mãos do obreiro... cortae, queimae, diminui... para que Jesus reine, seja glorificado em nós e para que sejaes a Rainha de nossos corações.

CAPITULO XXV

MARIA NA ACQUISIÇÃO DA GRAÇA

O grande assumpto que nos resta tratar e que é como a coroação do nosso pequeno estudo de theologia marianna é o papel de *Medianeira*, dado á Virgem immaculada.

De facto, o papel de Medianeira reune em um plano admiravel e analytico as grandes verdades expostas até aqui.

Jesus Christo, autor e causa principal da graça, e Maria, canal e causa secundaria desta mesma graça nos vão apparecer aqui em seu papel conjuncto, nesta união ineffavel, da qual a vida de Jesus e de Maria nos dão o exemplo.

Antes, porém, de penetrarmos no ponto ultimo desta exhuberante fonte , e afim de poder apreciar melhor sua belleza, devemos considerar primeiramente o papel de Maria na *acquisição* da graça e de todos os meios da salvação.

A graça não existindo em si mesma, mas sendo um accidente, uma qualidade da alma, só o que *adquire* a graça póde *distribuil-a*.

Póde receber-se de outrem uma quantia, para distribuil-a, porque a quantia existe em si mesma, mas não se póde receber uma graça para transmittil-a a uma terceira pessôa, sem que esta graça tenha sido inherente á nossa alma.

Mostrar pois a parte de Maria na acquisição da graça é descobrir a parte que ella toma em sua distribuição.

Como fizemos precedentemente para mais clareza, procedamos por synthese, resumindo todo o assumpto nos três principios theologicos seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Jesus Christo sendo o unico senhor da humanidade, sómente elle podia obter-nos a salvação, por um direito rigoroso de justiça.

SEGUNDO PRINCIPIO:

A Bemaventurada Virgem mereceu a titulo de conveniencia tudo o que Jesus Christo mereceu em rigor de justiça.

TERCEIRO PRINCIPIO:

A Santissima Virgem satisfez por conveniencia onde Jesus Christo satisfez por justiça.

Desenvolvamos summariamente estes principios, admittidos por todos os theologos.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Jesus Christo, sendo o unico senhor da humanidade, só elle poude obter-nos a salvação por um direito rigoroso de justiça".

E' necessario distinguir nos actos do justo um triplice valor: *meritorio, satisfactorio, impetratorio.*

A parte *meritoria* dá direito á graça aqui na terra e á gloria no céu.

A parte *satisfactoria* repara o ultraje feito pelo peccado á majestade infinita e torna-se assim expiatoria; ou por outra. ella nos torna favoraveis a Deus que fôra offendido, e então é propiciatoria.

A parte *impetratoria* obtem, pela oração, as graças necessarias á salvação.

Recordemos ainda uma outra distincção, a do direito de condigno, a titulo de justiça (*de condigno*) e a de conveniencia ou de recompensa (*de congruo*).

No primeiro caso, o valor da obra iguala ao valor da retribuição.

No segundo, o merito apoia-se simplesmente sobre um direito de amizade, de liberalidade, antes que de obrigação absoluta.

Em Jesus Christo o merito de condigno tem todo o rigor de um direito de justiça, pois procede inteiramente do Salvador; entre nós não ha estas exigencias, pois este direito provém da graça que já é um beneficio divino. Mas pelo pacto que Deus se dignou fazer comnosco, por suas promessas, ha realmente proporção entre o merito e a gloria em uma obra feita em estado de graça. (1)

E' neste sentido que a vida eterna é chamada

(1) "Merces vestra copiosa est in coelo" (Math. V. 12).

"uma recompensa", — uma "corôa de justiça" (2) "uma retribuição de nossas obras. (3)

Que o justo possa, pelas boas obras, obter por um merito real o augmento da graça, a vida eterna, e o augmento da gloria, é o que não temos a provar, pois é uma verdade de fé, (4) mas póde elle merecer para os outros, por um merito de condigno?

A resposta é negativa. Para poder merecer para os outros, era necessario ser o chefe sobrenatural da humanidade. E este papel não pertencendo sinão a Jesus Christo, conclue-se dahi que somente Elle nos póde applicar seus meritos e tornar-se como que o principio universal de nossa salvação e justificação, como Elle é a nossa vida, dando-nos a graça.

Bem comprehendido este primeiro principio, podemos avançar ousadamente sem medo de errar, e mostrar assim o papel de Maria Santissima na obra de nossa justificação.

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

"A Bemaventurada Virgem mereceu a titulo de conveniencia tudo o que Jesus Christo mereceu em rigor de justiça". (5)

(2) "Reposita est mihi corona justitiae" (II Tim. IV. 8).

(3) "Reddet unicuique secundum opera sua" (Rom. II. 6).

(4) Conc. Trid. Sess. V. Can. 32.

(5) "B. Virgo de congruo meruit quod Christus de

Este axioma é commumente admittido pelos theologos. E' que, de facto, ella é indissoluvelmente associada ao Filho em toda a economia da reparação. Ella apparece juntamente com elle, a seu lado, inseparavel delle nos grandes momentos de sua missão terrestre, em Belém, no templo de Jerusalem, em Caná, no Calvario.

Jesus nada faz, nem mesmo quer começar cousa alguma, sem o consentimento de Maria. E Deus, sollicitando tão solemnemente o consentimento de sua Mãe, nos mostra ter decretado fazer concorrer sua vontade para a nossa salvação.

Elle não quer que ella seja um simples canal, mas sim um instrumento voluntario.

A partir deste primeiro consentimento da Virgem Santissima, para a obra regeneradora, a vontade da Mãe e a do Filho não fazem mais sinão uma, para offerecer a Deus sua vida, suas supplicas e seu holocausto.

Jesus e Maria formam o par reparador. O Pae celeste os contempla sempre juntos. E' pois natural que tenham um effeito commum para a salvação do mundo.

Christo communem in salute mundi effectum obtinuit. (6) A graça deriva de ambos, comquanto que sob um ponto de vista differente; Maria obtem

condigno". Ver Vega palæstra XXIX — Lepicier. Trat. de B. V. M. pag. 390.

(6) Arn. Carnotensis: "De Laud. V. V".

pelo merito de conveniencia o que o Salvador obtem por titulo de justiça. (4)

A Santissima Virgem, não sendo nem a cabeça da humanidade, nem a causa primeira do sobrenatural, tendo ella mesma recebido a graça, em previsão dos meritos de seu Filho, não podia obternos a salvação por um direito rigoroso de justiça; o primeiro principio já nol-o fez comprehender; mas resta-lhe este direito de amizade, soberano e efficaz que se chama o merito de conveniencia; é por este meio que ella concorreu para a nossa redempção.

A Mãe dos christãos está encarregada de dar ás almas esta vida sobrenatural que parte da eternidade e que resalta na eternidade. Ella não a produz sem duvida por uma virtude propria, pois esta vida é uma participação e uma dimanação da natureza divina; mas ella nol-a alcança pelo menos por via de merito.

Ella é Mãe de todos nós, como o Christo é o principio de todos os nossos bens; sua efficacia deve attingir a todos, aos quaes se applica a causalidade de seu Filho e sua maternidade universal, exige que seu merito secundario ou de conveniencia se estenda a tudo o que pertence ao primeiro e principal merito — o merito de Jesus Christo.

* * *

(4) Cfr. Hugon: "Opus cit. II. p. ch. II".

TERCEIRO PRINCIPIO:

"A Santissima Virgem satisfez pelo titulo de conveniencia onde Jesus Christo satisfez a titulo de justiça". (8)

Este principio é o corollario do precedente sobre o merito, mas como tem uma applicação particular e serve de base a numerosas deducções, póde-se expol-o como um principio á parte e fundamental, distincto do primeiro.

Lembremo-nos primeiramente, como ponto de partida, que só Jesus Christo póde offerecer uma reparação igual á offensa de peccado mortal. O justo com o soccorro divino póde pagar a divida limitada de uma falta venial, pois esta deixa intacta a vida da alma; mas elle nada póde em face do peccado mortal, porque este ultrajando uma majestade infinita, contém uma malicia sem limites, que só se póde reparar por uma satisfação infinita.

Ora, a theologia ensina que o valor da satisfação como o do merito, provem da excellencia da pessoa, toma desta dignidade a extensão e as proporções, e por conseguinte não se torna infinito sinão por ella.

Isto quer dizer que é preciso uma pessoa de uma dignidade infinita, para reparar um peccado mortal, tanto quanto o reclamam as exigencias da justiça divina.

(8) "Virgo satisfecit de congruo ubi Christus de condigno" (Vega pal. XXXIX).

Posto isto, póde e deve dizer-se que a Santissima Virgem, como Coredemptora, inseparavelmente unida ao Redemptor, offereceu por nossos peccados uma satisfação de conveniencia.

Este principio repousa sobre uma triplice base:

Primeiramente, a satisfação é sempre proporcionada ao merito e á graça.

Em seguida ella se mede pela excellencia da pessoa e, finalmente, tira seu poder da obra feita.

Ora, quem meditará, ou quem dará simplesmente uma idéa dos thesouros meritorios da Mãe de Jesus? São thesouros augmentados sem interrupção, desde o instante de sua Concepção Immaculada até a hora de sua Bemaventurada morte!... E' um abysmo insondavel, como já o temos provado na segunda parte desta obra.

E' necessario dizer outro tanto de suas riquezas satisfactorias. E, como ella jamais teve a expiar por si mesma, todos os seus bens se tornaram nossa herança.

A pessoa de Maria accresce ainda singularmente o valor dos actos. Esta maternidade ineffavel que a eleva tão perto de Deus lhe forma uma dignidade, uma ordem á parte, e, tudo o que procede de uma Mãe de Deus, como meritos e satisfações, tem uma perfeição que não se póde encontrar em nenhum dos justos.

E depois disso, vem a obra por ella feita. E' um sacrificio infinitamente propiciatorio. Sem falar da vida tecida de heroismo, basta lançar um olhar sobre a scena do Calvario, para comprehender toda

a excellencia e toda a efficacia do poder satisfactorio da Mãe de Deus.

Podia dizer-se que Maria foi sacerdotiza ao pé da cruz; concluindo este sacrificio que lhe custou todas as dores da natureza e da graça: *"Filium suum quem multo plus se amavit nobis dedit et pro nobis obtulit"*, diz muito bem São Boaventura. (1)

Ella offerece por nós este Filho unico, que lhe é incomparavelmente mais caro que sua propria vida.

E' um pensamento familiar aos Santos Doutores: elles contemplam no Calvario dois altares: um sobre o qual o corpo de Jesus, suspenso á cruz, é offerecido pela paixão, o outro sobre o qual a alma da Virgem Santissima é transpassada pela compaixão. Um gladio de dor vae do Filho á Mãe, para fazer em ambos uma ferida de fogo; as agonias do coração de Jesus ecôam no coração de Maria, para voltar com uma força maior e abalar de novo a alma donde haviam partido.

Resumamos toda esta scena sanguinolenta com as palavras de S. Lourenço Justiniano: "o coração de Maria foi o espelho limpidissimo da Paixão do Christo". (2)

Todos os golpes, todas as dores do Filho são representadas, reproduzidas, soffridas novamente pelo Coração da Mãe.

Maria se immolou com Jesus, diz Arnoldo,

(1) 1 Serm. I. de B. M. V.
(2) De pugna triumphali Christi.

o Cartucho, e intercede pela salvação do mundo; o Filho implora e obtem graça para nós e o Pae Eterno nos perdôa". (3)

E' neste sentido e por estas razões que os theologos, após os Doutores da Egreja, chamam Maria "a redempção dos captivos, a salvação de todos os homens", (4) e, empregam muitas outras fórmulas que levam á mesma conclusão: ella expiou por nós e póde fazer valer para nossa salvação, na ordem da satisfação, o direito soberano de conveniencia, em toda parte onde Jesus reclama o direito de justiça.

Em outros termos: é a prova do principio enunciado e do qual teremos ainda a tirar as deducções mais tocantes e mais consoladoras para nós que regozijamos em ser chamados: "os filhos da Immaculada".

CAPITULO XXVI

MARIA NA DISTRIBUIÇÃO DA GRAÇA

Este capitulo é o corollario do precedente, pois o papel de Maria como Medianeira, dimana necessariamente do seu papel de coredemptora.

(3) Ch. Hugon: Op. cit. II., p. Ch. II.
(4) "Maria Christo se spiritu immolata et pro mundi salute obsecrat, Filius impetrat, Pater condonet". De Laud. B. M. Virg.
(5) S. Ephrem Orat. ad Virg.
(6) S. Lourenço Justin. Serm. de Nat. V. M.

A obra redemtopra operada por Jesus Christo é uma só: ella abrange sua Encarnação, sua vida e sua morte por nosso amor, e além disso é a applicação de seus meritos a todos os homens na successão dos seculos.

Ora, sobre a terra, durante a primeira parte da obra redemptora, como já o demonstrámos no capitulo precedente, Maria apparece sempre com Jesus, inseparavel delle: ella é sua auxiliar e sua companheira, como Eva foi a auxiliar e a companheira de Adão; necessario é tambem que ella lhe seja tambem unida na segunda parte desta obra que é a applicação dos meritos da primeira.

Si Jesus e Maria não interviessem ambos *actualmente*, na distribuição das graças, a unidade do plano divino seria rompida, o que se tornaria indigno do Salvador e mesmo injurioso á Virgem sem macula que Ella escolhera para ser sua Mãe e companheira.

No céu, Maria exerce, pois, perpetuamente suas funcções maternaes, por sua universal mediação, abaixo de Jesus, mas junto delle. Seu papel é secundario, sem duvida, mas tão geral e tão extenso quanto o de Jesus. E' o que temos a estudar e especificar neste capitulo.

Como ponto de partida ponhamos os seguintes principios theologicos, de que daremos em seguida os necessarios esclarecimentos.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Deus decretou que nada chegaria até nós, sem ter passado pelas mãos de Maria Santissima. (1)

SEGUNDO PRINCIPIO:

No céu a Bemaventurada Virgem conhece pormenorizadamente todas as graças de que temos necessidade.

TERCEIRO PRINCIPIO:

A Santissima Virgem pede por nós e obtem todas as graças necessarias.

Estas três proposições estão hoje fóra de discussão: formam o *sentimento* commum dos theologos. Entre os pontos de doutrina relativos á Santissima Virgem, sua mediação universal parece (como a Assumpção) ser um dos mais recentemente definiveis como dogma de fé. (2)

Ponderemos agora cada um dos principios enunciados e delles tiremos as conclusões que se relacionam com o assumpto que tratamos.

* * *

(1) Nihil nos habere voluit quod per Mariae manus non trasiret. (S. Barn.: Serm. 3 in vigil. Domini, num. 10.

(2) Cfr. um profundo e theologico estudo sobre o assumpto, pelo P. de la Broise; Estudos, 1900, t. 83.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Deus decretou que nada chegaria até nós sem ter passado pelas mãos de Maria Santissima".

Essa asserção fundamental é de S. Bernardo e é professada por todos os Santos que exprimiram seus sentimentos acerca deste assumpto.

Notemos que esta these deve ser entendida no sentido mais absoluto: nenhuma graça, nenhuma, sem excepção, desce do céu á terra, sem ter passado pelas mãos de Maria, isto é, por sua mediação actual.

Escutemos a este respeito a voz autorizada de Bossuet, reservando as citações dos Santos Padres para o capitulo seguinte.

Depois de ter mostrado como Maria nos deu o Libertatdor do mundo, o grande orador accrescenta:

"Cómo esta verdade é conhecida, eu não me estendo em vol-a explicar; não calarei, porém, uma consequencia, que talvez não meditastes bastante: é que Deus tendo uma vez querido dar-nos Jesus Christo por Maria, esta ordem não muda mais; e as operações de Deus são irretractaveis.

E' e será sempre verdadeiro que uma vez tendo recebido por ella o principio universal da graça, nós receberiamos ainda por seu intermedio as diversas applicações della, em todos os estados differentes que compõem a vida christã. Sua caridade maternal tendo contribuido tanto para a nossa salvação no mysterio da Encarnação, ella contribuirá eternamente em todas as outras operações que não são sinão dependencias daquella. (3)

E' verdade que Jesus, o Bem-Supremo, tendo querido depender por assim dizer de seu consentimento, de sua caridade, com mais razão dependerá della todo o bem particular desta vida e da outra. (4)

A partir do momento em que ella concebeu em seu seio o Verbo de Deus, diz S. Bernardino de Senna, ella obteve uma certa jurisdicção, uma especie de autoridade sobre toda a processão temporal do Espirito Santo, de tal modo que não se recebem as graças de Deus, sinão por seu intermedio. Eis porque o devotissimo S. Bernardo diz: "Nenhuma graça vem do céu á terra, sem passar por suas mãos". (5)

Este ensino é igualmente dos soberanos Pontifices. Limitemo-nos a uma passagem da Bulla: *"Adjutricem"* de Leão XIII:

"Maria, diz este grande papa, depois de ter sido a cooperadora da redempção humana, tornou-se igualmente, pelo poder quasi immenso que lhe foi concedido, a dispensadora, da graça, que dimana desta redempção para todos os tempos".

Pode resumir-se toda a doutrina catholica sobre este ponto, por este simples axioma: Tudo de Jesus, por Maria, como póde resumir- se a regra

(3) Bossuet: Serm. pour la Concep. de Marie I. p. et 3. serm. pour l'Annonciation. Ier. point.

(4) Ch. Sauvé. Le Culte du Coeur de Marie: II élev.

(5) S. Bern. de Senna: Serm. sobre a natividade de Maria.

de nossa submissão ao Salvador neste outro: *Tudo a Jesus por Maria.*

Está lei é geral e se aplica a todos os que a conhecem ou não.

De facto, podem-se conceber varias hypotheses na distribuição da graça.

Póde-se pedir *explicitamente* á Santissima Virgem e, neste caso, é natural que o favor sollicitado nos venha por sua mediação.

Póde tambem dirigir-se a *algum santo* que se faz nosso intermediario junto á Rainha, e ainda aqui é ella que obtem a graça; implicitamente ella é sempre invocada em toda oração.

Ou finalmente o soccorro celestial nos é conferido sem nenhum pedido de nossa parte, como a primeira graça e as illuminações que, muitas vezes, no curso da vida, previnem a intelligencia e a vontade? Não, mesmo neste caso é necessario admittir a mediação de Maria. (1)

Tudo nos vem pelas mãos de Maria, absolutamente tudo!

Cada graça em particular e para cada um dos homens, quer seja ella a esmola mendigada por nossas orações, quer seja o dom preventivo, concedido sem petição, é sempre devida á intercessão actual da Virgem; mesmo a graça sacramental, pois é a Mãe de Deus quem nos procura os ministros do Sacramento, e nos dá as disposições para receber com fructo o rito sagrado.

(1) Cfr. E. Hugon: Op. cit. II. P. ch. III — Ch. Sauvè. Op. cit. II. Élev. VI et VII. — Suarez: "De mysteriis", disp. XXIII 2, de B. V. M. intercessione atque invocatione.

E' pois realmente no sentido mais absoluto e sem reserva alguma que se póde dizer que nada vos vem do céu sem ter passado pelas mãos de Maria.

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

"No céu a Bemaventurada Virgem conhece pormenorizadamente todas as graças de que nós temos necessidade".

Este principio é como o corollario do primeiro, ou si se quizer, é uma das bases do mesmo.

Para que Maria interceda em cada um dos casos e para cada uma das graças, é preciso necessariamente que ella conheça as orações, as necessidades, os interesses de todos e de cada um dos homens. Goza ella realmente desta sciencia?

Póde dizer-se que sim. De facto, é um principio admittido por todos os theologos que: "No céu os Bemaventurados têm direito ao conhecimento de tudo quanto os póde interessar aqui na terra, em razão de seu officio, de seu papel, de suas relações comnosco: tudo isto faz parte de sua beatitude".

A historia de Lazaro e do mau rico é um exemplo disso. Todavia este conhecimento não é universal. No que diz respeito ao segredo de nossos pensamentos, o plano divino de nossa vida

não lhes são conhecidos sinão á medida que Deus lh'os revela. Elle o faz sobretudo em razão dos officios e relações que elles têm para comnosco, seja na oração, seja nas funcções de seu ministerio.

Assim um fundador de uma ordem vê as lutas e os triumphos de sua familia espiritual; um pae e uma mãe, as necessidades de seus filhos. Maria, sendo mãe de todos os homens, por uma maternidade effectiva, é necessario que ella conheça tudo o que tem relação com a vida sobrenatural, que ella é encarregada de nos dar e de manter: as boas acções que a desenvolvem, os erros que a diminuem ou destróem e pela mesma razão todos os nossos pensamentos e todos os nossos desejos; os perigos que a ameaçam, os soccorros que devem protegel-a e do mesmo modo todas as nossas tentações, todas as graças que nos são uteis ou necessarias.

Esta sciencia universal muito necessaria e certissima, que se extende ás mais insignificantes minucias de nosso destino, é um apanagio da maternidade divina; entra na noção mesma dos direitos e dos deveres que a Virgem tem para comnosco: tudo isso a interessa, porque ella é nossa mãe. (2)

No momento mesmo que se dirige a Deus, immediatamente sem duvida, ella vê todos e cada um dos homens, suas acções, suas situações, suas necessidades e os designios de Deus a respeito delles, penetra até seus pensamentos, pois tudo isso lhe diz respeito.

(2) Cfr.: S. Thomaz 1, 2, 86, et supplem. q. CXII. a 3 et 2—2-, q. LXXXIII a 3 aet 2—2 q. LXXXIII, a 4, ad 2.

* * *

TERCEIRO PRINCIPIO:

"A Santissima Virgem pede e obtem para nós todas as graças necessarias".

Maria vê nossas necessidades, é certo, todos os theologos estão de accordo sobre este ponto. Elles devem pois estar de accordo com este que dimana directamente daquelle.

Si a Virgem Immaculada vê nossas necessidades, não ha nenhuma duvida que ella possa e queira trazer-nos o remedio. Basta a uma mãe suspeitar as necessidades de seu filho, para que procure allivial-as.

E como aqui a oração é sempre efficaz e os desejos attendidos, temos bastantes razões para concluir que todos os soccorros sobrenaturaes nos chegam por esta intercessão.

Isto não é sinão uma piedosa crença, e as opiniões são livres sobre este ponto; entretanto, seria temerario eximir-se de um ensino que é o de todos os santos e doutores, e que repousa sobre as mais solidas bases theologicas.

Que consolador e efficaz pensamento: o olhar de Maria está fixo sobre nós, nós lhe somos realmente presentes, e a cada acto de confiança da nossa parte, a cada elevação de nossa alma a Maria, corresponde de sua parte um outro olhar, uma outra prece, que muitas vezes mesmo nos previne, ultrapassa nossos fracos desejos e cumula abundantemente nossa indigencia.

E notemos que Maria não pede somente para nós, apresentando-se a si mesma a Deus, para que á sua vista, em consideração dos seus meritos e do amor que ella nos tem, elle nos conceda graças, mas ella sollicita por uma petição *actual, explicita, formal e particular* para cada um de nós.

Não é afinal, em vista desta oração actual, formal e particularizada, que é concedida á divina Medianeira, a vista de tudo o que nos diz respeito e do que se faz na Egreja?

Toda esta doutrina póde ser resumida e provada em três palavras:

"Maria conhece todas as graças de que temos necessidade, porque ella é nossa Mãe; ella as pede, porque é immensamente bondosa; ella as obtem, porque é toda poderosa.

S. Affonso tratou longamente desta questão que lhe era particular e querida, e respondeu aos ataques feitos a uma tão piedosa e solida doutrina.

Este sentimento tornou-se commum em nossos dias e todos os theologos Mariologistas o adoptam e defendem. No capitulo seguinte veremos a autoridade dos santos e as razões theologicas desta grande verdade.

Da doutrina que precedentemente expusemos sobre os meritos e as satisfações da Santissima Virgem, tira-se uma outra razão decisiva: o poder de intercessão ainda parallelamente ao valor meritorio ou expiatorio.

A meditação do céu apoia-se sobre os meritos adquiridos cá na terra.

Parece justo que o papel da Virgem Santissima, na distribuição das graças, corresponda inteiramente ao que ella teve na acquisição dellas. Ella nol-as mereceu todas secundariamente e em união com seu Filho; ella deve pois tambem nol-as distribuir, comquanto que por uma mediação secundaria em união com Jesus.

Mais outra prova. A obra da santificação é o effeito e o complemento da obra da redempção.

Ora, a Encarnação e, por conseguinte, a Redempção, não teria podido realizar-se sem a sua acceitação formal e precisa; é necessario pois que as consequencias, o prolongamento da Encarnação, os dons sobrenaturaes, a salvação dependam tambem de seu consentimento actual, renovado sem cessar.

A influencia é pois continua e se applica a todos os effeitos: graças de pensamentos puros, de desejos generosos, de resoluções energicas, de obras santas e de divinos enthusiasmos, tudo deriva da intercessão universal de Maria.

Resta-nos uma ultima razão theologica, e é a razão fundamental: é o titulo de *Mãe dos homens*.

A fecundidade virginal de Maria, diz muito bem um profundo theologo, se exerce sobre o corpo mystico tão bem quanto sobre o corpo natural do Christo; a geração espiritual não é sinão o complemento da maternidade divina.

O officio da mãe, na ordem natural, não é somente dar a vida; mas tambem conserval-a, mantel-a, fortifical-a.

A vida da alma, para crescer, exige uma influencia immediata e continua da vida do céu para

todo acto meritorio, ou mesmo salutar; é necessaria uma nova energia, uma graça actual.

Si Maria é verdadeira e inteiramente nossa Mãe, ella deve communicar-nos cada um destes movimentos que augmentam nossas forças sobrenaturaes, cada uma de nossas energias vitaes que fazem a alma chegar á sua maturidade, em uma palavra, cada uma destas graças que desenvolvem a vida.

Taes são as provas, tanto da parte da Egreja como da parte da sã theologia, sobre a intercessão da Virgem Santissima. Como estas haveria muitas outras, entre as quaes duas principalmente merecem nossa attenção; eis porque desenvolvel-as-emos no capitulo seguinte.

Por ora concluamos, repetindo estas bellas palavras de S. Bernardo:

"Deus, diz elle, depositou em Maria a plenitude de todo o bem: tudo o que temos de esperança, de salvação, de graça, deriva della.

"Tirae o astro que esclarece o mundo, onde está o dia?...

Tirae Maria, a estrella do mar, deste vasto e espaçoso oceano, onde se agita a humanidade, o que nos fica?...

Eis-nos envoltos na obscuridade e na sombra da morte, nas trevas mais espessas.

Honremos, pois, a Maria do mais profundo de nosso coração, com a mais intima de nossas affeições, com todos os nossos votos, pois tal é a

vontade d'Aquelle que diz que tivessemos tudo por Maria". (1)

CAPITULO XXVII

TUDO POR MARIA

O assumpto que acabámos de tratar é de uma importancia tal, pela relação com a vida de intimidade, que devemos consideral-o sob todos os aspectos, num estudo pormenorizado.

E' por assim dizer a chave doiro da vida de intimidade.

Uma vez convencidos profundamente que tudo nos vem por Maria, sentiremos a necessidade de nos approximarmos cada vez mais desta boa Mãe, quereremos estar unidos a ella como os membros devem estar unidos ao pescoço, e pelo pescoço á cabeça, que é o doce Salvador de nossas almas.

Desenvolvamos, pois, ainda a nossa these e provemol-a pela autoridade da Egreja e pelas razões theologicas, para que ninguem possa resistir aos argumentos, nem enfraquecer a comprehensão desta consoladora doutrina.

PRIMEIRA PROVA:

A Egreja, pela voz de seus Pontifices, pela voz da Liturgia e de suas Orações, nos

(1) Sermo de Aequæducto.

ensina que tudo nos vem pela intercessão de Maria.

SEGUNDA PROVA:

Baseando suas asserções sobre o Evangelho, — o papel da Virgem, o designio do Altissimo sobre ela e sua qualidade de Mãe dos Homens — a theologia ensina que toda graça passa por suas mãos maternaes.

* * *

PRIMEIRA PROVA:

A Egreja é primeiramente o Pontifice Romano, Vigario de Jesus Christo sobre a terra. Como não é uma definição dogmatica, este ensino official e solemne não poderia ser proposto nem recommendado aos fieis, si não tivesse fundamentos solidos na tradição e, digamos mais, si não exprimisse todas as nossas necessidades toda a crença geral do catholicismo. (1)

Citemos algumas destas palavras:

Bento XIV, na celebre Bulla: *Gloriosae Dominae*, proclama que "Maria é como o celeste canal pelo qual desce ao seio dos infortunados mortaes as aguas de *todas* as graças e de *todos* os dons.

Leão XIII, na encyclica: *Jucunda semper*, assim se exprime, falando do Rosario: "Vem primeiramente, com muita razão o Padre Nosso, a

(1) Hugon: Op. cit. cap. IV.

oração a nosso Pae do Céu. Apenas o invocamos e já de seu throno, nossa oração desce e se torna supplicante a Maria, tudo naturalmente em virtude desta lei de conciliação e de supplicação, tão bem formulada por S. Bernardino de Senna. (2)

Toda graça concedida aos homens chega até elles por três degraus perfeitamente ordenados. Deus a communica ao Christo, do Christo ella passa á Sma. Virgem e das mãos de Maria ella desce até nós.

Sua Santidade Pio X não é menos expressivo. Em sua Bulla: *Ad diem illum*, elle desenvolve e consagra por seu ensino as figuras do *pescoço* e do *Aqueducto*, applicados á Santissima Virgem por S. Bernardo.

"Maria, diz elle, é o Aqueducto, ou si se quizer, é esta parte mediana que tem por funcção propria ligar o corpo á cabeça e transmittir ao corpo as influencias e as efficacias da cabeça, *ella* — é o Pescoço".

Uma das provas comprobativas desta verdade é a *liturgia*.

A liturgia tem uma autoridade maior que a que geralmente se lhe attribue: ella traduz em acto a crença da Egreja e, póde-se dizer com o Papa S. Celestino, que o dogma e a oração têm uma mesma lei: *Lex supplicandi statuit legem credendi*.

Ora, nada reapparece mais frequentemente no officio liturgico que esta intercessão universal de

(2) Serm. VI. In fest. B. M. V. a. I. c. 2,

Maria. Elle nos mostra que Maria está encarregada de apresentar nossas orações a Jesus Christo: *Sumat per te preces,* e de soccorrer os christãos em todas as suas necessidades: "Santa Maria, soccorrei os infortunados, fortificae os pusillanimes, consolae os que choram, rogae pelo povo, intervinde em favor do clero, intercedei pelas Virgens: que todos experimentem a efficacia de vossa assistencia". (3)

Além disso a Egreja manda rezar no começo e no fim de cada hora do Officio o Padre Nosso e a *Ave-Maria,* como que para nos fazer comprehender que espera todas as graças da mediação de Maria, depois da mediação de Jesus Christo.

Não insiste ella, por esta pratica, diz um piedoso theologo (1) que esta intercessão, comquanto de uma ordem inferior á do Christo, é entretanto uma intercessão universal e necessaria?...

Poder-se-ia encontrar uma outra prova desta doutrina, na recitação do Rosario, tão recommendada pelos Soberanos Pontifices.

Porque esta insistencia em repetir as *Ave-Maria?* Não é isto um indicio de que a Egreja espera tudo de Maria?...

Ouçamos a esse respeito o grande Leão XIII na Encyclica já citada. Depois de ter recordado que a graça nos chega por tres degraus: de Deus ao Christo, do Christo á Maria, de Maria ás almas, elle acrescenta:

(3) Oração do Officio, tirada do 18.º sermão: "De Sanctis", de Santo Agostinho.

(1) P. de la Broise: "Estudos", publicados pelos PP. Jesuitas. Maio de 1896, p. 29.

"Ora, pela recitação do Rosario nós nos apoiamos de certo modo com mais felicidade no terceiro destes degraus, para chegar por Jesus Christo a Deus, seu Pae.

Repetimos esta mesma saudação tantas vezes, á Maria Santissima, para que nossa fraca oração se grave, se fortifique, com a confiança necessaria desde que nós lhe supplicamos rogar a Deus por nós, em nome de todos nós".

SEGUNDA PROVA:

São as razões theologicas.

A primeira é tirada do *Evangelho.*

Notemos desde logo que as operações principaes de salvação se referem a tres series de graças: a vocação á fé, a justificação e a perseverança.

Ora, durante sua vida mortal, o Salvador distribuiu estas três especies de graças... e cada vez por Maria.

A graça da vocação nos é figurada pela subita illuminação que recebeu o Santo Precursor, nas entranhas de sua mãe.

A justificação é representada nas bodas de Caná, na pessoa dos Apostolos, que foram confirmados na fé e na graça, á vista deste grande milagre.

A perseverança nos é mostrada na pessoa de S. João que com Maria seguiu o dôce Salvador até ao Calvario e, em recompensa, recebeu-a como Mãe sua, e de toda a humanidade que elle representava nesta hora.

Servindo-se de sua Mãe para communicar estas três graças de salvação, Jesus Christo nos dá a entender que todos os outros soccorros que não são sinão applicações destas três graças fundamentaes, deverão passar todas por suas mãos.

A primeira applicação desta lei foi feita no dia de Pentecostes, acontecimento que é a imagem de tudo que Deus deve operar nas almas até ao fim dos seculos.

Ora, esta effusão de graças no Cenaculo se fez por Maria. Jesus Christo, conservando na distribuição deste dons a ordem estabelecida na origem de sua Egreja, póde concluir que até ao fim dos tempos os dons de Deus serão transmittidos por ella. (2)

CAPITULO XXVIII

O ENSINO DOS SANTOS

Após o que temos dito a respeito da mediação da Virgem Immaculada, parece quasi superfluo dar outras provas.

Afim de não interrompermos o raciocinio no curso da exposição de nossa these, isolámos propositalmente as citações dos santos Padres, reservando-as para um capitulo á parte.

Omittil-as seria privarmo-nos de uma grande consolação e arrebatar da corôa de nossa Mãe Celestial, pedras preciosas que a fazem resplandecer e

(2) Cfr. Encyclica de Leão XIII já citada: "Jucunda semper", 1894.

a mostram em todo o fulgor de sua maternal intercessão.

Além disso seria privar nosso ensino desta autoridade transcendente de vinte seculos de amor apaixonado pela divina Medianeira.

De facto, o que fala pelos labios dos Santos Padres é a fé secular, bem como o seu amor pela Rainha dos Céus.

Como conclusão affectiva, como ramalhete espiritual destas considerações, ouçamos pois um instante os Santos e os Doutores nos expôrem, em suave linguagem, as verdades theologicas que acabámos de meditar.

E' necessario collocar em primeiro logar o grande panegyrista da Santissima Virgem, o suave S. Bernardo.

O Santo Doutor diz que Maria recebeu de Deus a plenitude dos bens. Depois, explica elle o que se comprehende por esta plenitude. Jesus Christo é a primeira e principal fonte de todas as graças, porém Maria o carregou em seu seio. Em seguida, em consequencia desta primeira plenitude, a bemaventurada Virgem recebeu uma outra, a plenitude das graças, para que, em qualidade de medianeira dos homens junto a Deus, ella as distribua a todos com suas proprias mãos.

Eis como o Santo se exprime nesta passagem: "Porque temeria a humana fraqueza approximar-se de Maria Santissima? Nella nada ha de terrivel; ella não é sinão doçura; a todos ella offerece o leite e a lã de sua misericordia.

Dae pois graças Áquelle que vos proveu de

uma tal medianeira. Maria se faz tudo para todos. Sua superabundante caridade está empenhada para com os sabios e os insensatos. E' a todos que ella abre o seio de sua misericordia, para que todos vão haurir em sua plenitude: o captivo, sua liberdade; o enfermo, sua cura; o peccador, seu perdão; o justo, novas graças; o anjo, um accrescimo de alegria; a pessoa do Verbo, a carne da qual elle quer revestir-se, de modo que ninguem escapa ao doce calor deste benefico sol. (1)

Para que todos vão haurir em sua plenitude.

Observa S. Ligorio, commentando esta passagem, que estas palarvas provam que o santo não fala aqui da primeira plenitude que é Jesus Christo; de outro modo não teria elle podido predizer que desta plenitude o proprio Verbo tira a sua carne; mas elle se refere perfeitamente á segunda plenitude, a qual é uma consequencia da primeira, e que Deus collocou em Maria, para que ella distribua a cada um de nós as graças que nos são destinadas:

"Deve-se notar ainda esta outra passagem: *de modo que ninguem escapa ao doce calor deste benefico sol.*

E' ainda S. Ligorio quem fala: (2)

Si alguem recebesse graças de outro modo, sinão pelo intermedio de Maria, poderia escapar ao calor deste sol, mas S. Bernardo assegura que ninguem pode subtrair-se aos raios da misericordia de Maria.

Eis o que elle diz ainda no mesmo discurso:

(1) In signo magno.
(2) Glorias de Maria Santissima: Resp. a um anon.

Pudessemos nós chegar até ao vosso divino Filho, por vós, pois fostes vós que readquiristes a graça perdida por nós, vós que sois a Mãe da nossa salvação, para que, por vós, nos receba Aquelle que nos foi dado por vós.

Seria necessario citar integralmente as admiraveis homilias de (2) S. Bernardo sobre a Mãe de Jesus, para se ter uma idéa da convicção que animava o santo acerca desta verdade assim como de sua importancia; é necessario porém que nos contenhamos, afim de ouvir a voz de alguns Doutores e Santos, não menos enamorados de Maria que o Santo Abbade de Clairvaux.

"Ninguem, exclama *S. Germano de Constantinopla*, recebe os dons de Deus, sinão por vós, ó Purissima Virgem; a ninguem é concedida a graça divina, sinão por vós, o Honorabilissima Senhora". (3)

S. Pedro Damião declara que "a Virgem Santissima tem em mãos todas as riquezas das misericordias divinas: *In manibus tuis sunt thesauri miserationum Domini* (4)

S. Anselmo, para fazer comprehender bem que Maria é invocada implicitamente em toda oração e que nenhum soccorro nos póde chegar sem sua intervenção, lhe diz: "O' Virgem se vos calaes, nenhum outro santo póde pedir, nem ajudar; des-

(2) Serm. 1. de Nativ.
(3) "Per te accessum habeamus ad Filium, o Inventrix gratiae, Mater salutis! ut per te nos suscipiat, qui per te datus est nobis" (In adv. D. s. 2).
(4) Hom. in S. M. Zonam n.º 5.

de que intercedeis, os outros podem pedir e nos soccorrer. (5)

"Todos os bens que a Majestade Suprema decretou conceder-nos, diz *S. Ildefonso*, elle os remetteu em vossas mãos; sim, a vós ó Maria, estão confiados os thesouros de graças de todos os dons celestiaes (6)".

S. Antonio: "Sollicitar os favores divinos independentemente de Maria é querer voar sem azas". (7)

Santo *Alberto Magno* assim se expressa: "Maria é a distribuidora universal de todos os bens". (8)

S. Bernardino: "Todos os dons, todas as virtudes e todas as graças são dispensadas pelas mãos de Maria, a quem ella quer, quando ella quer, como ella quer." (9)

S. Agostinho: "E' em vós, ó Maria, é por vós e de vós que nós recebemos ou receberemos todos os bens que o céu nos destina, disso estamos certos". (10)

(5) Orat. 45 ad V. V.
(6) De cor. V. c, 15.
(7) Qui petit sine ipsa duce, sine alis tentat vilare. P. 4 tit. 15, c. 22, § 9).
(8) Omnium bonitatum universaliter distribuitiva. (qq. super Missus est. q. XXIX.).
(9) Ideo omnia dona, virtutes et gratiae, quibus vult, quando vult et quomodo vult, per ipsius manus dipensantur. (Pro fest. V. M. s. 5 c. 8).
(10) In te, et per te, et de te, quidquid boni recipimus et recepturi sumus, per te recipere vere cognoscimus (Serm. de Assump. B. V. M.).

S. Ephrem: "Tudo o que foi e tudo o que será concebido de gloria, de honra, de santidade e de bençams, desde Adão até a consummação dos tempos, foi e o será em consideração á Maria ou á sua oração". (11)

S. Ligorio: "Deus assim quiz, para honrar sua Mãe e, além disso, Elle quer que os santos recorram a ella para obter as graças que elles sollicitam em favor de seus protegidos. (12)

S. Bernardo: "Maria foi dada ao mundo para que por meio desta canal de graças os dons celestes desçam continuamente até nós". (13)

S. Boaventura: "Collocada entre o sol e a terra, a lua transmitte a esta a luz que recebe do sol; e Maria recebe do Sol Divino as celestes influencias da graça, para nol-as transmittir aqui na terra". (14)

S. Lourenço: "Deus não concede bem algum ás suas creaturas, sem o fazer passar pelas mãos da Virgem-Mãe". (15)

S. Thomaz: A Bemaventurada Virgem é chamada cheia de graça, porque ella derrama esta vida divina sobre todos os homens... Ella propria diz:

(11) Per te omnis gloria, honor et santitatis, ab ipso primo Immaculatissima, derivata est, derivatur ac derivabitur (S. Ephr. Orat. 4 ad Deiparam).
(12) S. Ligorio: Glorias de Maria.
(13) De aquaeductu.
(14) S. Bon.: Spann. Polyanth litt. M. t. 6.
(15) Deus quidquid boni dat creaturis suis, per manus Matris Virginis vult transire. (De Laud. B. M. V. 1, 2, p. 3).

Em mim reside toda esperança de vida e de virtude". (16)

O Idiota: "Vós sois a dispensadora das graças divinas; vosso Filho não nos concede cousa alguma que não passe por vossas mãos". (17)

Gerson: "O' vos que sois a mãe da graça, a Virgem illustre, pelas mãos da qual nos chegam todos os bens, que nos são concedidos, vós que sois rica para todos que vos invocam, nós vos imploramos, saudando-vos e vos saudamos, implorando-vos". (18)

Suarez: Depois de ter repetido as sentenças dos Santos Padres, delles tira esta conclusão: "Segundo o sentimento da Egreja a intercessão de Maria não nos é somente util, mas ainda necessaria". (19)

Contenson: "Pronunciando esta palavra: *Eis aqui vossa Mãe*, o Christo parece dizer: Do mesmo modo que ninguem póde ser salvo, sinão pelo merito de minha cruz, tambem pessoa alguma participa dos fructos do meu sangue sinão pela intercessão de minha Mãe. Só será contemplado como filho de minhas dores o que tiver Maria por Mãe.

(16) Commet. in Salut. Angel.

(17) Tu dispensatrix es gratiarum divinarum! nihil concedit nobis Filius tuus, quin pertransiret per manus tuas. (Op. plen. de B. V. p. 9 cont. 14).

(18) Sermão in Coena Domini.

(19) Sentit Ecclesia Virginis intercessionem esse utilem ac necessariam (De Incarn. p. 2. c. 23, s. 3): trata-se aqui de uma necessidade moral.

Minhas chagas são fontes eternas de graças, ellas permanecem sempre abertas; mas estas ondas não alcançam sinão as almas que seguem o canal que é Maria.

Em vão me invocará como pae quem não quizer honrar Maria por Mãe. (20)

Poderiamos prolongar indefinidamente estas citações, pois todos os Santos Padres, todos os Santos que exprimiram seus sentimentos sobre este assumpto, são da mesma opinião. Mons. Gay, P. Terrien, Petitalot, Lepicier, Hugon, Nicolas, Lhoumeau, Sauvé, etc. etc., têm sobre este assumpto paginas admiraveis, tão theologicas quão piedosas.

Resumamol-as todas por uma citação do Beato de Montfort, que condensa por assim dizer, e transmitte com força a exactidão do ensino dos antigos e modernos. (21)

"Deus-Pae, diz elle, fez um conjuncto de todas as aguas e chamou mar, fez uma reunião de todas as graças e chamou Maria.

Este grande Deus possue um thesouro ou antes um armazem riquissimo, onde encerrou tudo o que possue de bello, de esplendido, de raro e de precioso, até o seu proprio Filho; e este thesouro immenso, outra cousa não é sinão Maria, que os santos chamam o thesouro do Senhor, da plenitude do qual são enriquecidos todos os homens.

(20) Theol. mentis et Cordis. lib. X., dis. IV C. I. quartus excessus.

(21) Vraie dévotion á la S. Vièrge, et Secret de Marie. — Ver tambem nosso livro "Porque amo a Maria", Cap. 9, 1, 2 e 3.

Deus Filho communicou á sua Mãe tudo o que elle adquiriu por sua vida, seus meritos infinitos e suas virtudes admiraveis, elle a formou thesoureira de tudo o que o Pae Eterno lhe deu em herança. E' por ella que elle applica seus meritos a seus membros, que elle communica suas virtudes e distribue suas graças; é ella o seu canal mysterioso, o seu aqueducto por onde elle faz passar doce e abundantemente suas misericordias.

"Deus Espirito Santo communicou a Maria, sua fiel Esposa, seus dons ineffaveis e a escolheu para dispensadora de tudo o que possue.

Ella foi escolhida, diz em outra parte o ardente Apostolo de Maria, resumindo o que precede, para a thesoureira, a economa, a dispensadora de todas suas graças; e todos os seus dons passam por suas mãos e conforme o poder que ella recebeu delle, ella dá como quer, as graças do Pae Eterno, as virtudes de Jesus Christo, e os dons do Espirito Santo". (1)

Esta é a doutrina dos Santos e de todos os seculos.

Nenhum theologo serio a contradiz, nem a contradirá. No tempo de Santo Affonso de Ligorio um anonymo tentou atacar esta doutrina que já tinha sido combatida por Muratori, mas o Santo Doutor lhe respondeu com uma força de razões e de provas que deveriam fazer reflectir os detractores das prerogativas da Mãe de Deus.

O que acabámos de dizer sobre este assumpto

(1) Sécret de Marie, p. 16.

deve convencer, parece-nos, toda a alma de bôa fé, e dar áquelles que aspiram a vida de intimidade com a Santissima Virgem uma noção precisa, clara e fecunda das bases desta vida. O capitulo seguinte acabará de revelar-nos todo o segredo desta admiravel união, mostrando-nos como estamos unidos a ella e qual deve ser a influencia que deve exercer a mesma sobre a nossa vida.

CAPITULO XXIX

O CORPO MYSTICO

Entre as adoraveis verdades que o Salvador revelou aos olhares dos homens, não ha talvez nenhuma mais bella, nem mais profunda que a de seu corpo mystico.

Devemos estudar a fundo esta figura admiravel, pois é sobre ella, como já o dissemos na primeira parte, que está fundada a vida de intimidade com a Santissima Virgem.

O divino Redemptor não tem, com effeito, somente o corpo que foi immolado na cruz e do qual elle quiz revestir-se, como todos os filhos dos homens; mas elle possue igualmente um corpo mystico, tão perfeito e tão real quanto o primeiro, comquanto de uma natureza e em um estado differente. (2) E' composto de todos os filhos da Egreja, que são os membros espirituaes.

(2) P. d'Argentan: Conf. sobre as grandezas de Jesus Christo: 24.ª e 30.ª conf.

Uma parte deste corpo veneravel já gosa da gloria do céu, uma outra soffre e espera a hora da libertação nas chammas expiatorias do Purgatorio; outros membros combatem ainda sobre a terra; mas todos, sem excepção, não têm sinão uma mesma cabeça, o proprio Jesus Christo, do qual recebem sem cessar as divinas e vivificantes influencias, e elles estão unidos a este chefe, a esta cabeça adoravel, por uma relação não menos estreita que a que une os membros do corpo natural e que estão tão ligados pelas mais intimas e santas relações sobrenaturaes. (3)

Para bem nos compenetrarmos desta grande e fundamental verdade, limitemo-nos, neste capitulo do conjuncto deste corpo mystico, reservando para os capitulos seguintes o estudo do pescoço e dos membros, bem como as conclusões que dimanam dellas.

Este capitulo todo é baseado nos principios seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Jesus Christo é a cabeça da Egreja, a qual constitue seu corpo mystico, do qual todos os christãos são membros.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Em um mesmo corpo todos os membros não têm a mesma funcção, porém, todos concorrem para a perfeição do corpo completo.

(3) P. Giraud: Op. cit.

São Bellarmino, resumindo sobre este assumpto a doutrina de S. Bernardino de Senna, de Contenson e de varios outros, se exprime como segue:

"O Christo é a cabeça da Egreja, e Maria é o pescoço da mesma. Todos os favores, todas as graças, todas as influencias celestes vêm do Christo, como a cabeça; todas descem para o corpo por Maria, como é pelo pescoço, no organismo humano, que a cabeça vivifica os membros.

No corpo do homem ha varias mãos, varios braços, varias espaduas, varios pés; mas uma unica cabeça, um só pescoço. Do mesmo modo na Egreja, eu vejo varios Apostolos, varios martyres, varios confessores, varias virgens, mas não vejo sinão uma Mãe de Deus". (1)

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"Jesus Christo é a cabeça da Egreja, a qual constitue seu corpo mystico, do qual todos os christãos são os membros".

Esta doutrina é formalmente ensinada por S. Paulo:

Sicut in uno corpore, multa membra habemus, omnia autem membra non eumdem actum habent, ita multi, unum corpus sumus in Christo — (2) *Vos autem estis corpus Christi et membra de mem-*

(1) Bellarm. Conc. 42 de Natio. B. V. M.
(2) Rom. XII, 4, 5.

bro. (3) — *Ipse est caput corporis Ecclesiae.* (4) *Membra sumus corporis ejus, de carne ejus de ossibus ejus.* (5)

Textos que confirmam, palavra por palavra, o principio enunciado e lhe dão um valor dogmatico, que se devia recordar sem cessar, e collocar como fundamento de todos os tratados de vida interior.

Notemos, entretanto, que o corpo mystico do Salvador não é somente uma Sociedade formada entre Jesus e nós, uma communidade mais ou menos perfeita de idéas, de sentimentos e de obras; é necessario tomar a palavra *corpo* em um sentido mais litteral. Membros deste corpo, nós vivemos da própria vida de Jesus, não uma vida, imagem da sua, por perfeita que seja esta imagem, mas é bem a sua vida propria e real: *Divinae consortes naturae.* (6) — Eu sou o tronco e vós sois os ramos — *Viri caput Christus est.* (8) O Christo é a cabeça do homem.

Não ha a mesma vida entre o tronco e os ramos, entre a cabeça e os membros? Do mesmo modo entre Jesus e nós. *Christus . . . vita vestra.* Vossa vida é o Christo.

Vemol-o claramente; nada ha de mais positivo, nem mais expressivo que estas affirmações dos Apostolos.

(3) I. Co. XII. 27.
(4) Coloss. I. 18.
(5) Ephes. V. 30.
(6) Per. I. 4.
(7) Joan. XV. 5.
(8) I Cor. XI. 3.

Vê-se até, por sua insistencia em repetir esta verdade, para lhe dar a forma de tudo que ha de mais intimo, que este ensino era familiar ao Salvador, e bem comprehendido pelos primeiros christãos.

Este corpo mystico, exterior, devia integralmente e em todas as partes, reflectir a sabedoria de seu chefe, como em um corpo são, cada um dos membros mostra a elevação e a sabedoria da cabeça.

E isto é verdade? . . .

Pode-se dizer que sim.

Visto de fóra este corpo immenso parece ter muitos defeitos; muitas vezes, porém, um membro parece estar em desaccordo com outro, um combate e mesmo destróe o outro.

Este desaccordo não é sinão apparente, e no céu veremos como tudo concorria para a gloria de Deus e salvação de cada um dos membros deste corpo. E' a Providencia quem dirige tudo, quem governa tudo, quem vela sobre cada acção, sobre cada movimento, e nada acontece que não tenha sido previsto por Ella. Os homens são livres, sem dúvida, mas conservando em tudo sua liberdade, o resultado de sua acção é conhecido e previsto por Deus desde toda a eternidade.

A conducta dos homens, por anormal que ella seja, por carregada de crimes que se apresente a nosso olhar, não destróe, nem desordena cousa alguma no plano divino, mas pelo contrario concorre para a união e a perfeição do conjuncto.

Não estudaremos aqui a angustiosa e entre-

tanto consoladora questão da predestinação; basta notar sobretudo as verdades que se referem ao nosso assumpto, que o esclarecem e nos fazem comprehender melhor a sua belleza.

No corpo mystico, como no corpo natural, é necessario distinguir três partes: a *cabeça*, o *pescoço* e os *membros*.

A *cabeça* é Jesus Christo.

O *pescoço* é a Santissima Virgem.

Os *membros* são cada um dos christãos. (1)

"Na cabeça, diz Santo Thomaz, é necessario observar três cousas: a *situação*, a *perfeição*, o *poder* de sua acção". (2)

Estas três qualidades convêm completamente a Nosso Senhor.

Sua situação é dominar todo o corpo.

Sua perfeição é infinita, pois nelle se encontra a plenitude da graça santificante.

Seu poder é ser o começo e o fim de todas as cousas, de dirigir tudo por sua vontade, e de distribuir a seu bel prazer a vida, a morte, como a felicidade e a miseria.

E cada um de nós, e nos todos, somos os membros unidos a esta cabeça por intermedio do pescoço. E' dizer que nossa vida e nossa acção são subordinadas a esta cabeça, governadas por esta cabeça, sem todavia nos tirar nem a liberdade, nem o anhelo de nossas faculdades, como no corpo natural o papel preponderante da cabeça não prejudica em nada a liberdade de cada um dos nossos membros.

(1) Cfr. Primeira parte desta obra: A alma de J. Christo.

(2) S. Thom. Pars. III. q. VIII. art. I.

Como somos pequenos e fracos por nós mesmos, mas como somos grandes e fortes, pela cabeça! Pela razão de não haver separação entre a cabeça e os membros, é que nós somos fortes da força de Deus e ricos de seus inexgotaveis thesouros. Comprehendei, depois disto, a justiça, o rigor theologico desta expressão de nossos livros santos: *dii estis* — vós sois deuses!

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Em um mesmo corpo todos os membros não têm a mesma funcção, mas todos concorrem para a perfeição do corpo completo".

Este principio é simplesmente a traducção do texto de São Paulo já citado:

"Do mesmo modo que em um corpo ha varios membros, e entretanto todos os membros não têm a mesma funcção, assim todos nós formamos um só corpo no Christo". (3)

Em um corpo bem organizado ha, de facto, os pés, as mãos, o peito, etc...

Cada membro tem sua funcção propria, cada nervo seu papel, cada veia seu destino. Desde o peito, desde o coração até a menor das fibras, tudo

(3) Rom. XII. 4, 5.

concorre para formar um corpo perfeito, tudo se auxilia mutuamente, tudo se apoia um sobre o outro, porque tudo depende da cabeça.

Ponde duas cabeças sobre um corpo e estarão perturbadas a ordem e a harmonia: a acção torna-se impossivel.

Não é neste sentido que o Salvador dizia que não se póde servir a dois senhores: a Deus e a Belial?...

E' necessario a união, a concentração, o que não se póde fazer, sinão pela cabeça, o que não se póde effectuar em nossa vida interior, sinão pela união a Jesus Christo.

Em cima, Jesus Christo, a cabeça, governando e dirigindo todos os membros — em baixo, nós, obedecendo e seguindo o impulso dado pela cabeça. E entre os dois, servindo de traço de união, a divina Mãe de Jesus.

Entre os membros, todos não podem exercer as mesmas funcções: cada qual tem a sua funcção propria, e sua perfeição consiste em bem executar o seu papel proprio, seja elle occulto ou visivel, extenso ou restricto.

Não é necessario que os pés invejem a posição das mãos, ou as mãos a posição dos pés, ou que um queira usurpar as funcções do outro; sem isto o corpo tornar-se-ia um monstro.

Um não poderá lamentar-se de sua apparente utilidade, de sua vida occulta, esquecida, emquanto que a acção de outro parece apreciada, fecunda. Um é tão util quanto o outro, e o mais occulto é muitas vezes o mais necessario.

As mãos podem fazer cousas que os pés são incapazes de fazer; mas poderiam ellas realizal-o, si os pés não as transportassem onde devem agir?...

E poderiam os pés andar sem os nervos, sem as milhares de pequeninas fibras que formam os nervos motores da perna e do pé? Estes ultimos estão occultos, mas a acção delles transmitte-se pelos pés ás mãos, de tal sorte que, na acção das mãos elles têm sua parte real.

Assim é no corpo mystico do Salvador. Este principio bem comprehendido, applicado á nossa vida, tornaria facil a prática da caridade, do desinteresse e expulsaria para bem longe a mesquinha inveja, o negro ciume e todo o cortejo de defeitos e de vicios que produzem nas almas.

Si soubessemos ver melhor o nosso papel e o papel do proximo, no corpo mystico de Jesus, estariamos satisfeitos de nossa sorte, e nossa vida, por insignificante que fosse, se nos apresentaria na belleza do conjuncto.

Isolada, a nossa acção é quasi nulla, porém collocada em seu logar verdadeiro, englobada no grande movimento, ella vale uma acção ruidosa, pois sem ella, talvez que esta ultima não teria podido produzir-se.

São estas considerações que fazem nascer na alma dos Santos este estado divino que lhes é proprio: a indifferença, o abandono completo á Providencia de seu Pae do Céu.

Oh! lembremo-nos de nossa grandeza; sobretudo perseveremos nella, não nos separando nunca do pescoço que deve ligar-nos á cabeça.

Nós devemos viver a vida da cabeça, esta vida deve advir-nos pelo pescoço, pela divina Mãe de Jesus.

Dizer isto é mostrar a necessidade de estar unido á Santissima Virgem.

A mão póde tocar á cabeça, mas não póde receber della directamente, por este contacto, nem um só movimento de vida. Ella deve unir-se directamente á cabeça, mas sem adhesão, sem crescimento.

De egual modo acontece comnosco, qualquer que seja o nosso papel, seja qual fôr o membro que representemos, não podemos receber de nossa cabeça, de Jesus Christo, graça, força, luz e vida, sinão por Maria.

Deus assim o quiz, é á ordem estabelecida por Elle. Poderia sem duvida ter feito de outro modo; não o fez, nem o fará, porque suas obras são irretractaveis e attingem desde o primeiro instante toda a perfeição que lhes é destinada.

Assim, elle quiz que sua divina Mãe fosse a medianeira necessaria entre elle e os homens.

Esta vontade é immutavel, e permanecerá sempre certo que não é verdadeiro filho da Egreja sinão aquelle qua está unido por Maria á divindade, como Jesus Christo não quiz unir-se á nós sinão por Maria.

No capitulo seguinte analysaremos esta bella doutrina, para della tirarmos as conclusões importantes, vitaes, que desde já poderemos entrever.

CAPITULO XXX

O PESCOÇO MYSTICO

Jesus Christo é a cabeça do corpo mystico da Egreja e a Virgem Immaculada é o *pescoço*, que une os membros á cabeça. Isto é uma verdade que dimana directamente do papel de Medianeira, da Mãe de Jesus.

"Maria, diz o Soberano Pontifice Pio X, na Bulla *"Ad diem illum"* (1) é o acqueducto ou, si o quizermos, é esta parte mediana que tem por funcção propria ligar o corpo á cabeça e transmittir ao mesmo as influencias e as efficacias da cabeça, e esta parte é o *pescoço"*.

Doce, arrebatadora figura, e como ella é bem appropriada á Santissima Virgem!

O pescoço é inferior á cabeça, mas está estreitamente unido a ella e domina as demais partes do corpo. Assim, Maria Santissima, pura creatura, está abaixo do Christo, que é Deus, porém lhe é inseparavelmente unida e se eleva acima dos anjos e dos homens. (2)

Aproximemos deste ensino consolador e preciso o dizer dos santos a respeito do papel que convem á Maria, como *pescoço* do corpo mystico do Salvador.

S. Bernardino de Senna, Contenson, São Bellarmino e outros escreveram paginas

(1) SS. Pio X.
(2) Lhoumeau, Op. cit.

admiraveis sobre este assumpto, que Cornelio a Lapide resume em algumas linhas.

Ponhamos aqui este resumo como um principio de theologia, sobre o qual baseare-mos as explicações necessarias.

"No corpo natural, diz este sabio autor, é pelo *pescoço* que a vida é transmittida a todas as outras partes do corpo, e é tambem por meio delle que estas partes estão em relação com a cabeça; é o caminho necessario da respiração e dos alimentos que sustentam nossas forças exgotadas; recebe certas honras que os outros membros não recebem; é ao pescoço de sua mãe que a criancinha se enlaça ou se agarra todas as vezes que o mêdo a atemoriza ou o amor a attráe.

Pois bem: ajunta o piedoso interprete, tudo isso convém perfeitamente á doce Virgem. (1)

De facto, tudo isso lhe convem admiravelmente.

Para termos uma idéa succinta do assumpto a tratar dividamol-o e resumamol-o nos quatro principios seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

E' por Maria que estamos em relação com Jesus Christo e é por ella que a vida nos é transmittida.

(1) Comment. in Cant. IV. 4.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Maria é o caminho necessario da respiração de nossa alma, bem como dos alimentos espirituaes que sustentam as nossas forças.

TERCEIRO PRINCIPIO:

A Mãe de Jesus tem direito a honras que não convêem a nenhum dos outros membros.

QUARTO PRINCIPIO:

Devemos apegar-nos á Maria, e a medida de nossa união com ella é a medida de nossa união com Jesus Christo.

Basta confrontarmos o texto de Cornelio a Lapide, para vermos como estes quatro principios são a applicação directa á Mãe de Deus, da passagem que citámos acima; elles envolvem em toda sua extensão a vida de intimidade com a Santissima Virgem. Estudemol-os pois um a um, limitando-nos neste capitulo aos dois primeiros, e dedicando um capitulo á parte a cada um dos dois ultimos.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"E' por Maria que estamos em relação com Jesus Christo e é por ella que a vida nos é transmittida".

A palavra *"por"* conserva aqui o sentido que se lhe attribue geralmente, mas é completada pela palavra *"com"* que lhe dá um valor verdadeiramente theologico.

Por Maria, *com* Jesus Christo.

Nesta expressão ha uma significação profunda. *"Por"* é a causa efficiente, o meio *"com"* é a associação e a continuação.

Na vinha, os ramos vivem *pelo* troco, mas tambem *com* elle.

Si elles se separassem do tronco, seria o dissecamento e a morte. (2)

Vêde tambem o corpo. A cabeça não deve permanecer com os membros?

Que ella interrompa, por um instante sequer, toda a communicação com elles e immediatamente a vida desapparecerá.

Esta associação permanente se encontra tambem nas causas cujo effeito não dura sinão emquanto agem; os philosophos chamam-nas: *formae assistentes.*

Por exemplo tomemos o seguinte: Uma criança, depois de haver recebido a vida de sua mãe, póde viver após o seu nascimento fóra della, e sem ella. Mas que o sol desappareça: é a obscuridade completa; (3) que a alma deixa o corpo: é

(2) Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, iso manserit in vite sic nec vos nisi in me manseritis — Si quis in me non manserit mittetur foras et arescet (Joan. XV, 4).

(3) Não nos apegamos á quesão accidental da existencia da luz fóra de seu principal productor: o sol, é isto uma verdade conhecida por todos, fóra de nosso assumpto.

a morte instantanea; que Deus cesse de crear: e tudo cahirá no nada. (4)

Assim é para a vida sobrenatural da alma. A graça santificante é uma forma que por assim dizer mora em nós, é uma qualidade permanente produzida por Deus. Que esta graça nos abandone, que ella cesse de habitar em nós, que o peccado nos separe de nossa Cabeça divina, e immediatamente a vida sobrenatural se extinguirá, a alma estará morta para a graça.

Por Maria, eis pois o caminho, o meio, o intermediario, cujo termo final é: *com Jesus.*

Sem união *com* o Salvador são as trevas, é a morte.

A simples adhesão, a conjuncção, não basta. Si o ramo não é vivificado pela seiva, si o sangue não circula nos membros, si a influencia vital da cabeça não se exerce mais, a arvore está morta e destinada a ser cortada. (1) Ora, em um corpo bem organizado a transmissão vital não se faz sinão pelo pescoço.

Absolutamente falando, poder-se-ia suppor uma cabeça collocada sobre os hombros, sem a mediação do pescoço; mas então não se tem mais um homem tal qual sahiu das mãos de Deus, na belleza de suas funcções organicas; tem-se um monstro.

E' a imagem dos que pretendem unir-se a

(4) A conservação das creaturas é uma creação continua.

(1) Cfr. S. Thom. Cat. aurea et in Joan. CXIV et XV, loc. cit.

Jesus Christo sem Maria Santissima. Não são mais do que monstros. Suppressas a mediação e a maternidade da Santissima Virgem, os fieis não communicam mais com o Salvador, e a graça não chega mais até elles.

A este corpo mystico falta: primeiramente a vida, depois uma proporção, um encanto, uma perfeição necessaria.

Mas, deixemos a heresia, o erro, sobre este assumpto, para nos conservarmos no assumpto da vida de intimidade.

A vida nos é transmittida por Maria, e esta vida de nossa alma é a graça.

Eis a este respeito uma esplendida passagem de S. Bernardino de Senna, que nos dispensará de longos raciocinios.

"Eis a economia das graças que descem sobre o genero humano, diz este apaixonado da Virgem: Deus é a fonte universal das graças, o Christo é o mediador universal, Maria Santissima é a distribuidora universal.

De facto, a Santissima Virgem é o pescoço mystico de nossa cabeça divina; é por este orgam que os dons celestiaes são communicados ao resto do corpo. Eis porque se diz de Maria no Cantico dos Canticos:" (2) Vosso pescoço é semelhante a uma torre de marfim". (3)

A plenitude das graças, diz por sua vez S. Jeronymo, conservando a mesma figura, está no Christo como na cabeça donde toda graça procede,

(2) Cant. dos Canticos, VII, 4.
(3) S. Bernard. Sen. Serm. in Quadragesimali.

está em Maria como no pescoço mystico que transmitte as energias da cabeça. E' por isto que Salomão dizia da Sma. Virgem, falando do Christo: "Vosso pescoço é semelhante a uma torre de marfim!" Assim como na ordem physica, as influencias da cabeça atravessam o orgam que une a cabeça ao corpo para chegar aos mebros, assim tambem é por Maria que as energias da graça descem de cabeça, do Christo, ao corpo espiritual, e em particular ás almas devotadas desta angusta Rainha". (4)

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Maria é o caminho necessario da respiração de nossa alma, bem como dos alimentos espirituaes que sustentam suas forças".

Temos aqui, como no principio precedente, uma dupla proposição que é necessario estudar á parte.

Em primeiro logar a Virgem immaculada, sempre em seu papel de *pescoço*, é o caminho de nossa respiração espiritual.

Em que sentido deve tomar-se esta palavra?

No sentido da oração. E este é o sentido que lhe dão os santos e os autores asceticos.

Dizer pois que Maria é o caminho necessario da respiração de nossa alma é dizer que todas

(4) S. Jeronymo: De glorioso nom. V. M.

as nossas orações devem passar por ella, que todas as nossas petições devem ser apresentadas a Deus, por suas mãos maternaes.

Alguns theologos antigos pensaram que esta regra poderia soffrer e soffreria excepções algumas vezes.

Cremos que esta affirmação deve ser tomada em um sentido tão absoluto, como o que nos affirma que todas as graças nos vêm por Maria. Ella é, como effeito, a corellativa, e parece que o papel da Santissima Virgem seria incompleto, si lhe faltasse esta prerogativa.

Tudo passa por Maria, absolutamente tudo que nos vem da cabeça; porque não passaria por ella tudo o que sobe dos membros para a cabeça?

Por um poder absoluto, Deus poderia receber directamente o que Elle de ordinario recebe por Maria, como poderia por si mesmo communicar-nos suas graças; mas por um *poder constituido*, isto é, na ordem estabelecida por Elle mesmo, não faz nem uma cousa nem outra.

Todas as nossas orações e supplicas devem pois passar pelas mãos da Virgem Santissima e ser por Ella apresentadas ao Altissimo.

Mas, si assim é, nós somos obrigados a pedir a Maria que nos obtenha alguma cousa?

E' este um modo ordinario de invocal-a, como a Egreja nol-o ensina recitando sempre a Ave-Maria no começo do officio divino. Todavia pode dirigir-se directamente a N. Senhor ou aos santos.

Isto em nada altera a ordem estabelecida, pois

queiramos ou não, Maria é sempre invocada implicitamente e nossas orações são apresentadas a Deus por Ella. Do mesmo modo a graça outorgada passa por suas mãos.

Dirigindo-nos, pois, directamente aos santos e sobretudo a Jesus Christo, Maria intervem implicitamente, em consequencia de seu papel; entretanto, seria temerario e contrario aos desejos do Salvador excluir Maria de nossas orações, não nos dirigindo a ella direta e explicitamente.

Assim como uma linha tirada do centro de um circulo não póde delle sahir, sem passar pela circumferencia, e como não se póde ir ao centro sem passar pela mesma circumferencia, assim nenhuma graça sáe de Jesus Christo e nenhum pedido chega a este centro de todo o bem, sem passar por Maria que, recebendo o Filho de Deus em seu seio, circundou-o como disse Jeremias: *Femina circumdabit virum.* (1)

S. Boaventura, considerando esta passagem do propheta Isaias, disse: "Sahirá uma haste da raiz de Jessé, uma flor desabrochará desta raiz, e sobre esta flor repousará o espirito do Senhor"; faz da mesma esta applicação: "Quem deseja obter a graça do Espirito Santo deve procurar a flor sobre a haste, isto é, Jesus em Maria, pois pela haste chega-se á flor.

E quereis vós possuir esta flor?

Procurae por vossas orações inclinar para vós

(1) Jerem. XXXI, 22.

a haste e tel-a-eis: *Virgam floris precibus flectam.* (2)

E' o que o Beato de Montfort cantava tão deliciosamente nos seus canticos de Missão:

"Quando me elevo a Deus meu Pae
Do fundo de minha iniquidade
E' nas azas de minha mãe
E' apoiado em sua bondade". (3)

Para bem fazer comprehender que Maria é invocada implicitamente em toda oração, e que nenhum soccorro nos póde vir sem sua intervenção, Santo Anselmo lhe diz: "O' Virgem, si vos calaes, nenhum outro santo póde orar e tão pouco ajudar-nos; desde que intercedeis, os outros podem orar e nos soccorrer". (4)

Resta-nos a segunda parte do principio enunciado, a saber que Maria é o caminho dos alimentos espirituaes que sustentam nossas forças.

O alimento de nossas almas é antes de tudo a divina Eucharistia.

Ora, que sejamos devedores á Maria deste pão Celestial, é uma verdade ensinada pela mór parte dos theologos, e a opinião delles é muitissimo provavel.

Um dos primeiros deveres da mãe, depois de ter dado a vida ao seu filho, é conservar e desen-

(2) Spec. V. M.
(3) Cant. espirit. do Beato.
(4) Te tacente, nullus orabit, nullus juvabit; te orante, omnes orabunt, omnes juvabunt. Orat. 45 ad B. V.

volver esta vida... Como é por ella que nos foi dada a redempção, tambem é por ella que nos serão applicados os fructos da mesma".

Sem dúvida, ella nos deu Jesus Christo e com elle a Egreja e os sacramentos, e neste sentido nós lhe somos devedores de todos estes thesouros de santificação, em outros termos, de todos estes alimentos espirituaes. Mas os Santos Padres vão mais longe e dizem que nós devemos á Virgem Mãe a adoravel Eucharistia.

Consentindo no mysterio da Encarnação, dizem elles, ella consentiu ao mesmo tempo que essa mesma carne fosse dada um dia como alimento aos fieis, no Sacramento de nossos altares (1)

Por que? Pergunta Santo Thomaz.

Porque a Eucharistia é o completo da doação divina: *Divinae donationis complementum.*

"Maria mereceu este pão do céu; e por causa della é que nos foi dado Jesus, diz por sua vez S. Pedro Damião". (2)

Resumamos a doutrina theologica sobre este assumpto, citando uma memoravel passagem de um dos mais profundos theologos espanhoes. (3)

(1) S. Ped. Dam.: Serm. in Nat. B. M. V.
(2) Quando Virgo consentit, ut carnem et sanguinem ex suis visceribus sumeret Dei Filius, simul etam consentit, ut eadem caro in cibum et sanguis in potum Eucharisticum, fidelibus aliquandum traderetur (Euch. amores a J. B. Novati. T. I. p. 431).
(3) Maria meruit coelicum Eucharistiae panem et propter ipsam ille institutus fuit (Domus sap. pag. 314).

"Como tudo nos vem por Maria, diz elle, podemos affirmar com certeza que é por sua oração tão efficaz, por seu intermedio todo poderoso, que Jesus Christo nos deu a Eucharistia, este prodigio de todas as maravilhas, este compendio de todos os beneficios, este penhor de todas as promessas. . .

"Devia ser assim; o coração tão bom deste divino Filho poderia recusar attender o desejo da mais terna das mães, sobretudo no momento da separação, pois Maria ia brevemente ficar só sobre a terra?

Assim Jesus se tornou presente sob as especies de pão e de vinho, para consolar de sua ausencia esta Mãe muito amada, alimental-a com seu corpo sagrado e tornar-nos participantes deste divino alimento.

Como consequencia e conclusão destas bellas verdades, ponhamos o principio de Bossuet, já enunciado diversas vezes, "que a ordem estabelecida não se altera, mas permanece sempre" e estaremos convencidos que realmente recebemos tudo de Maria, como tudo se eleva por ella ao seu adoravel Filho Jesus.

Por ella, nós respiramos; por ella nós vivemos e por ella ainda nos vem o alimento de nossas almas, alimento que nos faz crescer em Deus, que faz crescer o proprio Deus, até á plenitude de sua idade completa aqui na terra e de sua gloria no céu.

CAPITULO XXXI

O CULTO DA SANTISSIMA VIRGEM

Bastaria o que precede para nos dar a idéa exacta de nossas relações com a Santissima Virgem; entretanto para não deixar nenhum ponto no esquecimento e assentar sobre fundamentos inabalaveis a vida de intimidade com a Mãe de Jesus, fixemos aqui em todo o seu rigor theologico a justa medida do culto de Maria. Ao mesmo tempo responderemos nós a algumas objecções que a ignorancia e o preconceito formularam contra este culto, mostrando o que deve ser o nosso amor para com a Santissima Virgem e os excessos que se devem evitar.

Repitamos aqui o terceiro principio já citado no capitulo precedente.

TERCEIRO PRINCIPIO:

"A Mãe de Jesus tem direito a honras que não convêm a nenhum dos outros membros do corpo mystico do Salvador".

A Egreja, mostrando o logar que Maria occupa no céu, nos diz que ella está elevada acima de todos os coros angelicos (4) e, para indicar

(4) Exaltata est Sancta Dei Genitrix, supra choros Angelorum, ad coelestia regna (Off. Assompt. V. M.).

as relações pelas quaes Maria está estabelecida em frente de Deus, ella ajunta, servindo-se das expressões propheticas do Psalmista: *O' Deus, a Rainha está em pé á vossa direita.* (1)

Eis pois duas cousas que a Egreja nos ensina no proprio Officio em que se celebra a Assumpção da Santissima Virgem: de um lado sua grandeza em frente ás creaturas; do outro, sua dependencia em relação a Deus.

Notemos esta expressão e veremos como a exactidão do pensamento se allia á magnificencia da imagem: Maria é Rainha, está á direita de de Deus, mas está de pé. A Mãe está de pé onde o Filho está assentado. *Elle está assentado, á direita de Deus,* lêmos no symbolo dos Apostolos. Elle está assentado, porque a realeza, a primazia, o poder lhe pertencem por *direito.*

Maria está de pé, porque os mesmos privilegios á participação dos quaes ella é chamada, não lhe pertencem por direito, mas são dons e os effeitos da graça.

A Santissima Virgem não occupa no céu somente o logar mais alto e mais proximo de Deus; ella não está somente collocada no cume da pyramide dos seres creados, e sobre o degrau mais elevado da escada da perfeição e da gloria; mas ella occupa á direita de Deus uma ordem á parte, do mesmo modo que sobre a terra ella teve uma ordem á parte na economia da redempção.

Si se póde dizer que ha o infinito entre a

(1) Ps. XLIV.

acção de Maria e a acção de Deus, si ha uma immensidade entre a acção de Maria e a dos Santos, proporções analogas são tambem observadas no céu.

Seria fazer uma idéa falsa da hierarchia bemaventurada, o imaginal-a elevando-se por um progresso continuo até á Mãe de Deus. Aqui na terra ha um abysmo entre a cooperação dada por Maria á obra da redempção e a cooperação dos eleitos; do mesmo modo no céu ha um abysmo entre a recompensa delles e a recompensa de Maria, entre a gloria delles e a da Santissima Virgem.

Mas estudemos em seus pormenores e fixemos theologicamente a natureza do culto que, em consequencia de sua sobrehumana e incomparavel grandeza, é devido á divina Mãe do Redemptor.

O que constitue o culto divino em seu acto interno é a servidão ou a sujeição ao respeito de Deus: *illi soli servies!*

E o que constitue o culto dos Santos é a honra e deferencia que se lhes presta em razão de sua santidade e das perfeições de gloria com as quaes são elles dotados: *Honoramus eos caritate, non servitute,* diz S. Agostinho.

Fixados estes dois pontos, comprehende-se immediatamente a extensão de cada um dos termos que a Egreja consagrou para exprimir as differentes especies de cultos.

— O culto de *latria* (servidão, sujeição), devido sómente a Deus.

— O culto de *hiperdulia* (hyper-acima de-

dulia-serviço honorario) devido á *Santissima Virgem.*

— O culto de *protodulia* (*proto*-o primeiro) geralmente attribuido a *S. José.*

— O culto de *dulia* devido a todos os santos e santas.

A theologia marianna resumiu estes dados em uma *proposição* tão clara quão profunda.

A Virgem Santissima não deve ser honrada com um culto de latria seja elle absoluto ou relativo, nem somente com um simples culto de dulia, mas com um culto de hyperdulia, proprio e formal. (2)

Que não se possa adorar Maria Santissima, no sentido que se dá hoje a esta palavra, nada ha de mais claro. Só Deus, sendo o ser supremo, tem direito ás nossas adorações". (3)

Este culto de adoração é absoluto ou relativo.

Absoluto, quando se dirige á pessoa mesma do Verbo Encarnado; relativo, quando se dirige a um objecto santificado pelo contacto do Filho de Deus, como a cruz e os instrumentos da paixão.

Seria um erro crer que do mesmo modo que se póde adorar a cruz, por ter tocado o corpo do Salvador, tambem se possa adorar relativamente a Santissima Virgem, como tendo tocado mais intimamente e por mais tempo, o Filho de Deus, que o presepio, a cruz e os instrumentos da paixão.

(2) Deipara virgo non est colenda cultu latriae, sive absolute, sive etiam relative; neque solum simplicis duliae cultu; sed proprie et formaliter cultu hyperduliae. (P. Lepicier: Tract. de B. Virgine Maria, Pars III, Cap. II, art. II).

(3) Ver o nosso livro: A mulher bemdita perante os ataques protestantes.

A theologia responde que estes objectos por si e para si mesmos não merecem nenhum culto, e que por isso participam do culto prestado Áquelle que os santificou (de uma maneira relativa); emquanto que a Mãe de Deus, como tendo uma excellencia propria, não participa mais ao culto prestado ao que a tocou.

Maria não é Deus, nem deusa; ella é uma pura creatura; não póde pois ter nada de commum com a honra devida a Deus.

Mas se não se póde adorar a Mãe de Jesus, tambem não basta honral-a simplesmente com um culto de *dulia.* — *Non est colenda Deipara Virgo solum simpliciter duliae cultu.*

De facto, é soberanamente importante notar a palavra que a Egreja consagrou para exprimir o culto que devemos á Virgem Santissima: *Hyperdulia* quer dizer: *acima* do culto devido aos santos.

Está acima, logo é essencialmente distincto deste ultimo, como a honra devida á rainha é essencialmente distincta da honra tributada aos subditos e aos principes das côrtes.

Aqui ha um erro a assignalar: erro que se encontra implicitamente em um certo numero de obras; é o que colloca o culto de Maria entre o culto devido aos santos, tendo com este ultimo uma relação intima, sendo como elle um culto de simples veneração e respeito.

Nada ha de mais falso. Como o diz claramen-

te a theologia, o culto da Mãe de Deus está acima (hyper) deste culto; e estando acima, é necessariamente de uma ordem á parte, mais elevada; poderiamos dizer *infinitamente* mais elevada, pois este culto resulta da dignidade da Mãe de Deus: dignidade considerada da parte de seu objecto, infinitamente acima de toda outra dignidade, pois elle colloca a Santisimma Virgem na ordem da união *hypostatica* e faz della, segundo S. Thomaz, uma *quasi divindade*.

Ella está mais distante do seraphim, em gloria e dignidade, diz Gerson, do que o seraphim está distante do cherubim e de toda a milicia celeste. ella só constitue uma hierarchia que é immediatamente a segunda abaixo da Trindade do Deus-Supremo: *"Virgo sola constituit hierarchiam secundam sub Deo Trino et hierarchia summa"*.

De facto, o titulo de Mãe de Deus eleva Maria infinitamente acima de todos os anjos e santos. Em qualquer ordem de merito, de santidade e de excellencia que se considere os santos, elles permanecem sempre *servos*, emquanto Maria fica sempre *Mãe*, isto é, Rainha e Soberana absoluta delles em todo o dominio de seu Filho

Para Maria, diz Santo Ildefonso, é facto particular, pois o que ella recebeu e fez, não póde ser comparado ao que receberam e fizeram os santos; ella está completamente acima de toda comparação.

E' pois justo que a Egreja lhe attribua um culto e uma honra particulares, que lhes sejam absolutamente proprios e que a colloquem á parte,

entre todas as outras creaturas. E' o que ella fez, reservando á Santissima Virgem o culto de *hyperdulia*.

Notemos bem em que se distingue o culto da Virgem do culto prestado a Deus e do culto prestado aos santos.

O que caracteriza o culto divino é ser um culto de *dependencia necessaria* prestado ao ser Soberano por si mesmo.

O que caracteriza o culto dos Santos é que elle não lhes é prestado por elles mesmos, mas em vista de Deus e de Jesus Christo.

E o culto de Maria? Qual será sua nota distinctiva?

E' de ser prestado em vista de sua sublime dignidade de Mãe de Deus, não como uma dependencia, mas como uma veneração *necessaria* e querida por Deus.

A Egreja não deu um nome proprio a este culto, ella se contentou em dizer que é um culto *acima* do culto dos Santos, sem dar-lhe o nome especifico. Os theologos, na falta de outra palavra, chamam-lhe: o culto da Mãe de Deus. Esta palavra diz tudo, regula tudo.

Resta um ultimo ponto a elucidar.

Ponhamos a questão claramente e respondamos-lhe mais claramente ainda.

Póde-se avançar demais no culto de Maria? Em outros termos: póde-se amar demais á Santissima Virgem? . . .

---

(1) Serm. 2 de Assumpt.

As noções precedentes sobre o culto especial, devido á Maria Santissima, supponho que estão comprehendidas.

Ponhamos pois os principios seguintes que resolvem toda controversia.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Desde que não se faça de Maria uma divindade, é impossivel exceder-se no culto que se lhe presta. (1)

SEGUNDO PRINCIPIO:

Si amando e honrando a Mãe de Deus é impossivel o excesso, é muito mais impossivel cahir em excesso não a amando e honrando bastante.

Estes dois principios precisam ser explicados. Tudo o que já dissemos da Virgem Immaculada nas paginas precedentes o explica e confirma.

Resumamos aqui, em um feixe doutrinal, o que já dissemos em differentes passagens.

Aos que suppõem que se póde exaggerar demais a veneração da Mãe de Deus, bastaria perguntar-lhes si é possivel amar demais a Jesus Christo!

Ora, com as devidas proporções e permanecendo na sua esphera, no culto de hyperdulia, podemos dizer a mesma cousa de Maria Santissima.

(1) Ver a este respeito uma brochura que publicámos: *"E' necessario que ella reine!"*, na qual são tratadas as differentes questões aqui indicadas.

Nós podemos não amal-a sufficientemente; e ahi está o caso de todos nós, porém *nunca, nunca,* poder-se-ha exceder em confiança, em amor, em gratidão para com ella.

Maria Santissima excede *infinitamente* tudo o que lhe podemos testemunhar. E entre o que ella merece e o que lhe tributamos, permanece sempre o infinito.

O infinito! não será isso dizer demais?

Não! esta expressão é rigorosa e theologicamente exacta.

O culto que prestamos a alguem deve corresponder, com effeito, á dignidade daquelle que honramos. Ora, a dignidade da Mãe de Deus é de certo modo infinita.

Beata Virgo, ex hoc quod est mater Dei, habet quamdam dignitatem infinitam, ex bono infinito, quod est Deus, diz S. Thomaz. (2)

O Soberano Pontifice Pio IX, na Bulla *Ineffabilis Deus,* repete e confirma a mesma doutrina. Elle representa a Mãe de Deus, *como um milagre ineffavel do Altissimo, porque ella se aproxima do proprio Deus, tão perto quanto possivel, elevando-se acima de todos os louvores dos santos e dos anjos.*

De facto, a maternidade divina pertence á ordem *hypostatica,* tendo esta ordem uma relação necessaria, como ensina Suarez.

(2) S. Thom. I part., q. XXV. art. VI.

Tiremos a conclusão. A uma dignidade *infinita*, que culto corresponde de nossa parte?

Não tenhaes receio. As premissas são exactas, a conclusão não póde deixar de sel-o por sua vez. E' necessario um *culto infinito*...

Ora, o finito não podendo produzir o infinito; segue-se que somos incapazes de honrar Maria Santissima como ella o merece. Somente seu divino Filho lhe póde prestar honras dignas della e de sua dignidade.

Quem poderá contradizer esta doutrina?

Ninguem; só a ignorancia e o preconceito dos inimigos da Egreja poderão formular taes objecções.

E agora qual é a justa medida da devoção á Mãe de Deus?

A medida! Mas a medida não existe! — *Mensura amandi est amare sine mensura.*

Amae, louvae, glorificae, exaltae Maria no tempo e na eternidade!

Que todas as creaturas se unam! Que os anjos e santos exaltem e louvem Maria Santissima comnosco!

Será um hymno magnifico, mas ainda será um culto infinitamente abaixo do que merece a Mãe de Deus.

Não, não! nada de restricções, nada de limites a estas honras, a este culto, a este amor!

Sempre avante! Sempre mais alto! Sempre mais ardente e mais apaixonado por aquella que Deus tanto honrou, que Elle ama tanto e quer ver amada por todos os homens!

A estupefacção, a admiração, o louvor, o enthusiasmo, o arrebatamento, tudo isso se explica, tudo se comprehende, tudo é devido á incomparavel Virgem Maria!

CAPITULO XXXII

OS MEMBROS DO CORPO MYSTICO

Já demonstrámos sufficientemente em que sentido Jesus Christo é realmente a cabeça e a Virgem Santissima o pescoço do corpo mystico, do qual nós somos os membros.

Este corpo sagrado é composto de todos os filhos da Egreja. Uma parte delles já goza da gloria do céu, uma outra soffre e espera o seu livramento nas chammas do Purgatorio; uma terceira emfim combate ainda sobre a terra, mas todos sem excepção não têm sinão um mesmo chefe, Jesus Christo, do qual recebem sem cessar as divinas e vivificantes influencias; e elles estão unidos a este chefe, a esta cabeça adoravel, por uma relação não menos intima que a que une todos os membros do corpo natural e pela qual estão entre si unidos e ligados pelas mais intimas e santas relações sobrenaturaes.

Mostrámos precedentemente o papel da Virgem Immaculada neste corpo mystico, pois é por ella, unicamente por ella, que devemos ser unidos a Jesus Christo.

Vimos igualmente que o excesso é impossivel, quando se trata do amor, bem regrado, permanecendo em sua esphera propria, e que, desde que não se atribua a Mãe de Jesus honras divinas, nossas homenagens e nosso enthusiasmo por ella ficarão sempre infinitamente inferiores ao que ella merece. Comprehendido isto, podemos continuar nosso estudo e nossa contemplação sobre a maior maravilha divina.

Como fundamento do que nos resta dizer do corpo mystico do Salvador, ponhamos os dois principios seguintes, dentre os quaes o primeiro foi enunciado acima.

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Independentemente de nossa vontade, estamos unidos á Maria Santissima, mas podemos tornar esta união mais estreita pelo concurso da nossa vontade.

SEGUNDO PRINCIPIO:

Maria Santissima, em consequencia de sua união indissoluvel com o Espirito Santo, é verdadeiramente o pescoço do corpo mystico de Jesus Christo.

O que dissemos atraz sobre o papel da mediação de intercessão da Virgem Immaculada, como das funcções que ella exerce em sua qualidade de pescoço mystico, prova sufficientemente esta asserção.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

Independentemente de nossa vontade, estamos unidos á Maria Santissima, mas podemos tornar esta união mais estreita pelo concurso da nossa vontade.

A união á Maria Santissima é um estado commum e como que natural a todos os filhos da Egreja e a todos os membros do corpo mystico do Salvador, conheçam elles ou ignorem este delicioso mysterio de amor.

A criancinha baptisada, o adulto que em sua impotencia de comprehender as cousas divinas, conhece apenas Maria Santissima, ambos vivem com ella entretanto em uma união muito intima; e esta mesma união é para elles a condição indispensavel da vida da graça, como por exemplo a união da mão ou de qualquer outro membro do corpo ao pescoço é condição essencial da vida natural delles.

Infelizmente, a fraqueza de nossa natureza e a attracção das cousas exteriores são taes, que muitas vezes olvidamos esta união, desapegamo-nos mais ou menos do pescoço.

Sob o aspecto natural, o corpo póde estar separado da cabeça, ou em consequencia de um ferimento não lhe adherir sinão em parte, ou finalmente pela união completa póde gosar de todas as influencias transmittidas pela cabeça. Assim tambem póde ser sob o ponto de vista espiritual.

Ser completamente desligado do pescoço é ser separado das influencias vitaes da cabeça: é a decapitação, e esta decapitação é sempre mortal. E' a imagem destas pobres seitas que rejeitam Maria Santissima: são cadaveres. Egualmente é a imagem de muitos pobres christãos e dos pobres peccadores que não conservam mais nenhuma affeição á doce Mãe de Jesus: tambem estes estão decapitados, estão mortos.

Ser parcialmente desligado do pescoço é receber ainda algumas influencias vitaes da cabeça... não é viver... é vegetar miseravelmente, é estiolar-se, ausentar-se, falto de sangue, de forças e de alimentos. E' a imagem bem triste dos que não têm por Maria Santissima sinão uma pequena prática de piedade christã exterior, sem procurar agradar-lhe, sem procurar imital-a: não é ainda a morte, mas sim a doença que póde conduzir á morte, si a boa Virgem não ouvindo sinão seu coração de Mãe, não fizer um milagre em favor destes pobres anemicos.

Emfim estar completamente ligado ao pescoço é receber em toda sua plenitude e força vital as influencias da cabeça: é viver a vida, com arrôjo, enthusiasticamente e felizmente, como os que gozam uma saúde completa: é a imagem das almas enamoradas de Maria, cuja vida parece não ter outro fim que o de amar e fazer amar a Mãe do bello Amor.

Oh! que corôa as espera no céu! Como o seu throno será elevado e como se banharão ellas na alegria de seu filial amor!

Mas, notemos com Cornelio a Lapide, (1) que a comparação está bem longe de ser exacta sob todos os pontos de vista, pois si no corpo humano o pescoço é o laço natural da cabeça e dos outros membros, é sem vontade e sem intelligencia de sua parte que esta união se opéra.

A Santissima Virgem porém é o laço intelligente e voluntario de nossas almas... Sua união com a divina cabeça, Jesus, não póde ser mais perfeita e jamais poderemos nós exprimir dignamente este prodigioso amor, esta maternal providencia, esta mediação misericordiosa, que de uma parte inclina sem cessar o seu divino Filho para nós, afim de espalhar sobre nossas almas todas as suas graças, e de outra parte nos attráe e nos eleva até Elle.

Para corresponder completamente a esta acção vivificante da Santissima Virgem, é necessario que nós tambem apertemos estes laços de nossa vontade, pelo esforço sobre nós mesmos para corresponder a esta solicitude maternal e não pôr nenhum obstaculo á effusão das graças que ella nos destina.

Como o veremos brevemente, é neste accordo de vontade, nesta união de acção reciproca que consiste a prática da vida de intimidade com a Santissima Virgem.

Não pensemos porém que isto seja tudo o que o amoroso e inexgotavel genio dos Santos Padres achou para designar a acção intima da Virgem sobre os membros do corpo mystico de Jesus Christo. O principio já enunciado vae descobrir-

(1) Ap. Maraci: Polyanth. Mar. lib. 3.

nos uma nova fonte de contemplação e fornecer á nossa these uma nova prova.

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

"Maria, em consequencia de sua união indissoluvel com o Espirito Santo, é verdadeiramente o coração do corpo mystico de Jesus Christo".

Si o corpo mystico do Redemptor tem uma cabeça, elle deve ter tambem um corpo. Ora, dizem os santos: o coração da Egreja é o Espirito Santo.

A funcção do coração é, de facto, interior e occulta, muito appropriada ao divino Paraclito, que exerce na Egreja uma operação secreta e mysteriosa, mas universal e omnipotente: elle faz inocular em todos os membros a juventude e a immortalidade e communica pulsações bastante fortes, para fazer jorrar o sangue de nossa alma até á vida eterna.

Mas é necessario que recordemos aqui como a Virgem-Mãe é a cooperadora do Espirito Santo. Ninguem melhor do que o Beato de Montfort parece ter comprehendido esta verdade fundamental e elle a exprime com uma argucia e rigor theologicos admiraveis.

Deus Espirito Santo, diz elle, (2) tornou-se fecundo por Maria que elle desposou. Foi com

(2) Traité de la vraie dévotion.

ella, nella e della que elle produziu sua obra prima, que é um Deus feito homem. E' tambem com ella, nella e della que o Espirito Santo produz todos os dias e produzirá até o fim do mundo os predestinados, membros do corpo desta adoravel cabeça".

Depois do Espirito Santo, e por um titulo secundario, Maria é pois o coração da Egreja: *Cor Ecclesiae.* (3) Este coração, sem duvida, depende da cabeça que é Jesus Christo, delle recebe o movimento, mas em seguida elle é encarregado de transmittir a vida e o calor a todos os membros, até nós, as suas ultimas extremidades.

Esta doutrina é formalmente ensinada por varios santos Padres, e pelos theologos mais autorizados. "Maria é nosso coração", (4) diz santo Anselmo.

"Ella é o coração que nos communicou a vida", diz tambem Santo Alberto Magno. (5)

"E este coração não faz sinão um comnosco", accrescenta ainda o piedoso Gerson. (6)

"Havera no mundo, pergunta Ernesto de Praga, alguma cousa que nos seja mais unida que o coração? Para todos os membros elle é o principio do movimento, do calor e da vida, de tal modo que si um membro cessa de receber suas influencias, elle perde a força, o movimento, e logo morre.

(3) Tsychius, in Ps. XLIV. I.
(4) S. Ans. Ep. Lucq. Sup. Ave Maria.
(5) Alb Magn. Serm. 24 de Eucharistia.
(6) Tract. 5: super Magnificat.

e por isso é que todos os dias lhe dizemos com a Egreja: Vida, doçura e esperança nossa.

"Oh! não haja cousa alguma no céu — é sempre o mesmo doutor quem fala — e na terra que amemos tanto como a Santissima Virgem, depois de Jesus!

Praza a Deus que nunca nos separemos desta augusta Mãe! e que ella seja sempre efficazmente nosso coração, nossa alma e o principio de vida em nós; só então nossos dias serão bons e toda nossa vida será feliz, gozando da felicidade dos predestinados. (7)

Eis, pois, bem estabelecida a verdade de nossa união com a divina Mãe de Jesus.

Como membros da Egreja, nós fazemos parte do corpo mystico de Jesus Christo, e neste corpo Maria Santissima occupa as duas funcções que melhor exprimem a união, quer dizer: o pescoço e o coração.

O pescoço, para nos transmittir a vida que vem da cabeça, o coração, para nos communicar a vida que vem da alma.

O Pescoço, para exprimir sua mediação, o coração, para significar seu amor.

Como se vê claramente, nós estamos inteiramente sob o dominio desta encantadora Mãe: vivemos quasi de sua vida; nosso coração pulsa unisono com o seu, desde que não pomos obstaculo algum á esta communicação mysteriosa e fecunda.

Oh! quando a alma está neste estado, como

(7) Ern. Prata, in suo Mariati; ap. Marocci, Polyanth. Mar. lib. 3, Voc; *"Cor"*.

a vida divina, que lhe vem pelo pescoço, circula nella plenamente!

Ora, Maria é verdadeiramente nosso coração;

Como a vida que as pulsações do coração fazem circular em nossas veias, nos invade, inocula em nosso ser um sangue purificado, uma chama de amor que transforma e sobrenaturaliza tudo, a ponto de nós podermos dizer com toda a verdade: Já não sou eu quem vive, mas em mim vive o Christo, por Maria!

Non ego, vivit vero in me Christus . . . per Mariam . . .

CAPITULO XXXIII

A VIDA DE INTIMIDADE

Chegamos ao ponto culminante de nosso estudo.

Tudo o que já vimos, todas as verdades e todas as maravilhas que temos contemplado não tiveram sinão um fim unico: conduzir-nos á vida de intimidade.

Jesus Christo, fonte da graça, a Virgem sem macula, canal desta graça, depois de todas estas operações, verdadeiramente divinas, pelas quaes esta graça nos é transmittida: tudo isso termina em nós; em nós pobres e fracas creaturas!

Comprehendei agora o quanto Deus amou ao homem e como elle deseja eleval-o á altura de sua sublime vocação! Comprehendei tambem o immenso desejo, a insaciavel necessidade para Jesus, de

fazer com seus filhos da terra a união mais intima e mais indissoluvel. Comprehendei sobretudo porque elle nos apresenta uma *mulher*, para que nós a amemos, uma *Virgem*, sua *Mãe!*

Não haverá nesta celestial mistura de *fraqueza*, de *pureza* e de *amor* algo que nos arrebate, eleve e envolva nossos corações e nossas almas?

Em Deus não veriamos sinão a força, a grandeza, o poder; e como nenhum destes attributos fala directamente ao coração, e como em nós a parte mais fraca é o coração, a Omnipotencia se faz pela fraqueza, a gloria se faz amar em uma bella, pura e amante creatura que se chama a Mãe de Deus.

E o mundo arrebatado por este divino estratagema, prostrou-se aos pés desta doce creatura, acclamou-a, cantou suas graças e sua belleza, enamorou-se della, amou-a apaixonadamente e por ella e nella encontrou seu Deus, seu Deus repousando nos braços, sobre o coração daquella que ella chama com effusão sua Mãe, e que ella canta —: sua *vida*, sua *doçura*, sua *esperança*.

Oh! porque ha almas que não comprehendem estas divinas condescendencias, estes artificios celestiaes daquelle que quer nossos corações, e os quer por Maria?

Puderamos nós auxiliar, um pouco, a fazer comprehender, a saborear esta consoladora doutrina! Pudessemos nós convencer algumas que o caminho curto, commodo, sem sombras e sem perigos, para ir até Jesus, para se unir a Jesus, para viver de Jesus, é apegar-se á Maria e viver com ella a doce e fecunda vida de intimidade!

Expliquemos aqui brevemente em que consiste esta vida de intimidade.

Nos capitulos segundo o terceiro da primeira parte desta obra, já definimos e averiguamos suas relações intimas com a graça. De facto, ellas são tão intimas, que se póde dizer que a vida de intimidade é a propria graça. Póde-se dizer que *ella é, uma antecipação, um principio do que faremos nós eternamente no céu.*

Bossuet diz com effeito, com muita exactidão: "O que começardes na terra continuareis na eternidade".

Ora, o que constitue a felicidade suprema dos anjos e dos santos no céu é ver Deus viver perto de Deus, viver na intimidade de Deus.

Eis o que faremos no céu: tentemos, pois, desde agora, executal-o um pouco aqui na terra. E como tudo se faz por Maria, tanto aqui na terra como no céu, unamo-nos a Maria e por ella ao doce Salvador.

Determinemos, pois, em que consiste esta vida.

O piedoso Padre Giraud nol-o vae dizer: (1)

"E' uma disposição interior e habitual, fructo de um grande amor por esta Rainha de nossos corações, segundo a qual uma alma está sempre attenta para lhe prestar seus serviços, para invocal-a para imital-a".

(1) Vie d'union avec Marie.

Esta applicação do espirito e do coração tem graus e caracteres diversos. O caracter proprio e commum a todos os graus e ás numerosas relações de caridade, que se podem estabelecer entre Maria e nós, é que a applicação da alma a esta Bem-Amada é constante e habitual.

Em todas as suas obras, a alma invoca Maria em seu auxilio.

Ella não quer viver e agir, sinão em sua maternal presença. Ella é semelhante á serva fiel, da qual fala o Psalmista, quando diz que seus olhares estão fixos sem cessar em sua amavel senhora. (2) E' como a criança, sempre apoiada sobre seu coração, sempre attenta ás suas ordens, sempre preoccupada em lhe agradar. Esta alma não tem sinão um desejo que é o de pertencer á Maria, de estar entregue ao seu espirito, ás suas influencias, á sua amabilissima proficiencia, á sua direcção maternal.

Ella quereria que Maria fosse sua unica vida como o ar que respira e os alimentos com os quaes se nutre. Quereria estar sempre sob seu olhar, possuil-a sem cessar em seu coração, de maneira que Maria se tornasse, depois de Jesus ou mesmo antes delle, todo o bem, toda a alegria, toda a força, toda a luz, toda a paz, em uma palavra — tudo, absolutamente tudo.

Neste feliz estado Maria lhe basta em Jesus, pois a alma que realmente vive da amavel vida

(2) Ps. 6 XXII. 2. Esta applicação do texto é de S. Boaventura.

de união achou em Maria, plena de Jesus, o unico bem deste exilio.

Oh! como é precioso este caminho da graça!, conclue o piedoso escriptor. Oh! como elle é bello! e mil vezes felizes são as almas que nelles entraram!

O beato de Montfort cujos escriptos estão repletos de um amor tão ardente para a Mãe de Deus, teria querido ver todas as almas entrarem neste caminho real e divino. Escutae suas ardentes paginas.

Ah! quando virá este tempo, este feliz tempo em que a divina Maria será constituida senhora e soberana dos corações, para submetel-os plenamente ao seu unico Jesus!

Quando será que as almas respirarão tanto Maria como os corpos respiram o ar? Oh!, então, acontecerão cousas maravilhosas neste mundo, onde o Espirito Santo encontrando sua cara Esposa como que reproduzida nas almas, repousará abundantemente sobre ellas e as encherá de seus dons, especialmente do dom de sua sabedoria, para operar maravilhas de graças!

"Meu caro irmão, quando virá este tempo feliz e este seculo de Maria, em que as almas se perderão por si mesmas no abysmo de seu interior, se tornarão copias vivas de Maria, para amar e glorificar Jesus Christo? — *Ut adveniat regnum tuum, ó Jesu, adveniat regnum Mariae!*"

O piedoso apostolo de Maria tinha chegado a este grau de união — "Depois de Jesus, diz o hostoriador de sua vida, Maria era o objecto principal da piedade do santo missionario... Ella lhe

estava tão presente no espirito, e tão profundamente gravada no coração, que elle não podia mover-se, nem agir sinão nella, por ella e para ella, depois de Deus — Elle proprio confessou a um de seus amigos que Deus o favorecia com uma graça extraordinaria, que era a presença continua de Jesus e Maria no fundo de sua alma.

Assegura-se que elle a saudava trezentas vezes por dia, e cada vez com um novo titulo de respeito e de amor". (1)

Poderiamos nomear uma multidão de santos, para os quaes esta vida de intimidade com Maria fazia as delicias, a força e o segredo de sua santidade. Quem ignora a vida dos santos João Berchmans, Estanislau Kostka, Philippe de Nery, Boaventura, Bernardo, Bernardino de Senna, Luiz de Gonzaga, Francisco Solano, Affonso Rodrigues, Affonso de Ligorio, Gabriel da Virgem Dolorosa, os Beatos Hermano José, Eudes, Theophano Vinard e multidão de outros, para nos contentarmos com os mais conhecidos?

Que maravilha de intimidade nestes apaixonados pela Virgem!

Como Maria foi para elles o centro da vida, o idéal que elles contemplavam sem cessar, o modelo que elles procuravam reproduzir a cada instante!

E elles chegaram a reproduzir em si mesmos alguns traços da ineffavel Mãe de Deus e modelar sob o proprio Salvador estes traços, pois é do

(1) P. Giraud: Vie d'union avec Marie, ch. Iv.

Salvador que Maria reflecte a perfeição e a santidade.

As exhortações dos Santos a este respeito não são menos ingentes que seus exemplos, sahiriamos de nosso plano si reproduzissemos aqui todas as suas palavras, mas citemos pelo menos algumas, afim de por ellas podermos julgar as outras:

"Que a alma de Maria esteja em nós, dizia Santo Ambrosio, para que ella glorifique em nós o Senhor, que o espirito de Maria encha nossos corações, para que não ponhamos mais nossa felicidade e nossa alegria sinão em Deus. (2)

Mais tarde um outro illustre servo de Maria, S. João Damasceno, queria que a lembrança desta augusta Mãe fosse tão habitual no espirito de seus filhos, que sua memoria e entendimento fossem de certo modo "um altar e um expositorio onde ella repousasse sem cessar". (3)

Mais tarde ainda, o piedoso Thomaz de Kempis, cujos escriptos são tão bellos que se lhe attribue o admiravel livro da *Imitação*, dizia aos noviços: "Aproximae-vos de vossa boa Mãe, invocae-a, honrae-á, recommendae-vos continuadamente ao seu coração. Sim, sempre, sempre Maria!

Alegrae-vos com Maria, sêde tristes com Maria, orae com Maria, andae com Maria, procurae Jesus com Maria. Com Maria, com Jesus desejae viver, desejae morrer... E' a esta pratica,

(2) S. Ambros. in Lucam., lib. 2. c. I.
(3) Orat ad B Virg.

a este exercicio de amor perseverante que vossa santificação está ligada. (4)

Limitemo-nos a estas citações; são sufficientes para provar que esta vida é a dos santos, e que é por este meio que os grandes amigos de Deus, cujo heroismo nós admiramos, se elevaram a estes sublimes cumes de perfeição. Querendo, como elles, nos santificar, sigamos o caminho que elles mesmos seguiram, como elles apaixonemo-nos pela encantadora mãe de Jesus, vivamos perto della, e que toda a nossa vida se impregne de sua lembrança, de seus exemplos e de seu amor.

CAPITULO XXXIV

OS FUNDAMENTOS DA VIDA DE INTIMIDADE

Todos conhecem a prophetica visão do grande exilado de Patmos. A Virgem lhe appareceu, revestida do sol, tendo a fronte cingida de doze estrellas e a lua debaixo dos pés.

Maria não é o sol; ella está revestida do sol, de tal modo que unirmo-nos a ella é entrar no sol, que a cerca, é como que por ella nos revestirmos do sol.

Todos nós temos que nos revestir do sol que é Jesus Christo: *"Christum induistis"*.

Ora, ha outro meio de nos revestirmos

(4) Serm. 23 ad Novitios.

deste sol divino, sinão unirmo-nos A'quella que está revestida delle? Póde encontrar-se em outro logar a doce criancinha de Belém, como Salvador immolado, a não ser nos braços de sua mãe? Não é para nos ensinar isso que Jesus Christo, entrando neste mundo, quiz ser recebido nos braços de Maria, como deixando o Calvario elle quiz ainda que fossem estes mesmos braços que o depositassem no sepulchro.

E' como que para nos dizer que tambem nós devemos fazer nossa entrada na vida interior, levados nos braços de Maria, unidos á Virgem-Mae; e que por ella ainda nós devemos attingir o cume de nosso Calvario terrestre e ser depositados no tumulo do sacrificio de nós mesmos, da morte de nossas paixões, para que em seguida possamos resuscitar, gloriosos e triumphantes.

Qual é esta entrada na vida de intimidade? E qual é em seguida o seu aperfeiçoamento?

Dupla questão á qual ninguem respondeu melhor que o Beato de Montfort. Por isto adoptamos sua resposta como um principio que abrange este duplo fundamento de nossa união á Maria: a *consagração* e a *união*.

PRINCIPIO FUNDAMENTAL:

A vida de intimidade consiste primeiramente em um acto de consagração a Jesus por Maria, e em seguida em nos conservar em um estado de consagração, que nos faz agir

e viver habitualmente em presença de Maria. (1)

Diz-se indifferentemente: Consagração, união, comquanto sejam dois actos ou attitudes diversas, que é bom coisiderar separadamante.

PRIMEIRA PARTE DO PRINCIPIO:

O *acto da consagração*

No sentido rigoroso da palavra a *consagração*, que Santo Thomaz chama: *devotio*, (2) dirige-se á divindade. E' o acto de nossa vontade, pelo qual nós nos offerecemos a Deus, nosso fim ultimo, para servil-o. (3)

Por analogia, a consagração póde-se dirigir tambem á Santissima Virgem e aos Santos, pois como o nota Santo Thomaz: "esta consagração não se detem nelles, mas passa a Deus".

"Consagrar-se a Maria é pois um modo excellente e seguro de se consagrar a Deus". (4) Maria nada conserva para si: entrega tudo ao seu divino Filho.

(1) Notas do livro "Segredo de Maria".

(2) Sum. Theol. II, II, q. 82, a 1, 2, 3, 4, . Deve-se notar que a palavra portugueza "devoção" não traduz sinão imperfeitamente a palavra "devotio" de Santo Thomaz, a equivalencia perfeita não existe em nossa lingua: as palavras "Consagração", "homenagem religiosa", traduzem-na melhor que devoção.

(3) S. Thom.: Ibid. a - I, art. 2.

(4) Ch. Sauvé: Op. cit.

Não pensaes nunca em Maria, diz o Beato de Montfort, sem que Maria pense em Deus em vosso logar. Não louvaes e honraes Maria, sem que Maria louve a Deus. Maria é toda relativa a Deus, e eu direi mais: ella é a relação de Deus, que não é sinão em relação a Deus o echo de Deus, que não diz nem repete sinão Deus.

Por essa consagração ascendente até a divindade, pela força das cousas e pelo amor, não fazemos sinão nos conformar no fundo, com a conducta da Santissima Trindade para com Maria, como o nota mui justamente o Beato de Montfort.

O Padre Eterno não deu e nem dá seu Filho sinão por Ella... Deus-Filho não foi formado para todo o mundo em geral e não é formado em particular nas almas, sinão por ella. Elle não communica seus meritos e suas virtudes sinão por ella.

O E. Santo formou Jesus Christo por Ella, e fórma os membros de seu corpo mystico por Ella.

Depois de tantos e tão ingentes exemplos da SS. Trindade, podemos nós sem uma extrema cegueira, abster-nos de Maria e não nos consagrar a ella, e depender della para ir a Deus, para nos sacrificar por sua gloria? (1)

Por outro lado, o filho abandona-se inteiramente á sua mãe no presente, e se entrega inteiramente a ella para o futuro. Nós que desejamos ser e nos mostrar verdadeiros filhos de Maria, nós

(1) Vraie dévotion, p. 113.

podemos pois, direi melhor, nós devemos, pois, não ter outra attitude para com nossa Mãe celestial.

Somente o que o filho faz instinctivamente e sob a suggestão da necessidade, nós devemos fazel-o deliberada e completamente. Devemos dar á Maria o passado, para que ella nos obtenha o perdão das faltas e agradeça a Deus o bem que fizemos. Devemos dar-lhe o presente, sem reserva, e lhe confiar o futuro. Não é um voto, pois o voto não se faz sinão a Deus: é um acto de offerta, de abandono, de confiança filial sem reserva, sem arrependimento.

Esta consagração póde tomar um caracter mais determinado, mais especial, como por exemplo o que compoz o Beato de Montfort. Não se poderia aconselhal-o bastante, pois sendo mais absoluto, mais extenso, nos une mais intimamente á nossa divina Mãe, e em consequencia inclina muito mais Maria Santissima a nos cumular de graças e favores.

Não temos que expor aqui a forma particular e as vontagens da santa escravidão, ensinada pelo Beatot de Montfort. Tratamos a fundo desta questão em nosso livro: "O Segredo da verdadeira devoção" para com M. S. e em vária outras de nossas obras que não são sinão a applicação ou o desenvolvimento da these favorita do grande Apostolo de Maria. Limitemo-nos a esta simples observação: jamais poderemos extender demasiadamente o nosso abandono á divina Mãe de Jesus. Demos-lhe tudo... absolutamente tudo.

Quanto mais nossa doação fôr completa e

sem restricção, mais intensa se tornará nossa vida de intimidade com ella. A quem se dá sem reserva, Maria retribue sem medida.

* * *

SEGUNDA PARTE DO PRINCIPIO:

A vida de união

Longa e pormenorizadamente teremos que tratar da pratica desta união, dos actos que a constituem e os meios que a desenvolvem. Será esta a materia dos dois capitulos que seguem. Aqui vamos indicar somente suas bases theologicas.

Consagramo-nos á Maria: é o acto inicial da verdadeira devoção. Sem esta dependencia voluntaria, amorosa, a devoção permanece num vacuo, na especulação e não termina onde deveria terminar toda devoção: na imitação daquillo que se honra.

O segundo acto, ou si o quizermos, o corollario necessario da consagração, é a união.

De que modo se faz esta união, esta vida de intimidade com Maria?

Para comprehendel-o, basta dizer-se que esta união deve necessariamente ser a imitação de nossa união com Deus.

Ora, o Doutor Angelico nos diz que: "a primeira união a Deus se faz pelas virtudes de fé, esperança e caridade". (2)

(2) Summ. Theol. II. 2. 68 a 4, ad 3.

E' o admiravel privilegio das virtudes theologaes, como o indica o proprio nome: unem-nos directamente a Deus.

Por ellas, nossa alma mergulha suas raizes no Increado, vive desde já de Deus, sem vel-o. E esta união a Deus se completa pelas virtudes infusas e moraes. As virtudes moraes nos unem a Deus, mas por meio das creaturas.

Eis o que deve ser nossa união com Maria.

Nossa fé, apoiada sobre Deus, deve abranger a Virgem SS.; e pela união intima que estabelece entre ella e nós, a Santissima Virgem deve envolver todas as verdades divinas.

Nossa esperança deve attingir Maria, desejal-a, imploral-a e por ella esperar todos os bens.

Nossa caridades deve comprazer-se em Maria, mais que em todas as outras creaturas, e querer a todo o custo fazel-a conhecida e amada.

E através de todas as creaturas, para com as quaes as virtudes moraes nos estabelecem em uma ordem divina, Maria deve apparecer-nos sempre ao lado de Jesus, como a belleza por excellencia, unica capaz de nos encantar e de possuir nossos corações.

Assim, nosso espirito, nosso coração, nossa vontade, todas as nossas faculdades, nossa vida inteira podem estar em uma contínua communicação com a vida de nossa Mãe celestial, assim podemos "fazer todas as nossas acções, diz o Beato de Montfort, por Maria, com Maria, em Maria, e para

Maria", afim de viver mais facilmente "por Jesus, com Jesus, em Jesus, e para Jesus". (1)

E' o fim: a união á Maria, não é sinão a união a Jesus. (2)

E' necessario ouvir o Beato de Montfort desenvolver, com a sua convicção e seus ardores de Apostolo, como esta união á Maria é um caminho facil, curto, perfeito, seguro, para chegar á união com Jesus!

Citemos somente uma pagina onde resume elle esta doutrina: "Aquelle que sem receio de illusão deseja adiantar-se no caminho da perfeição e encontrar segura e perfeitamente Jesus Christo, deve abraçar com um grande coração, *corde magno et animo volenti*, esta devoção á Santissima Virgem.

Que entrem neste caminho excellente que lhes era desconhecido e que eu lhes mostro: *Excellentiorem viam vobis demonstro.* (3)

E' um caminho, trilhado por Jesus Christo, a sabedoria incarnada, nossa unica cabeça; o membro por ahi passando não se póde enganar.

"E' um caminho *facil*, por causa da plenitude da graça e da uncção do Espirito Santo que o repleta; passando por elle não se fatiga, nem se atraza.

"E' um caminho *curto*, que em pouco tempo nos conduz a Jesus Christo.

"E' um caminho *perfeito*, onde não ha ne-

(1) 1 — Segredo de Maria, p. 43.
(2) Ch. Sauvé: Op. cit. 23 élév.
(3) I Cor. XII. 31.

nhuma lama, nenhum pó, nem a menor mancha do peccado.

"E' finalmente um caminho *seguro*, que nos conduz a Jesus e á vida eterna, de uma maneira certa e segura, sem desviar nem para a direita, nem para a esquerda.

"Entremos, pois, neste caminho, conclue o Beato, e andemos nelle, noite dia, até á plenitude da idade de Jesus Christo". (4)

Ha aqui uma verdade que importa assignalar de passagem e que geralmente não se nota bastante. E' que a união á Maria é o desenvolvimento da união a Jesus.

A união com Maria é sem dúvida um *meio* que nos leva á união com Jesus, porém ella é mais do que isso. Do mesmo modo que Maria é, depois da Santa Eucharistia, o dom mais doce e mais magnifico de Jesus, o signal mais rico e mais suave de sua liberalidade, de sua superabundancia, assim tambem a união com Ella, é a effervescencia e como que o accrescimo preciosissimo da união com Jesus.

Ella não só *prepara* a união com Jesus; ella é ainda um *desenvolvimento*, uma irradiação desta união.

Si o Salvador deseja que nós lhe sejamos unidos, em seus mysterios, em sua Eucharistia, elle deseja extremamente tambem, que nós lhe sejamos unidos em sua Bem-Amada, sua Mãe e nossa

(4) Verdadeira devoção, p. 139, 140 — Cfr. tambem Lhoumeau, op. cit. pag. 395-428.

Mãe, na qual elle quiz revelar de modo mais esplendido, sua santidade, seu amor, sua misericordia.

"A união á Maria, diz muito bem um profundo theologo, é uma perfeição delicada do Christianismo, e de ordinario Jesus não tolera a ausencia della nas almas que o amam". (5)

E' por esta união á Mãe de Jesus, que nós entramos no que o seu culto tem de mais profundo, de mais intimo e de mais doce.

Claro é que podemos entrar nesta união e progredir mais ou menos; em toda ascenção ha necessariamente varios degraus.

O essencial desta prática sendo interior, varias pessoas não a comprehendem ou comprehenderão apenas imperfeitamente. "Alguns, diz o Beato de Montfort, deter-se-ão no que ella tem de exterior; outros entrarão em seu interior, mas não subirão sinão um degráu.

"Quem subirá até ao segundo? Quem alcançará o terceiro? Finalmente, quem estará ahi por estado? Só aquelle a quem o Espirito de Jesus Christo relevar este segredo, e conduzir ahi, elle proprio, a alma fiel, para subir de virtude em virtude, de graça em graça, de luz em luz, para chegar até a transformação de sua idade na terra e de sua gloria no céu". (6)

Taes são os dois fundamentos, as bases essenciaes da vida de intimidade: a *consagração*, que torna mais voluntaria, e mais amorosa, nossa dependencia para com Maria; a *união* outra cousa

(5) Ch. Sauvé: Op. cit. 23 élév.
(6) Verdadeira devoção, p. 96.

não é sinão o prolongamento da consagração inicial.

Comprehendidos estes dois pontos, podemos passar á pratica desta união. Os capitulos seguintes serão o desenvolvimento prático do principio enunciado aqui. Ahi estudaremos a união á Maria, nos actos que a produzem, desenvolvem e a fazem desabrochar á pratica da virtude, do amor, da santidade.

CAPITULO XXXV

PRATICA DA VIDA DE INTIMIDADE

Aqui não teremos que tratar a fundo a pratica da vida de intimidade, pois o assumpto é desenvolvido em outra obra: *Pratica da vida de intimidade,* onde expuzemos este santo exercicio em todos os seus pormenores, em suas applicações e nos fructos admiraveis que produz nas almas.

O que nos importa examinar aqui, terminando esta pequena theologia, são os principios que regem esta pratica, que a unificam e que são o fundamento de todo o edificio.

Si os principios precedentemente analysados foram bem comprehendidos, possue-se uma noção segura e solida, não somente da vida de intimidade com a Santissima Virgem, mas, parece-nos, de toda devoção para com a Mãe de Deus, como do mechanismo da obra

de nossa santificação. Estas noções fundamentaes nos farão evitar dar passos errados, fazer esforços inuteis, erros positivos.

Com effeito, para não falar sinão da vida de intimidade, em outros termos, da presença de Deus, quantas noções inexactas, quantos esforços estereis foram causa de descoroçoamento, de langor espiritual, de tibieza formal muitas vezes, para as melhores almas?

Imagina-se facilmente que o exercicio da presença de Deus, e portanto da presença de Maria, é uma pratica fatigante, sêcca, bôa para noviços ou pessoas piedosas.

Este erro provém de uma falsa noção da presença de Deus, que infelizmente professam ou explicam mal certos livrinhos de piedade.

Alguns pensam que a presença de Deus é fruto da imaginação, e que por conseguinte é necessario fazer um esforço continuo, para se representar Deus junto de si. Outros pensam ainda que é um sentimento sensivel de ternura para com Deus, e que em consequencia é necessario fazer sem cessar actos de amor, de offerecimento, etc, ao ponto de se tornar incapaz de applicar-se á qualquer cousa.

Depois, após semanas e mezes de esforços sobrehumanos, encontra-se tão adiantado como no primeiro dia... si ainda a pessoa poude conservar a posição em que estava. A

cabeça está fatigada, o coração sêcco e uma especie de paralysia espiritual apoderou-se do corpo e da alma, não lhe fazendo encontrar na oração e meditação, sinão desgosto e desanimo.

Meu Deus, não é necessario nada mais para a gente se desgostar de tudo!

Oh! porque não se têm applicado todos os esforços a uma obra mais solida?

Não é necessario tanto para chegar á santidade; basta um esforço melhormente dirigido, applicado á verdade, em vez de consagral-o á vã chiméra.

A verdadeira espiritualidade é mais simples e mais encorajadora.

Resumamos toda a doutrina que temos a analysar aqui nos quatro principios seguintes:

PRIMEIRO PRINCIPIO:

A presença de Deus é antes de tudo e até outra cousa não é sinão a procura constante, virtual, de lhe agradar.

SEGUNDO PRINCIPIO:

A vida de intimidade é gerada por dois actos, que se combinam e se completam mutuamente: o de recolher-se em si, e o de se unir á vontade divina.

TERCEIRO PRINCIPIO:

A vida de intimidade é constituida pela repetição dos dois actos geradores.

QUARTO PRINCIPIO:

A vida de intimidade deve resolver-se em imitação, o que constitue seu alimento e seu fim.

Estes quatro principios, indiscutiveis em philosophia ou em theologia, constituem verdadeiramente a coroação de tudo o que precede. Sahimos de Deus, pela graça, reentraremos nelle pela imitação.

A graça desce do Redemptor por Maria, para se espalhar em nossas almas; pela Virgem Immaculada ella sobe até ao Salvador, pela pratica da virtude.

Oh! lei admiravel e divinamente fecunda — ellipse celeste pela qual tudo vem e tudo volta a Deus, para que um dia não podendo coroar-nos a nós mesmos, devido a nossa natureza decahida, ella possa coroar em nós seus proprios dons e nos fazer brilhar de sua propria gloria!

Meditemos um instante estes dois mysterios.

* * *

PRIMEIRO PRINCIPIO:

"A presença de Deus é, antes de tudo, e até outra cousa não é sinão a procura constante, virtual, de lhe agradar".

A vida de intimidade é antes de tudo a presença da pessoa amada.

A vida de intimidade com Maria é pois a vida sob o olhar de Maria. Uma *vista unica* deve dominar esta vida, vista que deve ao mesmo tempo servir-lhe de *movel primeiro* em toda conducta; é a vista dos direitos e dos interesses de Deus, é a doutrina tão magistralmente exposta por santo Ignacio no começo de seus *exercicios*.

"O homem foi creado para louvar, respeitar e servir a Deus, este é o seu fim.

O proprio Deus já nos fixou este principio: "Amarás ao Senhor, teu Deus" (1) de todo o teu coração, de toda a tua alma e com todas as suas forças". (2)

E como applicar á nossa vida de intimidade este preceito divino?

São Paulo nos disse: "Quer comaes, quer bebaes, ou façaes qualquer outra cousa, fazei tudo para a maior gloria de Deus". (3)

Os interesses de Jesus e de Maria... a gloria do Salvador e de sua Mãe, ou simplesmente a gloria de Maria, pois como mostrámos precedentemente, ambos são a mesma cousa: tal é o movel que deve animar toda a nossa vida de intimidade e cuja influencia deve attingir até a mais humilde de nossas acções.

(1) Santo Ignacio — Exercicios espirituaes.
(2) Marc. XII. 30.
(3) Cor. X. 31.

A todo custo é necessario que a vista de agradar á nossa divina Mãe domine todas as nossas outras vista e que nossa intenção leve a isto, todo o resultado de nossos actos.

Ter estas vistas constantemente presentes e viver quasi unicamente dellas é uma graça particular que não poderia constituir uma lei universal de perfeição. Mas sem viver unicamente *de Maria*, póde viver-se verdadeiramente por ella. E' o papel da intenção. Papel de uma importancia capital que importa comprehender bem. Todo o mundo reconhece a influencia das inclinações sobre a vida moral; comprehende-se menos a influencia das intenções. E' que a intenção tem sua relação menos apparente com os actos do que a inclinação, mas, por ser mais occulta, ella não é menos vivificante: póde-se mesmo dizer que a intenção é o *movel primeiro* de toda a nossa conducta. E' ella, com effeito, que constitue o acto moral, pois um erro commettido de boa fé póde ser meritorio, ao passo que a melhor acção póde estar viciada por uma intenção culpavel.

Querendo, pois, viver na intimidade da Virgem Santissima, devemos começar por formar a intenção de tudo fazer para lhe agradar e por ella, agradar ao seu divino Filho, Jesus!

Para produzir um desabrochamento tal, a intenção não deve ser umas dessas formulas que o

habito deposita no espirito tão bem quanto nos labios. E' necessario que elle seja um sentimento verdadeiro, sinão sensivel; uma vida que de nossa alma passa ao acto. Exclamar por rotina e sem convicção: "Minha boa Mãe, é por vós! E' por vosso amor! não é uma intenção, mas uma simples fórmula.

O motivo, como seu nome o indica (motivo: o que move) é uma força capaz de determinar um movimento. Todo o motivo ajuntado, não deve, sem duvida, ter a força total necessaria para o acto, basta que ella contribua para isto.

Introduzir assim nestas acções vistas elevadas, fortemente superiores, é viver mais, é praticar eminentemente as virtudes e ahi formar-se e augmentar seus meritos indefinidamente. (4)

Mas qual é a intenção necessaria para animar nossos actos?

A theologia distingue três especies de intenções: a *actual*, que se tem fazendo o acto; a *virtual* que, depois de passada, ainda nos faz agir, sob sua impulsão; a *habitual*, que se possuiu, sem a ter retratado, mas não influe mais no acto.

A intenção *virtual* basta e é requerida. Fazemos muitas cousas em virtude de uma determinação tomada de antemão, e que não é mais actualmente responsavel pelo mal que se fizer. A mesma intenção deve pois bastar para tornar nossos actos meritorios.

(4) Pratica progressiva: capitulo I.

Mas qual é a intenção, ou melhor: qual é a comprehensão de uma intenção virtual?

E' uma questão controvertida pelos autores asceticos.

A opinião mais segura parece-nos ser esta: a intenção extende sua influencia a todos os actos, dos quaes não exclue uma opinião contraria, isto é: o peccado. (5)

O peccado venial não interrompe o curso nem subtráe esta virtualidade sinão no acto proprio do peccado; mas enfraquece a influencia geral. O peccado mortal intercepta completamente a boa intenção e por sua influencia directriz diminue os actos que lhe seguem.

Entretanto, digamol-o immediatamente, não ha sómente o peccado que enfraquece a extensão de nossas intenções, ha tambem a *imperfeição*. Nós estamos de tal modo habituados a procurar a nós mesmos, que mesmo depois de ter offerecido a Maria nossas acções, palavras, pensamentos, desejos, para tudo fazer para sua gloria, nós o retomamos em seguida, pormenorizadamente pelo máu habito que temos de procurar mais o que nos agrada, do que o que agrada á nossa Rainha.

Dahi a necessidade de reagir, de munir com nova coragem nossas intenções, de renoval-as durante o dia, de vez em quando.

Notemol-o bem, a vida de intimidade com a Mãe de Jesus não exige nem a attenção nem a intenção *actual* de tudo fazer por amor della. Esta intenção é excellente, porém basta a atten-

(5) R. P. Tissot: La vie interieure simplifiée.

ção e a intenção *virtual* tornada actual de tempos a tempos, por sua renovação, sobretudo no principio das principaes acções.

Assim entendida, a vida de intimidade não exige, como commumente se pensa, uma grande e contínua applicação do espirito, mas uma determinação de boa fé sob cuja influencia, vamos e vimos agindo, amando, alegrando, soffrendo, emfim, vivendo a vida que Deus nos dá, mas vivendo-a junto de Maria.

Na pratica, nada é mudado; ha somente um pouco mais de sol em nossas cabeças, um pouco mais de segurança em nossos corações. A bôa Virgem nos olha sem cessar, vela sobre nós; tudo o que fazemos lhe é conhecido; tudo o que dizemos chega até ella; de modo que andamos e falamos como o filho sob os olhos de sua mãe.

Guardemo-nos de viver sob este olhar maternal, com os braços cruzados, contentando-nos com o que esta lembrança nos traz, de consolação, de paz, de socego; isto sería enganar-se acerca do papel da vida de intimidade; seria tomar por termo o que é o caminho e mudar em amor proprio o que era destinado a accender em nós o amor de Jesus.

A vida de intimidade, como o indica seu nome, é uma vida. Ora, a vida é o desenovlvimento, o crescimento, é a procura de um estado mais perfeito. A vida de intimidade com Maria é pois o desenvolvimento em nós da vida de Maria, é o crescimento de suas virtudes em nós; é a procura da perfeição, da santidade sobre a terra, afim de

poder continuar e aperfeiçoar no céu nossa vida de intimidade com nossa divina Mãe.

CAPITULO XXXVI

PRATICA DA VIDA DE INTIMIDADE

(continuação)

Para não prolongar além da medida o capitulo precedente, dividimol-o em duas partes, reservando os três ultimos principios para este capitulo.

Esta divisão permittirá comprehender melhor a profundeza e a importancia da boa intenção, já tratada, e permittirá melhor comprehender sua applicação no presente capitulo.

* * *

SEGUNDO PRINCIPIO:

A vida de intimidade é gerada por dois actos, que se combinam e se completam mutuamente: o de recolher em si e o de se unir á vontade divina.

Este principio é de uma importancia maior do que se póde crer á primeira vista, como se averiguará esta verdade, logo que se tiver aprofundado bastante na questão.

A vida de intimidade, poder-se-ia mesmo dizer-se: — a vida interior em geral é compotsa de dois actos distinctos: um para chamar Deus a si,

ou antes para descobril-o em si, o outro para abandonar-lhe o nosso coração; o primeiro é o acto de se recolher, o segundo a aspiração da alma recolhida.

Notemos bem que aqui se trata do proprio acto de se recolher. Este acto consiste em se deter um instante no meio das occupações que talvez nos absorvem e de fixar nosso olhar em Deus, afim de nos prestar conta do que fazemos. Como o indica seu nome, este acto recolhe; quer dizer: reune nossos pensamentos e os põe em contacto com a Virgem Immaculada.

Este primeiro acto chama Deus ao nosso coração; agora é necessario que, por um segundo, a alma se lance nelle: este acto é a aspiração.

A lembrança de Maria, evocada, revela naturalmente nossos sentimentos. As aspirações as dilatam e exprimem.

Sem ellas, a impressão recebida não encontrando termo, não se produz o movimento de vida.

Este recolhimento póde fazer-se por uma simples *vista de fé*: Maria vê tudo em Jesus. Ella me vê. Está perto de mim. Observa-me e espera de mim um olhar de amor.

Esta vista de fé póde ser auxiliada por comparações sensiveis. Maria é minha mãe; logo, é ella quem me sustenta, quem me dirige, quem me ensina, me experimenta, me castiga. Póde-se receber tudo de sua mão maternal.

Esta pratica do recolhimento se une á meditação, de que ella é a lembrança e como que o ramalhête. Vós sois penetrados de um mysterio; conservaes a impressão do logar onde elle se passou; tomastes a resolução de vos transportar ahi de vez em quando, durante o dia; oh! que bella pratica!

Aconselha-a São Francisco de Sales em sua admiravel linguagem:

"As avesinhas têm seus ninhos para se retirarem no momento da necessidade; os cervos têm as florestas e suas moitas para ahi se pôrem ao abrigo da perseguição dos caçadores e dos ardores do sol; nosso coração tambem deve escolher todos os dias um logar, nas chagas de Jesus Christo, ou em qualquer outra parte, perto delle para ahi se retirar de vez em quando" (1)

Para a alma querida de Maria, o logar de repouso deve ser o coração da Virgem sem macula: onde se poderia estar mais abrigado, e mais perto de Jesus, que sobre o seio de Maria, perto do coração daquella que o gerou e por cujo intermedio elle se dá ás almas!

Este acto de recolhimento, em si tão curto quanto o queiramos fazer, comporta uma demora positiva.

E' uma demora, pois não é bastante uma lembrança passageira. E' uma concentração repentina sobre si mesmo, uma curta ascenção para o céu.

Qual deve ser sua duração?

E' a experiencia que o deve ensinar a cada um. Prolongai-a, de tal modo que vós vos encon-

(1) S. Francisco de Salles: Introdution á la vie devote.

treis verdadeiramente recolhidos sob o olhar de Maria e penetrados de sua presença. Tal é o fim.

Segundo nossas disposições momentaneas, este fim é attingido mais ou menos.

Portanto, é necessario evitar toda persistencia forçada que se tornaria uma fadiga.

Eis o primeiro acto. Como lhe deve corresponder o segundo?

Este acto de recolhimento alimenta as aspirações e, por sua vez, as aspirações fecundam-no. E' um todo completo, porém cada parte tem suas leis e suas industrias particulares.

Não se deve pois contentar em pensar na Santissima Virgem, mais ou menos vagamente; é necessario applicar-se e dizer-lhe, sinão o que se sente por ella, pois isto acabaria muito depressa, mas pelo menos offerecer-lhe algumas dessas doçuras que experimentaram os Santos e que nós, em nossa indigencia, lhe podemos offerecer sob a modesta fórma e facilmente verdadeira, de um *desejo*.

Como meio facil, póde aconselhar-se repetir com fé alguma invocação enriquecida de indulgencia, alguns sentimentos recolhidos em piedosa leituras sobre a mãe de Deus, e sobretudo aquelles que nossos corações desejariam sentir. Póde-se tambem adoptar um cantico á Virgem, que se murmura docemente para elevar nosso coração e expressar nosso amor.

Por outra parte não se deve usar de um grande numero destas formulas. Duas ou três, até mesmo uma só que se repita muitas vezes, eis o bastante para animar um dia, uma semana. E'

como um estribilho que se murmura trabalhando, e que, por uma repetição, se grava nas secretas profundezas do nosso ser: (2)

Doce Coração de Maria, sêde minha salvação! (Indulgenc. 300 d. cada vez).

Nossa Senhora do Sagrado Coração, rogae por nós! (Indulg. 300 dias).

Nossa Senhora do Santissimo Sacramento, rogae por nós! (Indulg. 300 d. diante do Santissimo exposto).

Nossa Senhora da Compaixão, Maria, Mãe de todos os christãos, rogae por nós. (Indulg. 300 d. cada vez).

O' Maria, Virgem, Mãe de Deus, rogae a Jesus por nós. (Indulg. 50 d. cada vez).

Jesus, Maria, José, (Indulg. 7 an. e 7 quarent.)

Perto de vós, ó minha Mãe! — Por amor de vós, ó Maria! — Sob vossas azas, ó dôce Rainha, etc, etc...

A's vezes é bom limitar-se ao que é mais simples e menos absorvente: *Dôce Mãe, eu vos pertenço — Ajudae-me! — Conduzi-me a Jesus! Que eu não viva sinão para vós!*, e outros brados do coração que se encontram indicados e desenvol-

(2) Em nossa obra: "Espirito da vida de intimidade", reunimos um certo numero destas aspirações, gritos do coração, capazes de nos compenetrar do espirito de união com Maria. Uma dentre estas aspirações, meditada pela manhã, forneceria á nossa alma um alimento abundante para todo o dia. Para mais ampla informação aconselhamos, pois, esta obra.

vidos em nosso livro: "O Espirito da Vida de intimidade".

E' deste modo que se devem combinar e completar estes dois actos geradores da vida de intimidade. Grande simplicidade, porém um desejo sincero de agradar a Maria; um olhar rapido sobre si mesmo, para conhecer suas disposições, para concertal-as, si houver necessidade, e se lançar novamente em Deus, por um acto de amor, para com a doce Rainha dos corações, com o protesto de fazer melhor, e de se lhe assemelhar mais.

Pudessemos nós comprehender, experimentar sobretudo a efficacia desta pratica e sentir os anhelos de generosidade que ella faz nascer nas almas sinceras e bem dispostas!

* * *

TERCEIRO PRINCIPIO:

"A vida de intimidade é constituida pela repetição dos dois actos geradores".

Este principio é de certo modo o corollario do precedente, completa-o e nos mostra o caminho da perfeição da vida de intimidade.

Até aqui não falámos sinão de actos. Ora, a theologia, de accordo com a philosophia, ensina que o acto é *transitorio* e o habito *permanente*. O acto passa, o habito permanece.

Uma virtude não é realmente adquirida, sinão quando produz actos desta virtude com facilidade — facilidade proveniente da frequente repetição dos mesmos actos.

A vida de intimidade não é justamente uma virtude, é a reunião de varias virtudes. Eis porque, a principio, este exercicio offerece difficuldades, ás vezes desanima por um apparente insuccesso. E' que as virtudes necessarias para a pratica desta vida de intimidade ainda não estão bastante solidamente assentadas na alma.

A' medida que a virtude se aperfeiçôa, se solidifica, o recolhimento se torna mais intenso, mais intimo. E' necessario concluir disso que o meio de adquirir a vida de intimidade é a prática da virtude? Sim, mas é necessario ajuntar que si a prática das virtudes nos conduz á união com Jesus e Maria — esta união, ou antes os actos desta vida de união nos auxiliam admiravelmente para a prática da virtude.

A vida de intimidade, como a virtude, deve pois se adquirir pela repetição dos actos desta vida.

E quaes são estes actos?

Acabamos de vel-os. São o acto de se recolher e de endireitar nossas intenções e acções, por uma renovação de amor para com a Santissima Virgem.

Quando, em consequencia de repetição destes dois actos, tivermos adquirido o habito de permanecer unidos á Virgem Immaculada, então possuiremos real e plenamente a *vida de intimidade* com esta divina Mãe.

Oh! como este caminho é precioso! Como

elle é bello!, exclama o piedoso Padre Giraud, (1) e mil vezes felizes são as almas que entram nelle!

O Beato de Montfort, cujo *Tratado da Verdadeira Devoção* transborda de um tão ardente amor por Maria, teria querido ver todas as almas entrarem neste caminho real e divino!

Escutae estas ardentes palavras:

"Ah! quando virá este tempo, este feliz tempo, em que a divina Maria será constituida Senhora dos corações, para os submetter plenamente ao imperio de seu grande e unico Jesus! Quando será que as almas tanto respirarão Maria, quanto os corpos respiram o ar! Então acontecerão cousas maravilhosas neste valle de lagrimas, onde o Espirito Santo encontrando sua cara Esposa, como que reproduzida nas almas, descerá ahi abundantemente e as encherá de seus dons, e particularmente do dom de sua sabedoria, para operar maravilhas de graças.

Meu caro irmão, quando virá este tempo feliz e este seculo de Maria, em que as almas se perderão no abysmo de seu interior, e se tornarão copias vivas de Maria, para amar e glorificar Jesus Christo". *Ut adveniat regnum tuum, ó Jesu, adveniat regnum tuum, o Maria!"*

* * *

(1) P. Giraud: Vie d'union avec Marie; ch. IV.

QUARTO PRINCIPIO:

"A vida de intimidade deve resolver-se em imitação, o que constitue seu alimento e seu fim".

A vida de intimidade sendo, antes de tudo, como acabamos de ver, a procura constante de agradar á Maria, procura reduzida em pratica, pelo acto de se recolher e de se unir á vontade divina, deve necessariamente produzir a imitação.

Por um lado, é impossivel fixar por muito tempo um modelo tão augusto, tão attrahente, tão docemente imitavel; e por outro, nossas miserias e fraquezas, sem sentir o desejo de reproduzir algumas destas virtudes de que a Virgem Santissima nos dá o exemplo. Póde dizer-se até que esta imitação é a essencia propria da vida de intimidade; que, por consequencia, ella não é somente um fructo ou uma consequencia, mas o alimento necessario e o fim que ella prossegue.

De facto, a *vida de intimidade* diz mais que *devoção* á Santissima Virgem.

Uma pessoa póde ser peccadora, e ter a devoção á Maria e não imital-a, porque a essencia da devoção não consiste na imitação.

O que constitue a essencia da devoção á Maria é o triplice sentimento de *respeito, confiança* e *amor*.

De *respeito*, proporcionado á sua dignidade de Mãe de Deus; de *confiança* em seu poder e em sua bondade que nos leva a recorrer a ella; de *amor* que corresponde ás suas perfeições, á sua bon-

dade para comnosco, á sua qualidade de Mãe". (1)

A imitação das virtudes de Maria é um fructo e um effeito de sua devoção.

Si pertencesse á sua essencia, onde não se encontrasse esta imitação, ahi não poderia haver devoção, e desde então não haveria mais sinão almas justas e santas que pudessem pretender a esta devoção; em consequencia todos os peccadores seriam delle excluidos, o que é contrario ao sentimento da Egreja, a qual chama Maria a "esperança" e o "refugio" dos peccadores e que os convida todos a recorrer a ella, com confiança.

Tal é a verdadeira doutrina theologica, quando se trata da simples devoção; mas a vida de intimidade nos eleva mais alto e não poderia ser o apanagio dos peccadores. Si um peccador póde ter devoção para com a Mãe de Jesus, não póde entretanto ter a plenitude desta devoção; não póde attingir os altos cumes, reservados aos privilegiados da graça, ás almas puras e generosas.

A vida de intimidade é um destes altos cumes. O peccador póde, sem duvida, entrar neste caminho: quer dizer que elle póde produzir os actos geradores desta vida de intimidade; porém os actos não constituem um habito, e esta vida é um habito: habito de pensar em Maria, de se unir a ella, afim de imital-a nas diversas acções do dia.

(1) P. de Galiffet: Tratado da devoção á Sma. Virgem. Ver sobre este assumpto "Porque amo a Maria" e "Como amo a Maria", onde este assumpto foi tratado pormenorisadamente.

Para se elevar a esta altura do amor, para ahi se manter e fazer della a atmosphera habitual que nos cerca, é necessario que o peccado, pelo menos o estado de peccado, seja banido de nossos corações e que nossa occupação não seja mais, somente evitar o que póssa desagradar á nossa divina Rainha, mas de procurar o que lhe possa ser agradavel.

A perfeição da vida de intimidade seria deste modo a perfeição da virtude, e como aqui na terra toda virtude conserva suas fraquezas e não é sem manchas aos olhos de Deus, segue-se que esta vida não attingirá toda sua perfeição e toda sua intimidade sinão no céu.

Voltamos assim ao nosso ponto de partida.

Dissemos, com effeito, nos primeiros capitulos deste estudo, que a vida de intimidade era uma participação da vida do céu. Provámo-lo longamente em cada um dos capitulos, e depois de haver percorrido as diversas etápas, depois de ter visto passearem deante de nossos olhos as indescriptiveis bellezas deste caminho, nós nos detivemos neste ponto sublime, culminante, onde só os santos repousam, se alegram e se preparam a tomar o seu vôo para a celestial mansão, afim de ahi terminar na clarivisão da eternidade o que elles não cessaram de contemplar atravez das sombras do edilio, o que elles tentaram realizar, e que em parte realizaram sobre a terra: perder-se em Maria, afim de se encontrar em Jesus — *Ad Jesum per Mariam!* . . .

CAPITULO XXXVII

SYNTHESE GERAL DOS PRINCIPIOS

Para facilitar o estudo de um ponto determinado da doutrina aqui desenvolvida, reproduzimos aqui os principaes *Principios* com a indicação do Capitulo, no qual se encontram. Deste modo torna-se facil encontrar o ponto escolhido da doutrina que se queira estudar ou rememorar, sem ser obrigado a lêr o livro inteiro.

CAPITULO I (pag. 17)

1. Nossos dogmas são a fonte da piedade, pelo conhecimento que conferem de seu objecto e pelos sentimentos que inspiram.
2. Os mysterios, comquanto que incomprehensiveis, nos põem em contacto com o objecto que elles encerram, e que é uma iniciação á vida sobrenatural.
3. A primeira resolução de toda alma que quer honrar a Maria, deve ser, não sómente amal-a, mas antes de tudo estudal-a.
4. A vida de intimidade não é um caminho particular, pois ella foi indicada por N. Senhor para todos os homens, mas póde tornar-se uma devoção particular, concentrando ahi suas forças e seus esforços.
5. A vida de intimidade com Maria abrange todo o dogma da economia da graça, reunindo admiravelmente o fim, o caminho e os meios de salvação, indicados por Nosso Senhor.

CAPITULO II (pag. 30)

6. A vida de intimidade, sendo uma aspiração de nossa alma, é já uma antecipação da vida do céo.
7. Sendo a gloria o aperfeiçoamento da graça, quanto mais estreita tiver sido nossa intimidade sobre a terra, tanto mais, com as devidas proporções, ella será intensa no céo.

CAPITULO III (pag. 39)

8. A vida de intimidade não tem sómente intima connexão com a graça, mas póde dizer-se que ella é a propria graça.
9. Nós somos gerados por Deus-Pae no mesmo acto pelo qual elle gera o seu Filho e, como consequencia, somos tambem destinados a entrar na sua propria vida, pela intimidade com Elle.

CAPITULO IV (pag. 48)

10. Jesus Christo é o metro moral e intellectual, com o qual é necessario medir os homens.
11. A verdadeira formação pratica das almas consiste em fortificar nellas a vida interior, por meio de uma fé esclarecida, que lhes dê a comprehensão e o gosto das cousas sobrenaturaes.

CAPITULO V (pag. 56)

12. Ha em Jesus Christo uma triplice plenitude de graça, a saber: a graça de união ou hypostatica, a graça santificante e a graça capital.
13. Jesus Christo exerce uma influencia sobrenatural sobre todos os membros da Egreja, e todos elles recebem de sua plenitude.

CAPITULO VI (pag. 65)

14. Jesus Christo vive em nós por sua graça, que opera em nosso ser uma verdadeira divinização.
15. Jesus Christo mereceu para si a plenitude da graça, e para nós o direito de participar della.
16. Ella é por isso mesmo a causa meritoria, exemplar e final de nosso estado de graça.

CAPITULO VII (pag. 74)

17. Jesus Christo vivendo em nós, conforme a lei que rege os seres viventes, deve crescer em nós.
18. Jesus Christo deve crescer em nós por aquillo mesmo que o faz viver em nós.
19. Em consequencia desta união, Jesus Christo se enriquece de todo o bem sobrenatural que fazemos.

CAPITULO VIII (pag. 83)

20. Jesus Christo vivendo e crescendo em nós quer tambem agir em nós pela pratica das virtudes.
21. O que dá valor ás nossas acções é a vida divina. Quanto mais poderosa for em nós esta vida divina, tanto mais nossas acções serão fecundas, meritorias e agradaveis a Deus.

CAPITULO IX (pag. 92)

22. Jesus Christo vivendo no proximo, quer ser honrado nelle e é o acto de saber distinguil-o que é a base da verdadeira caridade.
23. O que se faz ao proximo é feito realmente ao proprio Jesus Christo.

CAPITULO X (pag. 101)

24. Deus quer ser amado no proximo, seja elle quem fôr, justo, peccador, ou infiel; e é por este preço que a caridade é verdadeira e duravel.
25. Cada um de nós deve trabalhar, segundo sua posição e capacidade, na salvação de seus irmãos e ser apostolo.

CAPITULO XI (pag. 111)

26. Tendo um mesmo decreto eterno decidido ao mesmo tempo a Encarnação e a Materni-

dade divina, o Christo e a Virgem são inseparaveis na obra da salvação.

27. Antes de distribuir ao genero humano os fructos da redempção, Deus os derramou todos em Maria.

CAPITULO XII (pag. 120)

Noções explicativas da plenitude de Maria

CAPITULO XIII (pag. 126)

28. A plenitude inicial de Maria é superior á graça consummada dos Anjos e dos maiores santos tomados separadamente.

29. Esta mesma plenitude é superior á graça consummada de todos os Anjos e de todos os santos tomados juntamente.

CAPITULO XIV (pag. 134)

30. Deve haver uma proporção entre a ultima perfeição e a disposição que é encarregada de começal-a.

31. Quanto mais um ser se une a seu principio, tanto melhor elle recebe sua influencia.

32. A excellencia dos sacramentos, bem como a sua efficacia, cresce á medida que elles nos unem mais a Deus, e o mais perfeito de todos elles é o que contém a virtude divina e a pessôa mesma de Jesus Christo.

33. A graça corresponde ao amor e se mede por elle.

34. O amor divino age com tanto maior efficacia quanto melhor é acolhido.

CAPITULO XV Apag. 143)

35. A SS. Virgem poude merecer continuamente e mereceu até ao fim de sua vida.

36. Maria recebeu os Sacramentos que ella podia receber.

37. A presença do Salvador era para Maria uma causa continua de santidade.

CAPITULO XVI (pag. 153)

38. Quanto mais é excellente uma virtude em seu objecto, tanto mais é meritorio o acto de virtude.

39. O augmento da santidade e dos meritos está em relação com o fervor dos actos, com a caridade que os anima, com a intenção e o desejo de agradar a Deus.

40. Desde o momento de sua concepção até a sua morte, Maria não conheceu a menor interrupção nos actos de seu livre arbitrio, nem na serie de seus meritos, sendo livres os seus actos.

CAPITULO XVII (pag. 161)

41. Todas as virtudes theologicaes e moraes foram tão perfeitas em Maria, que é impossivel a

um espirito creado receber toda a perfeição dellas.

CAPITULO XVIII (pag. 166)

42. Todo acto bom produz uma graça egual ao proprio acto.

43. Maria agiu sempre segundo sua força e conforme toda a virtude da graça e do habito que nella estavam; em Maria não se pode suppôr nem negligencia nem tibieza.

CAPITULO XIX (pag. 173)

44. Todo favor, toda graça de que gozaram alguns santos foram mais nobre e perfeitamente concedidos á Mãe de Deus.

45. E' necessario reconhecer em Maria toda a perfeição que é devida ou que é conforme á sua dignidade.

CAPITULO XX (pag. 180)

46. A Mãe de Deus recebeu por infusão divina, a plenitude das sciencias naturaes que lhe era util, para ter uma conducta sempre prudente, e para ter uma conprehensão perfeita das escripturas e dos mysterios da fé.

47. Jamais houve na intelligencia de Maria um erro positivo, jamais um julgamento mal fundado, como jamais houve um desejo desregrado. Ella soube sempre tudo o que lhe era conveniente saber.

CAPITULO XXI (pag. 187)

48. Maria possuiu em habito todas as graças gratuitas, e possuiu em uso as que eram convenientes á sua condição e ás suas funcções.

CAPITULO XXII (pag. 197)

49. Maria Santissima tendo contribuido sósinha para a formação do corpo de Jesus Christo sua união physica com seu divino Filho foi mais perfeita e mais intima que a união existente entre as outras mães e o fructo de seu seio.

50. Jamais se une Jesus Christo ás suas creaturas por seu corpo, senão com o desejo de se unir mais estreitamente em espirito.

51. Tendo Deus julgado a proposito que a Virgem gerasse no tempo Aquelle que elle gera continuamente na eternidade, associou-a deste modo á sua geração eterna e a seu paternal amor.

52. Deus Pae communicou á Maria sua paternidade e seu amor para com Jesus, fel-a tambem participante da sua paternidade e de seu amor para comnosco.

CAPITULO XXIII (pag. 206)

53. Noções explicativas de como: *Maria nos gerou com Jesus.*

CAPITULO XXIV (pag. 211)

54. Noções explicativas de como: *Maria gera Jesus em nós.*

CAPITULO XXV (pag. 218)

55. Jesus Christo sendo o unico senhor da humanidade, sómente elle podia obter-nos a salvação, por um direito rigoroso de justiça.
56. A Bemaventurada Virgem mereceu, a titulo de conveniencia, tudo o que Jesus Christo mereceu em rigor de justiça.
57. A Santissima Virgem satisfaz por conveniencia onde Jesus Christo satisfaz por justiça.

CAPITULO XXVI (pag. 227)

58. Deus decretou que nada chegaria até nós, sem ter passado pelas mãos de Maria Santissima.
59. No céo a Bemaventurada Virgem conhece pormenorizadamente todas as graças de que temos necessidade.
60. A Santissima Virgem pede por nós e obtem todas as graças necessarias.

CAPITULO XXVII (pag. 239)

61. Provas da Mediação de Maria.

CAPITULO XXVIII (pag. 244)

62. Dizeres dos Santos acerca da Mediação de Maria.

CAPITULO XXIX (pag. 253)

63. Jesus Christo é a cabeça da Egreja, a qual constitue seu corpo mystico, do qual todos os christãos são membros.
64. Em um mesmo corpo todos os membros não têm a mesma funcção, porém, todos concorrem para a perfeição do corpo completo.

CAPITULO XXX (pag. 263)

65. E' por Maria que estamos em relação com Jesus Christo e é por ella que a vida nos é transmittida.
66. Maria é o caminho necessario da respiração de nossa alma, bem como dos alimentos espirituaes que sustentam as nossas forças.
67. A Mãe de Jesus tem direito a honras que não comvêm a nenhum dos outros membros.
68. Devemos apegar-nos á Maria, e a medida de nossa união com ella é a medida de nossa união com Jesus Christo.

CAPITULO XXXI (pag. 275)

69. A Mãe de Jesus tem direito a honras que não convêm a nenhum dos outros membros do corpo mystico do Salvador.

CAPITULO XXXII (pag. 285)

70. Independentemente de nossa vontade, estamos unidos á Maria Santissima, mas po-

demos tornar esta união mais estreita pelo concurso da nossa vontade.

71. Maria Santissima, em consequencia de sua união indissoluvel com o Espirito Santo, é verdadeiramente o coração do corpo mystico de Jesus Christo.

CAPITULO XXXIII (pag. 293)

72. Noções da Vida de Intimidade.

CAPITULO XXXIV (pag. 300)

73. A vida de intimidade consiste primeiramente em um acto de consagração a Jesus por Maria, e em seguida em nos conservar em um estado de consagração, que nos faz agir e viver habitualmente em presença de Maria.

CAPITULO XXXV (pag. 310)

74. A presença de Deus é antes de tudo e mesmo até outra cousa não é senão a procura constante, virtual de lhe agradar.

75. A vida de intimidade é gerada por dois actos, que se combinam e se completam mutuamente: o de recolher-se em si e o de se unir á vontade divina.

76. A vida de intimidade é constituida pela repetição dos dois actos geradores.

77. A vida de intimidade deve resolver-se em imitação, o que constitue seu alimento e seu fim.

78. Continuação dos principios do capitulo precedente — 75, 76 e 77.

A doutrina da *Vida de intimidade* com Maria Santissima está concentrada nestes 78 principios, os quaes poderão servir com vantagem para pontos de meditação, de conferencia, ou de instrucção marianna durante o Mez de Maio, ou em qualquer outra solemnidade em honra da Mãe de Deus.

A doutrina assim concentrada tem a vantagem de se gravar melhor no espirito, e de permittir desenvolvimentos oratorios pessoaes, sem risco de tornar-se superficial e sem doutrina.

A razão porque tantos "Mez de Maria" e tantas "pregações Marianas" são sem vida, sem enthusiasmo e sem fructo, é a falta de uma doutrina solida, firme que penetre a intelligencia, excite a vontade e provoque o amor.

Não bastam phrases e gestos que arrebatam, é preciso a doutrina que alimenta e abra os horizontes divinos da fé e do amor...

E isto se faz, dando aos leitores ou aos ouvintes uma odutrina clara, simples, mas fundada, *Cor Sapientis quaerit doctrinam* (Prov. XV. 14).

CONCLUSÃO DO LIVRO

Está terminado o nosso trabalho, sem que porisso a nossa tarefa esteja acabada.

Expuzemos, do melhor modo, porém não

sem multiplas imperfeições, os pontos fundamentaes da vida de intimidade com a Santissima Virgem. Tentámos pôr bases solidas, theologicas, não do culto propriamente dito da Santissima Virgem, mas do cume deste culto: do que ahi ha de mais profundo e mais santificante: *da união á Mãe de Deus.*

Muitas questões delicadas, muitos mysterios de amor e de graça passaram aos nossos olhos. E' um campo tão vasto, um mar tão insondavel como a devoção para com Maria.

Longe de nós a presumpção de haver sondado este mar. Apenas tentamos explorar um pouco as margens. Possam outros mais capazes e mais favorecidos de luzes celestes, ir mais avante e experimentar fazer-nos seguir mais além nesta immensidade que o Beato de Montfort chamou: "o oceano das graças divinas".

A's almas interiores, avidas desta dôce e encantadora vida de união com Maria, cujos fundamentos foram aqui expostos, ousamos aconselhar não limitar suas santas aspirações em possuir esta pequena obra. Si ellas saborearam esta doutrina, experimentem reproduzil-a em pratica. Foi com o fim de as auxiliar e de fornecer um alimento á sua santa avidez, que emprehendemos uma pequena serie de obras sobre este assumpto.

Sem falarmos das obras fundamentaes, e até necessarias a todas as pessôas que desejam conhecer completamente e amar sem reserva a doce Rainha dos Corações, publicámos: *"Porque amo á Maria"*,

— a *"Mulher Bemdita"*, — *"Maria e a Eucharistia"* — *O Segredo da Verdadeira Devoção"*.

Publicámos tambem:

1 — *Meu dia com Maria*, para o uso dos sacerdotes, dos religiosos, e das religiosas. Esta obra é a applicação da vida de intimidade a todas as funcções do santo Ministerio, das obras de zelo, dos exercicios de piedade, e relações diversas, proprias aos sacerdotes e ás pessoas religiosas.

2 — *O Espirito da vida de intimidade com Maria*, destinado a todas as almas piedosas, que aspiram entreter-se continuadamente com a sua divina Mãe. Esta obra contém o alimento necessario, poder-se-ia dizer: o segredo desta intima familiaridade que se admira nos grandes apaixonados pela Virgem.

* * *

Esperando que a Virgem Santissima nos obtenha força, luz e opportunidade, para aprofundarmos ainda mais esta bella e fecunda doutrina e fixar sobre o papel o fructo de nossas meditações e estudos, taes são as obras que nós lhe indicamos para que ellas ahi procurem e encontrem o segredo de pertencer todo á Maria, de não viver mais sinão para Maria, por ella e com ella, para Jesus, nosso fim e nossa gloria.

* * *

Antes de depôr a penna, ó divina e encantadora Virgem Maria, deixae-me ainda uma vez

voltar para vós o meu olhar, afim de vos agradecer as horas de paz e de suave consolação que saboreei a vossos pés, escrevendo este pequeno livro, e afim de vol-o offerecer, para que os sirvaes delle para ganhar os corações, inflammal-os de vosso puro amor. Eu não procurei e não quero sinão isso!

Ouso fazer minha esta oração que vosso servo S. João Damasceno vos dirigia em igual circumstancia:

"Eu vos supplico não considereis sinão como um testemunho de devotamento esses fracos ensaios que a indigencia de meu espirito não me teria permittido emprehender, si o amor que vos consagro não me tivesse fechado os olhos acerca de minha insufficiencia. Para vós, ó terna Virgem, que não ignoraes quanto esta tarefa estava acima de minhas forças, não considereis sinão a pureza de minhas intenções".

(S. João Damasc.: Serm. I de Dormit. B. Virg.)

P. J. M. D. N. SS.

INDICE

Dedicatoria 5
Introducção 9

PRIMEIRA PARTE

O FIM DA VIDA DE INTIMIDADE COM MARIA SANTISSIMA

Cap. I Noções fundamentaes . . . 17
„ II Natureza da vida de intimidade 30
„ III A vida de intimidade e a graça 39
„ IV Jesus Christo 48
„ V A alma de Jesus Christo . . 56
„ VI Jesus Christo vivendo em nós 65
„ VII Jesus Christo crescendo em nós 74
„ VIII Jesus Christo agindo em nós . 83
„ IX Jesus no proximo 92
„ X O apice do amor 100

SEGUNDA PARTE

O CAMINHO DA VIDA DE INTIMIDADE COM MARIA

„ XI Maria no plano divino . . . 111
„ XII A plenitude de Maria . . . 120
„ XIII A plenitude inicial de Maria . 126

Cap. XIV A maternidade divina 134
„ XV A plenitude final 143
„ XVI O crescimento pela virtude . 153
„ XVII As virtudes de Maria . . . 161
„ XVIII A proporção do crescimento da graça 166
„ XIX A plenitude da universalidade 173
„ XX Os conhecimentos de Maria . 180
„ XXI As graças gratuitas de Maria . 187

TERCEIRA PARTE

O MEIO DA VIDA DE INTIMIDADE COM MARIA

„ XXII A união entre Jesus e Maria . 197
„ XXIII Maria nos gerou com Jesus . 206
„ XXIV Maria gera Jesus em nós . . 211
„ XXV Maria na acquisição da graça . 218
„ XXVI Maria na distribuição da graça 227
„ XXVII Tudo por Maria 239
„ XXVIII O ensino dos Santos . . . 244
„ XXIX O corpo mystico 253
„ XXX O pescoço mystico 263
„ XXXI O culto da Santissima Virgem . 275
„ XXXII Os membros do corpo mystico 285
„ XXXIII A vida de intimidade . . . 293
„ XXXIV Os fundamentos da vida de intimidade 300
„ XXXV Pratica da vida de intimidade . 310
„ XXXVI Pratica da vida de intimidade (continuação) 319
„ IXXXVI Synthese geral dos principios . 341